



PREFÁCIO

EM 1948 Marcel Griaule publicou sob o título *Deus d' Água: conversas com Ogotemmeli*, um pequeno livro sobre a religião Dogon.

Escrito em estilo informal e sem nenhum amparo de bolsa de estudos - pois pretendia atingir um público geral e tornar o caráter e o significado da vida Dogon religiosa mais amplamente conhecida - este livro marcou uma nova etapa nos estudos intensivos de Griaule e seus colegas entre estas pessoas, uma vez que tentou fornecer um esboço abrangente da cosmologia Dogon como ele recentemente veio a entendê-la. Foi sugerido ao professor Griaule que uma tradução para o inglês deveria ser publicada, mas ele próprio estava mais preocupado com levar seus estudos Dogon ainda mais, e de fato, subsequentes pesquisa dele e de seus colegas elaboraram muito de documentação e, em alguns aspectos, interpretações modificadas.

Após sua morte profundamente lamentada em 1956, o Conselho do Instituto considerou a possibilidade de publicar uma versão em inglês de algumas das obras do professor Griaule. Congratulou-se, pois, com uma oferta do Professor Robert Redfield, em nome do Centro para o Estudo Comparativo de Religião da Universidade de Chicago, de uma bolsa para o custo de preparar uma tradução para o inglês de *Dieu d' Eau*. Não foi fácil obter tal tradução, mas esperamos que esta versão será de valor em transmitir as qualidades pessoais do texto do professor Griaule e algo do espírito do original. Nossos agradecimentos ao Sr. Ralph Butler,

que preparou uma primeira versão, e à Dra. Audrey I. Richards e à Sra. Beatrice Hooke, que empreenderam sua revisão.

DARYLL FORDE

CONTEÚDO

PREFÁCIO de Daryll Forde

INTRODUÇÃO por G. Dieterlen

PREFÁCIO

OS OGÓL S

PRIMEIRO DIA

Ogotemmeli

SEGUNDO DIA 16

A Primeira Palavra e a bata de fibra

TERCEIRO DIA 24

A Segunda Palavra e a Tecelagem

QUARTO DIA 30

A Terceira Palavra e o Celeiro da Terra Pura

QUINTO DIA 35

A Terceira Palavra e a classificação das coisas

SEXTO DIA 41

A Terceira Palavra, a Descida do Celeiro da Terra Pura e morte

SÉTIMO DIA 47

A Terceira Palavra e a Regurgitação do Sistema-Mundo

OITAVO DIA 56

A Terceira Palavra e a Obra da Redenção

NONO DIA 62

A Terceira Palavra e os Tambores

DÉCIMO DIA 69

A Palavra e o ofício de tecer

DÉCIMO PRIMEIRO DIA 75

A Palavra e o Cultivo da Terra

DÉCIMO SEGUNDO DIA 78

A Palavra, a bata e o amor

DÉCIMO TERCEIRO DIA 84

O Ferreiro

Cerâmica

DÉCIMO QUARTO DIA 91

A grande casa da família

DÉCIMO QUINTO DIA 99

O Santuário

vii

DÉCIMO SEXTO DIA 104

Pinturas na fachada do Santuário

DÉCIMO SÉTIMO DIA 109

Pinturas na Fachada do Santuário (continuação)

DÉCIMO OITAVO DIA 115

O Culto de Lébé

DÉCIMO NONO DIA 123

O Culto do Binu

VIGÉSIMO DIA 130

Sacrifício

VIGÉSIMO PRIMEIRO DIA

A Palavra Fertilizante 138

VIGÉSIMO SEGUNDO DIA

O sangue das mulheres 144

VIGÉSIMO TERCEIRO DIA

O Sangue das Mulheres e a Debulha da *Digitaia* 155

VIGÉSIMO QUARTO DIA

A Alma Dupla e a Circuncisão 155

VIGÉSSIMO QUINTO DIA

Altars pessoais 162

VIGÉSIMO SEXTO DIA

Aparição da Morte 169

VIGÉSIMO SÉTIMO DIA

O culto dos mortos, licores fermentados 179

Os mortos-vivos 179

VIGÉSIMO OITAVO DIA

A Dança 186

VIGÉSIMO NONO DIA

O Culto do Fogo 192

TRIGÉSIMO DIA

Gêmeos e comércio 197

TRIGÉSIMO PRIMEIRO DIA

Gêmeos e Comércio (continuação) 203

TRIGÉSIMO SEGUNDO DIA

Os Signos do Zodíaco 209

TRIGÉSIMO TERCEIRO DIA

Adeus a Ogotemmelí 224

INTRODUÇÃO

O PROFESSOR Marcel Griaule dirigiu estudos etnográficos de campo na África há mais de um quarto de século. A primeira o levou para Abissínia em 1928 e 1929 e foi seguido por um período de dois anos, missão que percorreu o continente de Oeste a Leste, de Dacar a Djibuti, 1931-1933.

Esta expedição reuniu uma documentação muito considerável e enriqueceu o *Musee de l'Homme* com coleções de vários milhares de objetos. Isso também lançou as bases para estudos intensivos que deveriam ser realizados posteriormente em diversas áreas ao longo do seu percurso. De 1935 a 1939 três expedições seguiram esses estudos, notadamente em Mali, Camarões e Chade. Após a interrupção da guerra, expedições anuais, e às vezes visitas duas vezes por ano, foram feitas de 1946 a 1956, e se dedicaram a estudos intensivos entre os povos ao longo ou perto do Alto Níger nos dias atuais Mali,

Marcel Griaule participou pessoalmente de todas essas expedições até janeiro de 1956, menos de dois meses antes de sua lamentável e profundamente sentida morte de doença da qual ele havia sofrido desde 1951. No curso delas ele levou consigo um grande número de colaboradores treinados em seus métodos e animado pelo entusiasmo e energia que dedicou ao seu pesquisar. Muitos desses colegas continuaram os estudos durante no mesmo período em outras áreas que já havia prospectado e assim ampliou-se o campo de investigação. Nenhuma tentativa pode ser feita aqui para listar todos os tópicos e questões com os quais essas expedições trataram. Quase todos os aspectos da atividade humana foram estudados e os membros dessas expedições foram subsidiados e patrocinados por muitas organizações científicas oficiais (institutos, sociedades científicas, fundações, comitês), pelo *Museum d'Histoire Naturelle* e o *Musee de l'Homme*, o *Centre National de la Recherche Scientifique*, os Ministérios da Educação, da Aeronáutica e dos Territórios Ultramarinos Franceses, pelos Governos dos Territórios Ultramarinos e por entidades privadas.

XL

.

IX

Grupos de campo têm trabalhado de forma variada como etnógrafos, linguistas, historiadores da religião, estudantes de arte e arqueólogos. Eles também avançaram a etnobotânica e a etnozootologia das áreas estudadas.

Técnicas modernas têm sido plenamente utilizadas, como gravação em fita, cinema e fotografia aérea, do que foi feito o uso extensivo. Finalmente, o *Centre National de la Recherche Scientifique* da França patrocinou a construção e equipamento de um navio laboratório, para o qual Marcel Griaule havia concebido os planos e os colocou sob sua direção como uma base para estudos de campo ao longo do Rio Níger. Este barco, que inclui alojamentos, laboratórios e espaço de armazenamento, tem estado em serviço desde 1955 no Níger, e forneceu uma base móvel para o estudo contínuo de suas populações. Uma simples digitalização das publicações de Marcel Griaule, que excedem 170 em número, deixa claro o alcance de sua amplitude em relação a ambos os assuntos e regiões. Neles ele registrou observações originais, algumas das quais foram iniciais descobertas sobre organização social, tecnologia, religião, arte, costumes, medicina e farmacopeia relacionados a muitas sociedades africanas. Esta rica variedade, devido em grande parte à seus métodos de trabalho, ficou evidente em seu ensino na Sorbonne. Às publicações pessoais deve-se acrescentar também o considerável número por seus colaboradores que participaram de muitas expedições,. Todo esse trabalho chamou a atenção de estudiosos, através da descoberta e formulação de seus fundamentos, a pleno reconhecimento do notável desenvolvimento em todos os aspectos, não apenas no campo técnico, da civilização entre os africanos povos.

Uma reflexão sobre a arte africana, à qual o próprio Marcel Griaule contribuiu muito - uma arte que mudou e despertou reflexões nos povos europeus, tendo também influenciado consideravelmente a arte europeia - demonstrou o vigor das culturas africanas. No entanto, estamos longe de compreender

de pé todos os seus desenvolvimentos; muitos anos de mais paciente estudo será necessário para estimar seu alcance mais completamente. É aqui que os métodos de estudo de Marcel Griaule, previstos em grande medida para seu temperamento pessoal e sua calorosa humanidade, desempenharam um papel tão importante. Foi um método que ele aplicado instintivamente desde o início e depois desenvolvido mais sistematicamente durante o longo período de seus estudos de campo. Ele combinou com a mais rigorosa busca de objetivos e observação científica dos fatos observados, uma participação ativa na vida dos povos estudados, participação que exigia uma prudência continuamente alerta e a verificação cruzada mais completa de informações e impressões em ambos espaço e tempo. Enquanto, como outros, ele fez coleções de objetos e relatou fatos observados, ele também fez o uso mais completo de discussões e da análise das atividades em conjunto com aquelas que estavam usando os vários objetos e com os atores nos rituais. O longo período de seus estudos e a quantidade de tempo passados no campo também foram fatores dominantes, e a persistência com que voltava aos mesmos lugares (os estudos Dogon foram realizados durante sucessivas expedições de 1931 em diante e os Bambara desde 1946) são evidências disto. Ficou claro no decorrer deste trabalho que os povos africanos tinham, como outros, refletido sobre seus próprios costumes, que esses costumes derivavam de normas que lhes eram próprias mas que eram, no entanto, padrões fundamentais que eram indispensáveis para o etnógrafo entender. Investigação, enriquecida por tal abordagem, foi ao mesmo tempo cumprido por ele, pois não era nada fácil para mentes apegadas a lógica ocidental penetrar sistemas de pensamento como estes nos quais analogias e o poder dos símbolos têm o valor de fatos. Assim, por exemplo, as técnicas africanas, tão pobres em aparência, como as da agricultura, tecelagem e forja, têm um conteúdo rico e oculto de significado. Gestos religiosos, sejam espetaculares ou secretos, e geralmente incompreendido por estranhos, mostram-se sob análise como sendo de

extrema sutileza em suas implicações. o menor objeto todos os dias pode revelar em sua forma ou decoração um reflexo consciente de uma cosmogonia complexa. O observador precisa não apenas delicadeza, mas também paciência infinita. Mas a recompensa por tanto esforço é que essas formas e gestos se tornam expressões inteligíveis e perfeitamente claras. Assim, uma colcha quadriculada é um texto em quais os desenhos tecidos constituem signos expressos por seus criadores e conhecidos pelos iniciados. Uma cesta para carregar a colheita representa quando invertida o arco-íris no qual a humanidade desce do céu para a terra. Sua base quadrada conota o espaço e os pontos cardeais. As pinturas feitas sucessivamente em diferentes períodos do ano em um totêmico santuário com materiais derivados de diferentes cereais são ao mesmo tempo uma escrita e forma de numeração. O sacrifício de uma humilde galinha, quando acompanhada dos necessários gestos rituais eficazes, lembra no pensamento de quem experimentaram uma compreensão ao mesmo tempo original e coerente das origens e funcionamento do universo. Os africanos com quem trabalhamos na região do Alto Níger têm sistemas de sinais que chegam a milhares, seus próprios sistemas de astronomia e medidas de calendário, métodos de cálculo e amplo conhecimento anatômico e fisiológico, bem como uma farmacopéia sistemática. Os princípios subjacentes à sua organização social encontram expressão em classificações que abrangem muitas manifestações da natureza. E estes formam um sistema no qual, para dar exemplos, plantas, insetos, têxteis, jogos e ritos são distribuídos em categorias que podem ser divididos, expressos numericamente e relacionados um para outro. É com base nesses mesmos princípios que a política e autoridade religiosa dos chefes, o sistema familiar e direitos, refletidos notadamente no parentesco e no casamento, foram estabelecidos. De fato, todas as atividades da vida diária dos indivíduos são, em última instância, baseadas nelas. Nas sociedades africanas que preservaram suas tradições e organização o número de pessoas que são treinadas neste conhecimento é bastante considerável. Isso eles chamam de ‘conhecimento profundo

borda' em contraste com 'conhecimento simples' que é considerado como 'apenas um começo na compreensão de crenças e costumes' que as pessoas que não estão totalmente instruídas na cosmogonia possuem. Há várias razões para o silêncio que geralmente é observadas sobre este assunto. Para uma reserva natural antes estranha que, mesmo quando simpáticos, permanecem inconscientemente imbuídos com sentimento de superioridade, deve-se acrescentar a presente situação de rápida mudança nas sociedades africanas através do contato com mecanização e a influência do ensino escolar. Mas entre grupos onde a tradição ainda é vigorosa, esse conhecimento, que é expressamente caracterizado como esotérico, só é secreto no seguinte senso. Com efeito, está aberto a todos os que manifestam vontade de compreender de modo desde que, por sua posição social e conduta moral, seja julgado digno disso. Assim, cada chefe de família, cada sacerdote, cada pessoa adulta responsável por uma pequena fração da vida social pode, como parte do grupo social, adquirir conhecimento com a condição de ter paciência e, como diz a frase africana, 'ele vem sentar-se ao lado dos anciãos competentes' sobre o período e no estado de espírito necessário. Então ele vai receber respostas a todas as suas perguntas, mas levará anos. Instrução iniciada na infância durante as assembleias e rituais das idades continua de fato por toda a vida. Esses vários aspectos da civilização africana gradualmente se ficou claro no curso de estudos intensivos realizados entre vários povos do Mali e do Alto Volta durante mais de uma década. No caso dos Dogon, a respeito de quem já houve inúmeras publicações, esses estudos possibilitaram a elaboração de uma síntese abrangendo a maior parte de suas atividades. Devemos agora registrar a importante ocorrência durante a expedição de campo de 1947 que levou à redação deste estudo específico. A partir de 1931, os Dogon responderam a perguntas e comentaram sobre observações feitas durante viagens de campo anteriores com base na interpretação dos fatos que eles chamam de 'a liberdade condicional'; este é o 'conhecimento simples' que eles dão

em primeira instância foi passada a todos os inquiridores. Publicações de informações obtidos antes dos estudos em 1948 relacionam-se com este primeiro nível de interpretação. Mas o Dogon veio a reconhecer a grande perseverança de Marcel Griaule e sua equipe em suas indagações, e que foi tornando-se cada vez mais difícil responder à multiplicidade de perguntas sem passar para um nível diferente. Eles apreciaram nossa ânsia por um entendimento que antes explicações certamente não satisfizeram, e que eram claramente mais importantes para nós do que qualquer outra coisa. Griaule também tinha mostrado um interesse constante na vida diária do Dogon, apreciando seus esforços para explorar um país difícil onde havia uma grande falta de água na estação seca, e nossas relações, que assim se estenderam para além da investigação etnográfica, tornaram-se cada vez mais confiantes e afetuosas. À luz de tudo isso, os Dogon tomaram suas próprias decisões, das quais só saberíamos mais tarde, quando nos contaram eles mesmos. Os anciãos das linhagens da dupla aldeia de Ogol e os sacerdotes totêmicos mais importantes da região de Sanga se reuniram e decidiram que os aspectos mais esotéricos de sua religião deve ser totalmente revelada ao professor Griaule. Para começar, eles escolheram um de seus próprios mais bem informados membros, Ogotemmelí que, como será visto na introdução, marcou a primeira entrevista. Esta primeira exposição durou exatamente o número de dias registrados em *Dieu d'Eau*, em que o fluxo sinuoso de informações é fielmente relatado. Embora que não sabíamos nada disso na época, o progresso desta instrução por Ogotemmelí estava sendo relatado diariamente ao conselho de anciãos e sacerdotes. A seriedade e a importância de proporcionar esta exposição da crença Dogon era ainda maior porque os anciãos Dogon sabiam perfeitamente bem que, ao fazê-lo, eles estavam abrindo a porta, não apenas a estes trinta dias de informação, mas para mais tarde e mais intenso trabalho que se estenderia por meses e anos. Eles nunca se retiraram desta decisão, e gostaríamos de expressar aqui nosso agradecimento a eles. Depois da morte de Ogotemmelí, outros continuaram o trabalho. E desde que o professor Griaule morreu, eles continuaram com a mesma paciência e entusiasmo para concluir a tarefa que haviam assumido. isso mais tarde

tornaram inqueritos possíveis à publicação dos muitos outros estudos citados na bibliografia e a elaboração de um tratado detalhado intitulado *Le Renard Pale*, cuja primeira parte agora está na impressão. E em 1963, enquanto isto está escrito, a investigação ainda continua.

G. DIETERLEN

XVII

PREFÁCIO

EM UMA das áreas montanhosas mais notáveis da África vive uma população de camponeses-guerreiros que foram um dos últimos povos a perder sua independência e ficar sob o domínio francês. Muitos europeus consideram os Dogon selvagens, se não a raça mais atrasada em toda a região. Eles foram concebidos para praticar o sacrifício humano e oferecer resistência à influência externa de forma ainda mais eficaz por causa das dificuldades naturais do país que habitam. Os escritores descreveram seus medos ao embarcar no que se pensava ser expedições precipitadas. À luz dessas histórias, e por conta de suspeitas de revoltas, muitas vezes fruto de mal-entendidos, as aldeias às vezes foram interditas. Os Dogon, em suma, foram imaginados como para apresentar um dos melhores exemplos de selvageria primitiva, e esta visão foi compartilhada por alguns africanos muçulmanos que não têm inteligência melhor equipada intelectualmente do que os europeus para entender os seus irmãos que se apegam às tradições de seus ancestrais. Só aqueles funcionários que assumiram a árdua tarefa de governar essas pessoas aprenderam a amá-los. O autor deste livro e seus numerosos companheiros de trabalho estiveram associados com os Dogon por cerca de quinze anos, e através de suas obras publicadas, essas pessoas são hoje a tribo mais conhecida em todo o Sudão Ocidental. *Les Ames des Dogon*, de G. Dieterlen (1941), *Les Devises*, de S. de Ganay (1941), e *Les Masques*, de M. Griaule (1938), forneceram estudos com provas de que a vida desses africanos foi baseada em concepções complicadas mas ordenadas e sobre instituições e sistemas rituais nos quais não havia nada fortuito ou fantástico. Há dez anos essas obras já chamavam a atenção novos fatos sobre a ‘força vital’, sobre as quais os sociólogos nos falam há meio século. Eles têm mostrado a importância primordial da noção de pessoa e suas relações com a sociedade, com o universo e com o divino.

Assim, a ontologia Dogon abriu novas perspectivas para os etnólogos e colocou o problema em uma base mais ampla. Há muito tempo, também, em seu notável livro *La Philosophie bantoue* (1945) o Rev. Pe. Tempels apresentou uma análise de concepções desse tipo e levantou a questão de saber se ‘o pensamento Bantu não deve ser considerado como um sistema de filosofia’. Como resultado de uma pesquisa paciente e metódica, realizada por quinze anos desde que foram dados os primeiros passos nos penhascos rochosos de Bandiagara, esta pergunta agora pode ser respondida, no que diz respeito ao Dogon, pois essas pessoas vivem por uma cosmogonia, uma metafísica e uma religião que os coloca em par com os povos da antiguidade, e que a teologia cristã pode de fato estudar com lucro. O ensino sobre esses assuntos foi transmitido ao autor por um indivíduo venerável, Ogotemmel, de Baixo Ogol. Esse homem, um caçador que havia perdido a visão por um acidente, conseguiu, como resultado de sua enfermidade, dedicar longo e cuidadoso estudo a essas coisas. Dotado de uma inteligência excepcional, uma capacidade física que ainda era aparente, apesar de sua aflição, e uma sabedoria, cuja fama se espalhou por todo o seu país, ele havia apreciado rapidamente o interesse atribuído ao trabalho etnológico dos europeus, e estava esperando quinze anos por uma oportunidade de transmitir-lhes seu conhecimento. Ele estava ansioso, sem dúvida, para que eles se familiarizassem com instituições, costumes e rituais mais importantes de sua autoria pessoas. Em outubro de 1946 ele convocou o autor para sua casa, e em trinta e três dias sucessivos, numa série de momentos de conversas inesquecíveis, ele expôs a estrutura de um sistema mundial, cujo conhecimento revolucionará todas as ideias aceitas sobre a mentalidade dos africanos e dos povos primitivos em geral. Pode-se pensar que estamos aqui preocupados com ensino esotérico; alguns chegaram a sugerir, numa primeira impressão, sem esperar maiores detalhes, que se tratava de especulações pessoais de interesse meramente secundário. Estes são, além disso, as mesmas pessoas que dedicarão uma vida inteira à ideias presumivelmente pessoais de Platão ou Juliano de Halicarnasso. Mas embora todo o alcance deste ensinamento seja conhecido apenas pelos anciãos e para certos iniciados, não é de caráter esotérico,

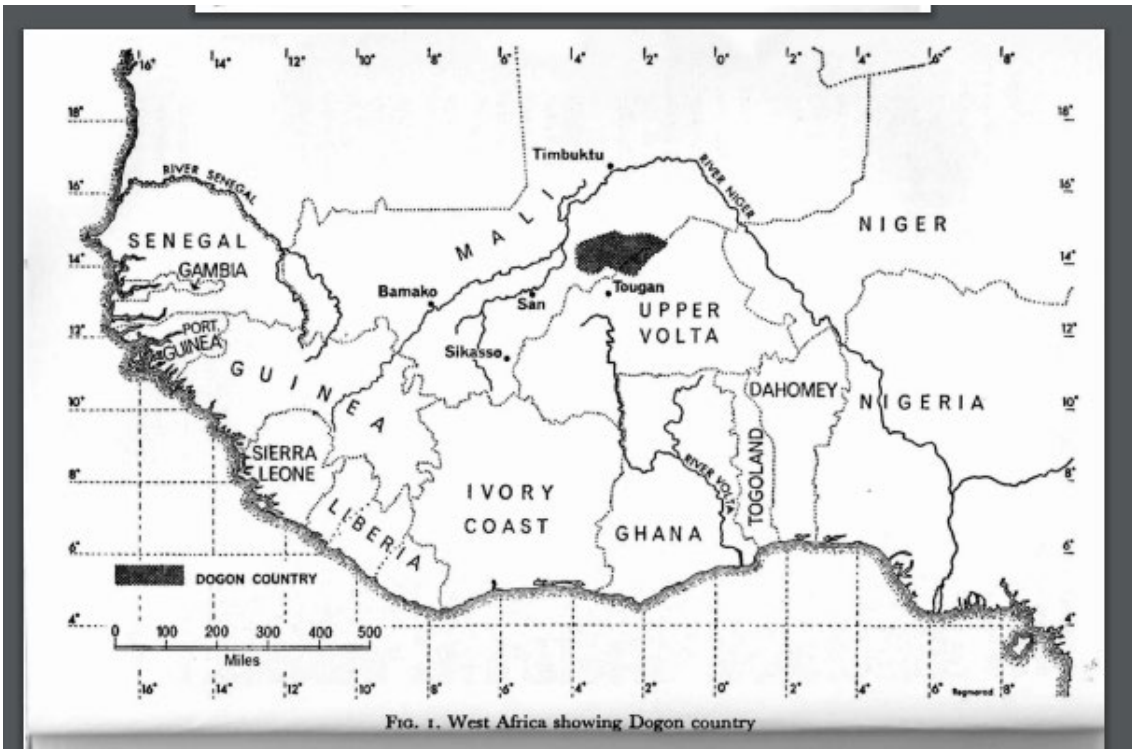
já que qualquer pessoa que atinge a velhice pode adquiri-la. Além disso, sacerdotes totêmicos de todas as idades estão familiarizados com essas partes da doutrina que lhes diz respeito especialmente, enquanto o ritual e observâncias ligadas a este corpus de crenças são praticadas por todo o povo. Obviamente, as pessoas comuns não apreendem o significado mais profundo de suas ações e orações; mas isso é verdade para todos os povos. O dogma cristão da Transubstanciação não pode ser chamado de esotérico apenas porque o homem na rua é ignorante da palavra e tem apenas ideias vagas quanto a seu significado. Reservas semelhantes podem ser feitas quanto ao conteúdo explicativo e valor representativo dessas doutrinas e sua influência sobre mentalidade africana em geral. Pode ser mantida, por exemplo, que o que é verdade para os Dogon não é verdade para os outros povos do Sudão Ocidental. A essa afirmação, o autor e seus colegas têm uma resposta convincente: o pensamento dos Bambara é baseado em uma metafísica igualmente sistemática e igualmente rica, cujos princípios fundamentais são comparáveis aos Dogon. As obras de Madame G. Dieterlen e Madame de Ganay apresenta evidências de que é assim. O mesmo é verdade para pescadores Bozo do Níger, dos agricultores Kouroumba do Curva do Níger, e dos misteriosos ferreiros dessas mesmas regiões, nas quais a pesquisa está apenas começando. Não estamos preocupados, portanto, no presente caso, com um único sistema incomum de pensamento, mas sim com o primeiro exemplo de uma série que se revelará longa. Em seu trabalho a esse respeito, o autor espera atingir dois objetos: por um lado apresentar a um público não especializado e sem o aparato científico usual, um trabalho que normalmente ser dirigida apenas a especialistas. Por outro lado ele se preocupa em homenagear o primeiro africano em francês, África Ocidental que revelou ao mundo europeu uma cosmogonia tão rica quanto a de Hesíodo, poeta de um mundo morto, e uma metafísica que tem a vantagem de ser expressa em mil ritos e ações na vida de uma multidão de seres vivos.

1947

3

Os Ogols

O sol havia nascido abruptamente na planície de Gondo e estava brilhando sobre os telhados de Baixo Ogol. Os pássaros tinham parado de cantar, deixando o sol ocupar o centro do palco. No pátio do caravanchará, típico de todo acampamento no Sudão francês, os últimos momentos de paz foram escapando. Em volta de um prato esquecido de comida que sobrou do dia anterior, vestígios de cascos de burro marcaram as pegadas dos visitantes da noite. Quatro montes de estrume, que podem ter serviram como espécimes para o departamento de mamíferos de um museu, ainda não havia se tornado naquele momento um centro de atração para os escaravelhos. Uma grande rocha inclinada cinza-rosada servia como uma mesa baixa no pátio de serviço em frente ao prédio em forma de cubo de terra rachado, que se afastava do sol nascente e olhava para fora de todas as suas entradas no vale Dolo. Nenhuma montanha quebrou a vista em qualquer direção, exceto para o leste, onde subindo a um dos telhados era possível discernir o suave declive. Ninu erguendo-se acima dos escombros de Banani. Estávamos imersos em um mar turbulento de arenito, fendido por estreitos vales arenosos e quebrados por cristas onduladas de rocha que refletiam a luz do sol. O único abrigo foi fornecido por dobras na paisagem árida, e rostos e corpos foram vasculhados pela areia com que o ar estava carregado. No interior sombrio do edifício, aberto a todos os ventos visto que não tinha portas nem janelas, os primeiros sinais das primeiras atividades matinais estavam começando. Quatro europeus sob mosquiteiros trocavam as habituais observações triviais. No pátio, agora banhado por uma suave luz amarelo-rosada, um figura inundada pela luz do sol apareceu entre dois pilares da parede circundante. Ele parou por um momento para contemplar o cena lá dentro, ainda arranjada para a noite. Ele viu a tigela e



6

as fezes e, caídas na poeira, a barreira de esteiras que deveria ter rastreado a cozinha. Eventualmente, seu olhar veio pousar na janela da despensa, e ele notou a desordem dos talos de painço colocados para afastar os gatos. Menyu era um gentil africano do Alto Ogol, o dedicado servo dos quatro estrangeiros, que ele conhecia há muito tempo. Ele abafou um juramento e, agitando os braços nas mangas largas de seu longo casaco branco, avançou para lidar com essas calamidades. A ação do dia começou a tomar forma. Apurali, o mordomo, já havia trocado intermináveis cumprimentos com seu colega. Outros Dogon fizeram sua aparição, preenchendo o pátio; uma mulher com seus filhos nas costas precisando tratamento ocular; uma garota com uma lesão no crânio; bebês nus com barrigas salientes se acomodaram para assistir ao espetáculo que ia durar o dia todo. Nas paredes, na rocha em no centro, na escadaria da casa, informantes e intérpretes esperavam em grupos até que seus nomes fossem chamados. A cena foi uma repetição do que tinha acontecido no dia anterior e o dia antes disso, e todos os dias nos últimos quinze anos, sempre que homens brancos visitaram a cordilheira sul do Alto Ogol. Num canto da varanda, um europeu continuava uma investigação, iniciada no dia anterior, sobre um misterioso sacrifício que ocorreu em uma fenda no desfiladeiro. No dia anterior, ele penetrou nas cavernas e funis no arenito e, descendo pelas saliências nas rochas, chegou a algumas ruínas onde o cheiro de animais selvagens e morcegos era forte. Um Dogon idoso estava dando fragmentos de informação em resposta a suas perguntas, relutantemente entregando os ossos nus da verdade, ora voltando atrás no que havia dito antes, ora proferindo mentiras, sorrindo ou envergonhado, mas agarrando-se resolutamente ao seu mistério. Seu boné frígio marrom pendia sobre uma orelha, cobrindo seu rosto moreno com seus lábios apenas ligeiramente grossos, seu fino nariz e olhos sem cílios. Na galeria norte as ações foram mais animadas. Uma jovem mulher europeia conduzia um coro de quatro Dogon pertencer a diferentes grupos, cada um falando um dialeto próprio; já que cada um possuía um rico vocabulário e um grande número de verbos de ação, os quatro oradores logo se tornaram apaixonados atores, imitando as atitudes que eles estavam expressando e gritando exemplos.

A sala norte parecia mais um confessionário; sacerdotes do culto dos ancestrais falavam em voz baixa para uma mulher europeia que era ao mesmo tempo paciente e persistente. Na galeria sul, outra mulher branca estava escrevendo o texto de orações a *Komo* ditado por um Bambara de olhos brilhantes. ‘*Komo!* Assassino de mortos gordos!’ ‘Sudário dos vivos!’ Todos os quatro pontos da bússola, portanto, estavam cheios da usual sequência diária de rumores, explosões de curta duração e abrandamento de tensão. Mas agora uma novidade se aproximava na pessoa de Gana, filho do Hogon, o homem mais velho, e conseqüentemente o religioso chefe, de Ogol. Ele estava vindo em direção ao prédio ao longo da aterro com um palmo de largura entre dois campos de milho alto. Entre os lábios tinha um bastão de mascar, que levava na mão quando desejava cumprimentar seus conhecidos. Dele calças largas e túnica completa introduziram um toque de marrom a colorir tudo ao longo dos pés de milho. Ao chegar à encosta rochosa do Alto Ogol, ele começou a escalá-lo, seguindo a trilha lisa desgastada por milhares de pés. Ele saudou o prédio do lado de fora antes de entrar no pátio. Lá ele se aproximou do europeu e sorriu; dele orelhas pareciam se aproximar uma da outra em ambos os lados de seu crânio estreito. ‘Um caçador deseja vê-lo, ele está doente?’ Quando um africano pede para ver um europeu, geralmente é porque ele está doente; caso contrário, ele não está particularmente interessado em conhecer um homem branco. ‘Ele deseja vender-lhe um amuleto’. ‘Que amuleto?’ ‘O amuleto que você encomendou há dez anos está de volta’. ‘Não me lembro disso’. O europeu mordeu o lábio, percebendo de repente o incomum caráter deste pedido. ‘Bom!’ ele disse e, continuando sua conversa com o homem que ofereceu o sacrifício, enviou Gana para buscar o amuleto. Este último com seu bastão de mascar na boca abriu caminho

de volta ao longo do caminho que ele tinha vindo, saltando pelas rochas de Alto Ogol e atravessando o painço, até que ele se perdeu para vista no emaranhado de casas em Baixo Ogol. Aqui ele entrou em um pátio, e disse algo em voz baixa na frente de uma porta aberta. Uma mão fina emergiu das sombras para entregar-lhe um pedaço de couro em forma de trapézio coberto com sangue. Gana voltou pelo mesmo caminho e apareceu perante o europeu. “E a fórmula?” disse o homem branco. ‘Você tem isso?’ ‘Que fórmula?’ ‘A fórmula para sua fabricação e uso. Vá e pegue!’ ‘Eu sei’, disse o homem que havia oferecido o sacrifício, falando quando Gana estava de costas, e procedeu imediatamente para repeti-lo para o europeu, que o escreveu.

Este Gana de 17 anos sabia muito bem o que fazer dessas preocupações de seus anciãos e superiores. Mais uma vez ele saltou pelas rochas de Alto Ogol, mas desta vez ele permaneceu parando rigidamente na pista, e com um movimento rápido tomou seu pau de mascar da boca: ele tinha um espinho no pé. Então ele continuou seu caminho mancando, e novamente procurou o pátio no labirinto de ruas estreitas. Sentado na soleira da casa do africano falou longamente, enquanto ele removeu uma farpa de seu dedo do pé. Com uma voz lenta ele respondeu, ao qual ouviu respeitosamente. Então com um leve suspiro ele voltou para o homem branco, a quem ele agora encontrou sozinho na varanda. Para ele, depois de retirar o bastão de mascar, repetiu a fórmula, esquecendo-se de três versos, que seu interlocutor prontamente leu para ele em suas anotações. A mandíbula de Gana caiu por um momento em espanto. ‘Mas quem é esse velho caçador?’ perguntou o homem branco. Ele não entendeu. Ele achava que o europeu queria saber o aparelho do homem. ‘*Vizê!*’ ele disse. ‘*Vizê karandiang!*’ O que significa: ‘Um homem para se manter longe! Um homem terrível!’

PRIMEIRO DIA

Ogotemmeli

O Baixo Ogot, como todas as aldeias Dogon, era uma coleção de casas e celeiros todos amontoados, telhados planos de argila alternando com telhados de palha em forma de cone. Escolhendo o caminho ao longo de suas ruas estreitas de luz e sombra, entre pirâmides, prismas, cubos ou cilindros dos espigueiros e casas, os pórticos retangulares, os altares vermelhos ou brancos como hérnias umbilicais, a gente se sentia como um anão perdido em um labirinto. Tudo estava manchado pelas chuvas e pelo calor; as paredes de lama eram fissuradas como peles de paquidermes. Sobre as paredes dos pequenos pátios pode ser visto, sob os pisos dos celeiros, aves, cães amarelos e, às vezes, grandes tartarugas, símbolos dos patriarcas. Numa curva da rua havia uma porta em forma de machado, mas, mesmo quando novo, nunca poderia caber na entrada construída de pilares de barro com um frontão de blocos de madeira. A porta era larga como os dois ombros de um homem; chuvas de inverno abriram sulcos em forma de onda na madeira entre os quais os nós pareciam olhos abertos. Seca, mãos agarradas e o focinhos de cabras o haviam desgastado tanto que rangia nas dobradiças e batia contra a parede com um estrondo como um gongo, revelando um pátio esquálido, que pertencia ao homem mais notável das planícies e rochas de Oropa a Nimbé, Asakarba e Tintam.

O homem branco pisou no escasso monturo de um homem velho sem família. Uma fileira de cabines, interrompida por uma porta baixa no andar térreo e um painel plano no andar de cima, ficou em meio do pátio formando uma fachada que escondia o prédio principal atrás de si. No frontão estavam dez ninhos de andorinhas, e a borda do telhado era adornada por oito cones com topos de pedra plana. À direita e à esquerda havia seis celeiros seguidos como grandes dados, dois deles voltados para a

casa vizinha a que pertenciam. Dos outros quatro, um era vazio, outro raquítico e o terceiro partido como uma fruta meio mordida. Apenas um deles estava em uso: estava meio cheio de grãos. Em frente, entre o edifício principal e os espigueiros, uma casa baixa, na qual havia fracos sons de vida, completou o fechamento do pátio. À direita em um armazém aberto para o céu havia um redemoinho perpétuo de baixo soprado sobre por uma leve brisa. O homem que acompanhava o europeu pronunciou costumeiras palavras de saudação. Imediatamente uma voz respondeu claramente e distintamente: ‘Deus te traz! Deus traz você!’ ‘Saudações! Como está sua saúde?’ Lentamente, a voz se aproximou. Das sombras do interior veio o som de mãos tateando as paredes e a marcenaria. Uma vara bateu no chão: houve um som de barro oco. Algumas galinhas minúsculas saíram uma a uma pelo buraco do gato, empurradas para fora pelo grande ser que se aproximava. Finalmente apareceu uma túnica marrom, franzida nas costuras e desgastada pelo uso prolongado como os estandartes dos guerreiros de outrora.

Então uma cabeça se curvou sob o marco da porta, e o homem levantou-se em toda a sua altura, virando para o estranho um rosto que nenhuma palavra pode descrever. ‘Saudações!’ ele disse, ‘Saudações aos que estão com sede!’ Os lábios grossos falavam a mais pura língua Sanga. Tão vivos estavam eles que não viam mais nada. Todas as outras características pareciam ser dobradas, especialmente porque, após as primeiras palavras, a cabeça tinha sido dobrada. As bochechas, as maçãs do rosto, a testa e as pálpebras pareciam todas ter sofrido os mesmos estragos; elas estavam vincadas por uma centena de rugas que causaram uma dolorosa contorção como de um rosto exposto a uma luz muito forte ou agredido por uma chuva de pedras. Os olhos estavam mortos. Os dois visitantes vieram de fora e poderiam, portanto, supostamente estar trabalhando no calor. Assim, o velho homem apoiado em sua bengala saudou-os com as palavras: ‘Bem-vindo! Bem-vindo depois do cansaço! Bem-vindo do sol!’ A tarefa mais longa do primeiro dia foi para

as conversas. O espaço em frente à casa de habitação, mesmo se o velho Ogotemmeli permanecesse dentro de casa, e mesmo se o homem branco inclinasse a cabeça para ele e falasse em voz baixa como se em confissão, foi, de acordo com Ogotemmeli, aberto a objeção de que as entrevistas lá podem excitar a eterna curiosidade das mulheres. O minúsculo pátio do outro lado do edifício, por outro lado, que foi exposto a todos os ventos do norte, podem ser observados por crianças escondidas no celeiro arruinado. Restava o próprio pátio com seu miserável monte de estrume, sua pedra oca, suas cinzas e suas parede dilapidada com uma lacuna no meio dela alta o suficiente para olhares curiosos. Ogotemmeli ainda hesitava; ele tinha muito a dizer sobre o inconveniente do pátio para fins de conversas entre homens de idade madura. O europeu, por sua vez, fez não abre a boca exceto para concordar; ele até sublinhou a indiscrição das paredes e a estupidez dos homens e, naturalmente, a curiosidade inescrupulosa das mulheres e sua insaciável sede de novidades. Essas precauções o interessavam: elas pareciam agir tão desproporcionais à simples venda de um amuleto. No final, Ogotemmeli sentou-se na soleira da porta inferior da fachada principal; dobrado, com o rosto curvado para baixo e as mãos cruzadas acima da cabeça, os cotovelos descansando de joelhos, ele esperou. O homem branco começava a perceber que a venda do amuleto era apenas um pretexto. Não havia nenhuma referência a ele nas conversas subsequentes, e a razão subjacente para a ação do velho nunca aconteceu. Mas a partir de vários detalhes parecia, com o passar do tempo, que Ogotemmeli desejava passar adiante ao estrangeiro, que visitou o país pela primeira vez quinze anos antes, e em quem ele confiava, a instrução que ele mesmo recebeu primeiro de seu avô e depois de seu pai. Mas ele estava esperando. Ele ficou perplexo com o resultado de suas próprias abordagens para este homem que ele não podia ver. O homem não era desconhecido para ele: por quinze anos ele tinha ouvido falar de grupos de europeus, que vieram, sob orientação deste homem, para viver duro e cavalgar pelo país estudando os costumes do povo.

Ele até acompanhava o trabalho deles desde o início, pois esteve intimamente associado a Ambibe Babadye, o grande

dignitário das máscaras e informante regular dos homens brancos, que havia falecido recentemente. Muitas vezes nos últimos quinze anos Ambibe viera até o Ogotemmelí em busca de informações e conselhos. Pelo que Ambibe lhe contara, e pelos relatos de um número de outras pessoas, ele formou uma ideia correta dos objetivos e objetos de seu interlocutor e sua paixão incansável pela pesquisa. Mas a situação era única. Como alguém poderia instruir um europeu? Como alguém poderia fazê-lo entender as coisas, ritos e crenças? Além disso, este homem branco já havia encontrado sobre as máscaras e conhecia sua linguagem secreta. Ele tinha estado em todo o país, em todas as direções, e sobre algumas de suas instituições que ele conhecia tanto quanto a si mesmo. Como então para definir sobre isso? O europeu aliviou-o do embaraço. ‘Quando sua arma explodiu na sua cara, em que você estava atirando?’ ‘Em um porco-espinho’.

O homem branco estava tentando, por uma abordagem indireta, liderar a conversa à caça e a atitude perante o animal mundo, e assim ao totemismo. ‘Foi um acidente’, disse o velho. ‘Mas também foi um último aviso. Eu sabia por adivinhação que deveria desistir de caçar se ‘eu quizesse proteger meus filhos. A caça é um trabalho de morte, e atrai a morte. Tive vinte e um filhos e agora restam apenas cinco’. Toda a tragédia da mortalidade africana estava em suas palavras, e todos os profundos questionamentos desses homens sobre a morte e sua indefesa diante disso. Eles se agarraram às suas crenças, como fazem todos os homens em todos os lugares, mas embora as crenças possam consolar e explicar, eles não podem evitar a experiência. Foi neste plano de sofrimento que se revelou a personalidade de Ogotemmelí, em si e na sua relação com poderes sobrenaturais. Desde os quinze anos foi iniciado nos mistérios da religião por seu avô. Após a morte seu pai tinha continuado a instrução. Parecia que as ‘lições’ duraram mais de vinte anos, e a isso a família de Ogotemmelí não levava levianamente. O próprio Ogotemmelí, sem dúvida, teve desde muito cedo mostrou sinais de uma mente ansiosa e astúcia considerável.

Até perder a visão, ele era um poderoso caçador que, embora caolho desde a infância devido à varíola, sempre voltou da perseguição com o saco cheio, enquanto os outros ainda estavam trabalhando nas gargantas. Sua habilidade como caçador era fruto de seu profundo conhecimento da natureza, de animais, de homens e dos deuses. Após o acidente, ele aprendeu ainda mais. jogado de volta com seus próprios recursos, em seus altares e no que quer que fosse capaz de ouvir, ele se tornou uma das mentes mais poderosas dos penhascos. De fato, seu nome e seu caráter eram famosos em toda o planalto e as colinas, conhecidas (como se dizia) pelos menino mais novos. As pessoas vinham à sua porta pedir conselhos todos os dias e mesmo à noite. Os gorros frígios apareciam agora mesmo acima das paredes, e as mulheres faziam sinais à distância. Era hora de abrir espaço para os clientes. Mas o contato já havia sido feito, e as conversas a partir daí surgiram por tácito consentimento, de acordo com uma espécie de programa e em momentos as vezes convenientes.

SEGUNDO DIA

A Primeira Palavra e a bata de fibra

O GOTEMMELI, sentando-se em sua soleira, raspou sua caixa de rapé de couro rígido e colocou uma pitada de pó amarelo em sua língua. ‘Tabaco’, disse ele, ‘faz pensar direito’. Assim dizendo, ele começou a trabalhar para analisar o sistema mundial, pois era essencial começar com o alvorecer de todas as coisas. Ele rejeitou como um detalhe sem interesse, o relato popular de como os quatorze sistemas solares foram formados a partir de lajes planas circulares de terra um em cima do outro. Ele só estava preparado para falar do sistema solar utilizável; ele concordou em considerar as estrelas, embora elas apenas desempenharam um papel secundário.

‘É bem verdade’, disse ele, ‘que com o passar do tempo as mulheres fizeram descer as estrelas para lhes dar a seus filhos. As crianças colocam fusos através delas, e fez então girar como piões de fogo para mostrar como o mundo girou. Mas isso foi apenas um jogo’.

As estrelas vieram de pelotas de terra lançadas no espaço pelo Deus Amma, o único Deus. Ele havia criado o Sol e a Lua por um processo mais complicado, que não foi o primeiro conhecido pelo homem, mas é a primeira invenção atestada de Deus: a arte da cerâmica. O Sol é, em certo sentido, um pote erguido de uma vez por todas para dar calor branco e rodeado por uma espiral de cobre vermelho com oito voltas. A Lua tem a mesma forma, mas seu cobre é branco. Foi aquecida apenas um quarto de cada vez. Ogotemmelí disse que explicaria mais tarde os movimentos desses corpos. No momento ele se preocupou apenas em indicar as principais linhas do desenho, e daí passar aos seus atores. Ele estava ansioso, porém, para dar uma ideia do tamanho do Sol.

‘Alguns’, disse ele, ‘pensam que é tão grande quanto este acampamento, que

significaria trinta côvados [*Côvado foi uma medida de comprimento usada por diversas civilizações antigas. Alcançou o Basil colônia, quando foi abandonado. Era baseado no comprimento do antebraço, da ponta do dedo médio até o cotovelo. Não se sabe quando esta medida entrou em uso. O côvado era usado regularmente por vários povos antigos, entre eles os babilônios, egípcios e hebreus*]. Mas é realmente maior. Sua área de superfície é maior do que toda a Sanga Canton'. E depois de alguma hesitação acrescentou: “Talvez seja ainda maior do que isso”. Ele se recusou a se demorar nas dimensões da Lua, nem ele já disse alguma coisa sobre ela. A função da Lua não era importante, e ele falaria sobre isso mais tarde. Ele disse no entanto que, enquanto os africanos eram criaturas de luz emanadas da plenitude do Sol, os europeus eram criaturas do luar, daí sua aparência imatura.

Ele cuspiu o tabaco enquanto falava. Ogotemmel não tinha nada contra os europeus. Ele nem mesmo sentia pena deles. Eles saíram para seu destino nas terras do Norte.

O Deus Amma, ao que parecia, pegou um pedaço de barro, espremeu na mão e o arremessou para longe, como fizera com as estrelas. A argila se espalhou e caiu no norte, que é o topo, e dali se estendeu para o sul, que é o fundo do mundo, embora todo o movimento fosse horizontal. A Terra é plana, mas o norte está no topo. Estende-se para o leste e oeste com membros separados como um feto no útero. Isto é um corpo, isto é, uma coisa com membros que se ramificam de uma massa central. Este corpo, deitado, com o rosto para cima, em uma linha de norte a sul, é feminino. Seu órgão sexual é um formigueiro e seu clitóris um cupinzeiro. Amma, sendo solitário e desejoso de ter relações sexuais com esta criatura, aproximou-se dela. Foi a ocasião da primeira violação da ordem do universo. Ogotemmel parou de falar. Suas mãos cruzadas acima de sua cabeça, ele procurou distinguir os diferentes sons vindos dos pátios e telhados. Ele havia chegado ao ponto de origem dos problemas e do erro primordial de Deus.

‘Se eles me ouvissem, eu deveria ser multado em um boi!’

Com a aproximação de Deus, o cupinzeiro se ergueu, barrando a passagem e exibindo sua masculinidade. Era tão forte quanto o órgão do estranho, e a relação sexual não poderia ocorrer. Mas Deus é todo-poderoso. Ele derrubou o cupinzeiro e teve relação sexual com a terra extirpada. Mas o incidente original foi destinado a afetar o curso das coisas para sempre; desta união defeituosa nasceu, em vez dos gêmeos pretendidos, um único sendo, o *Thos Aureus* ou chacal; símbolo das dificuldades de Deus.

A voz de Ogotemmelí ficou cada vez mais baixa. Não era mais uma questão dos ouvidos das mulheres ouvindo o que ele estava dizendo; outros, não-materiais, tímpanos podem vibrar com seu discurso importante.

O europeu e seu assistente africano, sargento Koguem, inclinavam-se para o velho como se urdissem tramas de natureza mais alarmante. Mas, quando ele chegou aos atos benéficos de Deus, a voz de Ogotemmelí novamente assumiu seu tom normal.

Deus teve mais relações sexuais com sua esposa terrestre, e desta vez sem contratempo de qualquer tipo, a excisão do membro ofensor removeu a causa da desordem anterior. A água, que é a semente divina, pôde assim entrar no ventre da Terra e o ciclo reprodutivo normal resultou no nascimento de gêmeos. Dois seres foram assim formados. Deus os criou como água. Eles eram de cor verde, meio seres humanos e meio serpentes. Da cabeça aos lombos eles eram humanos; abaixo disso eram serpentes. Seus olhos vermelhos estavam bem abertos como olhos humanos, e suas línguas eram bifurcadas como as línguas de répteis. Seus braços eram flexíveis e sem articulações. Deles os corpos eram verdes e lisos por toda parte, brilhando como a superfície da água, e cobertos de pelos verdes curtos, um presságio de vegetação e germinação.

Esses espíritos, chamados Nummo, eram assim dois corpos homogêneos produtos de Deus, de essência divina como ele mesmo, concebidos sem incidentes indesejáveis e desenvolvidos normalmente no ventre da Terra. O seu destino levou-os ao Céu, onde receberam as instruções de seu pai. Não que Deus tivesse que lhes ensinar a fala, essa necessidade indispensável de todos os seres, como é do sistema-mundo; o Par nasceu perfeito e completo; eles tinham oito membros, e seu número era oito, que é o símbolo da fala. Eles também eram da essência de Deus, pois foram feitos de sua semente, que é ao mesmo tempo a base, a forma e a substância da força vital do mundo, da qual deriva o movimento e a persistência do ser criado. Esta força é Água, e o Par está presente em toda a Água: eles são a água, a água dos mares, das costas, das torrentes, das tempestades e de colheradas que bebemos. Ogotemmelí usava os termos ‘Água’ e ‘Nummo’ indiscriminadamente.

A Terra, pois a Terra foi moldada em barro e é da Água (isto é, de ·Nummo) que sua vida é derivada.'

“Que vida existe na terra?” perguntou o europeu. ‘A força vital da Terra é a Água. Deus moldou a Terra com Água. Sangue também ele fez de Água. Mesmo em uma pedra existe essa força, pois há umidade em tudo. ‘Mas se Nummo é Água, também produz cobre. Quando o céu está nublado, os raios do sol podem ser vistos se materializando no horizonte enevoadado. Esses raios, excretados pelos espíritos, são de cobre e são leves. São Água também, porque sustentam a umidade da Terra à medida que ela sobe. O Par excreta luz, porque eles também são leves’.

Enquanto ele falava, Ogotemmelí estava procurando por algo na poeira. Ele finalmente coletou uma série de pequenas pedras. Com um movimento rápido, ele as jogou no pátio sobre as cabeças de seus dois interlocutores, que não tiveram tempo de se curvar. As pedras caíram exatamente onde o pau do Hogon estava cantando há alguns segundos antes. ‘Esse pau é um incômodo uivante. Ele faz toda conversa impossível’. O pássaro começou a cantar novamente do outro lado da parede, então Ogotemmelí mandou Koguem jogar um pedaço de madeira nele. Quando Koguem voltou, ele perguntou se o galo estava agora fora dos limites do bairro de Tabda.

“Ele está no campo de Hogon”, disse Koguem. ‘Eu coloquei quatro crianças para vigiá-lo’.

‘Bom!’ disse Ogotemmelí com uma risadinha. ‘Deixa ele fazer o máximo do que lhe resta da vida! Eles me dizem que ele deve ser comido na próxima Festa dos Gêmeos’.

Ele voltou ao assunto dos espíritos Nummo, ou (como ele mais comumente colocava, no singular) de Nummo, pois este par de gêmeos, explicou ele, representavam a unidade perfeita e ideal. Numo, olhando do céu, viu sua mãe, a Terra, nua e sem Palavras, como consequência, sem dúvida, do incidente original em suas relações com o Deus Amma. Era necessário pôr fim a este estado de desordem. Nummo conseqüentemente desceu à Terra, trazendo com eles fibras extraídas de plantas já criadas em regiões no Céu. Levaram dez cachos dessas fibras, correspondendo ao

número de seus dez dedos, e fez dois fios deles, um para a frente e outro para trás. Até hoje homens mascarados ainda usam esses apêndices pendurados até os pés em grossas gavinhas.

Mas o propósito dessa vestimenta não era apenas modéstia. Isto manifestou na Terra o primeiro ato na ordenação do universo e a revelação do signo helicoidal na forma de uma linha quebrada ondulante.

Pois as fibras caíam em espiral, símbolo dos tornados, das curvas das torrentes, dos redemoinhos, das ondas ondulantes, movimento dos répteis. Eles lembram também as espirais óctuplas do sol, que suga a umidade. Eles mesmos eram um canal de umidade, impregnados como estavam com o frescor das plantas celestes. Eles estavam cheios da essência de Nummo — eram Nummo em movimento, como mostra a linha ondulante, que pode se prolongar até o infinito.

Quando Nummo fala, o que sai de sua boca é um quente vapor que transmite e constitui ele próprio a fala. Esse o vapor, como toda a água, tem som, extingue-se numa linha helicoidal. As franjas enroladas da túnica foram, portanto, o veículo escolhido pelas Palavras que o Espírito desejava revelar à Terra. Ele dotou suas mãos com poder mágico, levando-as aos lábios enquanto ele trançava a bata, de modo que a umidade de suas palavras era transmitida às tranças úmidas, e a revelação espiritual foi incorporada na instrução técnica.

Nessas fibras cheias de água e palavras, colocadas sobre a genitália de sua mãe, Nummo está, portanto, sempre presente. Assim vestida, a Terra tinha uma linguagem, a primeira linguagem deste mundo e a mais primitiva de todos os tempos. Sua sintaxe era elementar, seus poucos verbos e seu vocabulário sem elegância. As palavras eram sons respirados pouco diferenciados de uns aos outros, mas, no entanto, veículos. Tal como era, este discurso mal definido bastou para as grandes obras do início de todas as coisas.

No meio de uma palavra Ogotemmelí deu um grito alto em responder ao alô do caçador que o discreto Akundyó, sacerdote das mulheres que morrem no parto e dos filhos natimortos, tinha chamado através da abertura na parede.

Akundyó primeiro cuspiu para um lado, seu olho fixo no grupo de homens. Ele estava usando um gorro frígio vermelho que cobria sua

orelhas, com um ponto elevado como um *uraeus* na ponte do nariz na moda conhecida como 'o vento sopra'. Suas maçãs do rosto eram proeminentes, e seus dentes brilhavam. Ele fez uma saudação formal ao que o velho respondeu imediatamente e a troca de palavras as cortesias tornaram-se cada vez mais generosas.

'Maldição de Deus', exclamou Ogotemmel, 'em qualquer um no Baixo Ogol que não te ama!' Com emoção crescente, Akundyo fez mudanças para superar o vigor da imprecisão. 'Que a maldição de Deus recaia sobre mim', disse o cego por fim, 'se eu não te amo!' Os quatro homens respiraram novamente. Eles trocaram humor, comentaram sobre a magreza do jogo no vale.

Eventualmente, Akundyo se despediu deles, afirmando na gíria francesa de um soldado nativo que ele iria 'procurar porco-espinho', animal muito estimado por esta gente. A conversa voltou ao assunto da fala. Isso é a função, era organização e, portanto, era boa; no entanto, desde o início, soltou a desordem. Isso porque o chacal, o iludido e enganador filho de Deus, desejou possuir a fala e impôs as mãos sobre as fibras na linguagem em que foi incorporada, isto é, na língua da bata de sua mãe. Sua mãe, a Terra, resistiu a essa ação incestuosa. Ela enterrou-se em seu próprio ventre, isto é, no formigueiro, disfarçada de formiga. Mas o chacal a seguiu. houve, isso deve ser explicado, nenhuma outra mulher no mundo a quem ele poderia desejar. O buraco que a Terra fez no formigueiro nunca foi profundo o suficiente e, no final, ela teve que admitir a derrota. Isso prefigurava as lutas equilibradas entre homens e mulheres, que, no entanto, sempre terminam na vitória do homem.

O ato incestuoso teve grandes consequências. Em primeiro lugar dotou o chacal com o dom da fala para que sempre depois ele fosse capaz de revelar aos adivinhos os desígnios de Deus.

Foi também a causa do fluxo de sangue menstrual que mancha as fibras. A contaminação resultante da Terra foi incompatível com o reino de Deus. Deus rejeitou aquele cônjuge e decidiu criar seres vivos diretamente. Modelando um útero em barro úmido, colocou-o sobre a Terra e cobriu-o com uma paleta lançada no espaço do céu. Ele fez um órgão masculino

da mesma forma e, colocando-o no chão, arremessou uma esfera que se prendeu a ela. Os dois pedaços imediatamente tomaram forma orgânica; a vida deles começou a se desenvolver. Membros separados do núcleo central, órgãos apareceram, e um par humano surgiu dos pedaços da Terra. Neste ponto o Nummo, Par, apareceu em cena para o propósito de ação posterior. Numo previu que a regra original de nascimentos gêmeos estava fadada a desaparecer, e que os erros podiam resultar comparáveis aos do chacal, cujo nascimento foi solteiro. Pois foi por causa de seu estado solitário que o primeiro filho de Deus agiu como ele. 'O chacal estava sozinho desde o nascimento', disse Ogotemmel, 'e por causa disso ele fez mais coisas do que podiam ser contadas.' O Espírito desenhou dois contornos no chão, um em cima da outro, um masculino e outro feminino. O homem estendeu-se sobre essas duas sombras de si mesmo e tomou ambas por conta própria. A mesma coisa foi feita para a mulher. Assim aconteceu que cada ser humano desde o início foi dotado com duas almas de sexo diferente, ou melhor, com dois princípios correspondentes a duas pessoas distintas. No homem a alma fêmea estava localizada no prepúcio; na mulher a alma masculina estava no clitóris. Mas a presciência de Nummo sem dúvida revelou as desvantagens deste improvisado. A vida do homem não era capaz de suportar os dois seres; cada pessoa teria que se fundir no sexo para o qual parecia ser melhor equipado. Numo conseqüentemente circuncidou o homem, removendo dele toda a feminilidade de seu prepúcio. O prepúcio, entretanto, transformou-se em um animal que não é 'nem um serpente nem um inseto, mas é classificado com serpentes'. Este animal é chamado de Não. Diz-se que é uma espécie de lagarto, preto e branco como a mortalha que cobre os mortos. Seu nome também significa 'quatro', o número feminino, e 'Sol', que é um ser feminino. O Sim, simbolizou a dor da circuncisão e a necessidade do homem sofrer em seu sexo como a mulher sofre. O homem então teve relações sexuais com a mulher, que mais tarde deu à luz os dois primeiros filhos de uma série de oito, que viriam a tornaram-se os ancestrais do povo Dogon. no momento de parto a dor do parto se concentrou na barriga da mulher

o clitóris, extirpado por uma mão invisível, desprende-se e a deixou, e foi transformada em forma de escorpião. O bolsa e o ferrão simbolizavam o órgão; o veneno era a água e o sangue a dor. O europeu, voltando pelo campo de milho se perguntou sobre o significado de todas essas ações e contra-ações, todos esses solavancos repentinos no pensamento do mito. Aqui, ele refletiu, está um Deus Criador estragando sua primeira criação; restauração é efetuada pela excisão da Terra, e então pelo nascimento de uma dupla de espíritos, seres inventivos que constroem mundo e trazer para ele as primeiras Palavras faladas; um ato incestuoso destrói a ordem criada e põe em risco o princípio da nascimentos de gêmeos. A ordem é restaurada pela criação de um par de seres humanos e nascimentos gêmeos são substituídos por almas duais. (Mas por que, ele se perguntou, nascimentos de gêmeos?) A alma dupla é um perigo; um homem deve ser do sexo masculino, e uma mulher feminina. Circuncisão e excisão são mais uma vez os remédios. (Mas por que o *na'y'*? Por que o escorpião?) As respostas a essas perguntas viriam mais tarde e levariam seu lugar na maciça estrutura da doutrina, que o velho cego estava fazendo emergir pouco a pouco das brumas do tempo. Sobre as cabeças do europeu e Koguem o escuro cachos de painço destacavam-se contra o céu de chumbo. Eles estavam passando por um campo de ovelhas pesadas, rigidamente eretas e imóveis na brisa. Quando o papo está para trás e fino, as espigas são leves e se movem com o menor sopro de vento. Culturas finas são portanto, cheias de som. Por outro lado, uma colheita abundante é oprimida pelo vento e se curva em silêncio.

TERCEIRO DIA

A Segunda Palavra e a tecelagem

QUALQUER UM que entre no pátio perturba seus arranjos. Era tão apertado que os papagaios, os mais astutos de todos os acrobatas do ar, não conseguiam atingir as aves. Em uma pedra oca havia os restos, ou melhor, os restos de alguma cerveja de milho, que as aves domésticas, galos e galinhas, estavam felizes em beber. Assim foi um cão listrado amarelo e branco com cauda ereta como um sabre etíope. Quando a porta bateu, todas essas criaturas se dispersaram, cedendo o pátio aos humanos. Ogotemmel, acomodado em sua porta, começou a enumerar os oito antepassados originais nascidos do casal criado por Deus. Os quatro mais velhos eram homens; os outros quatro eram fêmeas. Mas por uma dispensa especial, permitida apenas para eles, eles foram capazes de se fertilizar, sendo duais e bissexuais. Deles descendem as oito famílias Dogon. Pois a humanidade estava se organizando nessa condição improvisada. A calamidade permanente de nascimentos únicos foi ligeiramente mitigada pela concessão da alma dupla, que o Nummo traçou no chão ao lado das mulheres no parto. Almas duplas foram implantadas no recém-nascido, segurando-o pelas coxas acima do local dos desenhos com as mãos e os pés tocando o chão. Mais tarde, a alma supérflua foi eliminada pela circuncisão, e a humanidade mancou para o seu obscuro destino. Mas a sede divina de perfeição não se extinguiu, e o Par Nummo, que foram gradualmente tomando o lugar de Deus seu pai, tinha em mente projetos de redenção. Mas em ordem para melhorar as condições humanas, reformas e instrução tiveram que ser realizadas a nível humano. Os Nummo tinham medo do terrível efeito do contato entre criaturas de carne e

sangue por um lado e seres puramente espirituais por outro. Tinha que haver ações que pudessem ser compreendidas, ocorrendo no âmbito dos beneficiários e em seu próprio ambiente. Os homens após a regeneração devem ser atraídos para o ideal como um camponês é atraído para ricas terras agrícolas. Numo então desceu à Terra e entrou no formigueiro, ou seja, a parte sexual da qual foram eles mesmos a questão. Assim, puderam, entre outras tarefas, defender a mãe contra possíveis tentativas do mais velho, o Chacal incestuoso. Ao mesmo tempo, por sua umidade, luminosa, e articulada presença, foram purgando aquele corpo que foi para sempre contaminado aos olhos de Deus, mas foi, no entanto, capaz de adquirir em algum grau a pureza exigida para as atividades da vida. No formigueiro o Nummo masculino ocupou o lugar do elemento masculino, que havia sido eliminado pela excisão do clitóris cupinzeiro, enquanto o Nummo feminino ocupou o lugar do elemento feminino, e seu ventre tornou-se parte do ventre da Terra. O Par poderia então proceder ao trabalho de regeneração, que eles pretendiam realizar de acordo com Deus e em lugar de Deus. 'Nummo no lugar de Amma', disse Ogotemmel, 'estava operando o trabalho de Amma.' Naqueles primórdios obscuros da evolução do mundo, os homens não tinham conhecimento da morte, e os oito ancestrais, descendentes do primeiro casal humano, viveram indefinidamente. Eles tinham oito linhagens separadas de descendentes, cada uma delas se autopropagando, já que cada uma era tanto homem quanto mulher. Os quatro machos e as quatro fêmeas eram casais em consequência de suas partes inferiores, isto é, de suas partes sexuais. Os quatro machos eram homem e mulher, e as quatro fêmeas eram mulher e homem. No caso dos machos era o homem, e no caso das fêmeas era a mulher, que desempenhava o papel dominante. Eles se uniram e ficaram grávidos cada um em si mesmo, e assim produziram sua descendência. Mas na plenitude do tempo um instinto obscuro levou o mais velho deles em direção ao formigueiro que havia sido ocupado pelo Nummo. Ele usava na cabeça como cocar e para protegê-lo

do sol. A tigela de madeira ele usava para se alimentar. Ele colocou seus dois pés na abertura do formigueiro, que é da Terra o útero, e afundou lentamente como se fosse para um parto. Todo ele assim entrou na Terra, e sua cabeça em si desapareceu. Mas ele saiu no chão, como prova de sua passagem para aquele mundo, a tigela que havia pegado na borda da abertura. Tudo o que restou no formigueiro foi o arco redondo de madeira, ainda com vestígios da comida e de impressões digitais de seu dono desaparecido, símbolo de seu corpo e de sua natureza humana, como, no mundo animal, é a pele que um réptil derramou. Liberado de sua condição terrena, o antepassado foi levado pelo Par regenerador. O macho Nummo o conduziu nas profundezas da terra, onde, nas águas do ventre de seu parceiro, ele se enrolou como um feto e encolheu para forma germinal, e adquiriu a qualidade da Água, a semente da Deus e a essência dos dois Espíritos. E todo esse processo foi obra da Palavra. O macho com sua voz acompanhou o Nummo feminino que estava falando para si mesma e para seu próprio sexo. A Palavra falada entrou nela e enrolou-se em torno de seu ventre em uma espiral de oito voltas. Assim como a faixa helicoidal de cobre ao redor do Sol de seu movimento diário, assim a espiral do Verbo deu ao ventre seu movimento regenerativo. Assim aperfeiçoado pela Água e pelas Palavras, o novo Espírito foi expulso e subiu ao Céu. Todos os oito ancestrais em sucessão tiveram que passar por este processo de transformação; mas, quando a virada do sétimo antepassado veio, a mudança foi a ocasião de uma notável ocorrência. O sétimo de uma série, deve ser lembrado, representa Perfeição. Embora igual em qualidade com os outros, ele é a soma do elemento feminino, que é quatro, e o elemento masculino, que são três. Ele é, portanto, a conclusão da série perfeita, símbolo da união total do masculino e feminino, ou seja, a unidade. E a este todo homogêneo pertence especialmente o domínio das Palavras, ou seja, da linguagem; e a aparição na terra de tal pessoa estava fadada a ser o prelúdio de desenvolvimentos revolucionários de caráter benéfico.

No seio da terra tornou-se, como os outros, Água e Espírito, e seu desenvolvimento, como o deles, seguiu o ritmo das Palavras proferidas pelos dois Nummo transformadores. 'As Palavras que a fêmea Nummo falou para si mesma,' Ogotemmelí explicou, 'tornou-se uma espiral e entrou em sua parte sexual. O macho Nummo a ajudou. Estas são as Palavras que o sétimo ancestral aprendeu dentro do útero.' Os outros igualmente possuíam o conhecimento dessas Palavras em virtude de suas experiências no mesmo lugar; mas eles não tinham alcançado o domínio deles nem foi dado a eles para desenvolver seu uso. O que o sétimo ancestral havia recebido, portanto, foi o conhecimento perfeito de uma Palavra — a segunda Palavra para ser ouvida na terra, mais clara que a primeira e não, como o primeiro, reservado a destinatários particulares, mas destinada a toda humanidade. Assim, ele foi capaz de alcançar o progresso para o mundo. Em particular, ele permitiu que a humanidade tivesse precedência sobre o filho perverso de Deus, o Chacal. Este último, é verdade, ainda possuía conhecimento da Primeira Palavra, e ainda poderia, portanto, revelar a adivinhos certos propósitos celestiais; mas na futura ordem de coisas ele deveria ser apenas um retardatário no processo de revelação.

A potente Segunda Palavra desenvolveu os poderes de seu novo possuidor. Gradualmente, ele passou a considerar sua regeneração no ventre da terra como equivalente à captura e ocupação daquele ventre, e pouco a pouco tomou posse de todo o organismo, fazendo dele o uso que lhe convinha para o propósito de suas atividades. Seus lábios começaram a se fundir com as bordas do formigueiro, que se alargou e se tornou uma boca. Dentes pontiagudos feitos na sua aparência, sete para cada lábio, então dez, o número dos dedos, depois quarenta, e finalmente oitenta, isto é, dez para cada ancestral. Esses números indicavam as taxas futuras de aumento das famílias; a aparência dos dentes era um sinal do tempo, pois uma nova instrução estava se aproximando. Mas aqui novamente os escrúpulos dos Espíritos se fizeram sentir. Não foi diretamente aos homens, mas à formiga, avatar da Terra e nativa da localidade, que o sétimo ancestral transmitiu a instrução. Ao nascer do sol no dia marcado, o sétimo espírito ancestral cuspiu oitenta fios de algodão; estes ele distribuiu entre seus dentes superiores, que agiam como os dentes da cana de um tecelão.

Assim ele fez os fios irregulares de uma urdidura. Ele fez o mesmo com os dentes inferiores para tornar os fios uniformes. Ao abrir e fechar suas mandíbulas o Espírito fez com que os fios da urdidura fizessem os movimentos necessários na tecelagem. Seu rosto inteiro participou da obra, as tachas do nariz servindo de bloco, enquanto o pino em seu lábio inferior era a lançadeira. À medida que os fios se cruzavam e descruzavam, as duas pontas da língua bifurcada do Espírito empurravam o fio da trama para lá e para cá, e a teia tomou forma de sua boca no sopro da Segunda Palavra revelada. Pois o Espírito estava falando enquanto a obra prosseguia. Como fez o Nummo na primeira revelação, ele transmitiu sua palavra por meio de um processo técnico, para que todos os homens pudessem entender. Ao fazer isso, ele mostrou a identidade das ações materiais e forças espirituais, ou melhor, a necessidade de sua cooperação.

As Palavras que o Espírito pronunciou preencheram todos os interstícios do material; eles foram tecidos nos fios, e formaram parte e parcela do pano. Eles eram o pano, e o pano era a Palavra. É por isso que o tecido é chamado de Soja, o que significa: 'É a palavra falada'. Soja também significa sete', para o Espírito que falou enquanto tecia o sétimo na série de ancestrais. Enquanto o trabalho estava acontecendo, a formiga veio e foi embora da borda da abertura no sopro do Espírito, ouvindo e lembrando de suas palavras. A nova instrução, que ela assim recebia, repassava aos homens que viviam naquelas regiões, e que já haviam acompanhado a transformação do sexo da Terra. Até a descida dos ancestrais ao formigueiro, os homens viviam em buracos cavados no solo plano como tocas de animais. Quando sua atenção foi atraída para as tigelas que os ancestrais haviam deixado para trás, eles começaram a notar a forma do formigueiro, que eles achavam muito melhor do que seus buracos. Eles copiaram a forma do formigueiro de acordo, fazendo passagens e quartos como abrigos da chuva, e começaram a armazenar o produto das colheitas para alimentação. Estavam assim avançando para uma forma menos primitiva de vida; e, quando notaram o crescimento de dentes ao redor da abertura, eles os imitaram também como um meio de proteção contra bestas selvagens. Moldaram grandes dentes com o barro, secaram-nos e colocaram em volta das entradas de suas habitações.

No momento da segunda instrução, portanto, os homens foram vivendo em tocas que já eram, de alguma forma, uma prefiguração do lugar da revelação e do ventre em que cada um deles no devido tempo desceriam para serem regenerados. E, além disso, o formigueiro humano, com seus ocupantes e seus depósitos de grãos, era uma imagem rudimentar do sistema que, muito mais tarde, desceria do Céu para eles em a forma de um maravilhoso celeiro. Esses contornos obscuros das coisas por vir predisuseram os homens a assumir conselho da formiga. Este último, depois de que tinha visto o Espírito, tinha colocado em um estoque de fibras de algodão. Estes ele tinha feito em fios e, à vista dos homens, puxou-os entre os dentes da entrada do formigueiro como o Espírito havia feito. Enquanto surgia a urdidura, os homens passavam o fio da trama, jogando direita e esquerda no tempo dos movimentos de abertura e fechamento das mandíbulas, e a teia resultante foi enrolada em um pedaço de madeira, precursora da viga. A formiga ao mesmo tempo revelou as palavras que tinha ouvido e o homem as repetiu. Assim, foi recriado por humanos o conceito de vida em movimento, de transposição de forças, da eficácia do sopro do Espírito, que o sétimo ancestral havia criado; e assim o entrelaçamento de urdidura e trama continha as mesmas palavras, a nova instrução que se tornou herança da humanidade e foi transmitida de geração em geração de tecelãs com acompanhamento das palmas da lançadeira e o ranger do bloco, que eles chamam de 'ranger da palavra'. Todas essas operações ocorreram à luz do dia, a fiação e tecelagem são trabalhos para o dia. Trabalhar à noite seria significar tecer teias de silêncio e escuridão.

QUARTO DIA

A Terceira Palavra e o Celeiro da Terra Pura

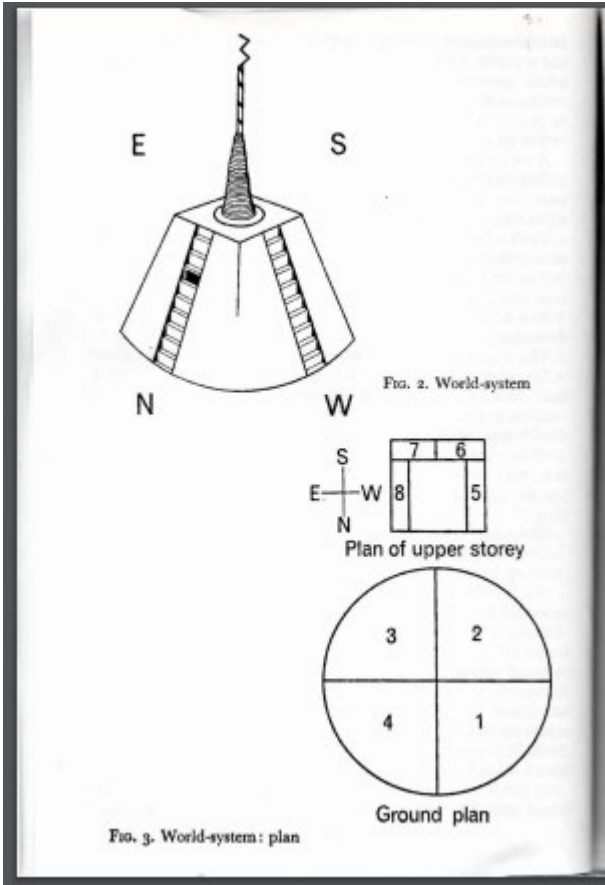
OGOTEMMELI não tinha uma ideia muito clara do que aconteceu no Céu após a transformação dos oito ancestrais em Nummo. É verdade que os oito, depois de deixarem a terra, tendo terminado seus trabalhos, chegaram à região celestial onde o par mais velho, que os transformou, reinou. É verdade também que esses anciãos tinham precedência sobre os outros e não falharam em impor-lhes ao mesmo tempo uma forma de organização e regras de vida. Mas nunca ficou muito claro por que este mundo celestial foi perturbado ao ponto de desintegração, ou por que esses distúrbios levaram a uma reorganização do mundo terrestre, que não tinha nada a ver com as disputas celestiais. O que é certo é que no final, os oito desceram à terra novamente em um vasto aparato de símbolos, no qual foi incluído um terceiro e a Palavra definitiva necessária para o funcionamento do mundo moderno.

Tudo o que pôde ser obtido de Ogotemmelí, à força de paciente atenção às suas palavras, foi a resposta evasiva: 'Os espíritos não caem do céu, exceto por raiva ou porque eles são expulsos.'

Era óbvio que ele estava consciente da infinita complexidade da ideia de Deus ou dos Espíritos que o substituíram, e estava relutante em explicá-los. No entanto, um esboço, leve, mas adequado, deste período obscuro acabou por ser obtido. O Par Nummo recebeu o oito transformado em Paraíso. Mas embora fossem todos da mesma essência, o Par tinha os direitos da geração mais velha em relação aos recém-chegados, aos quais impunham uma organização com rede de regras, das quais a mais onerosa era a que separava

uns dos outros e proibiu-os de se visitarem. O fato é que, como as sociedades humanas nas quais os números são uma fonte de problemas, a sociedade celestial teria caminhado para a desordem, se todos os seus membros estivessem reunidos. Embora esta regra fosse sua segurança, a nova geração de Nummo, no entanto, procedeu sua quebra, e, assim, derrubou seu destino; e foi assim que aconteceu. Deus deu aos oito uma coleção de oito grãos diferentes destinados à sua alimentação, e para isto o primeiro ancestral foi responsável. Das oito, a última foi a Digitaria, que foi rejeitada publicamente pelo primeiro antepassado quando foi dada a ele, sob o pretexto de que era tão pequena e tão difícil de preparar. Ele chegou a jurar que nunca comeria isto. Chegou, porém, um período crítico em que todos os grãos estavam quase exaustos, exceto o último. O primeiro e o segundo ancestrais, que aliás já haviam quebrado a regra sobre separação, reuniram-se para comer este último alimento. A ação deles foi a quebra de ordem culminante, confirmando como fez sua primeira ofensa por quebra de fé. Os dois ancestrais tornaram-se assim impuros - isto é, de uma essência incompatível com a vida no mundo celeste. Eles resolveram deixar aquela região, onde eles se sentiram estranhos, e os outros seis ancestrais jogaram sua sorte com eles e tomaram a mesma decisão. Além disso, eles se propuseram a levar consigo quando deixassem qualquer coisa que pudesse ser útil aos homens com quem iam se reunir. Foi então que o primeiro ancestral, sem dúvida com a aprovação e talvez com a ajuda de Deus, começou a fazer os preparativos para sua própria partida. Ele pegou uma cesta de tecido com uma abertura circular e um quadrado base para carregar a terra e a argila amassada necessárias para a construção de um sistema-mundo, do qual ele seria um dos conselheiros. Essa cesta serviu de modelo para uma estrutura de cesto de tamanho considerável que ele construiu de cabeça para baixo, por assim dizer, com a abertura, de vinte côvados de diâmetro, no chão, e a base quadrada, com lados de oito côvados de comprimento, formando um telhado plano, e a altura era de dez côvados. Este quadro trabalho que ele cobriu com barro feito de terra de céu, e na espessura do barro, começando do centro de cada lado da praça, ele fez escadas de dez degraus cada,

voltada para um dos pontos cardeais. Na sexta etapa na escada norte colocou uma porta que dava acesso ao interior em que eram oito câmaras dispostas em dois andares. O significado simbólico desta estrutura era o seguinte: A base circular representava o Sol. O telhado quadrado representava o Céu. Um círculo no centro do telhado representava a Lua. O passo de cada degrau sendo feminino e a subida de cada degrau masculino, as quatro escadas de dez degraus juntas prefiguravam oito dezenas de famílias, descendentes dos oito ancestrais. Cada escada continha um tipo de criatura e era associada com uma constelação, como segue: A escada norte, associada às Plêiades [Grupo de sete estrelas visíveis a olho desarmado, que fazem parte do aglomerado galáctico situado na constelação do Touro], era para homens e peixes; A escada sul, associada ao Cinturão de Orion, era para animais domésticos. A escada leste, associada a Vênus, era para pássaros. A escada oeste, associada com o chamado '*Long-tailed Star*' [constelação], era para animais selvagens, vegetais e insetos. Na verdade, a imagem do sistema não foi fácil ou imediatamente apreendida a partir do relato de Ogotemmelí. 'Quando o antepassado desceu do Céu', disse ele primeiro, 'ele estava de pé em um pedaço quadrado do céu, não muito grande, mais ou menos do tamanho de um colchonete, ou talvez um pouco maior.' 'Como ele pode ficar neste pedaço do céu?' "Era um pedaço de terra celestial." "Um pedaço grosso?" 'Sim! Tão grosso quanto uma casa. Tinha dez côvados de altura com escadas em cada lado voltadas para os quatro pontos cardeais! O cego ergueu a cabeça, quase sempre curvado em direção ao solo. Como explicar essas formas geométricas, esses passos, essas medidas exatas? O europeu havia começado pensando que o que se queria dizer era um alto prisma flanqueado por quatro escadas formando uma cruz. Ele se manteve voltado a esta concepção a fim de torná-la bem clara, enquanto o outro, tateando pacientemente na escuridão que o envolvia, procurou novos detalhes. Por fim, seu rosto devastado se abriu em uma espécie de sorriso: ele havia encontrado o que queria. Alcançando o interior de sua casa



e deitado quase de costas, ele procurou entre um número de objetos que rangiam ou soavam ocos ao raspar a terra sob sua mão. Apenas seus joelhos magros e seus pés estavam imóveis, visíveis no vão da porta; o resto desapareceu nas sombras dentro. A frente da casa parecia um grande rosto com a boca fechada em duas canelas finas. Depois de muito puxão, um objeto emergiu das profundezas e apareceu emoldurado na porta. Era uma cesta trançada, preta com pó e fuligem do interior, com abertura redonda e base quadrada, esmagada e quebrada, um espetáculo miserável. A coisa foi colocada diante da porta, perdendo vários fios no processo, enquanto todo o corpo do cego reaparecia, sua mão ainda segurando firmemente a cesta. "A única utilidade agora é colocar galinhas", disse ele. Ele passou as mãos lentamente sobre seus restos danificados, e passou a explicar o sistema-mundo.

QUINTO DIA

A Terceira Palavra e a classificação das coisas

A cesta havia sido guardada, com certo embaraço; voltou ao lugar de mistério pelas costas de Ogotemmel, alguém já havia aludido a isso novamente. A exposição desta ruína à luz do dia tinha sido, por assim dizer, um desafio à vaidade mundana; mas serviu ao seu propósito. Tudo agora estava claro e o divino e a geometria foi definida. Foi possível começar com a enumeração detalhada dos seres postados nos quatro pontos cardeais da estrutura. A escada oeste era ocupada por animais selvagens. De escada superior para a escada inferior foi dada aos antílopes, hienas, gatos (duas escadas para estes), répteis e sáurios, símios, gazelas, marmotas, o leão e o elefante. Após o sexto degrau vieram as árvores do baobá ao *Lannea acida*, e em cada um deles estavam os insetos comumente encontrados lá hoje. Na escada sul ficavam os animais domésticos, começando pelas aves, depois as ovelhas, cabras, gado, cavalos, cães e gatos. No oitavo e nono degraus estavam os quelônios, gigantes tartarugas, que hoje em cada família ocupam o lugar dos chefes de família, enquanto estes estão ausentes, e os cágados menores, que são lentamente mortos na purificação regional dos sacrifícios. No décimo degrau estavam camundongos e ratos (casa e campo). A escada leste era ocupada por pássaros. No primeiro passo eram as maiores aves de rapina e os calaus; no segundo eram avestruzes e cegonhas; no terceiro, as abetardas e abibes; na quarta, abutres. Depois vieram os pássaros menores de presas e depois as garças. No sétimo degrau estavam os

pombos; na oitava, rolas; na nona, patos; e todas as abetardas, brancas e pretas. A escada norte era a de homens e peixes. Isso claramente apresentou complicações, pois Ogotemmelí teve que através dele mais de uma vez antes que ele pudesse dar uma resposta satisfatória. Ele certamente pensou que os homens eram Bozo, os originais habitante do Níger ainda considerados por todos os povos da Curva do Niger como os únicos verdadeiros pescadores. Mas suas várias posições sobre as diferentes etapas envergonharam Ogotemmelí, e não foi até sua segunda referência ao assunto no final do dia em que chegou a uma versão final, provavelmente após contato com outro ancião. Em cada um dos dois primeiros degraus havia um Bozo masculino com um peixe preso ao umbigo e pendurado entre as pernas. Esse o apego ao umbigo tinha um significado para Ogotemmelí que o europeu não conseguia entender. O umbigo do homem era preso entre as barbatanas do peixe: isto é, o peixe foi bem longe da barriga do homem. Por outro lado, o nome que os Dogon dão ao Bozo foi pensado por Ogotemmelí para indicar que o peixe estava em processo de passagem para o corpo do homem. Este nome *sologonon* ou *sorogonon*, do qual é derivado Sorko, outro nome para o Bozo, na verdade significa 'que não passou completamente'. Aplica-se, portanto, principalmente ao peixe, mas, em última análise, para o próprio Bozo, os dois (ou seja, o homem e o peixe) sendo irmãos gêmeos, conforme indicado pela conexão do cordão umbilical. Em cada um dos próximos dois degraus havia uma mulher Bozo, também presa a um peixe. No quinto degrau estava uma mulher Bozo em pé sozinha. Os cinco últimos degraus estavam vazios. Uma pergunta ocorreu ao europeu: 'Apenas alguns dos animais e vegetais estavam no prédio; onde estavam a descansar 'Cada um dos mencionados era como se fosse um líder de arquivo. Todos outros de sua espécie estavam atrás dele. O antílope no primeiro. No degrau da escada oeste está o *walbanu*, o antílope vermelho. Depois dele vêm os antílopes branco, preto e *kâ*. Assim também no primeiro degrau da escada sul, onde as aves

Estavam; a pintada, a perdiz e a galinha-do-mato ficavam atrás.' 'Como todos esses animais poderiam encontrar espaço em um degrau de um côvado de profundidade e um côvado de altura?' O europeu havia calculado que, de acordo com a inclinação das paredes, o piso de cada degrau deve ser de seis décimos de um côvado profundo, mas ele não mencionou o fato por educação, de modo a não parecer estar examinando assuntos celestiais muito de perto. 'Tudo isso tinha que ser dito em palavras', disse Ogotemmelí, 'mas tudo nos degraus é um símbolo, antílopes simbólicos, abutres simbólicos, hienas simbólicas.' Ele parou por um momento e acrescentou: 'Qualquer número de símbolos poderia encontrar espaço em uma etapa de um côvado.' Para a Palavra 'símbolo' ele usou uma expressão composta, cujo significado literal é 'Palavra deste mundo (inferior)'. Ogotemmelí, tendo descrito a estrutura como um celeiro, agora passou a explicar seu design. 'A coisa toda', disse ele, 'com suas escadas é chamada de "Celeiro do Mestre da Terra Pura. É dividido em oito compartimentos, quatro abaixo e quatro acima. A porta se abre para o norte na sexta escada. É como se fosse a boca; e o celeiro é o ventre, isto é, o interior do mundo.' A estrutura que definiu o padrão para os dias atuais dos celeiros, o europeu desejava ter uma visão mais próxima do arranjo do sistema, e sussurrou para seu assistente Koguem que ele deveria ver uma dessas construções. Na verdade, quase metade da circunferência do pátio rodeada de celeiros, cerca de meia dúzia deles em número. Mas enfiar a cabeça no celeiro é invadir a privacidade da família, para bisbilhotar seus segredos. Para examinar os alimentos, as sementes e espigas de grãos mergulhadas na escuridão, é medir os recursos presentes e se intrometer na provisão para necessidades futuras. Koguem colocou a questão ao velho, sugerindo uma visita a uma casa vazia que ele havia notado em Dyamini-Kuradondo, uma aldeia pertencente a outra família: mas talvez, disse ele, eles pudessem encontrar um espécime mais próximo. Ogotemmelí refletiu. Obviamente ele estava considerando, em sua cegueira, possíveis espigueiros arruinados na localidade. No final

de sua lista apareceu sem dúvida seus próprios celeiros, pois ele apontou a dois destes no quintal. O mais distante deles era uma ruína; foi lá que Koguem costumava atirar pedras uma dúzia de vezes por dia nas crianças que vieram ouvir com os ouvidos atentos para captar os segredos que estavam sendo falados. O outro celeiro estava em boas condições, vazio mas fechado. Foi necessário um par de enxadas para abri-la, pois a porta estava presa como se estivesse nas garras de um torno. Ogotemmel esperou em sua soleira, as mãos cruzadas como sempre acima da cabeça. De tempos em tempos Koguem informava sobre o andamento da obra. Quando a porta finalmente cedeu, o europeu assumiu uma posição na canhoneira, de onde vinha o cheiro de grão velho. Os quatro compartimentos inferiores em um celeiro Dogon são separados por duas partições que se cruzam, cuja junção forma uma depressão em forma de xícara na terra grande o suficiente para conter um jarra redonda. Esta jarra, contendo grãos ou objetos valiosos, é o centro de todo o edifício. A porta se abre acima destes compartimentos, e é apenas larga o suficiente para admitir a passagem do corpo de um manto. Acima da porta está o andar superior composto por outros quatro compartimentos, dois deles alinhados ao longo da parede do fundo e os outros dois ao longo das paredes laterais. Eles formam uma espécie de saliência arredondando os três lados, deixando o espaço na entrada livre para que se um homem se agachasse no topo dos compartimentos inferiores, seus ombros estariam nivelados com a sacada.

No celeiro celeste estes compartimentos tinham uma numeração e ordem. A primeira ficava à direita da entrada do andar inferior; a segunda foi o da direita atrás, e assim por diante o edifício. O quinto ficava no andar superior à direita, e assim por diante até o oitavo, que ficava à esquerda na parte superior chão. Cada um desses compartimentos continha uma das oito sementes dadas por Deus aos oito ancestrais na seguinte ordem: painço pequeno, painço branco, painço escuro, painço fêmea, feijão, azeda, arroz e *digitaria*. Com cada uma dessas sementes estavam todas as variedades da mesma espécie. Mas os oito compartimentos não eram apenas receptáculos para as sementes que seriam introduzidas para uso humano. Eles também representavam os oito órgãos principais do Espírito da água,

que são comparáveis aos órgãos dos homens com a adição da moela, pois o Espírito tem a velocidade dos pássaros. Esses órgãos foram dispostos na seguinte ordem: estômago, moela, coração, fígado pequeno, baço, intestinos, fígado grande, vesícula biliar. Uma jarra redonda no centro simbolizava o útero; um segundo frasco menor fechou o primeiro; continha óleo de *Lannea acida*, e representava o feto. Em cima dele novamente havia um frasco ainda menor contendo perfume, e no topo deste último havia uma dupla xícara. Todos os oito órgãos foram mantidos no lugar pelas paredes externas e as partições internas que simbolizavam o esqueleto. As quatro colunas terminando nos cantos do telhado quadrado eram os braços e pernas. Assim, o celeiro era como uma mulher, deitada de costas (representando o sol) com os braços e as pernas levantadas e sustentando o telhado (representando o céu). As duas pernas eram no lado norte, e a porta no sexto degrau marcava as partes sexuais. O celeiro e tudo o que continha era, portanto, uma imagem do sistema-mundo da nova ordem, e a forma como este sistema trabalhava foi representado pelo funcionamento dos órgãos internos. Esses órgãos absorveram nutrição simbólica que passou pelos canais habituais da digestão e da circulação do sangue. Dos compartimentos I e 2 (estômago e moela) o alimento simbólico passou para o compartimento 6 (os intestinos) e daí para todos os outros na forma de sangue e por último respiração, terminando no fígado e na vesícula biliar. A respiração é um vapor, uma forma de água, que mantém e é de fato o princípio da vida. Enquanto Ogotemmelí falava, o celeiro deserto parecia vir para a vida, e o sol poente iluminando o oeste além dos desfiladeiros aumentavam a ilusão. As paredes do edifício tornaram-se tingidas de rosa, e lançavam brilhos de luz nas superfícies de arenito e na palha do monte de esterco. No telhado um cacho de azedas roxas se destacava como fogo. O momento estava próximo quando todas as paredes ocidentais de Ogol Superior e Inferior ficariam em chamas. Toda a superfície visível do espigueiro partilhava desta pródiga exibição de luz, enquanto no interior escuro as maravilhas do passado voltaram à vida. Ogotemmelí, com a cabeça baixa e as mãos na nuca de

seu pescoço, perdeu-se na história passada dos céus. Finalmente ele chegou ao estrato final de símbolos que mostravam o universo comprimido dentro das paredes do celeiro primordial, como um corpo cheio de vida e absorvendo comida. 'O que se come', disse ele, 'é a luz do sol. O que é excretado é a noite escura. O sopro da vida são as nuvens, e o sangue é a chuva que cai sobre a terra.

SEXTO DIA

A Terceira Palavra A descida do celeiro da Terra Pura e da Morte

OGOTEMMELI havia omitido encontrar um lugar em seu sistema para o escorpião e o não. Ele agora os colocou embaixo, o celeiro no círculo simbolizando o sol. O construtor ancestral montou no telhado plano as ferramentas e implementos de uma forja, pois sua futura tarefa era ensinar aos homens o uso do ferro para que pudessem cultivar a terra. O fole era feito de dois recipientes de pó não queimado, terra e uma pele de carneiro branca; os duas nave foram unidas uma a outra como dois gêmeos, a ampla abertura sendo fechada por uma pele. Um duto de terra conduzia cada um ao bocal. O martelo tinha a forma de um grande bloco de ferro com um cabo em forma de cone e uma batida quadrada. A bigorna da mesma forma moldada foi fixada em uma viga de madeira. O ferreiro ancestral estava equipado com um arco de ferro e fusos para flechas. Uma dessas flechas ele apontou para o telhado do celeiro no centro do círculo que representa a lua e ele enrola um longo fio de teia ao redor da haste para formar um bobina, de modo que todo o edifício se tornou um gigantesco fuso. Pegando uma segunda flecha, ele prendeu a outra ponta do fio a ele, e atirou-o na abóbada do céu para dar-lhe condição de compra. Toda uma constelação de símbolos estava para aparecer. No primeiro lugar havia o próprio celeiro milagroso simbolizando sistema-mundo, estabelecido e classificado em categorias de criaturas. Era a cesta trançada, que seu construtor havia copiado, e que serviria aos homens como unidade de volume. A unidade de comprimento era o piso ou a subida dos degraus nas

escadas, ou um côvado. A unidade de área foi fornecida pelo teto plano, cujos lados eram de oito côvados. As duas figuras geométricas primárias foram mostradas no quadrado do telhado e na base circular, que, na cesta, era de fato a abertura. Este era o celeiro modelo no qual os homens guardavam suas plantações. Como tal, foi a realização ideal e última o arranjo do formigueiro, que já havia servido de modelo para os homens na transformação de suas habitações subterrâneas. Era também a espiral do fuso, a ponta morta da flecha que o ferreiro havia atirado no telhado plano e que servia como o eixo para o enrolamento da linha descendente. Simbolicamente representava a forma do ferro usado para descaroçamento de algodão, uma lançadeira, apontada em cada extremidade, em contorno semelhante ao martelo de um ferreiro. Era a cabeça do martelo; e, segundo crenças populares, foi em seu martelo que o ferreiro trouxe as sementes para os homens. Foi também o de quatro lados, bigorna, que é fêmea, forjada em imitação do martelo, que é masculino. Era a mão palmada do Nummo, cujo martelo era a imagem; era a metade superior do corpo do Nummo, que também é simbolizado pelo martelo; duas superfícies opostas representam seu peito e costas, os outros são seus braços. Por último, era a forma corporal do elemento feminino do ferreiro, que, como todos os seres, era dual. Tudo estava agora pronto para a partida, exceto que não havia fogo na forja. O ancestral entrou na oficina do grande Nummo, que são os ferreiros do Céu, e roubou uma peça do Sol na forma de brasas vivas e ferro em brasa. Ele agarrou-o por meio de um 'bastão de ladrão' cujo cajado terminava em uma fenda, aberta como uma boca. Ele deixou cair algumas das brasas, voltou para buscá-las e fugiu para o celeiro; mas sua agitação era tanta que ele não conseguia mais encontrar as entradas. Ele fez a ronda várias vezes antes de encontrar os degraus e subiu até o telhado plano, onde escondeu as mercadorias roubadas em uma das peles do fole, exclamando: '*Gouyo!*', que quer dizer, 'Roubado!' A Palavra ainda faz parte da língua e significa 'celeiro'.

É um lembrete de que sem o fogo da ferraria e o ferro das enxadas não haveria colheitas para armazenar. Sem perder um momento, o ferreiro lançou a pirâmide truncada ao longo de um arco-íris. O prédio ficou sem se ligar, e o fio desenrolado em serpentinas, sugeria o movimento da água. Com martelo e arco nas mãos, o ferreiro estava pronto para se defender contra ataques do espaço sideral. Mas o ataque, quando veio, foi inesperado; ao acompanhamento de um estrondo de trovão uma marca arremessada pelo feminino Nummo atingiu o telhado plano. O ferreiro em legítima defesa arrebatou uma das peles do fole e brandiu-a acima de sua cabeça, fazendo assim um escudo dele. A pele que tenha estado em contato com um pedaço do sol, absorveu a essência do Sol, e o fogo celestial não poderia prevalecer contra ele. O ancestral então extinguiu com água de sua garrafa de couro a a marca que estava incendiando o prédio. Esta marca, cuja nome era *bazu*, se tornaria a origem da adoração do fogo feminino. Um segundo trovão seguiu o primeiro e veio desta vez do Nummo masculino, mas não foi mais eficaz do que o seu antecessor. O ferreiro extinguiu a segunda marca, batizada *anakyl*, que se tornaria a origem da adoração do fogo masculino. O celeiro continuou então o seu curso ao longo do arco-íris, mas sua velocidade aumentou devido ao ímpeto dado pelo trovão. O ferreiro entretanto retomou a sua posição de defesa no telhado, mas, cansado de segurar o martelo na mão, colocou-o sobre os braços levantados ligeiramente à sua frente. A bigorna ele carregava em uma espécie de tipoia feita de uma longa tira de couro em volta de seu pescoço, pendente sobre os ombros para trás. A viga de madeira em que a bigorna foi fixada bateu contra suas pernas. Durante sua descida, o ancestral ainda possuía a qualidade de um espírito da Água, e seu corpo, embora preservando sua aparência de natureza humana, por ser a de um homem regenerado, era equipado com quatro membros flexíveis como serpentes após o padrão das armas do Grande Nummo. O chão estava se aproximando rapidamente. O ancestral estava ainda em pé, com os braços à sua frente e o martelo e a bigorna pendurados em seus membros. O choque de seu impacto final na

terra quando ele chegou ao fim do arco-íris, espalhado em uma nuvem de poeira que os animais, vegetais e homens dispuseram sobre os passos. Quando a calma foi restaurada, o ferreiro ainda estava no telhado, de pé voltado para o norte, suas ferramentas ainda na mesma posição. Mas no choque de pousar o martelo e a bigorna quebrou os braços e as pernas na altura dos cotovelos e joelhos, que antes não tinha. Ele assim adquiriu articulações próprias da nova forma humana, que se estenderia à Terra e se dedicaria ao trabalho. Era para trabalhar que seu braço se dobrava, pois flexíveis os membros eram inadequados para os trabalhos da forja e do campo. Para martelar ferro em brasa ou cavar a terra a alavanca do antebraço era necessária. Ao entrar em contato com o solo, portanto, o ancestral foi pronto para sua obra civilizadora. Ele desceu a escada norte, e traçou um campo quadrado, dez vezes oito côvados em cada lado, orientado da mesma forma que o telhado plano em que ele havia descido e sobre a qual se basearia a medida unitária das propriedades. O campo foi dividido em oitenta vezes oitenta quadrados de um côvado de lado, que foram distribuídos entre as oito famílias descendentes dos ancestrais cujo destino era permanecer na terra. Ao longo da linha média da praça de norte a sul oito casas de habitação foram construídas, nas quais a terra foi misturada com lama retirada do celeiro. A ferraria foi montada ao norte desta linha. 'Eles colocaram lama celestial no campo', disse Ogotemmelí, 'e assim purificou o solo; e mais tarde, à medida que a terra foi gradualmente limpa, a impureza da terra recuou'. O cego sempre insistiu nessa questão da impureza do solo, a causa da primeira perturbação da ordem do mundo. 'Originalmente, na criação, a Terra era pura. O caroço lançado por Deus era de barro puro. Mas a ofensa do chacal contaminou a terra e perturbou a ordem mundial. É por isso que o Nummo desceu para reorganizá-la. A Terra que veio e desceu do céu era terra pura, e onde quer que fosse colocada, transmitiu sua pureza ao local e a todo o solo que foi limpo. Onde quer que o cultivo se espalhe, a impureza recua'.

A renovação do solo não era o único trabalho a ser feito, o celeiro desceu cheio de novos alimentos, destinados à regeneração e renovação dos homens. Mas o começo desses trabalhos não foi sem outros incidentes. O ferreiro, anteriormente um Nummo, não podia carregar sozinho sua tarefa como guia. Além disso, seu papel era principalmente o de um técnico e outras formas de instrução também eram necessárias. Imediatamente após o ferreiro, o primeiro ancestral, os outros sete ancestrais descendem. O ancestral dos trabalhadores do couro e o ancestral dos menestréis seguiu em ordem, cada um com suas ferramentas ou instrumentos, e os outros depois deles de acordo com sua classificação. Foi então que ocorreu o incidente que determinou o curso da reorganização.

O oitavo ancestral, quebrando a ordem de precedência, veio para baixo antes do sétimo, o mestre da fala. O último foi tão indignado que, ao chegar ao chão, virou-se contra os demais e, na forma de uma grande serpente, feita para o celeiro para tirar as suas sementes. De acordo com outra versão, ele mordeu a pele do fole a fim de espalhar as sementes que foram colocadas nele. Outros dizem que ele desceu ao mesmo tempo que o ferreiro na forma do próprio celeiro. No chão ele assumiu o corpo de uma grande serpente, e uma briga começou entre os dois Espíritos. Seja como for, o ferreiro, para livrar-se de um adversário e realizar os grandes propósitos de Deus, aconselhou homens para matar a cobra e comer seu corpo e dar a ele a cabeça. "De acordo com outros", disse Ogotemmelí, que anexou uma extrema importância para este ponto de viragem na história do mundo e preocupava-se em tornar a atitude dos Espíritos bastante clara, 'de acordo com outros, o ferreiro, em sua chegada, encontrou os homens das oito famílias e montou sua ferraria em seu meio. Quando ele colocou as peles do fole, a grande serpente apareceu de repente e caiu sobre eles, espalhando o milho por toda parte. Os homens, vendo este recém-chegado e surpresos com sua ação, matou-a. O ferreiro agradeceu, deu eles a carcaça para comer, e manteve a cabeça. Mas todos concordam quanto ao que aconteceu depois da morte da serpente. 'Quando ele tinha a cabeça, o ferreiro levou para a pedra que ele

usou como assento ao martelar o ferro; ele fez um buraco; enterrou e colocou a pedra em cima'. 'Então o Nummo é o sétimo ancestral em cada ferraria hoje?' perguntou o europeu. "Sim", disse o cego. 'Todo ferreiro quando no trabalho, é como antes de sentar na cabeça da serpente.' Mas havia outras complexidades na história. Numo sétimo ancestral na forma de uma serpente foi morto pelos homens, e sua cabeça estava enterrada. Mas também pode ser dito que ele era o celeiro que desceu do céu, e que era despedaçado e partido em pedaços, e que a lama de sua cabeça, tudo foi espalhado sobre o campo primordial e misturado com a terra das casas, enquanto as sementes que nela estavam foram enterradas no solo no momento da sementeira. Pode-se dizer que a serpente foi morta, destruída e sepultada como serpente, como celeiro e como semente. 'E por que isso deveria acontecer com ele?' 'Porque ele era o mestre da Fala.' 'E por que o mestre da Fala teve que morrer?' Ogotemmel não respondeu imediatamente. Seu queixo descansando em seus joelhos, que foram puxados para o peito, as mãos contra as bochechas, ele olhou para a noite de sua cegueira. "Ele morreu em meados de novembro", disse por fim. O europeu despediu-se. O fato de sua pergunta não ter sido respondida era, no entanto, promissor; ele lembrou que dois dias antes, quando perguntou o que havia no celeiro, o velho respondeu: '*Uau!*' Que sendo interpretado significa 'Nada!'

SÉTIMO DIA

A Terceira Palavra e a regurgitação do sistema-mundo

No pátio de Ogotemmelí, todos viviam lado a lado. A capoeira, cujos momentos de agitação e subsequentes, ambos tiveram vida curta; o pânico universal provocado pelo lançamento de uma pedra ou um pedaço de madeira nunca foi seguido mais do que alguns momentos de paz. Isso porque, na África, aldeias, as aves raramente têm o suficiente para comer. A vida deles é uma busca incessante e frenética por comida, tanto mais que a área em que eles têm que procurá-la é confinada aos pátios e ruas estreitas. Seu peso miseravelmente baixo o torna uma presa fácil para as pipas, e seu único refúgio seguro está nas áreas de vida lotadas onde os voos rasantes ou mergulhos de seus inimigos são impossíveis. Ogotemmelí mal estava sentado em sua soleira e o europeu absorvido pela investigação que o terreiro começou a comandar suas forças; galinhas espetadas nas cabaças com restos de cerveja neles ou riscados nas rochas ocas, prontos para se dirigir à parede ao menor sinal de sombra que passe por cima. Alguns deles, no calor do dia, até se empoleiravam nos sapatos de lona de estranhos, de modo que ele não ousou mais mover um dedo do pé. As galinhas com suas vozes piando eram uma boa companhia mas os galos, e especialmente o galo do Hogon, perturbaram a sequência das cosmogonias de Ogotemmelí e interromperam suas frases por seus gritos altos e movimentos de agitação. Ogotemmelí, olhando para cima do vão da porta, amaldiçoou vigorosamente, expressando a esperança de que encontrariam um terminar cedo na panela. Um momento depois ele iria

resumir, em tons lentos e monótonos, o discurso que teve interrompido no meio do trovão do ferreiro e o mecanismo do céu. Houve uma longa semana de intervalo de trabalho no norte tentando, entre o sexto e sétimo dia de entrevistas com Ogotemmelí, e o europeu estava ansioso para renovar as versões. Sentou-se em seu habitual assento de pedra, colocou no chão e jogou nele as goiabas que colocou para almoçar. Desde a chegada do ferreiro', disse Ogotemmelí, eu tinha articulações. Até então eles tinham ossos flexíveis que não dobravam o suficiente. Um braço flexível não é bom para o trabalho.' Mas apenas as armas, ele acrescentou, e as mãos nuas eram limitadas em o que eles poderiam fazer. Assim, nos meses devidos, o ferreiro deu aos homens ferro na forma de enxadas que ele colocou cabos. A enxada deu ao homem um braço mais longo. A introdução da enxada foi inevitavelmente o sinal para mão de obra agrícola. Até então, havia apenas algumas plantas da terra, como o algodão, que foi colhido para espeleologia, mas não cultivada. Da mesma forma, antes da descida do celeiro celestial havia apenas alguns animais, como a formiga, o cupim, o chacal, e talvez também o escorpião e o chamado lagarto 'Sol'. Mas o uso da enxada para abrir a terra e a semeadura não foram suficientes para iniciar a agricultura em seu curso. Para aquela abundância de chuva era necessária, também era necessário que os homens estivessem organizados em todos os propósitos de Deus que deveriam ser cumpridos. Oito famílias, descendentes dos oito antepassados, viviam na Terra; o mais velho de todos esses homens pertencia a oitava família. Embora todas as famílias fossem iguais em hierarquia, a oitava gozou de um privilégio especial. 'Sete', disse Ogotemmelí, 'é o posto do mestre de Discurso; $I + 7 = 8$. O oitavo grau é o da própria Fala. A fala é separada daquele que a ensina, isto é, o sétimo ancestral; é o oitavo ancestral. O oitavo ancestral é o fundamento da fala que todos os outros ancestrais usam e que o sétimo ensinou.' O homem mais velho então vivo, portanto, porque ele pertencia

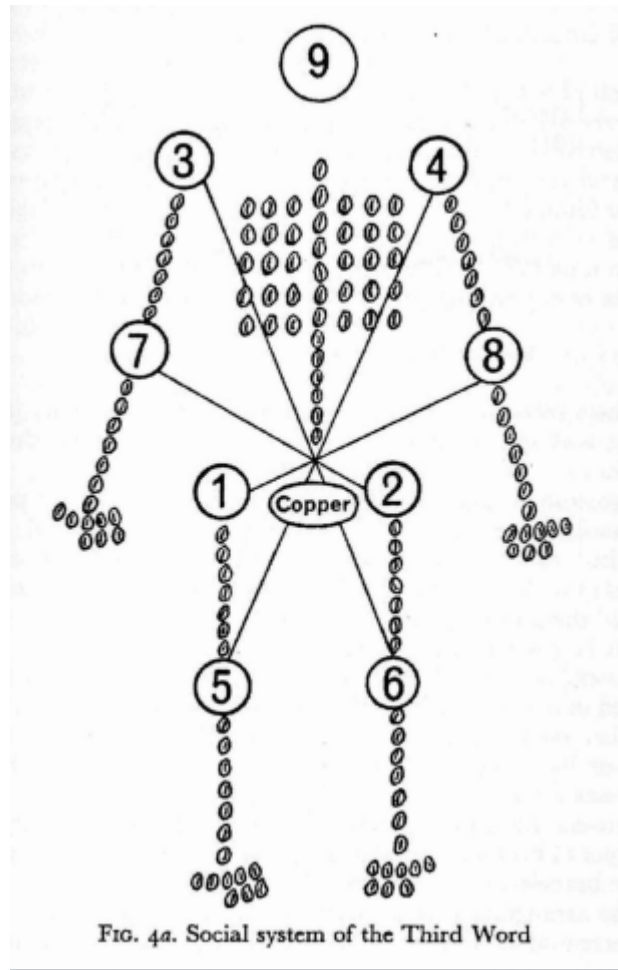
à oitava família, era de todos os seres vivos na terra o mais ' verdadeiramente representativo da Palavra. Seu nome era Lébé. Mas os homens possuíam uma palavra mais antiga, a segunda, que eles tinham aprendido com a tecelagem; e esta Palavra teve que dar lugar a Terceira Palavra. A nova Palavra deveria ter sido comunicada pelo sétimo ancestral Nummo, que havia sido morto por homens, e cuja cabeça estava agora sob o assento na forja na seção norte do campo primal. O homem mais velho teve que morrer para passar para o mesmo mundo como o sétimo ancestral, e assim permitir que os propósitos de Deus fossem cumpridos. Então ele morreu. 'Mas não realmente', disse Ogotemmelí: 'apenas na aparência. As pessoas comuns foram informadas de que ele estava morto, assim como eles haviam dito que o sétimo ancestral havia sido morto e comido. Mas, na realidade, nenhum deles estava morto. O velho não podia morrer, porque a Morte não apareceu em cena até mais tarde. O sétimo ancestral não poderia morrer, porque ele era um Nummo.' 'Então por que enganar o povo?' perguntou o europeu. "Para fazê-los entender melhor as coisas", disse o cego. Ele prosseguiu: Quando o velho morreu, eles o deitaram no chão enquanto cavavam uma sepultura, orientada norte-sul no campo não muito longe da ferraria. Nisso eles o enterraram deitado de costas com sua cabeça para o norte, isto é, na posição da terra, e exatamente no seu umbigo, ou seja, no seu centro. A razão pela qual eles o deitaram de costas estava em ordem para que os propósitos de Deus fossem cumpridos, e também porque os homens nada sabiam sobre a morte ou sobre cerimônias funerárias, como o tempo continuou, quando as pessoas morriam, elas eram colocadas no fundo de sepulturas ou em cavernas com suas cabeças para o norte, machos em sua direita e as fêmeas à esquerda, na posição em que eles dormiam na cama-plataforma do segundo quarto. Eles não dobravam seus membros por alguns momentos, como deveriam fazer depois com todos os seus mortos, de modo a dar-lhes temporariamente a forma do feto e assim prefiguravam a regeneração. O campo primordial continha, assim, por um lado, o corpo do homem mais velho, que pertencia à oitava família, que era do posto da Palavra. Também continha, sob a pedra do ferreiro, a cabeça do sétimo antepassado. Os primeiros sons da ferraria começaram a ser ouvidos. Eles

penetraram nas profundezas da terra e atingiram o sétimo ancestral, a quem os homens mataram. Como os sons rítmicos do fole soprando o fogo e o martelo batendo na bigorna desceram até ele, o sétimo ancestral Nummo tomou sua forma espiritual de um tronco humano terminando em um réptil. Levantando-se em sua cauda, com movimentos regulares de seus braços estendidos na frente e empurrões rítmicos de seu corpo ele nadou no primeiro movimento de dança, que o levou ao subsolo para o túmulo do velho. Ao ritmo do trabalho do ferreiro ele foi até o norte do corpo onde estava o crânio e passou a engolir. Ele o recebeu em seu ventre e lhe deu uma nova vida. Então, sempre no mesmo ritmo dos mesmos sons, ele expeliu para o túmulo uma torrente de água e o ser transformado. No local onde estivera o corpo, esta água, símbolo de torrentes impetuosas e de poças estagnadas, jazem em um grande lençol, de onde saíam cinco rios que fluíam nas direções da cabeça e dos membros. A água também era a água do parto. O ventre de Nummo mal transformou os ossos do homem em pedras coloridas, e os ejetou no fundo da tumba para formar o esboço de um esqueleto deitado de costas no local onde o corpo tinha estado, com a cabeça voltada para o norte. 'O sétimo ancestral', explicou Ogotemmelí, 'engoliu o velho de cabeça para baixo, e trouxe as pedras *dougue*, colocando-as na forma do corpo esticado. Foi como o desenho de um homem recortado com pedras. O contorno também era como o contorno da alma de um homem que o Nummo faz a cada nascimento, e ele indicou, pelo arranjo das pedras, a ordem da sociedade humana. 'Ele organizou o mundo', disse Ogotemmelí, 'vomitando as pedras *dougue* no contorno da alma de um homem.' Ele colocou as pedras, uma a uma, começando com a da cabeça, e com as oito pedras principais, uma para cada ancestral, ele marcou as articulações da pelve, dos ombros, dos joelhos e dos cotovelos. O lado direito veio primeiro; as pedras dos quatro ancestrais masculinos foram colocadas nas juntas da pelve e dos ombros, isto é, onde os membros foram anexados, enquanto as pedras dos quatro ancestrais femininos foram colocadas nas outras quatro juntas.

'As articulações', disse Ogotemmel, 'são a parte mais importante de um homem.' Em seguida vieram as pedras de importância secundária designando os ossos longos, a coluna vertebral e as costelas. Todos esses *dougue* eram pedras de aliança que o totêmico, os sacerdotes mais tarde usariam em volta do pescoço. Eles eram promessas do afeto dos oito ancestrais, depositários de sua força vital, que eles desejavam colocar novamente em circulação em seus descendentes. O *dougue* eram oito em número como os oito ancestrais ou os oito tipos de semente. Eles representavam os oito anciãos no origem da humanidade; e os oito homens, as oito sementes e as oito articulações são todas da mesma ordem que o *dougue*. Todas as cores do arco-íris, ao longo do qual o ferreiro tinha descendentes, foram representadas, mas não em sua ordem natural: a perna esquerda estava quase preta, a perna direita e o braço esquerdo estavam avermelhados, e o braço direito quase branco. Mas só a cor dominante de cada membro era distinguível: o esqueleto como um todo era multicolorido. As cores dos oito *dougues* principais, atribuídos aos ancestrais diferentes de acordo com sua posição, recordaram as cores dos órgãos do celeiro celeste ou das sementes correspondentes. A primeira pedra, castanha-amarelada como o vestido Dogon, foi a cor do estômago (compartimento 1); a segunda) avermelhada com uma linha branca atravessada, era a cor da moela (compartimento 2); o terceiro era vermelho como o coração (compartimento 3); o quarto era esbranquiçado como painço fêmea (compartimento 4); o quinto era marrom como feijão (compartimento 5); o sexto era preto como azeda triturada (compartimento 6); o sétimo era rosa como o fígado (compartimento 7); o oitavo era verde e branco como fel (compartimento 8). Numo também cuspiu as unhas do morto na forma de búzios, oito para cada mão e cada pé. Ele os colocou no lugar das mãos e pés começando com a direita na seguinte ordem : Um búzio no segundo dedo e outro no indicador, para indicar que os dois primeiros ancestrais eram gêmeos;

um búzio no polegar, o terceiro ancestral tendo nascido individualmente; um no dedo anelar e outro no dedo mínimo para o quarto e quinto ancestrais, que também eram gêmeos; um além do polegar, indicador e segundo dedo para o sexto, sétimo e oitavo ancestrais. O europeu notou, aliás, que os búzios 7 e 8, os

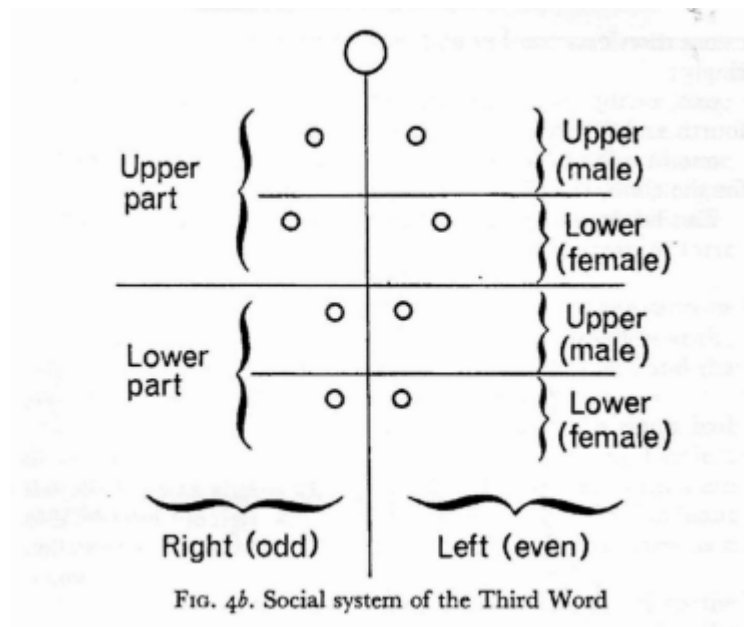
52



Sistema social da

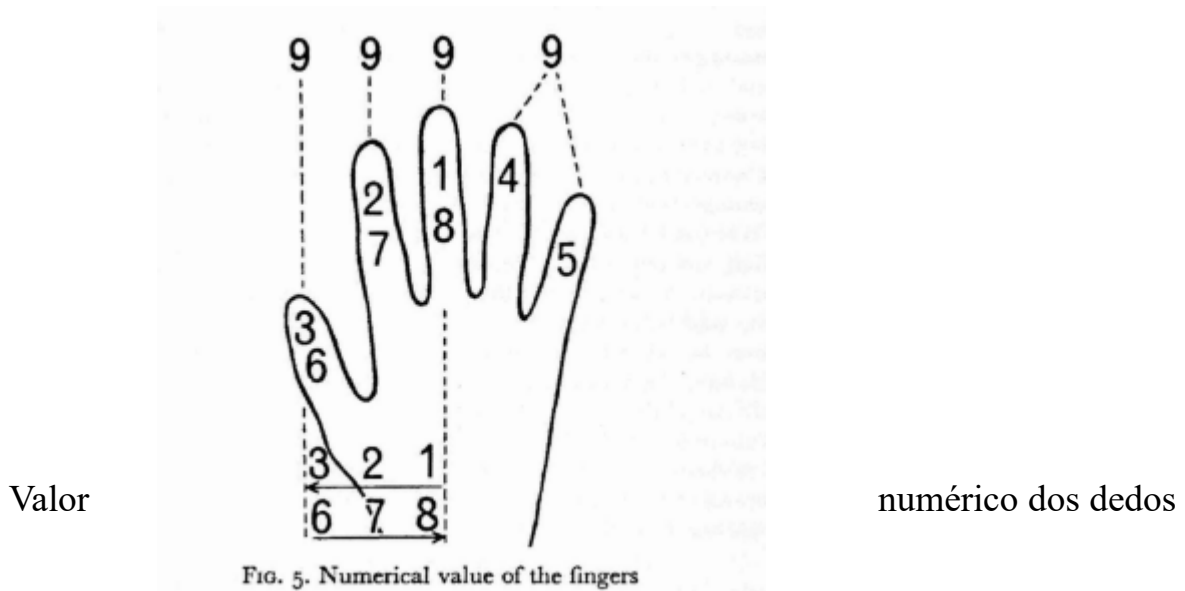
Terceira Palavra

52



números relativos à fala, foram colocados em dois dedos (indicador e segundo dedo), que entre os Dogon 'dividem' Palavras. Ogotemmelí não ofereceu muitas explicações sobre este ponto. Ele disse, no entanto, que quando qualquer suspeita de jogo sujo ligado a uma morte, o segundo dedo do morto foi deixado fora do sudário e ligeiramente curvado, a fim de apontar e 'pegar' o homem culpado. Mas ele voltou aos búzios. 'Mais tarde', disse ele, 'quando o comércio foi inventado, búzios foram colocados em montes de oito na ordem dos dedos. Além disso número de homens contados por tantas vezes oito como havia unhas nas duas mãos, ou seja, por oitenta. Oito vezes oitenta, ou 640, era o limite.' Entre as pernas do contorno o Nummo colocou cobre, o produto de sua digestão e o metal que mais tarde foi usado para fazer pulseiras para fins rituais. A disposição das oito pedras das juntas veio depois para determinar o sistema de casamentos com base no princípio da

alternância entre esquerda e direita, superior e inferior, ímpar e mesmo, masculino e feminino, como segue: primeira família (coxa direita, macho) com oitava família (esquerda antebraço, feminino); terceira família (braço direito, masculino) com sexta família (perna esquerda, fêmea); quinta família (perna direita, feminina) com quarta família (braço esquerdo, macho); sétima família (antebraço direito, feminino), com segunda família (coxa esquerda, homem). O princípio da alternância foi levado tão longe que, no caso de superior e inferior, por exemplo, não era só entre as partes superior e inferior do corpo, mas entre as partes superior e partes inferiores de um membro que as uniões foram autorizadas. Por exemplo, uma coxa (parte inferior do corpo, mas parte superior de um membro) com um antebraço (parte superior do corpo, mas parte inferior de um membro). O sistema de casamentos era organizado de tal forma que a soma dos números que representam a posição das duas famílias sempre foi 9, que é o posto de chefia.



Quanto à pedra no lugar da caveira, também tinha o posto de 9, como deveria ser atribuído à chefia em cada família. Os búzios colocados no lugar dos dedos também indicavam o sistema de casamento, o segundo dedo tendo a classificação de 1 e 8, o dedo indicador o de 2 e 7, e o polegar o de 3 e 6. A ideia era mostrar que o acasalamento de fileiras era indicado em um único dedo. Acasalar e casar significava unir-se em um. O 4 e o 5 dos dedos anelar e mínimo representavam o acasalamento de gêmeos de sexos opostos, ou seja, de dois seres formando apenas um. (Não eram o quarto homem e a quinta mulher ancestrais gêmeos?)

A conta de Ogotemmelí não prosseguiu sem interrupções. Para começar, ele teve considerável dificuldade em sua exposição das articulações. Como era impossível para ele fazer desenhos na poeira, ele deu forma concreta aos seus cálculos tocando em suas coxas ou antebraços. Além disso, seu discurso foi interrompido dezenas de vezes por aves, cachorros e mulheres curiosas por exemplo quando ele estava descrevendo a dança subterrânea da ressurreição, Koguem se lançou para o pátio, agitando os braços, bufando e assobiando como uma cobra. Ele voltou a dar a mão ao europeu, pedaços dilapidados de uma goiabeira, que uma galinha com seis pintinhos tinha roubado de seu topete. 'Pobres brutos!' disse o europeu, atirando a fruta à galinha, que fugiu, tomando-a por uma pedra. 'O que está acontecendo?' perguntou o cego. Koguem explicou; Ogotemmelí, erguendo os olhos da porta, ficou indignado. Estendendo as mãos, pediu as frutas, que ele então dividiu em três e distribuiu entre os três. 'Galinha', resmungou, 'não tem direito de comer goiaba.'

OITAVO DIA

A Terceira Palavra e a obra da redenção

A colheita do milho já havia acabado há muito tempo. Entre os dois Ogols, no campo de Hogon, os talos secos farfalhavam ao menor sopro de vento. A terra teve que esperar por uma temporada inteira de vento e sol antes de ser aberta novamente. Não por muito tempo os camponeses começariam a contar a colheita por sua altura, observando ansiosamente seu crescimento enquanto isso ajudando-os com sacrifícios de aves, com orações incessantes e precauções complicadas. Seria meses antes da primeira aparência dos caules jovens, saudada como 'pontas do nariz', ou o primeiro sinal das folhas dobradas ao vento como '*cocks* caudas', ou antes da terra, desaparecendo sob um tapete verde de crescimento, seria descrito como 'montículos escondidos' ou a expressão 'engolir as bestas' indicaria que os talos eram altos o suficiente para esconder uma ovelha de vista. O europeu caminhava pelos trilhos elevados acima dos campos colhidos em que se destacavam os baobás verde-rosados contra o sol nascente. Ele sabia os nomes de todos os países Ogol e a ordem cronológica de seu plantio para vinte anos atrás. Ele admirou de longe a oitava da lista, Adama, o maior de todos. Nove homens com ligação de braços dificilmente seriam capazes de envolver seu tronco. Adama era maior que o baobá Gravel, cujas sementes eram como areia, maior que o baobá Ropy, cujo fruto dava um creme escorrendo como queijo, maior também do que o Alto, ou retorcido Ancestral, ou Pequenas sementes, Alto florescer, Pequeno Volume ou *PlacPlac*, cujos frágeis frutos se rompem ao cair. Então, como ele fez seu caminho para as ruas estreitas e assumiu sua posição em pátio de Ogotemmel, ele lançou um olhar para os mais altos ramos, visíveis acima dos telhados, da árvore conhecida simplesmente como

o Baobá sem maiores qualificações, o ancestral de todos esses crescimentos monstruosos. 'O velho que o sétimo Nummo comeu', disse Ogotemmelí, 'chamava-se Lébé. As pedras que todos os sacerdotes usam em volta de seus pescoço são seus ossos.' Mas os homens não tinham conhecimento das ressurreições subterrâneas no momento em que ocorreram. Eles não adquiriram o tesouro das pedras imediatamente depois de terem sido colocadas lá. Eles não sabiam o que causaram as chuvas que agora começaram a cair e foram o sinal para a limpeza do campo marcado pelo ferreiro. Essas primeiras chuvas, de fato, foram para fins de purificação. O sétimo Nummo, um espírito puro, ao engolir o velho, havia assimilado a natureza humana contaminada e a segunda Palavra. Quando vomitava ao ritmo das pancadas na bigorna, foi ejetado, com as pedras puras da aliança, um líquido que carregou a impureza. Este líquido se espalhou em poças estagnadas e rios caudalosos, esculpindo vales e cavidades inundadas. Ele teve que ser varrido e substituído por água pura e benéfica. Isso foi feito pela chuva que o Grande Nummo no Céu enviou para ajudar o sétimo Nummo em seus trabalhos. Mas esta água do Céu não apenas repeliu a cheia dos rios e assim regou o campo primordial, possibilitando ao ferreiro ensinar a arte de semear. Foi muito mais tarde, segundo alguns, que os homens aprenderam os prodigiosos eventos que aconteceram no subsolo. A terra tornou-se muito pequena para suas necessidades, e eles decidiram emigrar em massa, visando, no entanto, manter seus vínculos com o passado, e para ter o mesmo solo sob seus pés, eles abriram o túmulo de Lébé, pretendendo levar os ossos e a terra com eles quando eles fossem. Foi então que descobriram o arranjo de pedras lançadas pelo sétimo Nummo e o próprio Espírito na forma de uma serpente. Segundo outros, eles fizeram essa descoberta no primeiro ano de cultivo, quando chegou a hora de dar ao campo seu primeiro curativo. Outros ainda dizem que enterraram Lébé e semearam a semente no mesmo dia. Foi na colheita que abriram a sepultura, pensando que o velho havia ressuscitado como o painço.

Dessa forma, portanto, a organização espiritual e a material andavam de mãos dadas. Como no caso da primeira e da segunda Palavras, a instrução a respeito da Terceira Palavra foi incorporada em processos técnicos. 'Mas por que', disse o europeu, voltando a sua antiga pergunta, 'por que o sétimo ancestral deve ser morto? E por que ele deveria comer Lébé por ser um descendente do oitavo ancestral?' 'O sétimo Nummo comeu Lébé,' respondeu Ogotemmel, 'em ordem para que os homens acreditassem que as pedras eram seus ossos digerido e transformado para que o caso seja um assunto de homens e não do céu, de modo que algo do céu deve tornar-se parte da natureza humana; era para fazer homens acreditarem que o velho Lébé, o mais antigo e venerável de todos eles, e somente ele, estava presente nas pedras da aliança. Isto foi para que os homens pudessem entender todas as coisas que ele havia feito, que o Nummo desceu sobre o esqueleto de um homem. — Você fala em “fazer” as pessoas “acreditarem”, estava lá então algo secreto, que eles não deveriam saber?' 'Se você quisesse explicar o que aconteceu a alguém que não sabia nada sobre isso, para um homem comum, você diria que o Poder desceu do céu para comer o velho e mudar seus ossos em pedras benéficas.' 'Mas qual é a verdade?' 'Se alguém quisesse explicar isso para você, um nazareno, seria dizer que alguém desceu do céu como uma mulher com vestido e ornamentos de uma mulher, e comeu o velho, e por isso as pedras não são os ossos dele, mas os ornamentos dela.' "As pedras e búzios", acrescentou, "estavam contidos no jarro no ponto de encontro das divisórias no centro do celeiro.' 'Mas por que', insistiu o europeu, 'foi o sétimo ancestral morto?' Não houve resposta. 'O sétimo Nummo', continuou Ogotemmel como se falando consigo mesmo, 'sacrificou-se'. Ele sozinho poderia fazer isso, ele o mestre da fala, ou seja, o mestre do mundo. Sem ele nenhuma reorganização era possível. Ele pode dizer que não disse, mas pode ter dito: "O que eu fiz, o trabalho que realizei e a Palavra que falei, é: *ku ma*

inné déga dâ bébadou", que significa "minha cabeça caiu a salvação do homem"! Lébé foi comido porque era descendente do oitavo ancestral, da família da Palavra. A Palavra é a coisa mais importante no mundo. Ao comer Lébé, o sétimo Nummo, o mestre da fala, pegou tudo o que havia de bom na Palavra anterior e incorporou-o nas pedras. Tudo isso que estava impuro foi lançado fora com a água e levado pelas chuvas. O sétimo ancestral, morto apenas na aparência, comeu Lébé, também morto apenas na aparência. Ao comer o homem, ele pegou o que era bom nele, mas, por sua vez, ele deu sua força vital para a carne humana do homem, isto é, aos homens: porque, ao fazer isso para o primeiro homem ele fez isso para toda a humanidade. Assim porque o sétimo ancestral consumiu Lébé, descendente de seu irmão, o oitavo ancestral, suas respectivas forças vitais foram misturadas. 'E o que dizer de suas almas? O que aconteceu com eles?' 'Suas almas foram unidas e, embora permaneçam distintas, elas nunca são separadas. Todos os anos, no Grande Sacrifício em homenagem a Lébé, os homens que comem a vítima representando o ancestral pedem que assim permaneça sempre. Eles vão ao santuário e dizem: "Que Nummo e Lébé nunca deixem de ser a mesma coisa boa que são agora! Que eu, como eles nunca perca essa identidade!", "Em suma", disse o europeu, "é um caso de naturezas celestiais indissolivelmente ligadas.' Mas o europeu nunca se interessou muito por suas próprias especulações. 'Ainda assim', observou Ogotemlli, 'o novo Lébé que emergiu do vômito, é o Lébé a quem hoje honramos...' Ele se recompôs. Era uma coisa difícil de explicar. Além disso, a esposa do Hogon tinha acabado de entrar no pátio e cumprimentou-os. Ela era uma velha com uma voz suave, que em certas Palavras por causa de palpitações do coração, inclinando sua pequena cabeça redonda para frente, olhos arregalados e de boca aberta, ela ouviu atentamente o que o europeu disse a ela. 'Deus traz você!' ela disse. 'Dê-me uma cura para o meu coração!' "É coisa velha", explicou. 'Como alguém pode fazer um novo coração de um velho?

Ele repetia essa piada para ela toda vez que se encontravam, porque ele sabia que isso a fazia rir até chorar. Ogotemmelí havia parado de falar após os intermináveis cumprimentos serem concluídos e permaneceram em silêncio enquanto a velha estava se movendo no pátio até que ele ouviu ela se ir. 'Não se pode falar de Lébé', disse ele, 'antes da esposa do Hogon.' O Hogon é de fato o sacerdote de Lébé, o homem mais velho do grupo e o mais alto dignitário religioso. 'As mulheres têm ouvidos', ele sussurrou como se transmitisse a mais confiança sacerdotal. Essa cena se repetia uma dúzia de vezes por dia. Agora foi a esposa de Hogon, a esposa de um sacerdote totem, agora uma garota incircuncisa, agora um velho desconfiado, agora um ferreiro, que vagavam pelo pátio, ou mostravam a cabeça no vão na parede de pedra. Não se podia falar do Lébé na frente da esposa do Hogon, dos oito ancestrais diante da esposa de um sacerdote, do Nummo na frente de um ferreiro ou de qualquer coisa antes de tolos. 'Lébé', disse Ogotemmelí, continuando seu discurso, 'foi algo novo no registro dos oito.' Ele quis dizer com isso que oito era em certo sentido o último dos símbolos numéricos, e não havia nada além disso. Por 'Lébé' ele quis dizer, não o velho homem original, mas o novo ser elementar resultante da união do velho e do Nummo. 'Lébé', disse ele, 'está em algum tipo de nono poder, como se ele tivesse sido criado pelo ancestral Nummo e pelo descendente do oitavo ancestral.' Ele também quis dizer que o descendente do oitavo ancestral era como o próprio oitavo ancestral. Mas na série de Nummo os ancestrais sétimo e oitavo são ambos do sexo feminino. 'Lébé é uma nova Palavra criada por duas mulheres. O poder é filho de um pai desconhecido, como um bastardo; isto não se sabe qual dos dois, o sétimo ou o oitavo jogou a parte do macho.' Mas Ogotemmelí teve o cuidado de explicar que tudo isso era uma maneira de falar, e que ele estava apenas tentando explicar ao Nazareno a ausência de um pai. Aliás o princípio de seres duais pode explicar esta criação. Já que todos

seres eram duais e bissexuais (embora com um ou outro sexo predominante) todos eram capazes de procriação, aparentemente sujeito à intervenção de um terceiro ser. No caso, portanto, dos dois ancestrais Nummo, o sétimo e o oitavo, acredita-se ser do sexo feminino, mas com um não-dominante elemento masculino, era possível que o elemento feminino em um foi fertilizado pelo elemento masculino (apesar de não ser dominante) no outro. 'Lébé', concluiu Ogotemmelí, 'procedendo como ele fez de o sétimo e o oitavo são classificados como 9; e esse é o posto de chefia. É indicado pela pedra colocada na sepultura na posição de caveira, e deriva da transformação da jarra central do espigueiro. É ao mesmo tempo o crânio e a jarra contendo as outras oito pedras. Neste momento, o camarada de Koguem, Allaye, trouxe-lhe uma cabaça de dez francos de leite, metade dos quais fora pago pela Koguem. "Você bebe primeiro", disse Allaye. Koguem bebeu em longos goles, os olhos voltados para cima para não perder de vista por um momento o outro, que o observava atentamente. 'Suficiente!' gritou Allaye, pegando de volta o navio. 'Suficiente! Eu sei quanto vale cinco francos de leite.

NONO DIA

A Terceira Palavra e os Tambores

POR sinais quase imperceptíveis o fato de que era dia de mercado ficou aparente. A semana Dogan tem cinco dias, o número de dedos em uma mão; dia de mercado, portanto, voltou com uma frequência que perturbava agradavelmente o costume europeu de cálculo do tempo. O dia de mercado tinha seus próprios sons e seus silêncios, sua luz e suas sombras, da sutil astúcia da madrugada, através do clamor febril do meio-dia, para o relaxamento da noite. A noite antes dos pequenos incêndios dos mercadores podia ser visto de Gona, piscando nas planícies de arenito que se estendiam em direção ao país de Kamma. Todo o horizonte estava rodeado de fardos de mercadorias embrulhadas em peles, bundas gordas aliviadas de suas cargas, clamor de homens tagarelando ou sonhando com ganhos. Ao nascer do sol, homens e mercadorias, com um baque de pés descalços, despejavam-se nos Ogols. Houve também uma mudança notável no volume de latidos nas abordagens ao mercado; os cães estavam agrupados em volta dos pátios dos açougueiros, atraídos pelo sangue que escorre sob as portas ou pelos buracos nas paredes. A partir da terceira hora do dia, a grande rocha de Dolo foi banhada pela luz do sol e apinhada de homens. Nem uma única árvore lança a menor sombra sobre as pedras que formavam ásperas divisões entre os arremessos dos vendedores. A oeste o sol se inclinava abruptamente para o vale com suas lajes planas de rocha, entre as quais tépidas gotas de água corriam. Homens e as mulheres se agarraram a este emissário enquanto se arrastavam até o mercado, repleto de sol, calor e cheiros pungentes e liberando seu fedor transbordante nas cavidades abaixo. Todo mundo estava vestindo suas melhores roupas brancas ou forradas de pano de algodão colorido. Os homens andavam com suas túnicas de mangas compridas cortadas no pescoço, onde as pedras rituais pendiam. Os adultos usavam calças curtas apertadas na panturrilha, mas

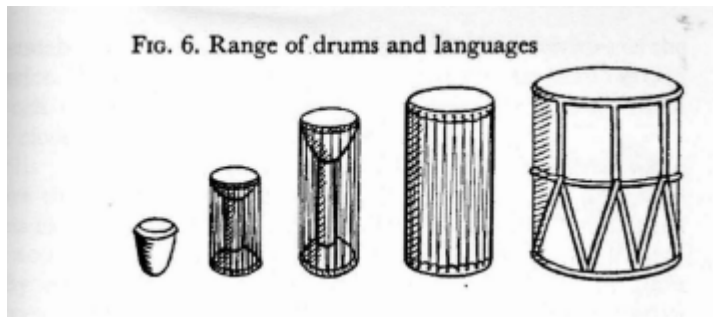
muito cheias no assento e ondulando para a direita e para a esquerda. O mais velho dos homens usavam por mais tempo chegando mais perto do chão, enquanto aquelas pessoas importantes eram de grande tamanho, embora nenhuma delas aproximou-se das dimensões da vestimenta usada pelo intocável Hogon, que nunca saiu da aldeia. A largura do assento variava com o status do usuário. Os meninos estavam vestidos com longas roupas brancas semelhantes a um tabardo, alguns dos quais estavam abertos nas laterais expondo as coxas. Esses chamavam-se 'Pega-me, mãe!' porque as crianças nestes eram mais fáceis de pegar e carregar. Todas as mulheres, seus corpos nus e seus seios flácidos ou firmes, usavam tangas de quatro tiras, pulseiras na dobra do braço ou no pulso, e colares de contas verdes ou vermelhas, enquanto suas orelhas eram ornadas com oito tachas de metal e os lóbulos eram adornados com um pingentes triangulares vermelhos. Devido às condições no exterior durante os últimos anos, houve pouca evidência daqueles trajes com babados, guarda-chuvas ridículos, óculos inúteis e outros bens comerciais de mau gosto que anteriormente eram derramados no país. Guerras distantes protegeram, a seu tempo, essas terras da invasão de tais bobagens. O mercado mexeu com as emoções de todos os homens e muitos dos animais de Kamma a Yugo. Ao meio-dia todos estavam imersos em seu zumbido agitado com as orelhas queimando e os olhos observando as compras modestas, mas emocionantes. O burburinho não se limitava ao mercado e à trilhas que levaram a ele; redemoinhos e incidentes atingiram o próprio fundamento das casas. Os velhos, dignos demais para satisfazer sua curiosidade misturando-se com a multidão, e o próprio Hogon, sem deixar sua morada na rocha, sabia a hora de hora em hora cada acontecimento, grande ou pequeno, em Dolo; e Ogotemmel em tempos comuns - isto é, antes de seu conhecimento com os nazarenos — estava no centro das notícias. Ele costumava ter clientes que aproveitavam sua jornada para procurar atendimento médico; e deles ele reuniu informações em primeira mão sobre os eventos em Yenndumman, Mendeli, Ninu e Pegue. Planície, planalto e seixos deram alta a seus enfermos e esportistas, estes últimos ansiosos para aprender como ter certeza de matar um cervo. Ogotemmel deu todos os conselhos, e sua reputação continuou a

ir de rua em rua e de pátio em pátio. Vendo o Nazareno ali, a enxurrada de visitantes recuou no quadrado da perplexidade. Desde o quarto dia das conversas, que por acaso era um dia de mercado, eles tiveram evitando o bairro de Tabda. Mas desta vez alguns espíritos ousados tinham chegado até a brecha na parede e os saudaram. A presença incomum do estranho havia assustado alguns e tirado os outros do semblante. Um *modus vivendi* teve que ser encontrado para esses dias excepcionais de multidão e confusão; e a conversa foi retomada apesar do burburinho. Ogotemmeli estava expondo o dom do terceiro Verbo e a obra de civilização e ressurreição em que se encarnou. O mais importante de todos os tambores, disse ele, era a axila tambor. Nummo conseguiu. Consiste em dois copos hemisféricos de madeira conectados através de seus centros por um cilindro delgado. É como uma ampulheta com um pescoço muito longo e estreito. Com este instrumento dobrado entre o braço esquerdo e a axila, o baterista, pressionando a estrutura oca de madeira fina, pode apertar ou relaxar a tensão nas peles e assim modificar o tom. O Nummo conseguiu. Ele fez uma figura com seu dedos, como as crianças fazem hoje em jogos com corda.' Mantendo as mãos separadas, ele passou um fio dez vezes ao redor de cada um dos quatro dedos, mas não o polegar. Ele tinha assim quarenta laçadas em cada mão, perfazendo oitenta fios ao todo, que ele apontou, foi também o número de dentes em cada uma de suas mandíbulas. As palmas de suas mãos representavam as peles do tambor, e assim, tocar tambor era, simbolicamente, tocar nas mãos de Nummo. Mas o que eles representam?

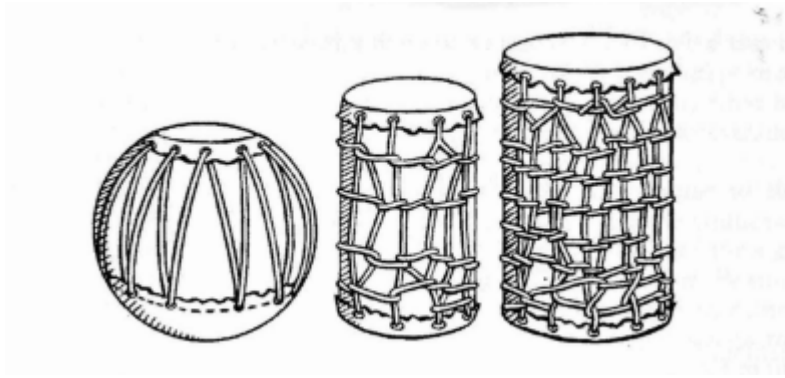
Colocando as duas mãos atrás das orelhas, Ogotemmeli explicou que o espírito não tinha ouvidos externos, mas apenas buracos auditivos. 'Suas mãos servem como ouvidos', disse ele; 'para permitir que ele ouça ele sempre os segura em cada lado da cabeça. Tocar o tambor é bater nas palmas das mãos do Nummo, isto é, bater em suas orelhas.' Segurando diante de si a teia de fios que representava uma trama, o Espírito com sua língua os entrelaçou com uma espécie de

corrente sem fim feita de uma fina tira de cobre. Ele enrolou isso em uma espiral de oitenta voltas, e durante todo o processo ele falou como ele havia feito ao ensinar a arte da tecelagem. Mas o que ele disse era novo. Era a Terceira Palavra, que ele estava revelando para homens, pois a técnica de fazer um tambor era semelhante à técnica de tecelagem; e o punhal com que o artesão perfura a borda das peles para passar o cordão de tensão através é um símbolo da lançadeira e da língua do Nummo. Espancamento do tambor também é uma forma de tecelagem. Os golpes da baqueta fazem o som pular de uma pele para a outra dentro do cilindro, enquanto a lançadeira e sua linha passam de uma mão para a outra na urdidura. 'Mas por que as espirais de cobre? Os tambores comuns não têm esses.' 'O tambor com enrolamento de cobre é mais fácil para o Nummo ouvir. É reservado para a chefia dos Aru. Ordinário, as pessoas não têm. Além disso, não é jogado, exceto em raras ocasiões. 'Quanto à espiral de cobre, é o canal para o som, ou seja, para a Palavra. Batendo a pele anima o cobre e a Palavra que Nummo tomou através do entrelaçamento do fio de tensão e a banda de metal. Do cobre o som passa para o tambor; ele então retorna para a tira de cobre, e dali reverbera nos ouvidos do Espírito, que são já alertados porque as peles os representam. Mas o tambor não se destinava apenas a ligar os homens ao Nummo. Isto ensinou-lhes a nova Palavra, completa e clara, da nova era.' Mas o tambor da axila não foi suficiente para ensinar esta Palavra, que teve que assumir muitas formas para atender às várias necessidades dos homens. Assim, o chefe de cada uma das oito famílias fez um tambor para seu próprio grupo seguindo as instruções do sétimo Nummo. Pelo tamanho de seu tambor e pela tensão da pele, o ferreiro da primeira família tomou seu fole como modelo. O corpo do fole sugeriu a ideia da caixa de som, e o couro com sua amarração servia de molde para a pele a ser batida. Assim foi feito um tambor com meio baobá, no qual foi esticada a pele de uma rã ou sapo. Parece o peito de uma mulher, e seu som é como o de uma criança quando

Tambores de alcance e linguagens



sugando. Neste tambor o ferreiro bateu os primeiros ritmos que tinha ouvido na pele dupla do fole, quando ele explodiu seu fogo na época da ressurreição subterrânea do Nummo. A segunda família tinha um tambor de axila de tamanho menor. A terceira família teve aquele que lhes foi ensinado pelo Nummo. A quarta família construiu uma caixa cilíndrica lembrando a pequena estatura dos primeiros homens. A quinta família fez o mesmo com um bloco maior de madeira, que emitiu um som alto como o rugido de um leão. A sexta família estendeu uma pele sobre a abertura de uma grande cabaça esférica em forma de barriga de mulher. Seu som é como os gemidos de parto. A sétima família fez uma caixa de um tronco de dimensões diferentes da quinta família. A oitava família tinha a caixa maior e era como a barriga de uma vaca, e devido ao seu tamanho dá um bom som de rolamento. Cada tambor tinha um som próprio e, portanto, cada família tinha sua própria linguagem, razão pela qual existem diferentes línguas hoje. As duas primeiras famílias, instaladas no Sul, falavam dois dialetos de Toro, não muito diferentes entre si; a terceira família falou Mendeli; a quarta falava Sanga; a quinta outra forma de Touro; a sexta Bamba; e a sétima Ireli. Por último, a oitava família recebeu uma linguagem que é compreendida em todas as partes do penhasco. Assim como o oitavo tambor domina todos os outros, então a oitava língua é entendida em todos os lugares. Foi assim que os homens receberam a Terceira Palavra, final, completa



e multiforme para se adequar à nova era. Estava intimamente associada, como a primeira e Segunda Palavras, e ainda mais do que elas, com objetos materiais. Nesse ponto, uma estranha reflexão ocorreu ao europeu. A Primeira Palavra imperfeita foi associada a uma técnica, processo de caráter simples e sem dúvida o mais arcaico de todos os processos, que produziram a forma mais primitiva de roupas feitas de fibra. A fibra, que não tinha nós nem tecido, fluiu em uma linha ondulada, e pode ser dito, portanto, ser de uma dimensão. A Segunda Palavra, menos restrita que a primeira, decorrente da tecelagem, feita em urdidura larga atravessada por fios verticais formando uma superfície, ou seja, tendo duas dimensões. A Terceira Palavra, de caráter claro e perfeito, tomou forma em um cilindro com uma tira de cobre enrolada, isto é, em uma figura tridimensional. Esses três processos técnicos (como ele observou ainda) todos procederam seguindo uma linha, ondulada ou em zigue-zague, e cada um foi caracterizado por três características distintas: umidade das fibras, garantindo o frescor necessário para a procriação; luz para a tecelagem, sendo este um processo à luz do dia, proibido à noite sob pena de cegueira; sonoridade do tambor. Houve também um desenvolvimento, desde o ponto de vista material, da casca aparada ao fio de algodão, e do fio às tiras de couro e a uma faixa de cobre. Ao longo da conversa deste dia, Ogotemmel parecia distraído. Ele estava, sem dúvida, em contato, através de invisíveis

canais com todas as atividades comerciais e políticas do Distrito. Seus pensamentos provavelmente estavam ocupados também com certos amigos a quem havia confiado comissões, entre eles amigo próximo que deveria trazer-lhe o tabaco.

Sua preocupação com este último relato foi perceptível mais de uma vez durante a conversa da manhã, e alusões para o serviço de sinal prestado pelo tabaco havia pontuado seu relato da Terceira Palavra. À noite, sua preocupação cresceu em uma certa impaciência perceptível. Ele realmente havia recebido o fumo, mas ele teria gostado de prepará-lo, pois as folhas tinham que ser reduzidos a pó, batendo-as em uma pedra e esmagando-as como grãos. No final, ele não conseguiu mais conter sua impaciência e disse que seria multado. 'Multado?' 'Não é proibido bater no chão à noite?' Estranho, realmente havia esquecido que à noite o silêncio deve ser preservado, em particular nenhum som de golpes no chão pode ser ouvido, ou rangido nas cavidades da rocha ou em morteiros. O tabaco, que esclarece ideias, merecia uma interrupção na narrativa cosmogônica. O europeu despediu-se. Ele passou por uma rotatória, pelo emaranhado de vielas estreitas, chegando finalmente à rua que atravessava os cinco quarteirões da aldeia. Era a hora da exaustão pós-mercado, a hora da saciedade, da mastigando transações comerciais bem-sucedidas. Em cada pátio se processava a digestão, a digestão de um dia de Palavras.

DÉCIMO DIA

A Palavra e o ofício de tecelagem

No dia anterior, o europeu não estivera na casa de Ogotemmeli. Ele estava ansioso para fazer sondagens em outro lugar para verificar e corrigir o que havia aprendido. ele tinha sido para Ongnonlu, um homem de peso no bairro Dudyá, pai de o sacerdote designado do santuário erguido em Ogoine. A entrada da casa de Ongnonlu era por uma sala baixa dando para um barracão aberto, que por sua vez dava para o monturo. Todas as casas Dogon parecem feitas para homens pequenos. Koguem teve que se sentar primeiro em uma pedra e depois em um galinheiro em forma de umbilical no qual uma galinha choca cacarejava. Ongnonlu agachou-se em um pedaço de madeira colocado sobre o monte de esterco, que ocupava todo o pátio. O europeu sentou em uma lata, o assento de honra. Dezessete ovelhas e cordeiros vagavam de um lado para o outro incessantemente como as ondas na praia. Nenhum deles poderia decidir conduzir os outros ao longo da rua para um local aberto. De vez em quando a maré lanosa bloqueava um esquina segurando o tráfego. Ongnonlu provou ser uma fonte de informação de primeira linha. Houve ligeiras reticências quando a conversa tocou em certos assuntos reservados; mas no geral ele forneceu verificações admiráveis nas informações de Ogotemmeli. As ovelhas passaram pelo espaço estreito entre o europeu e Koguem, que estavam sentados separados a menos de um metro. Por um momento, as fileiras dos intrusos se alargaram, apenas para ser estreitado novamente quando eles passaram entre duas mulheres girando, até que finalmente, após um momento de hesitação, eles apareceu na entrada estreita da casa de habitação. Mas as mulheres e Ongnonlu estavam tão concentrados em conversar com o europeu, observando-o com o canto dos olhos, e

geralmente se acostumando com sua presença, que eles não tomaram aviso das ovelhas. Ongnonlu estava expondo o mistério da Morte, a pompa e circunstância do homem, e a invenção de materiais. De repente, ele aguçou as orelhas: seu rosto moreno, enrugado em um sorriso agradável, relaxado enquanto se virava para o fundo da pátio. Ele saltou com um grito, puxando seu frígio boné (que estava escorregando) e, seguido pelas mulheres que largaram os pilões que tinham nas mãos, correram para a porta que se abria para o interior escuro e seguindo um grande barulho e três nuvens de poeira saíram da porta e nas aberturas das paredes laterais. Uma a uma as ovelhas emergiram e ficaram ali timidamente, ofuscadas pela luz. A cabeça de Ongnonlu apareceu acima de uma massa de lã. Cuspindo e fumegando ele dirigiu o rebanho em um beco sem saída entre a parede e o celeiro, e bloqueou a abertura com uma grande cesta. A porta da casa agora fechada, os atores nesta comédia voltaram, um para sua conversa e as duas outros para seus morteiros.

De repente, uma das mulheres fez uma pausa — Ongnonlu estava no momento enraizado no local — e correu para a porta, através da qual ela desapareceu. Novos gritos! Mais poeira! O maior dos carneiros, que seu senhor na pressa havia trancado, e o resto dos animais presos, quebraram a cesta, juntaram-se a ele e, ficando entre o europeu e Koguem, e foram direto para a entrada do quintal, pararam de repente, urinaram e acomodaram-se para dormir. Houve um quarto de hora de paz, durante o qual Ongnonlu explicou o simbolismo do assento torto usado em iniciações do tipo maior. Mas dois cordeiros ainda estavam no monte de esterco e, encontrando nada para comer ali, baliram. Os outros quinze imediatamente se reuniram à carga.

Comparado a esse caos, o pátio de Ogotemmelí estava cheio de charme tranquilo.

As conversas anteriores trouxeram à tona a preeminência de tecelagem; e o europeu agora pediu a Ogotemmelí para falar de sua técnica. Ele acabara de ver mulheres girando - como ele tinha feito uma vintena de vezes antes desde que veio pela primeira vez para a África

-e ao fazê-lo tinha testemunhado um ofício nativo em real operação. O aparato da embarcação consiste em quatro estacas verticais plantadas na terra e ligadas por barras horizontais, formando um prisma, onde um homem e suas ferramentas podem ser confortavelmente acomodados. A urdidura, estreita e sem fim, vem de um trenó amontoado de pedras, passa sobre um suporte horizontal e atinge o tecelão em um ângulo. Na parte operativa entre o suporte horizontal e a viga, em volta da qual o acabamento teia é enrolado, a urdidura passa pelo liço e daí através das barras da ripa, cujos dentes são feitos de lascas de junco. O liço, trabalhado a pé, provoca os fios da urdidura que sobem e descem alternadamente por meio de um bloco preso a uma viga transversal do tear. A ripa é equilibrada na ponta de uma pequena corda presa em ambas as extremidades. A lançadeira, feita de madeira afiada em uma ponta em cada extremidade, é jogada à mão. A fiação, que é trabalho da mulher, é feita com um fuso consistindo de uma haste fina, cuja extremidade é inserida em um espesso pedaço de terra seca. Com a mão direita a mulher gira o fuso e ajusta o fio sobre uma pele que protege o trabalhar a partir do pó. Na mão esquerda ela segura a massa de fibras de onde o fio é puxado. Ela seca os dedos com cinzas brancas de uma pequena cabaça. Primeiro, porém, ela terá descaroçado o algodão cru esfregando as fibras em uma pedra plana com um rolo de ferro de um palmo de comprimento, engrossado no meio. A cardagem é feita com um bastão. Ela guarda as sementes, colocando-as para secar até a próxima semeadura na padieira da segunda porta da casa, onde simbolizam seu sexo e a umidade essencial para a germinação. 'Uma mulher girando', disse Ogotemmel, 'é a sétima Nummo. O ferro de descaroçar, como o martelo do ferreiro, é um símbolo do celeiro celestial e, portanto, está associado às sementes. A vara de cardar é como a vara com que o ferreiro borrifou água em seu fogo para abafá-lo. A pele em que a mulher tece é o sol, pois o primeiro couro assim usado foi aquele do fole da forja, que continha o fogo solar. 'O giro do fuso é o movimento do cobre espiral que impulsiona o sol, e muitas vezes é representada pelas linhas brancas decorando o meio do fuso. O

fio saindo da mão da mulher, que é enrolado ao fuso, é a teia de aranha pela qual o sistema-mundo veio para a Terra do céu.

'O próprio fuso é a flecha que, com a teia de aranha ligada a ele, perfurou a abóbada do céu. também é a flecha enterrada no celeiro celeste.

'A cabaça contendo as cinzas para secar os dedos é a fêmea Grande Nummo. Lembra a cabaça na cabeça do carneiro celestial, um avatar do macho Grande Nummo. O freixo é o próprio carneiro, e também sua semente: o algodão fofo do qual fio é puxado é a sua lã.

'O novelo de linha que é puxado para formar a urdidura é o caminho do sétimo ancestral Nummo, e também o Nummo, ele mesmo em sua forma reptiliana. A bobina grande, que é enrolada girando está o sol rolando no espaço.'

'Será que o ofício da tecelagem desceu com a ferraria no sistema-mundo?'

“Sim, mas simbolicamente. A escada norte do celeiro representava a urdidura: os quatro feixes saindo da fachada ao nível do piso superior foram as quatro estacas verticais. A arca do tecelão era a porta do celeiro: a lançadeira é a fechadura que se move para lá e para cá quando se abre ou fecha. O bloco é o triangular pedaço de madeira que contém juntas as duas seções da porta.

'O ofício da tecelagem, em que o artesão trabalha de frente sul, é a casa do sétimo Nummo, e a estrutura do tear é composta de todos os oito ancestrais. As quatro estacas verticais (masculinas) marcam o quarto; as quatro barras horizontais (fêmea) representam o telhado plano. 'A arte também é o túmulo de Lébé no campo primal. O assento do tecelão é a plataforma de terra na qual o cadáver foi colocado antes do enterro. O fio da urdidura representa a abertura e fechamento da porta da tumba, através da qual o Nummo entra ou sai na forma do fio da trama, que representa um réptil, cuja língua é a lançadeira. O apoio para os pés do lado direito corresponde ao lançamento da peteca pela mão direita, sugerindo a entrada da serpente: o apoio para o pé esquerdo e a ação de arremessar com a mão esquerda sugere a saída. A fechadura da porta é o bloco, ao qual o liço é apegado.

“O liço com seus oitenta fios é o símbolo das mandíbulas do sétimo Nummo. O pente de cardar com suas oitenta faixas horárias marca o falecimento dos oitenta chefes de família, a emissão dos oito ancestrais e eles mesmos representados pelos oitenta fios ímpares e oitenta fios pares da urdidura. 'A teia rolou em volta da viga, contra a qual o tecelão se inclina, simboliza a serpente devorando o corpo morto: para o tecelão é o símbolo de Lébé morto e ressuscitado. “O produto típico do artesanato é o tecido que serve de um manto para cobrir os mortos. É feito de preto e branco alternativos, quadrados compostos de oitenta fios ímpares e oitenta pares da urdidura e os oitenta movimentos para frente e para trás da trama. A palhinha é composta por oito tiras costuradas, e cada tira deve consistir em oitenta quadrados, mas eles são tecidos de apenas vinte componentes. 'A cooperação do homem e da mulher, em armazenar as sementes, semear e cultivar o algodão, tem o mesmo significado que fiar e tecer, símbolos do amor. 'Fiar algodão e tecer roupas é exatamente o mesmo que um homem e uma mulher entrando em casa para dormir juntos e produzir filhos.

'O tecelão, representando um homem morto, é também o homem que abre e fecha o ventre da mulher, representado pelo fuso. Os fios esticados representam o ato da procriação. Os fios de algodão dos tecelões e os numerosos homens no mundo são todos um. A confecção do pano simboliza a multiplicação da humanidade.

'A arte de tecer de fato', disse Ogotemmelí em conclusão, 'é a tumba da ressurreição, o leito matrimonial e o ventre frutífero.' Restava apenas falar da Palavra, sobre a qual (disse ele) alicerçava-se toda a revelação da arte da tecelagem. 'A Palavra', disse o velho, 'está no som do bloco e o ônibus. O nome do bloco significa "ranger da Palavra". Todo mundo entende o que significa "a Palavra" nessa conexão. Está entrelaçado com os fios: preenche os interstícios no tecido. Pertence aos oito ancestrais; os sete primeiros o possuem: o sétimo é o mestre dele; é ele mesmo o oitavo.' Ele repetiu: 'As Palavras dos sete ancestrais preenchem as lacunas

e formam o oitavo. A Palavra, sendo água, segue a linha em zigue-zague do tecelão, explicou ele, canta enquanto lança a lançadeira, e o som de sua voz entra na urdidura, acrescentando e tirando junto com ela a voz dos ancestrais. Pois o tecelão é Lébé, o homem da oitava família e conseqüentemente o próprio Verbo.

O cego Ogotemmelí começou a murmurar em uma linguagem arcaica, duas linhas de um canto fúnebre, que os tecelões Onndom cantam quando tecem panos para os mortos.

. . . Preguiça para o pescoço disforme!

Oitenta menestréis e mais?, um tambor!

O Nazareno voltou para sua casa no final do dia por caminho do bairro Dodyu-Oreil, ao sul de Baixo Ogol, que se projeta como um promontório na margem da lagoa de Banana. No pequeno quadrado, quebrado em todos os lados pelos cantos de casas, havia alguns teares em frente ao abrigo do conselho. Perto havia um monte de terra, altar do sétimo Nummo. Despojado de tecelões e de suas urdiduras, a escassa coleção de estacas com suas barras de conexão de madeira pareciam lixo empurrado para um canto. Os tecelões, segundo regra, tinham parado de trabalhar no momento em que o sol tocou o horizonte. A tecelagem, como a forja, é trabalho diurno, para urdidura e trama simbolizam um ser de luz e linguagem, enquanto a centrífuga gira em torno de um sol de pele, e sua cabaça de cinzas brancas é um sol fertilizado. É justo, portanto, que o sol brilhe no ofício. Tecer à noite produziria uma teia de silêncio e sombra. Um tecelão que trabalhava depois do pôr do sol quando Deus fecha a porta do mundo, ficaria cego.

DÉCIMO PRIMEIRO DIA

A Palavra e o Cultivo da Terra

'É uma galinha que Amadigue, Gana e eu compramos juntos', disse Koguem. Koguem estava ajudando Amadigue em seus esforços para capturar a criatura, que havia escapado. Depois de uma perseguição selvagem nos campos e entre as rochas, o pássaro havia encontrado um refúgio sob uma rocha inacessível contendo objetos sagrados. Amadigue, portanto, sentou-se no local para esperar até que a sede levasse sua propriedade a céu aberto. Os outros o deixaram assistir, desejando-lhe sucesso. No esporão inchado do Alto Ogol, algumas ovelhas, lentas após dois mil anos de domesticação, mudaram, no entanto pular de rocha em rocha, com caudas balançando libertinamente, em voo de um menino pastor muito pequeno usando um chapéu tão largo quanto um broquel e portando um bastão e uma cuia. Deixando Alto Ogol à esquerda, eles se abstiveram de falar com algumas mulheres à sua direita, que esmagavam o fruto da *Lannea acida*, porque pensava-se que a fala prejudicava a clareza do óleo. Eles então desceram o caminho rochoso que levava ao campo do Hogon, sacerdote de Lébé, deixando para trás o pequena mancha nua não revirada por qualquer enxada, que simboliza o túmulo de Lébé. À esquerda, subindo as encostas de arenito e entrando no bairro de Guendoumman, era a pista escorregadia pela qual Lébé, na forma de uma grande serpente brilhante, passava todas as noites ao santuário da cidade. Mais longe na borda do campo pode ser visto a caverna em que ele vive durante o dia. Eles também tiveram que passar por cima do monte de pedras que é um dos altares principais de Lébé.

Sem contar os sítios dos baobás, considerados locais com nomes próprios, era necessário, ao sair do acampamento

para a casa de Ogotemmel, para caminhar por ou ao lado de cinco campos ou rochas, todos com nomes e limites bem definidos — Tenné, Ba Diguilou, Gou-mmo, Ogo Digou, Toummogou. Baixo Ogol foi necessário contornar três bairros diferentes — Amtaba, Guinna e Tabda. A distância do início ao fim, em linha reta, era inferior a duzentos metros. Além disso, cada seção do solo era divisível em lugares com nomes reconhecidos, e nas áreas construídas especialmente, com suas casas e praças públicas, era necessário manobrar para evitar locais de acesso ordenado. Visto do ar, o emaranhado de áreas habitadas, rochas, brechas, altares e árvores, todos com nomes próprios, que compunham a aldeia de Alto Ogol, parece ser inextricável.

Aqui o terreno era planalto, mas na área do penhasco, área rochosa, as paredes já não constituíam limites; a própria terra criou erguendo-se, parcelas subindo em níveis, algumas sobrepondo-se a outras, apresentando dificuldades insuperáveis a qualquer tentativa de levantamento topográfico. A fragmentação das propriedades de terra era irrestrita, a divisão do solo procedendo aparentemente em virtude de ocupação, como se os habitantes o organizassem rocha por rocha e monte por monte, impregnando-o com sua vida, dando seus nomes e traçando cada assentamento, simbolicamente, após o padrão no qual a terra foi organizada pela primeira vez em torno do local onde o celeiro celestial veio descansar. Na planície, a terra cultivada é como um tabuleiro de damas, o quadrados marcados por pequenas saliências com menos de um palmo largo; estes parecem mais inchaços na terra do que elevações barreiras. No país rochoso, onde o chão está quebrado, as divisões são irregulares, e na Sanga, os campos de Lulli são citados como um exemplo das regras para o parcelamento da terra. Mas o corte em quadrados foi levado a extremos nas roças de cebola da estação seca, onde as parcelas, a menos de um metro de largura, formam uma série de painéis regulares delimitadas por aterros de solo. Desta forma, a água da chuva ou da irrigação é retida na base das plantas e não escoar. A divisão básica da terra é o campo. 'A terra', disse Ogotemmel, 'é cultivada em quadrados, oito côvados de lado, cercados por aterros de terra.' A área de cada lote, explicou, é a do telhado plano do

celeiro celeste; e o gráfico é orientado de modo que cada lado enfrenta um ponto cardeal da bússola. 'O antigo método de cultivo', continuou ele, 'é como a tecelagem; um começa no lado norte, movendo-se de leste a oeste e depois de oeste para leste. Em cada linha, oito pés são plantados e o quadrado tem oito linhas lembrando os oito ancestrais e as oito sementes.' Além disso, dentro da linha o cultivador avança primeiro num pé e depois no outro, trocando a enxada de uma mão para a outra a cada passo. Quando o pé direito está à frente, a mão direita no cabo está mais próxima do ferro, e vice-versa quando ele muda de passo. Sendo o cultivo, portanto, uma forma de tecer um campo é como um cobertor feito de oito tiras, os quadrados pretos e brancos sendo representados pela alternância dos montes feitos em cada passo e as lacunas entre eles; um monte e sua sombra representam um quadrado preto. Todo o conjunto de campos ao redor de uma aldeia junto como pode-se dizer que a própria aldeia também lembra uma grande colcha, as casas com telhados brilhando na luz do sol sendo o branco dos quadrados, e os pátios deitados na sombra, o preto. As ruas são as costuras que unem as tiras. Se um homem limpa o terreno e faz um novo terreno quadrado e constrói uma habitação no terreno, seu trabalho é como tecer um pano.

Além disso, a tecelagem é uma forma de fala, que é transmitida ao tecido pelo movimento de vaivém da peteca na urdidura; e da mesma forma o movimento de vaivém do camponês em sua trama transmite a Palavra dos ancestrais, que é dizer, umidade ao solo em que ele trabalha, e assim livra a terra da impureza e amplia a área de cultivo, lugares habitados redondos. Mas, se o cultivo é uma forma de tecer, é igualmente verdadeiro dizer que a tecelagem é uma forma de cultivo. Essa parte da urdidura que não tem trama é a terra ou mato não cultivado. A teia acabada é o símbolo do campo cultivado. As quatro estacas do tear são as árvores e arbustos que são derrubados pela lançadeira, símbolo do machado. Para puxar o pente de cardagem consigo mesmo e carregar lenha para cortar, e para passar o fio da trama pela urdidura é trazer vida, água e pureza para o deserto.

DÉCIMO SEGUNDO DIA

A Palavra, o vestido e o amor

"É o filho de Menyu", disse Allaye. 'Desde que eu dei a ele um pouco de leite que ele tem vindo para o acampamento. Ele tem cabeça chata como o pai dele.'

Ele passou a mão no topo da cabeça enquanto falava, para mostrar o que ele quis dizer.

Desde o início da manhã, o acampamento foi cercado por crianças nuas à espera dos mil e um milagres com os quais a vida dos nazarenos é diversificada. Elas também estavam esperando até que a partida por Ogotemmelí deu-lhes a chance de colocar as mãos em pequenos artigos, exclamando em triunfo para o europeu que não conseguia nem manter seu lápis a salvo de suas depredações. Um ser minúsculo estava segurando-o no alto como uma flecha apontada para o céu.

A caravana partiu pela rota normal com alguns atrasos causados pelos porteiros, que paravam para assoar o nariz com os dedos e os limpar cuidadosamente nas solas dos pés. A festa se espalhou no campo do Hogan, e se espalhou na rua que separava Guinna de Amtaba, e caiu seus pequenos fardos, como uma inundação descarregando destroços nas rochas e pedras ocas do pátio. Seus corpos magros então desapareceu em Tabda. 'A primeira vestimenta tecida', começou Ogotemmelí, 'era de uma mulher em tanga. Foi costurado quando tiraram as fibras de dela.' Esta vestimenta, que tem quatro tiras em sinal de sua feminilidade, é usada transversalmente com as costuras horizontais. Ela cobre o corpo do umbigo até os joelhos, e é enrolada em volta da usuária sem qualquer fixação. A tanga da mulher está aberta, porque suas partes sexuais estão expostas. Caso contrário, ela não poderia ser engravidada.

A segunda roupa a ser tecida era uma calça masculina; o assento composto por três tiras (o número-símbolo da masculinidade), passando entre as pernas e cobrindo a barriga e ombros, com três tiras adicionais de cada lado para as coxas. O corpo é assim envolto em três vezes três tiras, um total que inclui os números simbólicos de feminilidade e masculinidade.

As calças são fechadas com um cordão, porque o sexo do homem está coberto. O nó que os prende é um símbolo de amor, a extremidade direita do cordão sendo o homem e na mão esquerda termina a mulher.

A terceira vestimenta tecida era o chamado vestido de 'mangas', feito de quatro longas tiras atrás e quatro na frente e três tiras de cada lado.

As quatro tiras na parte de trás lembram os quatro ancestrais masculinos, e as quatro na frente os ancestrais femininos. Para que o homem olhe e tenha a mulher que deseja à sua frente para a relação sexual.

As três faixas laterais são o número masculino.

A quarta coisa a ser tecida era a cobertura para os mortos, feita de oito tiras de quadrados pretos e brancos, que são as oito famílias multiplicadas e que reproduzem o layout de terras cultivadas. A cobertura ou mortalha é, portanto, um símbolo de vida e ressurreição. Nela o morto é dobrado por um curto tempo, como um feto no útero, para que ele possa ser novamente imerso na teia do vivente e no germinar dos campos.

A quinta peça de roupa era o boné feito de duas tiras simbolizando um par. Foi inventado na época da organização do mundo, e foi originalmente reservado para o Hogon, isto é, o chefe.

Originalmente todas as roupas eram brancas, da cor do algodão. Então os homens começaram a ter medo de empalidecer como o material, e tingiram suas vestes de amarelo açafião, a cor da terra, em para se parecer com sua terra. Mais tarde, inventaram a cor preto-azulada para a mortalha dos mortos, para a primeira mortalha, que foi enrolada no corpo de Lébé.

Muito se discutiu sobre a cor a ser adotada nesses casos, e demorou algum tempo até que o acordo pudesse ser alcançado. Mas eles escolheram o preto-azulado como a cor próximo ao carvão, que se assemelha à cor da pele dos

homens. Antigamente, porém, os homens eram chamados de *banu*, isto é, vermelhos, que é o que eles ainda chamam de peles de cor clara. Mas eles eram também da pele do ferreiro, enegrecida pelo pó de carvão. Ogotemmel não atribuiu nenhuma importância particular a essas questões de cor e número. Eles eram simples e óbvios. 'Vestuário', disse ele, 'roupas de homem, é o sétimo Nummo.'

Ele quis dizer com esta observação que vestir uma roupa (*soy*) era vestir-se com as Palavras (*so*) do Nummo, sétimo (*soy*) do nome; ele quis dizer também, e especialmente, que uma mulher usando ornamentos (*sey*) assumiu o disfarce do sétimo Nummo.

Nesse ponto ele começou com a observação inesperada de que as bocas das mulheres eram instrumentos de tecelagem.

Ele lembrou seus ouvintes do ensinado do sétimo Nummo quando afundado na terra; como ele abriu para a luz do sol sua boca de formigueiro, de onde foram desenhados os fios da urdidura.

Os dentes afiados são os aqueles do Espírito, através dos quais os fios foram desenhados. O pino de cobre fixo no centro do lábio inferior está a bobina de linha. Os quatro pregos (o número feminino novamente) nas laterais do nariz são as estacas do tear, e os pingentes de contas do septo são o seu eixo central.

Quando as mulheres ou os homens, aliás, limam os dentes, elas fazem para recordar o encadeamento dos oitenta ímpares e oitenta até os fios, que simbolizam a multiplicação das famílias. Eles também estão indicando seu respeito pela Palavra encarnada nestes fios, pela Palavra úmida que sai da boca, e pela água que bebemos, a essência do mestre da Fala. A linha em ziguezague formada por cada fileira de dentes também simboliza o caminho da água e da Palavra.

'Assim, tudo o que adorna o Espírito da água também pertence a mulheres.'

Ele quis dizer que os ornamentos femininos lembravam a aparência de Nummo e, especialmente, certos detalhes de seu corpo verde. O diadema de contas verdes no templo é a testa brilhante do Nummo: o colar representa as rugas de seu pescoço. As duas contas vermelhas nos cantos das narinas são os olhos dele.

O pente que faz a risca é como o pente de cardar que separa os fios da urdidura. Quando o cabelo está vestido no estilo *Kou tari* deve ter sessenta repartições no meio e dez de cada lado, perfazendo oitenta ao todo, a recordar as oito famílias. Mas isso não é possível. Além disso, as regras sobre vestuário não são rígidas e muito poucas mulheres usam todos esses ornamentos.'

Sobre os aspectos sociais do vestuário, Ogotemeli tinha muito a dizer. '

A tanga é apertada', disse ele, 'para esconder o sexo do corpo da mulher, mas estimula o desejo de ver o que está por baixo. Isso é por causa da Palavra, que o Nummo colocou no tecido. Essa Palavra é o segredo de toda mulher, e é o que atrai o homem. Uma mulher deve ter partes secretas para inspirar desejo. Se ela andava no mercado sem nada, ninguém a perseguia, mesmo que ela fosse muito bonita. Despida e sem adornos, ela não é desejável; mas vestidos os enfeites fazem os homens a desejarem, mesmo que ela não seja bonita. De muitas mulheres bonitas sem adornos os homens se afastam.'

Ele refletiu alguns momentos antes de acrescentar: 'Estar nu é ficar sem o que falar.'

No caminho de volta ao acampamento, Koguem comentou sobre o que foi dito sobre o vestido. 'Roupas', disse ele, 'dão satisfação, não apenas para o usuário, mas também para o espectador. É verdade que as mulheres atraem por seu vestir; mas elas também são atraídas por um homem bem vestido.' Ele descreveu como o desejo por roupas estava causando uma série de jovens a deixar o país. Todos os anos, disse ele, o governo lamenta, aqui nas falésias, assim como em outros lugares, a emigração em massa de trabalhadores no auge da vida, que vão para a Gold Coast para ganhar dinheiro e muitas vezes viver lá por anos e às vezes morrer lá.

Esses jovens, disse ele, que vão para a Gold Coast ou Bamako ou outros lugares, vão principalmente para comprar roupas. Eles ganham dinheiro lá e gastam quase tudo, em um dia antes de voltar, comprando bugigangas, turbantes ou guarda-chuvas, e se na volta pavoneiam pelo mercado ou em funerais. A veste os ajuda a se casar. Quanto mais roupas um homem tem, mais elegante ele é, e mais as mulheres vão atrás dele.

Koguem também preferia uma mulher comum enfeitada com ornamentos — meras roupas dificilmente o impressionavam — a um mulher bonita sem miçangas ou pulseiras. "Ogotemmelí está certo", disse ele. 'O adorno excita o amor. Isto cumpre seu propósito de atrair o macho, como o Nummo disse para fazer. E, se há uma ligação entre ornamentos e amor, isso porque os primeiros ornamentos de todos, os de Nummo feminino, estavam no jarro central do Celeiro Celestial, em que o Ferreiro desceu; e aquela jarra é o símbolo de o Ventre do Mundo.'

DÉCIMO TERCEIRO DIA

O Ferreiro

NO maciço rochoso, que o sul forma a praça central de Alto Ogol, em um pequeno canto de terra, a ferraria está escondida ausente. Ergue-se num terreno aproximadamente circular com paredes baixas de pedras sem argamassa e cheias de aberturas. Descansando sobre estes e apoiado no meio por uma estaca, é uma fina camada de galhos através da qual respingos de luz do sol caem dentro nas sombras.

As ferramentas e implementos estão espalhados no chão empoeirado sem qualquer ordem aparente. Embora o ferreiro tenha apenas à esquerda, a ferraria parece estar deserta há anos. O fole duplo, suas peles flácidas, aponta seus dois dutos para o fogo morto. A bigorna como um enorme espinho de ferro fica no chão apoiado em uma viga, que está enterrada. Contra isso são tenazes e alguns pedaços disformes de ferro. O martelo, símbolo da mão palmada do Espírito da Água, não deve ser visto ou está escondido ou o ferreiro o levou embora. Contra na parede existe um forno, feito de barro, com uma abertura na parte inferior levando a uma saída em forma de tigela virada perto de é uma pedra oca da qual a água evaporou.

No silêncio e na luz do sol toda a pobreza da ferraria é exposta. Aquela técnica que revolucionou o mundo, que desceu do céu, e com suas ferramentas quebrou os membros do primeiro ferreiro que explodiu o fogo - um 'fragmento do sol', ainda existe, mesmo nesta decadência.

O europeu fez questão de ir ver a ferraria antes de questionar Ogotemmelí sobre isso. Tendo estudado primeiro tecelagem, um ofício tido na mais alta estima, portador do dom da fala, ele queria aprender com o velho o significado dessa ferramenta mais primitiva. 'A ferraria', disse o cego, 'é como uma casa de habitação ou

novamente como uma pessoa, cuja cabeça é o forno e seus dois braços o fole com seus dois dutos.' **No campo primitivo, onde pousou o celeiro voador,** a ferraria foi erguida no lado norte, na borda do terreno que deveria ser limpo. É por isso que hoje as forjas são sempre erguidas no lado norte da praça central, que fica sempre ao norte da aldeia. 'Você pode ver', disse Ogotemmelí, virando a cabeça para o lado, 'você pode ver por cima do muro.' A praça central de Baixo Ogol estava de fato lá atrás do celeiro em ruínas do quintal à esquerda. A alta rocha central, a mó quadrada da casa do conselho, a pedra em forma de cubo conhecida como a 'Pedra dos Bravos' e, à esquerda, voltada para o norte, uma forja irmã do Alto Ogol, eram todas claramente ser vistas. Mas aqui tudo estava de acordo com a regra, enquanto na outra aldeia a planta da construção era completamente diferente. 'No início', disse Ogotemmelí, 'o ferreiro não tinha todas as ferramentas que tem hoje. **Ele não tinha martelo de cabo, lima e pinça. O ferro em brasa foi segurado na mão nua; e isso é algo que ainda hoje se pode ver, quando os ferreiros se reúnem para os funerais. Enquanto eles cantam as lamentações pelos mortos, eles pegam o ferro em brasa em suas mãos em memória da prática dos primeiros ferreiros.'** A principal ferramenta, ele continuou dizendo, **é o martelo. O celeiro celeste era um martelo; e todos acreditam que foi nesse martelo que as sementes desceram do céu.** O martelo é a mão palmada do Espírito da Água. O braço é o cabo em forma de cone e a própria mão é a face de quatro lados da ferramenta com a qual ela golpeia. O martelo também é todo o corpo do Espírito da Água, o Grande Nummo masculino no céu. Dois dos lados opostos são os braços e os outros dois as costas e o peito. O cabo em forma de cone é a cauda da serpente na qual termina a parte inferior de seu corpo. A bigorna é algo parecido com o implemento usado pelos ceifeiros; é a forma feminina do martelo e representa o Grande Nummo feminino. A laje no topo é muito estreita, mas retangular, e termina em ponta romba. Muitas vezes há um pequeno orifício nesta extremidade inferior, reminescente da parte desempenhada pelo martelo,

isto é, pelo celeiro, na organização do mundo, quando seu interior, simbolizado por este buraco, estava cheio de órgãos e sementes.

A viga na qual a bigorna está embutida é feita de um tronco de árvore de tamanho médio com cerca de um côvado quadrado de comprimento, aproximadamente. Ele está afundado na terra em uma linha norte-sul, como todas as camas dos homens devem se assentar. A madeira da bigorna é o leito das duas grandes Águas Espíritos. Quando o martelo bate no ferro, os dois se unem.

As duas painelas de barro do fole são modeladas em barro, com o qual se mistura lã de uma ovelha branca. Essa adição dá maior coesão ao material, que não é cozido, mas seco lentamente ao ar. A lã de ovelha é um símbolo do Carneiro celestial, avatar do Nummo.

Os dois potes esféricos simbolizam o Sol, sendo da mesma forma, enquanto a lã em sua argila vem do velo do Espírito, que é de cobre, o excremento do Sol. Eles também são associados a esse luminar pelas peles que os cobrem, e por meio das quais o ar é levado ao fogo. O outro, que o ferreiro em voo brandia sobre sua cabeça, já havia adquirido uma qualidade ígnea pelo contato com sua pele semelhante, e foi capaz de sustentar ileso a descarga dos raios. Os condutos de terra seca que ligam as painelas à grelha permitem a passagem do ar expelido pelas peles; e esse ar é um sopro do Sol e assim anima o fogo.

Da pedra oca o ferreiro tira água com um bastão, para abafar o fogo. Numo está nesta poça como em toda a água, e ele se moveu nela nadando, seus movimentos seguindo o ritmo das batidas na bigorna e as baforadas alternadas do fole. O europeu conhecia há anos a função mágica dos sons de uma ferraria. Ele esteve presente muitas vezes em rituais durante os quais, a certa altura, um ferreiro bate na rocha com seu martelo ou com a parte de ferro de sua bigorna. **Ao produzir o som do ferro, no qual o mítico primeiro ferreiro trouxe tantos benefícios para a humanidade, ele foi lembrando seus semelhantes do poder supremo da Amma e o Espírito da Água.** Ele estava ajudando suas orações e fortalecendo-os com os sons que fazia; ele estava apaziguando a possível

ira dos seres celestiais por este reconhecimento de sua preeminência. Quando os homens brigavam entre si, ele interviria entre as partes, de martelo na mão, e batia nas rochas, trazendo assim uma nota divina para a desordem do ser humano e acalmando as paixões despertadas.

As perguntas sobre esses pontos, Ogotemmeli não respondeu, mas continuou a desenvolver sua exposição. 'O ferreiro', disse ele, 'ao golpear a bigorna está pedindo à Terra para restaurar a ele a força da qual havia ele mesmo anteriormente esvaziado.' Pois, quando o ferreiro do celeiro celestial desceu para a terra contaminada, ele colocou nela uma grande porção de sua própria força e pureza, privando-se para dar ao solo uma força vital favorável à grande obra que estava prestes a realizar. Como resultado, ele e seus descendentes foram dotados de uma qualidade especial, que os tornava diferentes dos homens, quer 'impuro' (*puru*) ou 'vivo' (*omo*) ou 'branco' (*pili*).

Os 'impuros' são os descendentes dos primeiros iniciados da Grande Máscara, os defensores dos princípios espirituais do primeiro homem morto; os 'vivos' são os outros Dogon; os 'brancos' são pessoas como sapateiros, menestréis e homens dos vários povos que habitam as planícies. O traço característico dos ferreiros é uma força vital diminuída, o que os retira da categoria dos 'vivos'. Mas essa diminuição não é como o efeito da morte, que os separa também do 'impuro'. Também não são comparáveis aos 'brancos', pois estes são insensíveis a certas fontes de impureza. Embora tenham, como outras pessoas, altares individuais para tanto a cabeça quanto o corpo (*kutogolo, djabye*), devem estar constantemente engajados em algum outro meio de autossustento; e isto lhes é proporcionado pelo exercício de seu ofício.

'Ao bater na bigorna,' disse Ogotemmeli, 'eles tiram da terra um pouco da força vital que lhes deram seus golpes.'

Mas os golpes no ferro devem ser desferidos durante o dia. O trabalho do ferreiro é trabalho diurno, sem dúvida porque o fogo da ferraria, sendo um fragmento do sol, não podia brilhar à noite. É por isso que é proibido, não só para os ferreiros, mas para todos, desferir golpes em ferro, pedra ou terra durante a noite. Nenhum golpe de martelo ou batida de pilão deve ser ouvido, alto ou baixo,

nas horas silenciosas. Desferir golpes à noite destruiria o efeito dos golpes desferidos durante o dia. Isso significaria a rejeição de tudo o que foi ganho, de modo que o ferreiro perderia tudo o que havia recuperado durante o dia da força vital da qual ele anteriormente se despojou.

As multas aplicadas a quem desferir golpes noturnos são usadas para fornecer vítimas para o altar de fundação da aldeia, que em tempos antigos foi erguido sobre um homem enterrado em pé, que ofereceu sua força e seu corpo pela estabilidade do assentamento humano na nova terra.

Assim foi restaurada a ordem quebrada daquela relação entre a terra e aquele que se esvaziou para purificar e para capacitar os homens a prosseguir com seus trabalhos vivificantes.

No campo primordial, o ferreiro atribuiu à sua própria família um dos oito setores marcados em torno do ponto de impacto do celeiro. Mas o que ele estava preocupado em fazer era apenas estabelecer o seu direito à produção a partir de si, pois não estava ele mesmo a qualquer momento pronto para cultivá-lo.

Sua parte é forjar os instrumentos de cultivo, mas nunca usá-los com suas próprias mãos; as enxadas que ele faz são para os homens das outras sete famílias, e é para eles em troca, para lhes fornecer comida. Assim vemos como, todos os anos, na época da colheita, o ferreiro deixa sua forja e percorre o país para recolher o grão das parcelas que os implementos de seu forjamento funcionaram. Ele conhece todos os campos que lhe devem homenagem: não há nada que ele não saiba sobre seu crescimento e sua maturidade. Assim é que, quando o camponês suado abre à luz do sol o solo que jaz à sombra do milho em crescimento, e colhe a última espiga, vê-se sentado à beira do campo, observando de boca aberta e em silêncio, o ferreiro.

Cerâmica

A cerâmica nasceu na forja. o ferreiro e a esposa estavam secando no sol um pote que ela havia modelado como uma das esferas do fole; mas, descobrindo que não endureceu rápido o suficiente, ela colocou perto do fogo. Ela então descobriu que a argila estava assando e ficando dura, e assim ela adquiriu o hábito de colocando as panelas que ela modelou junto ao fogo.

Ela trabalhou em uma pequena esteira quadrada tecida com oitenta cordas em urdidura de mesmo número. Primeiro ela fez um modelo bruto em forma de seção de um cone invertido, no qual ela jogou com força considerável uma pedra redonda, que fez uma cama para si mesma no barro, e isso foi ficando cada vez maior até finalmente tomar a forma de uma esfera. Quando a superfície interna da argila foi prensada e tomou o padrão da esteira.

As mulheres de hoje copiam os processos da ceramista mítica; mas o ofício não é mais prerrogativa das mulheres dos ferreiros. Qualquer mulher pode ser ceramista, se quiser.

'A esteira', disse Ogotemmelí, 'na qual a mulher trabalha, é um símbolo daquele do primeiro casal humano. O ofício da cerâmica é como uma pessoa em um tapete. Ao moldar o barro a mulher está imitando a obra de Deus, quando modelou a Terra e o primeiro casal. Ela está criando um ser, e o pote redondo é como uma cabeça apoiada no tapete, uma cabeça ou um útero. Uma panela sem ornamento simboliza um homem, um pote com dois seios pequenos um mulher.'

Ogotemmelí tinha diante de si um dos potes usados para fazer cerveja de milho. Ele passou a mão sobre sua barriga enquanto falava para sentir o padrão impresso nele. '

A esteira em que o oleiro trabalha tem oitenta fios em um caminho e oitenta fios no outro. É tecido como um quadrado da mortalha que cobre os mortos, mas com fibras de baobá em vez de algodão.'

As fibras de baobá são muito usadas entre os Dogon para cordas e objetos trançados de todos os tipos. Vê-se anéis de um par de côvados profundamente ao redor dos troncos das árvores das quais a casca foi rasgado.

'Este trançado de fibras é trabalho de homem e se assemelha a tecelagem. O melhor trabalho é feito em Banani. Padrões feitos em vasos dessa maneira fazem alguém pensar que tem seu tapete para repouso onde quer que vá.' 'E o que,' disse o europeu, 'da pedra com a qual o barro é golpeado?'

'A pedra', foi a resposta, 'que a mulher rola no barro é o símbolo do alimento que será cozido na panela.,

'Como se cozinhava a carne antes de existirem as panelas de barro?' 'Antes da invenção da cerâmica', disse Ogotemmelí, 'os homens comiam sua carne crua.' Em uma conversa anterior, ele havia comparado

a lua a uma panela aquecida um quarto de cada vez. Este símbolo tem outro aplicativo.

'Antes que o barro tenha sido cozido', continuou ele explicando, 'a extremidade aberta do pote lembra a circunferência da lua. Após o cozimento representa a circunferência do sol. Isso é bastante inteligível', acrescentou, 'pois deve-se supor que a lua está menos cozida do que o sol.' Portanto, um humilde pote é um epítome do universo, com seu próprio tapete em sua superfície.

DÉCIMO QUARTO DIA

A grande casa da família

A casa de OGOTEMELI não era um espécime típico. sua aparência externa era miserável, com nichos empoeirados preenchidos por altares celebrando crianças mortas. Seus odores de grãos armazenados emanavam de seus miseráveis porões. Só havia buracos onde as andorinhas fazem ninhos, abrindo-se a poente na expectativa de voos futuros. A casa de Amadigue, por outro lado, era quadriculada com superfícies planas e reentrâncias, uma combinação de portas, orifícios e decorações tradicionais em forma de cone. A elevação frontal tinha doze côvados de largura e oito côvados altura; era perfurada por dez fileiras verticais de oito nichos quadrados, seus lados medindo a largura de uma mão; esses nichos se estenderam do nível do solo até uma linha horizontal de buracos de andorinhas que jazia sob o abrigo de um telhado de pequenos pedaços de madeira não maiores de um côvado de tamanho. Toda a fachada foi rematada por um série de colunas finas como pães de açúcar, cada uma encimada por uma pedra chata destinada a apanhar a chuva; mas a água tinha desgastado afastando-os de modo que alguns deles pareciam ampulhetas. Ao centro, duas portas, uma por cima da outra com dois nichos entre eles, dividiu o tabuleiro de damas em duas partes; a porta no térreo, um pouco mais larga que o peito de um homem e menos do que a altura de um homem, era feita de duas tábuas nuas; única no andar superior, que tinha a mesma largura, mas consideravelmente inferior, foi decorada com várias fileiras de figuras esculpidas em relevo e foi fechada por uma fechadura conspícua encimada por duas figuras geométricas. A planta do edifício era um quadrado com lados medindo oito côvados (as mesmas dimensões das parcelas agrícolas) flanqueado por quatro retângulos de igual comprimento. Também pode ser em comparação com uma cruz grega com transversal muito grosso e braços curtos

Mas na casa de Amadigue a frente era mais larga, e na cada um dos ângulos formados por suas extremidades era um recesso.

A praça constituía a sala principal, utilizada pelo casal para dormir e pela mulher para trabalhar. quatro postes em um quadrado nas diagonais sustentavam o teto. Para à esquerda uma plataforma de terra foi colocada no canto contra a parede. No quarto, em cima da porta, sementes de algodão com fibras brancas foram amontoadas no lintel.

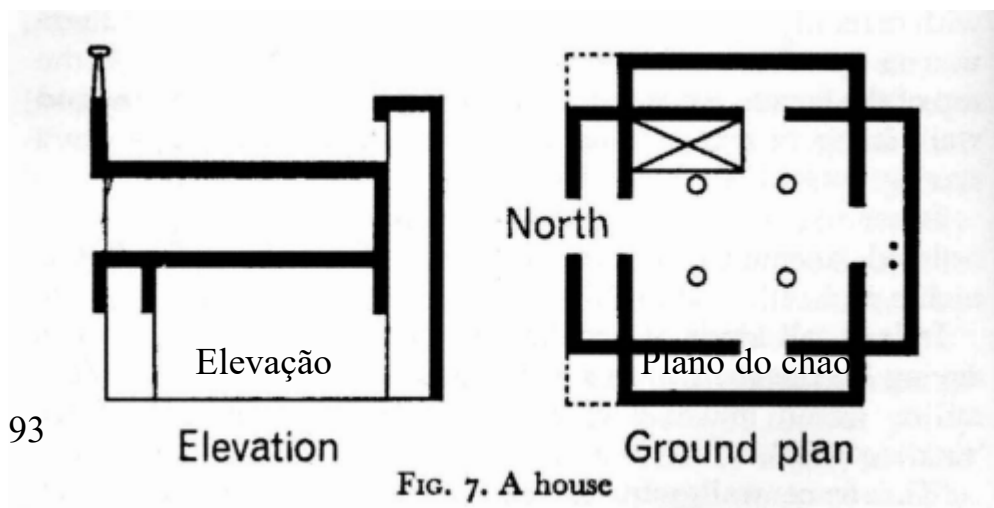
O retângulo na frente da casa formava o vestíbulo, a entrada voltada para a porta da sala. O retângulo ao fundo servia de cozinha, e os dois retângulos laterais eram armazéns.

Estas quatro salas, constituídas de passagens estreitas, abertas para a sala central por portas no meio das paredes, que no caso dos armazéns eram meros vãos. A única entrada no centro da parede frontal estava alinhada com as aberturas para a sala principal e cozinha.

A lareira era composta por duas grandes pedras colocadas a duas mãos da parede traseira e duas mãos da outra. Um pote redondo repousava sobre elas e contra a parede. A planta do andar superior era a mesma, exceto pela cozinha, cujo teto era mais alto que o teto da edificação, que dominava por meio de uma abertura que também servia de saída para a fumaça. Como a maioria das casas em Alto Ogoi, a casa de Amadigue estava voltada para o oeste para evitar as chuvas trazidas pelos ventos predominantes. Formava um lado de um caminho estreito, do outro lado havia uma série de celeiros com portas cuidadosamente fechadas. Mas na frente da porta central havia uma abertura que conduzia ao monte de esterco de um homem rico. No topo da fachada, preso a vigas que se projetam além da lama, das paredes pendem cachos vermelho-bronzeados do painço conhecido como 'olhos olhando para fora de suas cabeças' por causa de suas grandes sementes redondas. Parecia ao europeu que ele estava entrando em uma acumulação ordenada de riquezas, telhados transbordantes, pisos, nichos e porões. De fato, todos os tipos de produtos, em quantidades medidas, foram secando nos telhados — pimenta vermelha, azeda de frutos roxos, amarelo painço, que faz um som claro ao cair e é chamado 'ouro tilintante'. "A parede frontal com suas oito fileiras de dez nichos", disse

Ogotemmel, 'representa os oito ancestrais e seus descendentes, numerosos como os dedos de suas mãos.' Na direção vertical as duas séries de cinco colunas, ele explicado, são os dez dedos, e quando se olha para a frente, a elevação de uma casa, vê-se duas mãos estendidas. Os nichos são as casas dos ancestrais, que os ocupam em ordem de nascimento começando com a linha mais alta. os nichos nunca devem ser fechados, pois os ancestrais precisam respirar o ar exterior. Na porta entalhada do andar superior estão, ou deveria estar, oito fileiras de oitenta figuras, retratando os homens e mulheres de todo o mundo que descendem do antepassado original. A fechadura é o altar dos ancestrais, e as duas figuras acima dele estão o guardião e sua esposa. O par de figuras mais altas que às vezes são esculpidos acima do painel, representam o casal humano original.

Os orifícios circulares no frontão, em número de dez como o dedos das mãos, são ocupados por ninhos de andorinhas, aves do pátio dos ancestrais. Eles são chamados de "buracos de andorinhas" - e tão eufemisticamente são todos os nichos na parede frontal — fora do respeito pelos velhos, dos quais não se deve falar levemente. As oito pequenas colunas no topo da parede são os altares dos ancestrais, começando com os primeiros ancestrais à esquerda. Em uma casa estreita com apenas duas ou três fileiras verticais de nichos as colunas são menos. Em uma casa mais ampla pode haver dez ou mais, mas o número tradicional é oito, um para cada ancestral .



Toda a fachada, com suas oito fileiras de dez buracos escuros separados por superfícies planas mais claras, é um símbolo do manto usado para cobrir os mortos, feito em oito tiras de preto e branco quadrados, que em si mesma é uma representação de terra limpa e demarcada. Esta fachada dá nome à máscara mais alta, o topo da qual está dez côvados acima da cabeça do usuário. O polo desta máscara é dividida em dez seções, cada uma consistindo de uma grade retangular com quatro ou cinco barras; entre cada uma está uma planície desértica. O polo em si é um símbolo da deformação em tecendo, e é abaixado para o leste e o oeste em imitação do curso diário do sol. O europeu recordou os cantos exortatórios entoados na Cerimônia da 'casa de pavimentos':

'Eles dizem que as casas de Molu em Tomboke são boas,

Que as casas de Molu estão bem.

Em Molu as casas têm andares.

Mas são os homens que estão bem,

Não as casas de andares!

'O solo do térreo', disse Ogotemmelí, 'é o símbolo da terra e de Lébé, restaurado à vida na terra.' O telhado plano, quadrado como o do celeiro voador, representa céu, e o teto que separa o andar superior do piso térreo representa o espaço situado entre o céu e terra. Os quatro pequenos telhados retangulares ao seu redor indicam a quatro pontos cardeais, assim como a própria lareira. A lareira deriva sua chama viva do fogo celestial que veio do fogo roubado pelo ferreiro. Quando a casa é bem situada, ou seja, está aberta para o norte, o pote no fogo indica o mesmo ponto, as pedras indicam leste e oeste, enquanto a parede, terceiro suporte da panela, marca o sul. Dentro da casa, os vários cômodos representam cavernas desse mundo habitado por homens. O vestíbulo, que pertence ao dono da casa, representa o parceiro masculino do casal, a porta externa sendo seu órgão sexual. A grande sala central é o domínio e o símbolo da mulher; os armazéns de cada lado são seus braços, e a porta comunicante as partes de seu sexo. A sala central e os depósitos juntos representam

a mulher deitada de costas com os braços estendidos, a porta aberta e a mulher pronta para a relação sexual. A sala dos fundos que contém a lareira que parece voltada para o telhado plano, mostra a respiração da mulher, que encontra-se na sala central sob o teto que é o símbolo de um homem, suas vigas representando seu esqueleto; sua respiração encontra sua saída através da abertura acima. Os quatro postes verticais (número feminino) são os braços do casal, os da mulher apoiando o homem que descansa no chão, criança vai nascer, a mulher em trabalho de parto está sentada em um banquinho no meio da sala, de costas para o norte, e é apoiada por mulheres. A criança é entregue no chão e toma posse de sua alma no lugar onde foi concebida. A plataforma de terra que serve de cama fica ao norte e sul e o casal dorme com a cabeça voltada para o norte, como a própria casa, cuja parede frontal é sua face. O homem encontra-se do lado direito voltado para o oeste, e a mulher do lado esquerdo voltada para o leste, que são as posições que ocuparão na sepultura. O homem deita-se sobre o lado direito e toca a mulher com o seu]

mão esquerda, nunca com a direita. A mulher dorme com braço à sua esquerda e toca o homem com a direita. Eles nunca deitam em nenhuma outra posição. Uma mulher é enterrada deitada sobre o braço esquerdo, um homem é enterrado deitado sobre o braço direito, do jeito que eles dormem. A mortalha espalha-se sobre o par.

Debaixo da cama são colocadas todas as sementes à semear, exceto sementes de algodão, que são colocadas no lintel da segunda porta, símbolo do sexo feminino. Na relação sexual, o homem está semeando; ele é como uma água Espírito fazendo com que a chuva fertilizante caia sobre a terra e sobre a mulher, nas sementes semeadas. Assim, os atos agrícolas e conjugais estão ligados. Quando o par se deita com uma cobertura sobre eles, como na morte, a cama também é uma sepultura; é a sepultura de Lébé, em que o sétimo Nummo entra, e de onde sai, por meio das duas aberturas entre as portas da fachada.

Assim como Lébé voltou à vida dentro da terra pelos esforços do Espírito, assim as sementes são feitas para germinar, e as crianças são procriadas, pela ação do casal deitado sob a mortalha, símbolo de numerosas linhagens e terras cultivadas.

Mas uma casa desse tipo é apenas uma característica da aldeia, que consiste em um emaranhado de habitações rodeadas de espigueiros e dependências. As ruas passam por ela em todas as direções, dividindo-as em blocos. Cada aldeia é dividida em bairros, e em cada trimestre há uma família extensa possuindo uma grande casa própria. Cada bairro tem seu abrigo municipal construído em um pequeno quadrado aberto; mas a vila tem um papel mais importante, abrigo pertencente a um dos quartéis, mas construído em uma praça maior onde acontecem importantes cerimônias. 'A aldeia', disse Ogotemmelí, 'deve se estender do norte para o sul como o corpo de um homem deitado de costas. Baixo Ogol está quase correto. A cabeça é a casa do conselho, construída no quadrado principal, que é o símbolo do campo primordial.' Parecia também, pelas explicações anteriores do cego, que a aldeia deveria ter a forma de um quadrado com um lado voltado para o norte e as ruas correndo de norte a sul e leste a oeste. Mas isso não é possível, exceto na planície; no planalto contorcido e no seixo das falésias a aldeia tem de se adaptar ao terreno irregular. No lado norte da praça fica a ferraria, assim como a do

iniciador da civilização. Para leste e oeste são casas para mulheres menstruadas; são redondos como úteros e representam as mãos da aldeia. As grandes casas familiares são o seu peito e barriga; os altares comunitários a sul da aldeia são seus pés. As pedras em que os frutos da *Lannea ácida* são esmagados, colocados no centro da aldeia e representam a suas peças a sexualidade feminina. Ao lado deles deve ser colocado o altar da fundação, que é seu órgão sexual masculino; mas por respeito às mulheres este altar é erguido fora das paredes. Dentro da aldeia, cada bairro é um todo completo, e deve ser disposto da mesma forma que a aldeia, como uma entidade. Vista do ar, a aldeia é como a casa do antepassado com seus oitenta nichos, ou como o grande manto para os mortos com seus quadrados pretos e brancos. Os edifícios são preenchidos em áreas da fachada da casa, enquanto os pátios e jardins são buracos. Os telhados planos brilhando à luz do sol e as sombras projetadas no chão reproduzem o preto e cores brancas da mortalha. Nas ruas que correm de norte a ao sul estão as costuras que unem as tiras.

O abrigo masculino, que se encontra em cada praça pública e particularmente na praça central da vila, é um local de prédio muito diferente das casas de habitação. Em Sanga isto consiste em uma pilha quadrada composta por várias camadas de treliças, pés de milho, o conjunto assente numa estrutura tosca de troncos de árvore equilibrados em três fiadas paralelas de pedra seca ou madeira pilares. Os homens se encontram no abrigo durante o calor do dia para descansar e conversar. Os anciãos em particular conferem lá e tomam decisões sobre assuntos de interesse público. Antigamente, quando um aldeia foi fundada, o abrigo e as casas das mulheres foram os primeiros prédios a serem erguidos.

Foi sob um abrigo como este que os oito ancestrais costumavam se aconselhar nos dias em que tinham forma humana antes de sua transformação em Espíritos das Águas.

Hoje os abrigos podem ser circulares, com uma mó em forma de uma seção de um cone invertido no topo; mas caso contrário eles são, ou devem ser, orientado de acordo com os pontos cardeais. Eles têm, ou deveria ter, três fileiras de pilares de norte a sul: as duas filas laterais com três suportes e na fila do meio dois suportes, dispostos em forma de quincunce. Esses

pilares atarracados, feitos de pedras firmemente equilibradas, às vezes cobertos com uma camada de lama cinza esbranquiçada, fica como os baús dos oito ancestrais quando sentados em conselho com suas cabeças nas vigas do telhado.

Para um observador sentado dentro do prédio e voltado para o norte essas colunas aparecem em ordem numérica, a primeira no canto noroeste, a segunda no oeste, a terceira no sudoeste, a quarta no sudeste, e assim por diante nas pontas da bússola. O sétimo está no meio do norte, e o oitavo atrás dele. Assim, a planta baixa da série de oito pilares se assemelha a uma serpente enrolada ao longo de uma linha quebrada e em torno do símbolo do sétimo ancestral, o mestre da fala e o oitavo ancestral, que é a própria Palavra.

DÉCIMO QUINTO DIA

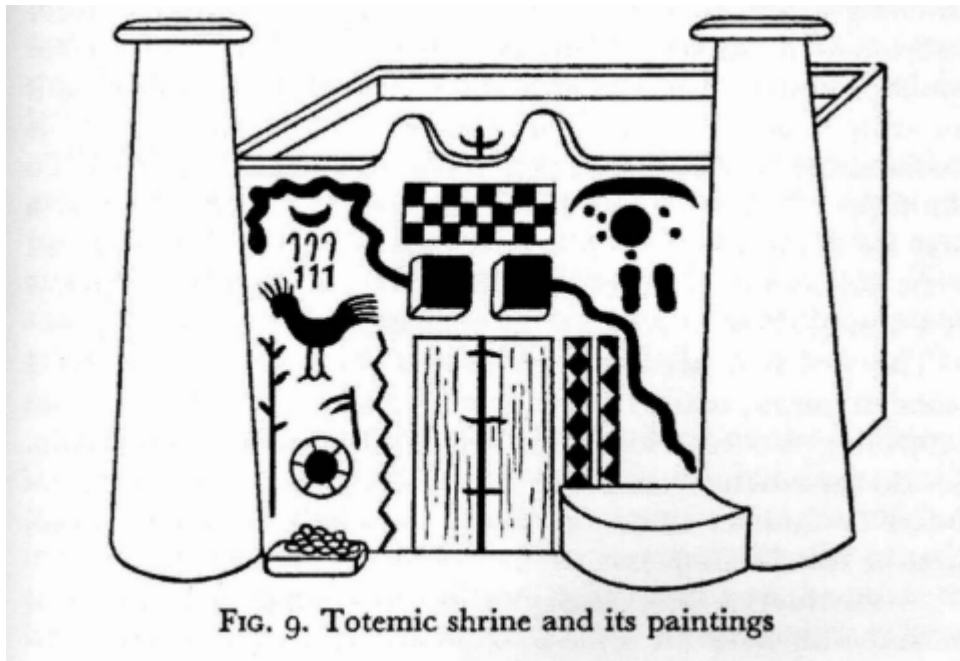
O Santuário

Em conversas anteriores, Ogotemmeli deixou claro que a casa de habitação não tinha sido o primeiro prédio a ser construído. O primeiro foi um santuário Binu erguido na região Dale pelo sacerdote do ancestral Dewa-out-of-the-Stick. Para ser exato, foi perto do pântano Guibele em Kunnu que aconteceu; e a forma deste santuário foi mais tarde tomada como um modelo para casas de habitação.

'Mas,' Ogotemmeli tinha acrescentado, 'um santuário é uma tumba, considerando que uma casa é um lugar para se viver.' Um santuário Binu é erguido em homenagem a um ancestral, Binu, cujo nome é uma contração de dois termos, um dos quais significa 'foi' e o outro 'volta'. Este ancestral foi aparentemente morto, ou seja, foi para outro mundo, depois voltou para o mundo dos homens, ao seu próprio povo para o proteger, o ajudar e o socorrer. As conversas com Ogotemmeli pressupunham conhecimento desta importante instituição, que pode em algum grau ser chamado de totêmico por falta de um termo melhor. Uma subsequente conversa foi para confirmar as reservas do europeu sobre o assunto do 'totemismo' Dogon, mas ele sentiu que o termo era útil e menos aberto a objeções se definido adequadamente. Ele sentiu também que as ideias e imagens girando na mente de seu notável informante era tudo o que importava, e isso nem suas próprias ideias nem as especulações de estudantes ocidentais tinham algum interesse.

O simbolismo de um santuário Binu seria o programa pelo décimo quinto dia, e foi com grande interesse que o europeu dirigiu-se ao monte de esterco que era o cenário das revelações do velho. Lembrou-se das centenas de santuários que havia estudado no curso de suas viagens pelo planalto e falésias. Em

em particular, lembrou-se das duas grandes torres em forma de conchas, que emolduravam a fachada do templo do Nummo de Nandouli, situado sob os baobás no topo de um seco vale em ambiente agreste sugerindo a criação do mundo. Ele teve que descartar cada peça de roupa e entrar numa terceira torre, a forma da coroa branca dos Faraós, onde, entre outros objetos extraordinários, eles encontraram ferramentas de ferreiro decoradas com chocalhos, sandálias de ferro e uma coroa de ferro semelhante à dos lombardos. Lá ante o trono-altar do deus Água, ele estava no coração do problema. No sul do planalto, em Dyombolo, tinha visto a casa quadrada com cantos arredondados do Binu Arsana, e foi deslumbrado com as cores vermelho, preto e branco de suas pinturas que máscaras representando um sol e uma base de triângulos alternados formando um padrão em zigue-zague. Uma enorme serpente, em relevo, com um corpo salpicado, entrou no prédio por um buraco na parede e saiu em outro lugar. Em Banani e Yugo Pilu, aldeias do seixo, ao pé das imponentes paredes rochosas, ele tinha visto templos que não eram mais do que fachadas colocadas sobre uma cavidade na rocha ou um galpão aberto. Eles foram abordados por meio de saliências de onde os



pinturas

100

Santuário
totêmico e suas

cascalhos podiam ser vistos descendo para a planície, com árvores como em um pomar. Em Yugo Dogoru todos os altares foram agrupados em um desfiladeiro estreito que se tornou ainda mais estreito à medida que entrava no coração da massa montanhosa. Eles pareciam ser empurrados como rolhas em fendas nas galerias horizontais abertas ao longo para o espaço vazio. As saliências rochosas eram tão estreitas que os altares foram reduzidos à espessura de cenários de palco, tendo em suas fachadas alguns desenhos de *chevrons*. Em Bababi, o sacerdote oferecia sacrifício à vista de todas as pessoas; mas em Yugo Dogoru ele desaparecia nas entranhas da rocha. Mas, se é um prédio real exposto à luz do sol ou um recesso no final de um desfiladeiro, o santuário sempre contém uma câmara simples ou quadrada (frequentemente arredondada nos cantos) ou circular. O santuário do bairro Sodamma de Alto Ogol, uma aldeia cheia de altares, mede quatro côvados por cinco. A sua frente é furada por uma porta encimada por dois furos e coroado com quatro excrescências como pães de açúcar arredondados. Este edifício ergue-se num pequeno pátio e, como todos aqueles colocado de forma semelhante, é muito pequeno.

O templo de Binu Sangabilu no bairro Do, na outra mão é construído em um espaço aberto bastante grande longe das casas de habitação. É um cubo medindo cerca de seis côvados de lado, sua parede frontal flanqueada por torres nos cantos, ligeiramente cônica em forma e encimado por dois montes, entre os quais existe um gancho de ferro. A porta, medindo um por dois côvados, é encimado por dois nichos quadrados colocados no mesmo nível. Para à direita da porta há uma plataforma de terra que serve de assento para o sacerdote durante as cerimônias. À esquerda são colocados algumas pedras ocas, antigamente usadas para moer, e agora contendo machados de pedra ou seixos redondos.

O telhado é plano, de onde a chuva é conduzida por uma calha de madeira, enquanto as duas torres de canto são encimadas por pedras salientes que protegem as cumeeiras da chuva. Dentro do santuário estão os objetos de culto — uma pedra oca cheia de pedras de água ou pedras-trovões, vasos de barro de vários tipos, utensílios de ferro ou madeira e altares de terra. 'Um santuário', disse Ogotemmel, 'deve estar voltado para o norte. Mas como com a casa grande, é a chuva que decide a orientação.'

As duas torres laterais e os cones centrais são os grandes e pequenos altares deste mundo. Os do centro recebem libações de mingau de milho e sangue de vítimas de sacrifício. Na hora do sacrifício, o mingau branco e o sangue vermelho escorrem pela frente do prédio e pingam em longas filas para o chão. 'Onde você vê o gancho de ferro entre os montes', disse Ogotemmeli, 'é o lugar onde o ferreiro ancestral começou a trabalhar em sua forja no campo primal.' '

Mas o anzol? O que é aquilo?'

'O gancho é a bigorna. Está enterrado em uma viga cruzada. "Uma viga transversal do telhado?"

'Não! Há um pequeno pedaço de madeira no frontão, para não confundir com as madeiras do telhado. É o símbolo da viga em que a bigorna é fixada.' O telhado do santuário, ao que parece, é o símbolo do campo primordial, e o interior do edifício abaixo é o túmulo de Lébé. A plataforma externa é o local onde o cadáver descansou antes de ser enterrado. A porta é o buraco por onde os homens entraram quando queriam exumar os ossos para levá-los para novos países. Os dois nichos acima da porta são onde o sétimo ancestral veio e foi quando ele lançou sua pele humana e tomou a forma de uma serpente: entrou pela abertura à direita quando ele veio para engolir os homens mortos e regenerá-lo, e ele saiu por aquela na esquerda.

Dentro do santuário, a pedra oca cheia de água, seixos e búzios contém o vômito do sétimo ancestral, as águas de torrentes e pântanos, os ossos dos homens mortos transformados em pedras da aliança, e suas unhas transformadas em búzios. O santuário é a câmara da deglutição, onde o sétimo ancestral consumiu a natureza humana de Lébé e expulsou o esboço da organização do mundo. Mas o santuário também é uma ferraria. O gancho no frontão é a bigorna, e a pedra oca fora do edifício lembra aquele de onde o ferreiro derrama água para esfriar sua carne em ferro brasa. Os dois altares hemisféricos do santuário, os sacerdotais altares pessoais, ele dedicou um à sua cabeça e outro a seu corpo, são os potes do fole. Eles são colocados perto de uma

marca ocre vermelha que representa o fogo que o fole acelerar. O martelo é representado por um altar cônico. Mas o mais importante de todos esses objetos é o gancho de ferro fixado no frontão que é a bigorna da ferraria. O gancho é na maioria das vezes duplo, cada um de seus ramos terminando em uma ondulação apertada. Esta é a testa com chifres do carneiro celestial, cujos chifres curvos seguram as nuvens de chuva. As duas pontas enroladas também são consideradas como duas mãos que retêm a umidade e abundância segura. Em vez de um gancho, no entanto, às vezes há um quadrado ou eixo de ferro cilíndrico, tão grosso quanto um polegar e um palmo de altura, estreitando-se de seu ponto médio em um cone, terminando em ponto cego. No meio da haste, dois pequenos pedaços achatados de ferro se estendem como braços de cada lado; estes são ligeiramente curvos para cima e se alargam em suas extremidades em uma espécie de mão, afiada como os dentes de uma serra para representar os dedos. Esse objeto, também chamado de 'gancho', tem uma leve semelhança, por sua haste vertical, tanto com a bigorna quanto com o martelo do ferreiro, enquanto por causa de seus galhos, que são armas, é um símbolo do Espírito da Água, já representado por esse mesmo martelo e bigorna. Esses dois braços ligeiramente levantadas têm a mesma função que as mãos curvadas do anzol: sua forma curva retém a chuva e com ela as colheitas necessárias aos homens. Devido às propriedades benéficas destes ganchos de ferro e em memória dos oito antepassados oito espigas de milho colhidas na colheita do campo pertencente ao santuário são penduradas no topo da fachada. Pela mesma razão, quando o semear está para começar, as espigas que devem fornecer a semente são espalhadas no telhado. Lá elas absorvem a umidade, e as forças de renovação são inerentes aos chifres recurvados e a braços. É desse teto, ou seja, do campo primevo, cujo profundezas testemunharam outrora uma morte e uma ressurreição, que os ouvidos, carregados de vida, são lançados ao povo misturados com a semente milho.

DÉCIMO SEXTO DIA

Pinturas na Fachada do Santuário

ESTE Cristo de ferro fixado em uma viga de bigorna no frontão de um túmulo havia roubado o sono do Nazareno. Para falar a verdade, o sono de toda a comunidade costumava ser curto. As revelações do Bambara transplantadas para Sanga, estudo linguístico e pesquisas exigentes sobre os principais ciclos da atividade Dogon, deixou pouco tempo para repouso ou paz de espírito.

Ao voltar da última conversa, o europeu havia dado a notícia aos seus companheiros.

'Agora eu entendo a lança de Orosongo', disse ele. 'Você conhece aquela lança de ferro bem comprida que fotografamos quase dez anos atrás. Bem, deve ser uma variante dos ganchos, é do mesmo espírito.'

Ele estava aludindo a um objeto que por anos excitou sua curiosidade e que ele tinha visto em um templo no Wazuba platô. Fixada na ponta da arma estava uma figura humana, metade do tamanho de uma mão, em ferro forjado, com os braços estendidos como em uma cruz.

Ele ainda estava curioso sobre os braços curvos desse Cristo-bigorna.

'Sem dúvida', disse ele, 'Ogotemmelí vê nisso um sistema se enganchando juntos. Os braços são para segurar água e sementes e abundância. A bigorna, de fato, se assim posso dizer, está com os braços cheios. Mas ele pensou na última revelação do sétimo antepassado, do jogo de cordas entre suas mãos palmadas para a demonstração, que era uma espécie de tecelagem, do tambor da axila. Este ferro plantado em um túmulo era, por assim dizer, uma lembrança da Terceira Palavra, uma Palavra musical. Mas Ogotemmelí nunca diria uma Palavra sobre isso.

No decorrer da décima sexta conversa, o Nazareno perguntou por que os diferentes objetos no santuário (que era também uma tumba e uma ferraria) estavam tão espalhados que era impossível entender seu significado.

'Os objetos estão espalhados,' respondeu Ogotemmelí, 'a fim de esconder seu simbolismo daqueles que gostariam de entendê-los.'

Em suma, para os não iniciados, o interior e toda estrutura do prédio e seus acessórios constituíam um enigma sem uma resposta.

Mas havia outro enigma para os espectadores: na hora do semeando, a fachada de um santuário se transforma em uma imagem de figuras brancas, e às vezes também vermelhas e pretas. Com mingau ocre e carvão os sacerdotes sacrificantes titulares decoram os muros para o novo ciclo agrícola.

Devido à ignorância ou instrução inadequada destas pessoas, e por outras razões também, a fantasia parece reinar desmarcada na escolha dos temas, objetos e figuras representado. Mas a regra que governava o arranjo era conhecido por Ogotemmelí.

Vista de frente, a fachada do templo divide-se em três partes — o direito, reservado aos seres femininos e objetos de culto, a esquerda, reservada aos homens, e o espaço acima da porta.

A figura principal à direita é um carneiro, mostrado de perfil, urinando, olhando para a esquerda e, acima dele, uma série de manchas representando estrelas.

'Mas o direito é reservado para as mulheres!'

Ogotemmelí levantou a cabeça.

'Entre seus dois chifres', disse ele, 'o carneiro usa uma cabaça, que é um símbolo da mulher e do Sol, que é feminino. Que é assim que o carneiro fica à direita.'

Ele já havia feito menção frequente a este animal, bem conhecido pelos povos do Sudão francês como um avatar do Espírito de Água. Todos desconfiam dos carneiros que rondam os pântanos, especialmente se estiverem vestindo uma cabaça brilhante, ao qual o óleo de *Lannea* acida empresta reflexos vermelhos. A cabaça, é verdade, funciona como proteção contra os raios do sol; mas o carneiro o usa principalmente como isca para atrair os homens.

Alguém vê uma cabaça entre os chifres de um carneiro; o que é uma

vista surpreendente! Mas é lindo, ele pensa, brilhando como o sol. Ele se pergunta por que uma coisa tão bonita, tão vermelha e brilhante, deve aparecer na cabeça de um carneiro; talvez o carneiro devesse ser pego antes que ele quebre. (A atenção de um Dogon é sempre atraída por objetos materiais.) Então, rápido como o pensamento, ele corre, mas a cabeça desapareceu como um sonho dos chifres do carneiro e está flutuando na água, atraindo seu imprudente perseguidor para o poder dos espíritos que bebem seu sangue de suas narinas. Mas essas são manifestações terrenas. há uma centena de lendas locais bem estabelecidas de carneiros empreendedores que rondam em torno de lagoas e piscinas na estação chuvosa, procurando atrair meninas e atraindo suas infelizes vítimas para a água, entre os nenúfares.

'Quem é este carneiro?' disse o estranho.

'É o Grande Nummo do céu, o par Nummo.'

'Um par?'

'O carneiro é o macho e a cabeça a fêmea. É um carneiro de ouro. Antes de cada tempestade na estação chuvosa, ele pode ser visto movendo-se na abóbada do céu.'

O europeu resmungou com essa nova complicação. Um carneiro de ouro? Essa foi a primeira menção até agora de ouro.

'O ouro', disse Ogotemmel, 'é um irmão mais novo do cobre.'

O ouro era então um subproduto, um metal de nível secundário?

'O velo', continuou o velho, 'é realmente cobre; e cobre é o aglomerado de raios vindos das nuvens de chuva quando o sol está escondido. O cobre é excretado pelos Espíritos da Água em atmosfera úmida do céu.'

Ele dilatou sobre o papel notável desempenhado pelo sol na sucção subir as nuvens, e na transformação em cobre dos raios luminosos excretados pelo Nummo.

"O Carneiro Nummo", disse ele, "rola em seu próprio excremento."

'Quando ele aparece no céu', acrescentou, 'ele usa uma cabeça entre seus chifres. É como o gorro de um soldado e brilha com Óleo de *Lanea ácido*.' O carneiro também é um símbolo do sistema-mundo; a cabeça é o Sol, seu corpo é a Terra, sua testa é a Lua, seus olhos são as estrelas no céu. O velo de cobre é também um velo de água, pois o cobre consiste em raios úmidos. É também um velo de folhas, pois água e vegetação são da mesma essência.

Seu nariz e boca representam a respiração de todos os seres vivos. criaturas do mundo, pois suas patas traseiras são as dos grandes animais, as patas dianteiras dos pequenos e a cauda os répteis. Mas a cabaça também é o Nummo feminino, a primordial Mulher, cujos seios no corpo da besta são as duas excrescências da garganta.

O carneiro coloca a cabaça (mulher) na cabeça para segurá-la entre seus chifres, que são os testículos, para ter relações sexuais com ela por meio do órgão em sua testa. Numo, tendo tomado a forma do carneiro, urina de sua parte inferior chuvas e névoas do membro, e com o membro frontal ele fertiliza o elemento feminino do Sol, e a mulher e as sementes semeadas.

Em tudo isso, Ogotemmelí viu a verdade fundamental do processo vital universal.

"Os raios do sol", continuou ele, "são fogo e os excremento de Nummo. São os seus raios que dão ao Sol sua força. É o Nummo que dá vida a estas estrelas, pois o Sol é de alguma formar uma estrela."

Foi difícil fazê-lo explicar o que ele quis dizer com essa declaração obscura. O Nazareno fez mais de um infrutífero esforço para compreender esta parte da cosmogonia; ele não podia descobrir qualquer fenda ou rachadura através da qual apreendesse seu significado. Além disso, ele foi confrontado com identificações que nenhum europeu, isto é, nenhum europeu racional médio poderia admitir. Ele se sentiu humilhado, embora não de forma desagradável, em descobrindo que seu informante considerava fogo e água como complementares, e não como opostos.

Os raios de luz e calor puxam a água para cima e também causam para descer novamente na forma de chuva. Isso é bom. O movimento criado por esse ir e vir é uma boa coisa. Por meio dos raios, o Nummo extrai e dá de volta a força vital. Esse movimento realmente faz a vida.

O velho percebeu que agora estava em um ponto crítico. Se o Nazareno não entendia esse negócio de ir e vir, ele não entenderia mais nada. Ele queria dizer que o que fazia a vida não era tanto a força quanto o movimento de forças. Ele voltou à ideia de um serviço de transporte universal.

"Os raios bebem as pequenas águas da terra, as poças rasas, fazendo-as subir e depois descer novamente na chuva."

Então, deixando de lado a questão da água, ele resumiu seu argumento:

'Retirar e depois devolver o que se desenhou — essa é a vida do mundo.'

Mas não se pode permanecer para sempre nessas alturas metafísicas. Além disso, este carneiro tinha o poder do movimento: uma vez que ele subiu aos céus, ele se moveu por lá. Ele cuidava de seus afazeres: não se limitava a ficar parado e urinar. Ele se moveu entre as nuvens altas deixando um rastro de quatro cores da terra sacudida de seus cascos. Seu ante pé esquerdo deixou uma marca preta, o direito uma trilha vermelha, os outros dois uma verde e uma amarela. Essa faixa quádrupla foi chamada de 'a faixa do Nummo'. É o arco-íris.

Mas o arco-íris tem um fim. O Carneiro Dourado desceu por ela do céu e mergulhou nas grandes poças da terra.

'Você pode vê-lo, quando há uma tempestade violenta, mergulhando no pântano Bananga ao sul de Baixo Ogol. Você nunca o viu?'

O velho apontou com a mão enrugada para o sul, enquanto acrescentava:

'Ele mergulha entre os nenúfares, gritando: 'A água é minha! A água é minha!'

DÉCIMO SÉTIMO DIA

Pinturas na Fachada do Santuário (continuação)

A figura principal na parte direita da fachada deve portanto representar o Espírito Água, o Nummo, em sua forma maravilhosa de um carneiro de ouro ou cobre em um leito de estrelas.

Um ponto, que Ogotemmelí havia esquecido, é de interesse para mamalogistas.

'Os chifres da besta são retos ou curvos: eles podem ser também, mas o tipo curvo é o mais antigo!

O mingau de milho espalhado na parede de barro com penas de frango ou escovas feitas de pelos de jumento destinava-se a dar impressão de que o velo era feito de folhas e, para desenhar chamar a atenção aos processos de germinação, a cauda terminando em uma cabeça da serpente foi mostrada acima de uma espiga de painço ereto.

À direita do carneiro, duas pegadas, muitas vezes mostradas em relevo, representam as sandálias do mestre sacerdotal do santuário bem como as pegadas do primeiro homem. Eles também são as sandálias do Par Nummo. Como seus corpos terminam na cauda de um réptil, uma sandália se faz para cada um, a esquerda para o masculino e a direita para a fêmea.

Em cada sandália há oito manchas lembrando os búzios colocados no lugar onde os pés do ancestral Lébé repousaram na tumba da ressurreição. Eles também representam os oito ancestrais, as oito sementes e as oito pedras da aliança. por último eles são os oito búzios que adornam as sandálias rituais usadas pelos candidatos ao sacerdócio no dia de sua posse.

Acima do carneiro e das estrelas, três linhas horizontais coloridas, vermelho, branco e verde-azulado, curvando-se para baixo em cada extremidade, representam o arco-íris. Assim, a pintura do lado direito

da porta é uma imagem completa do céu com sua luz e sua chuva. Os objetos ou criaturas mostrados à esquerda são da Terra. A característica proeminente é uma serpente que, na Sanga, é o sétimo antepassado. Ele é frequentemente representado como uma linha ondulada, indicando o movimento da água, que também é muito comum na forma de linhas verticais em zigue-zague representando o curso dos riachos terrestres, bem como a forma como o Nummo cai para a Terra do céu na forma de chuva. E isto, às vezes, o movimento pode ser sugerido pela imagem de um avestruz, cujo corpo, representado por círculos concêntricos, é marcado com *chevrons*, e cujo curso em zigue-zague, quando perseguido, é diferente de qualquer outra criatura alada da planície.

As linhas em zigue-zague também aparecem na forma de registros verticais contendo dentes de serra em série simples ou dupla com as pontas opostos um ao outro, dando a todo o design a aparência de uma pilha de ampulhetas.

Na parte superior da fachada, como pendente da cabaça à direita que representa o Sol, está um desenho da Lua, completo ou em crescente. Este é um lembrete, ao lado esquerdo, das regiões celestes.

No espaço restante da parede, há vários objetos e animais rituais, sem nenhuma ordem particular: o bastão bifurcado do sacerdote, que é um símbolo de masculinidade e feminilidade; o próprio bastão, que fica na altura do peito, é masculino, a parte feminina é o garfo em que o sacerdote repousa o dedo indicador, que também é um símbolo do masculino; o assento do sacerdote, muitas vezes mostrado como um círculo sólido cercado por uma borda; o bastão curto e reto do ancestral que primeiro concedeu máscaras; os ganchos que são realmente vistos em outro lugar no telhado plano; paus curvos, que simbolizam os filhos que toda família deseja; esses são os pares dos verdadeiros paus curvos pendurados no frontão; um ritual 'cajado curvo de ladrão', cujo cabo é decorado com uma linha de *chevrons*, enquanto seu braço curto e curvo está aberto como uma boca com lábios vermelhos, lembrando que eles seguravam o fragmento do sol que o ferreiro roubou; enxadas; cachos de milho grande e espigas de milho pequeno; o animal proibido associado ao culto do ancestral a quem o santuário é dedicado; uma ovelha ou uma galinha, a vítima sacrificial usual oferecida em altares; um pássaro aquático que lembra a busca do sacerdote antes de sua instalação



(a) Dogon granaries



Imagem 1 – Silos de grãos. Imagem 2 – Layout de terras

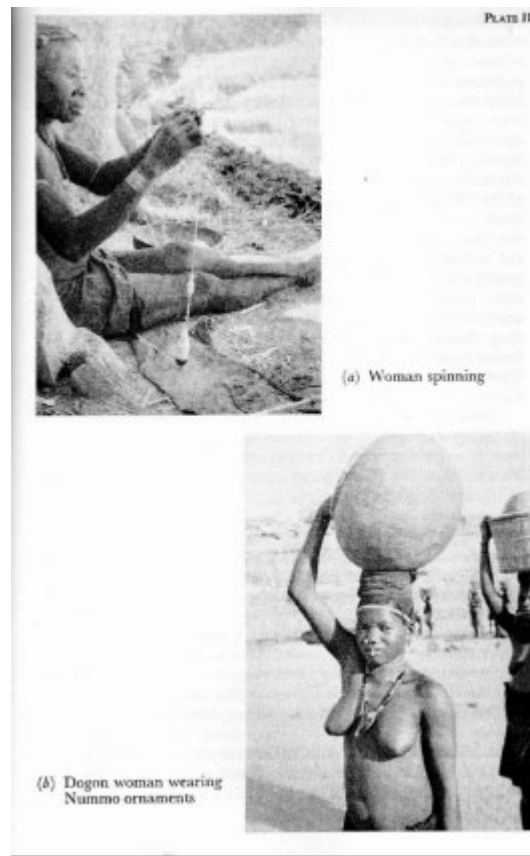


Figura 1 – Mulher fiando. – Figura 2 – Mulher usando ornamentos Dogon.

teve que explorar os pântanos e torrentes para encontrar A pedra do pacto que havia sido escondida na morte de seu predecessor; a tartaruga, retratando aquela que toda família, grande ou pequena, possui; quando o chefe de família está ausente, a tartaruga toma seu lugar

e come o primeiro bocado de comida e o primeiro gole de água todos os dias. Este desenho da tartaruga é um lembrete do chefe de família e também significa que a concha representa o morada do Nummo, que é a abóbada do céu. Os desenhos em forma de diamante de carapaça de tartaruga simbolizam a fachada da habitação do Nummo, os quadrados da cobertura para o mortos, e as linhas em zigue-zague da chuva que cai.

Máscaras como a 'casa de andares, o 'antílope equino' ou o 'desdobrador de asas de arbusto' são frequentemente representados no painel na mão esquerda. Estas são as máscaras de madeira, objetos masculinos possuidores de mais poder do que os capuzes trançados, que de fato contêm uma certa quantidade de umidade efetiva, uma vez que são feitos de fibra; mas as máscaras de madeira contêm ainda mais, que elas derivam tanto da madeira em que são esculpidas como das fibras com que se vestem aqueles que as usam. Mais úmidas, elas estão mais próximas do Nummo.

Acima da porta do templo está representado um tabuleiro de damas de quadrados brancos alternados com quadrados da cor da parede de lama. Deve haver estritamente oito linhas, uma para cada ancestral.

Este tabuleiro de damas é eminentemente o símbolo das 'coisas deste mundo' e especialmente da estrutura e objetos básicos da organização humana.

Simboliza:

A mortalha que cobre os mortos, com suas oito faixas de preto e quadrados brancos representando a multiplicação dos oito famílias;

A fachada do casarão com seus oitenta nichos, morada dos ancestrais; os campos cultivados, modelados como a mortalha;

As aldeias com ruas como costuras, e mais geralmente todas regiões habitadas, desmatadas ou exploradas pelo homem.

O tabuleiro de damas e a cobertura retratam os oito ancestrais.

Dentro do santuário, além da mancha vermelha representando o fogo da ferraria, à direita da porta quando você sai, está uma serpente pintada representando o oitavo antepassado, e à esquerda

111

deixou um crocodilo simbolizando o homem mais velho conhecido da família.

Este último dispositivo é próprio do Sanga; cada região retrata o ser ao qual está ligado.

Assim, o sistema-mundo, com suas criaturas e acessórios, celeste e terrestre, está pintado no templo em mingau de milho e arroz.

"E qual é, você pergunta, o uso das imagenns?" disse Ogotemmelí. 'É isto: elas ajudam as plantas a crescer, elas promovem germinação. Um dia antes do sacrificador molhar seus pincéis, as espigas para a sementeira estão espalhadas no telhado, o símbolo do campo primordial.'

Assim, no início do ciclo de crescimento vegetal, as sementes ainda não fertilizadas são retiradas e incorporadas no ciclo universal, no movimento geral das nuvens e dos homens.

Mas o estrangeiro estava louco para fazer uma pergunta.'

Nunca vi a imagem de um carneiro na frente de um templo' ele disse, Eu nunca vi um templo decorado de acordo com estas regras.'

'Eu não sei', respondeu o velho cego, 'onde eu poderia encontrar alguém capaz de desenhar o carneiro. Se ao menos eu pudesse me ver!

... Os templos não são mais pintados de acordo com as regras.'

Em primeiro lugar, explicou ele, a ignorância explica isso. O sacerdote e seu sacrificador podem ser muito jovens e podem ter tido muito pouca instrução nos ritos de sua própria religião. Há muitos que são completamente ignorantes sobre o simbolismo das pinturas, e particularmente a imagem do carneiro celestial. Mas há alguns sacerdotes, acrescentou, que, mesmo se conhecessem as regras, não as seguiriam. Com efeito, desde que as imagens têm poder, e quanto mais completas forem, mais poderosamente eles afetam as colheitas de grãos, o sacerdote tem um interesse em não mostrar muito deles, para que não sejam copiados por sacerdotes vizinhos vislumbrando qualquer coisa que poderia influenciar ou encantar os poderes celestiais. Assim ele faz da fachada de seu templo uma espécie de enigma que possa beneficiar os não iniciados, que reconhecem certos detalhes. Quanto aos seus sacerdotes companheiros, eles só percebem os desígnios habituais; os mais importantes não são notados. Ogotemmelí não foi muito explícito sobre esses assuntos, e as informações tiveram que ser buscadas em outro lugar.

112

Uma vez que a intenção e, sobretudo, as Palavras do jogo ritual uma parte essencial, pode-se supor que o celebrante, em pintando os quadros atuais, coloca neles em pensamento e Palavras muito mais do que sua mão delinea.

Mas mais do que ignorância ou desconfiança, um fator estritamente religioso milita contra, uma vez que suprime, expressão, e é de fato o mais sério obstáculo à difusão do conhecimento; e isso é a marca da relutância, decorrente do respeito e do medo, em mencionar os nomes ou imaginar as formas de poderes sobrenaturais.

É um fato bem conhecido que não se pode mencionar o nome daquele que se ausenta sem produzir efeitos consideráveis no mundo invisível. A explicação usual deste fenômeno é que a menção de um nome invoca o ser cujo nome é o obriga a aparecer, embora sua presença possa ser indesejável. Mas nada é dito sobre a razão pela qual o ser deve se apressar para responder à convocação de seu nome. A razão é que pronunciar um nome é trazer à existência uma forma e uma habitação — a melhor forma e a habitação mais adequada para receber a força vital do ser invocado.

Ao pronunciar a Palavra, quem fala sem dúvida projeta uma força própria, que é transmitida pela respiração que sai de sua boca. e é de fato quem fala. Mas esta força apenas representa a força do invocado, oferece-lhe uma forma e uma voz. Essa forma, que será a mais adequada ao que é chamado, aprisiona, por assim dizer, sua força vital, obrigando-o a aparecer, a surgir em resposta ao chamado.

As mesmas considerações se aplicam às pinturas, especialmente se o material usado para fazê-las é eficaz e se as Palavras que acompanham as ações da mão do pintor são explícitas e convincentes.

No que diz respeito aos nomes, essas ideias levam ao silêncio ou à uso de eufemismos; no caso de imagens, elas resultam no evitar a representação direta. Assim como o nome do espírito de Yater nunca é pronunciado, então sua imagem nunca é desenhada. Para fazê-lo lhe seria ofensivo, porque retratá-lo seria obrigá-lo a comparecer, como se fosse chamado pelo nome. Isso o perturbaria na realização de seus propósitos e interferir em suas atividades como diretor do universo. Há um bom terreno, portanto; para qualquer sacerdote retratar

a fachada de seu templo apenas aquelas figuras que estão conectadas com seu próprio Binu ou são de uso geral e conhecidas por todos. Assim em volta de um carneiro invisível, mestre da germinação, com uma folha de lã e cobre, o artista pinta uma série de objetos acessórios, celestes ou terrestres, sem ordem de espécie alguma, na qual apenas os iniciados podem perceber toda uma ordem mundial.

DÉCIMO OITAVO DIA

O Culto de Lébé

Era dia de mercado, e a comoção de sempre proclamava o fato. À noite e novamente ao amanhecer, o zurro dos burros tinha despertado o ocidente. O lugar marcado ganhou vida à luz do sol, como todas as manhãs, mas agora assistido por excitações preliminares.

Na casa de Ogotemmelí estava ocorrendo uma espécie de reunião do conselho local entre o mestre e um homem inteligente agachado sob os nichos dos ancestrais. Koguem e o europeu estavam sentados em seus lugares habituais ouvindo os dois homens. '

Ogotemmelí', explicou Koguem, 'diz que quer comer uma cabeça de boi. Ele chamou Dyougodyeh para convencê-lo a comprar a cabeça. Dyougodyeh está explicando que uma vez ele comprou uma cabeça por setenta e cinco francos, que cozinhou e comeu à vontade, e depois revendeu por noventa e um francos.

'O lucro,' disse Ogotemmelí, 'não é suficiente. Você deve comprar a cabeça de outro homem e mais barato... '

Outra solução, sugeriu-se, seria xingar o açougueiro que cobrava demais.

'Para mostrar-lhe que merecia', disse Ogotemmelí, 'uma vez eu comprei-lhe uma cabeça, vindo ainda junto quatro pés. Ele os envolveu em uma pele e, quando cheguei em casa, encontrei apenas três pés. O açougueiro tinha roubado um. Deve-se estar alerta contra esse tipo de homem.'

'Eu sei', ele continuou, 'um dos meus irmãos comprou um boi, e vai revendê-lo hoje. Você deve pedir a ele o cabeça. Vai ficar tudo bem com ele. Mas ainda se pode amaldiçoar o açougueiro desonesto!'

Dyougodyeh concordou, exceto sobre a maldição.

'Não vale a pena', disse ele, 'para economizar menos do que cinquenta francos, ter o sol queimando o crânio o dia todo, e cozinhar uma cabeça de boi por seis horas.'

Quanto ao açougueiro desonesto, ele não o amaldiçoaria — apenas o xingaria.

"Eu também comprei uma vez uma cabeça de boi", disse ele, afastando-se e falando consigo mesmo, 'por 10 francos. Foi do mesmo açougueiro. Bem! Depois da refeição, revendi o que havia dele por oitenta e cinco francos. Se eu tivesse comido vinte e cinco francos valeria? Nem um pouco disso! Apenas dez francos! E acabei com isso.' Ele ainda estava resmungando enquanto atravessava o pátio.

'Maldito seja!' clamou Ogotemmelí em sua homenagem. 'Maldito seja o pai dele!'

Era a mais irrevogável das maldições. O homem virou-se, e disse: 'O xingamento será suficiente.'

Ele cuspiu na parede e saiu.

Ogotemmelí baixou a voz para responder ao Nazareno, que estava questionando-o sobre Lébé, seu culto atual, e seu sacerdote, o Hogon. O Hogon morava ao lado, atrás dos celeiros, e teria sido uma desgraça ser ouvido acima da parede lama. Esta era sua casa particular: sua residência oficial era em Alto Ogol. O europeu conhecia bem as principais linhas do culto deste, o ancestral mais antigo, comido pelo sétimo Nummo, mas ele mesmo o oitavo Nummo, confundido com o sétimo mas porém distintos. Sua pedra da aliança, saindo de seu próprio crânio, era a insígnia de sua preeminência sobre as outras oito pedras principais, e *a fortiori* sobre todas as outras pedras menores servindo como marca de ancestrais subsequentes. Sem entrar na sobreposição de territórios, nas brigas intermináveis, nas questões de precedência de pessoas, famílias ou tribos, e o cálculo interminável de ancestrais, direitos e reivindicações, pode-se dizer que havia em cada região uma Lébé com um sacerdote (que sempre foi o homem mais velho da região) e um altar, que no caso da Sanga foi erguido na principal praça pública de Baixo Ogol, em um local que nunca foi pisado por qualquer pessoa não iniciada, e que foi abordado por oficiantes apenas em ocasiões solenes. Este altar, em forma de umbigo, não era feito de

terra comum, ou melhor, sua terra recebeu, quando foi fundado, poder extra terrestre, tanto no tempo quanto no espaço.

O mítico Lébé havia sido enterrado no campo primal e, quando os homens, sentindo-se apertados em seus assentamentos, decidiram migrar, e decidiram levar seus restos mortais consigo para os novos países que pretendiam explorar.

Quando eles abriram a sepultura, o mais velho deles encontrou lá as pedras da aliança e também uma grande serpente viva. Este ancião foi chamado de Dyon, que significa 'cavador': Dyon concluiu que esta terra deve ser boa, pois nela um cadáver foi trazido de volta à vida. Ele pensou que pegando emprestado um pouco disso ele poderia transportar para seu futuro lar este fermento de ressurreição e impregná-lo com a essência ancestral. Carregado com terra, Dyon, com outros seguindo seu exemplo, se afastou por rotas misteriosas que passam no subsolo. Ele foi seguido pela serpente, a forma viva do sétimo ancestral e de Lébé, que trazia em seu crânio em uma longa rachadura uma espiga de milho.

A jornada subterrânea terminou a sudoeste das falésias, onde Dyon emergiu do buraco de um bambu, como é mostrado pelo lema que deu aos seus descendentes: 'Escavadores! crescido de o buraco de um bambu!'

Outros saíram em Amani abaixo do cascalho. Outros no pé do pico Bamba. Alguns seguiram rotas comuns na mesma direção, e juntou-se com a primeira parte.

Em Kani-Bonzon, ao sul dos penhascos, Dyan, o Cavador, fundou o primeiro altar de Lébé. A terra que ele trouxera consigo foi colocada abaixo de uma pedra quadrada, que eles cobriram com argamassa. Mais tarde, cada um dos líderes da migração levou um pouco de terra do altar, e fundou outro altar à distância; e esses outros altares serviram como pontos de partida para qualquer número de outros. Desta forma, a virtude do campo primordial foi espalhada através das novas clareiras, limpando a impureza da terra e ajudando os homens a nela se estabelecerem. E a Serpente Lébé, onipresente, uma mas muitas como um Deus, seguindo cada fundador. É por isso que pode ser visto, na mesa rochosa do Alto Ogol a noroeste, uma caverna chamada Caverna das Mulheres Estáveis', de aonde a serpente sai à noite, e a leste outra chamada 'Caverna do Baobá de Deus', para

a qual ela retorna ao amanhecer. Alguns, cujos olhos não são como aqueles de homens comuns, às vezes puderam vê-la em plena luz do dia, enrolada, de cor bege brilhante, no pedaço de terra chamado 'Lugar de Descanso' que é deixado em pousio no campo de seu sacerdote.

Ela tem uma tarefa enorme a cumprir; como a mola mestra de germinação, protetora de placentas, provedor de força vital, ela trabalha dia a dia com rajadas de energia em momentos às vezes críticos.

'Todas as noites', disse Ogotemmelí, 'ela visita seu sacerdote, o Hogon, viajando pela rua oeste, que separa Sodamma de Do. No início da manhã, ela retorna pelo rua oriental entre Guendoumman e Do. Por isso o Hogon deve estar em sua casa à noite, e não vai para fora da aldeia.'

'O que ela faz no Hogon's?'

Ogotemmelí ficou em silêncio por um longo tempo. Em seguida, em uma ainda mais baixa voz disse, o que toda a aldeia sabia, que Lébé lambeu o corpo de Hogon.

'Isso', ele sussurrou, 'lhe dá a força para viver por um dia.'

Esta força é para o benefício de todos. O Hogon é, por assim dizer, o representante da serpente para com o homem; mas ele também é o representante do homem perante a serpente. Ele é portador com toda a vida necessária aos homens e à terra. Pois a saliva de Lébé tem em si o poder da umidade, a voz e respiração que sai de cada boca. Para o todo de um dia o velho é dotado de fala. A voz do cego tornou-se apenas um sopro; ele parou para ouvir os ruídos das ruas, para detectar a presença dos outros, para penetrar no silêncio daqueles que estavam observando na ponta dos pés, de boca aberta, nos cantos da prédios vizinhos. Agora, ele continuou:

'É por isso que nenhum suor deve escorrer no corpo do Hogon. Isto roubaria sua força. Além disso, se o suor escorresse de seu corpo, isso significaria que ele havia enganado Lébé, e quebrado seus tabus. A saliva é a força vital. Isso iria desaparecer, se o tabu fosse quebrado, o Hogon morreria.'

Algumas semanas antes, uma das mulheres europeias havia entrado apressada para a instalação do

Hogon de Ninu, e pude observar as precauções tomadas para evitar que o candidato sofresse fadiga ou sudorese.

A cerimônia aconteceu nas cavernas de Kunnu-Sese, e o velho foi levado para seu templo nas costas de um homem através de uma massa de rochas e sobre inclinações escorregadias, que um pedestre deve pensar duas vezes antes de se aventurar a subir.

Ogotemmelí, questionado sobre este processo, declarou que, além do perigo de suar, havia o risco de contato com o solo. Se o Hogon tivesse tocado o solo, todos o painço teriam ficado vermelhos e secos. Ele teria 'queimado a terra'.

Pois o Hogon se originou, em certo sentido, da natureza de Lébé, portanto, do Nummo, e dos poderes celestiais e seus fogos (pois os Grandes Nummo são os ferreiros do céu) e assim do sol; portanto, ele não deve circular a pé fora do território reservado. Esse território é a vila e a área fora da muralha até onde as galinhas vagam, cerca de vinte côvados de extensão.

Mas o Hogon poderia igualmente "queimar a aldeia," disse o europeu. 'Sim!' foi a resposta, 'mas ele usa sandálias. Sandálias são reservadas aos sacerdotes e especialmente aos Hogon. Ninguém pode entrar na presença do Hogon com sandálias nos pés. Da mesma forma, ninguém pode entrar na forja senão descalço, porque o fogo da forja foi roubado do céu. Isso é sol, como o Hogon.'

'Calçar sandálias', disse o europeu, 'é posar como o Sol. Muito bem ! Mas por que as sandálias deveriam impedi-lo de pôr a terra em chamas?' 'As primeiras sandálias', disse Ogotemmelí, 'eram feitas de ferro e não de cobre, pois o cobre é água e também raios de luz. As sandálias eram de ferro, porque o ferro é a cor da sombra.' Na sombra, ele continuou explicando, é legal e fresco. É a ausência de sol e ajuda a lutar contra ele. Ferro, a cor da sombra, é uma boa proteção para o solo pisado por pés de fogo. Em Nanduli, no planalto, o sacerdote, no momento supremo de consagração, quando ele é totalmente identificado com o Nummo, calça as duas sandálias de ferro que estão sobre o altar. Mas aí vemos as primeiras tentativas desajeitadas de andar. O que queria era sandálias confortáveis de usar e flexíveis como

o pé. Os primeiros foram cortados da pele usada do fole da ferraria.

'Foi o Grande Nummo quem sugeriu o couro, porque a pele continha o fogo roubado do Céu na época da descendência do ferreiro.'

A pele era, portanto, à prova de fogo. Ele próprio era fogo, ou melhor, foi inoculado contra o fogo. Era a tela ideal entre o pé e o solo a proteger. Assim, as sandálias de couro capacitavam aqueles que possuíam atributos para caminhar sobre a terra sem prejudicar a germinação. As sandálias eram reservadas a essas pessoas e nenhuma outra podia usurpar o direito de as usar.

Outro acessório peculiar ao Hogon e indicativo da origem de seu poder é seu boné vermelho.

'O gorro vermelho é como um sol na cabeça do Hogon. Ninguém mais pode usar um gorro vermelho em Sanga.'

Koguem sorri. 'Quando eu era atirador', ele confidenciou ao estranho, 'eu sempre tirava meu quepe militar quando chegava ao limite.'

'Outra razão,' disse Ogotemmeli, 'por que o Hogon não saia da aldeia é por causa do cobre.'

Quando um Hogon morre, um anel de cobre é colocado em volta de cada um de seus tornozelos e seus braços. Esses anéis vêm do primal original campo, o túmulo de Lébé. Eles eram feitos de metal excretado pelo sétimo Nummo após a deglutição.

Mais uma vez Ogotemmeli explicou a natureza do cobre.

Os raios que caem das nuvens são transformados em cobre em tocando o chão. Não na superfície do solo, no entanto, mas no fundo da terra, fundo demais para que os homens possam se apoderar dele, a transformação ocorre. O cobre de Lébé foi encontrado, porque foi na sepultura que cavaram para ele. As argolas de metal são propriedade de Lébé; elas são colocadas no Hogon quando ele é enterrado, mas depois elas são tiradas dele e dadas, não ao seu sucessor, mas ao o homem mais velho após o último, que será nomeado por sua vez, quando o cargo ficar vago novamente.

Conseqüentemente, cada Hogon tinha os anéis em sua posse enquanto seu antecessor ocupava o cargo. Ele está impregnado de cobre. Ele é como o cobre e, portanto, não pode cruzar nenhum água, pois essa é uma das principais proibições do Nummo. O

120

Nummo sendo, em certo sentido, cobre em virtude de sua natureza celestial e essência luminosa, retoma para si todo o cobre que passa sobre lugares aquosos que são suas reservas.

O europeu, por si, não teve dificuldade em aceitar todas essas representações simbólicas, esses diferentes métodos do qual o homem procurou manipular o invisível e foi ele mesmo manipulado. Mas ele estava pensando naqueles que, em outras países, podem um

dia ser curiosos o suficiente para estudar a metafísica Dogon, e sempre que tinha oportunidade verificar a explicação de Ogotemmelí do universo, oferecendo algumas objeções.

'Cobre', disse ele, 'pertence ao Nummo: ele é cobre: ele excreta cobre. Muito bom! Mas então ele poderia pegar de volta o metal a qualquer momento e em qualquer lugar, e não apenas quando quem o carrega passa pela água.' '

Eu não te disse' foi a resposta, 'que o cobre também é água? Passar com o metal perto de certas águas é arriscar vendo-o voltar para a água e ser levado consigo mesmo.'

De fato, se o cobre está intimamente ligado ao Nummo e ele é água, o líquido e o metal são da mesma essência. Ogotemmelí então retomou suas explicações concretas sobre os fundamentos do pensamento Dogon.

'O sol', disse ele, 'é uma terra queimada cercada por uma espiral de cobre elevado a um estado de incandescência que lhe dá o seu movimento diurno, que por sua vez dá luz e vida ao universo. O sol é, por assim dizer, cobre derretido, prova disso o metal no fogo lança raios como os do sol. Mas esses raios, como eu disse a você, absorvem a umidade e fazem nuvens. São os canais por onde passa a água: são água. Prova disso é o fato de serem visíveis apenas em tempos de névoas quentes e tempestades. É por isso que os raios solares são chamados *menn di* (água de cobre).' '*Mcndi*', disse o europeu, 'também é o nome de uma montanha.' Ogotemmelí olhou para cima. Decididamente, ele deve estar pensando, esses europeus às vezes não são tão estúpidos quanto nós, africanos, geralmente supomos.

'Sim!' ele disse. 'Pessoas ignorantes dizem *Menti*; mas o apropriado a pronúncia é *Mindi*.'

Mendi ergueu-se como uma cúpula acima do planalto do norte, não longe de Tintam, a dois dias de marcha de Sanga. O europeu tinha visto algum tempo antes em uma névoa seca, inchado como um vulcão prestes a entrar em erupção.

'É chamado de "água de cobre", porque contém cobre e é uma fonte abundante de água; e é por isso que as almas dos mortos vão para lá antes de iniciar sua jornada para o sul. Eles se abastecem de cobre lá, que eles bebem em sua longa jornada. É isso que eles fazem com a água. O europeu recordou o que lhe contaram, quando viu a montanha. As almas dos mortos, dissera seu informante, eles vinham lá em grande número. Eles vêm a pé, a cavalo, em bois de carga e, atualmente, em caminhões lotados, para buscar água. Todos eles se aglomeram para *Mendi*. 'Uma coisa útil sobre o Nummo,' disse Ogotemmel, 'é ele ter dado cobre aos homens.'

DÉCIMO NONO DIA

O Culto do Binu

Pode-se supor que a instituição de Lébé foi o centro do culto Binu, esse 'pseudo-totemismo', como os europeus tiveram por muito tempo o hábito de a isto chamar.

Investigações realizadas durante esta última expedição apenas tendeu a confirmar o que havia sido publicado até depois pela equipe de pesquisa. A adoração de Binu venera as almas dos oito antepassados e de alguns homens notáveis, que seguiram em o despertar dos oito em tempos posteriores, e garante seu favor em nome dos vivos.

Depois de muito tempo, depois da revelação da Terceira Palavra e organização atual do mundo, a Morte fez sua aparição em cena. Até então os homens eram imortais, ou pelo menos, depois de uma longa vida, passavam por uma transformação como a dos Oito Grandes — isto é, eles desceram no formigueiro e não foram mais vistos, os únicos vestígios que deixaram foram as tigelas deitadas pela abertura. Mas, em vez de se tornarem Nummo e subirem ao Céu, eles permaneceram na Terra.

Quando a Morte apareceu, apenas alguns homens muito velhos foram capazes de se transformar dessa maneira. Os outros submeteram-se a destruição de seus corpos, e novos ritos foram introduzidos para regular as forças espirituais liberadas por suas mortes.

A partir dessa época, os homens estavam sujeitos a até então perigos desconhecidos, e seus ancestrais, que não haviam experimentado morte, vieram em seu auxílio e voltaram para seu povo — de onde seu nome de Binu.

Para se revelar, um Binu aparecia para um de seus descendentes em forma humana ou animal, para dar-lhe uma das pedras da aliança (*dogue*) encontradas na tumba de Lébé. Essas pedras foram levadas pelos velhos em suas migrações, ou

havam sido deixadas na Terra e, por rotas misteriosas, tinham encontrado seu caminho para o atual país dos Dogon.

Armado com esta pedra e com vários objetos que haviam pertencido a seu ancestral, o homem escolhido para a Revelação construiria um santuário e fundaria um culto, do qual seria o sacerdote.

Antes de sua morte, ele esconderia a pedra nas gargantas ou pântanos, e seu sucessor, inspirado em Nummo e no espírito do Binu, iria procurá-lo, vagando entre as rochas e procurando nas águas até que ele encontrasse e provasse a autenticidade do chamado do Céu.

Ainda hoje, nas aldeias, pode-se encontrar tais homens, com seus olhos brilhantes, que deixam seu trabalho para se levantar no meio da noite para continuar esta busca incansável, que muitas vezes dura anos e anos. O europeu tinha visto no bairro Dodyou Oreil um dos jovens, o mais inteligente e instruído de Sanga, que era candidato à sucessão ao encargo de sacerdote de Dinu Ogoine. Este jovem estava tentando reviver um culto cujo sacerdote anterior havia morrido há mais de um século, e desde então os objetos rituais necessários nunca haviam sido encontrados.

Cada família pertencente a um dos grupos de Oito Grandes ancestrais tem um Binu pertencente a esse grupo. Este ancestral pode ser comum a um número de famílias dispersas, que juntas formam um grande agregado. Também pode acontecer que os objetos rituais de um santuário sejam compartilhados entre várias famílias.

Sacrifícios regulares são oferecidos ao Binu na época da sementeira e na colheita, para que as pessoas possam tirar proveito dos poderes do ancestral, poderes instintivos de vida já que ele nunca experimentou a morte.

Desde o início de suas investigações, quase quinze anos atrás, a equipe de pesquisa foi levada a estudar esta instituição. As aparências eram convincentes; nas reviravoltas dos mitos, animais apareceram expelindo pedras da aliança dadas a eles pelo ancestral e tornando-se por esse motivo proibido ou 'tabu' como dizem os europeus em seu jargão antropológico. Alguns deles pareciam imaginar simplesmente como auxiliares, como portadores de mensagens ou como salvadores. Outros, pelo contrário, foram identificados com o próprio ancestral. O mito do Binu Tiré, ancestral da família de Ogotemmel, é

que se originou no bairro Sodamma de Alto Ogol, foi um bom exemplo disso. O antepassado, quando ficou velho, tinha o hábito de cuidar dos filhos na casa do filho mais velho, enquanto os adultos estavam fora no trabalho. Um dia ele se transformou em uma serpente, que assustou as crianças. Como, porém, ele retomou sua aparência normal quando os homens voltaram do trabalho, tudo se reduziu a fantasias infantis. Mas aconteceu de novo, e um dia o filho mais velho, voltando inesperadamente dos campos, surpreendeu o velho em sua metamorfose. Este último, envergonhado por ter sido descoberto, transformou-se em um antílope do tipo chamado equino, para fugir mais rápido. Perseguido por seu filho, ele partiu para a caverna de Kommo Dama, a sudoeste dos Ogols, e nela desapareceu.

O filho, não ousando segui-lo, permaneceu na entrada da caverna, ouvindo o som dos cascos galopantes do animal cada vez mais fracos enquanto desaparecia nas entranhas da terra. Ele estava prestes a ir embora, sem ouvir mais nada, quando percebeu um murmúrio, que gradualmente ficou mais alto. De um murmúrio tornou-se um estrondo, e depois uma tempestade, até que finalmente uma onda enorme irrompeu das profundezas da caverna, morreu longe a seus pés, e imediatamente se retirou.

Olhando para o chão quando ele havia sumido, o homem encontrou uma pedra que o dilúvio ali depositara. Era a pedra da Aliança deixada pelo velho antes de seu desaparecimento em outro mundo. O homem a pegou e depois a confiou a um membro da família, que foi encontrado possuído pelo espírito do antepassado e pelos Nummo, e tornou-se o primeiro sacerdote de Binu Tiré de Sodamma.

Era natural supor que o totemismo Dogon, embora pudesse ter características próprias, mesmo assim, de acordo com os critérios prescritos pelos antropólogos. Além disso, os próprios nativos deram peso a essa suposição por um mau uso das palavras: deram o nome 'Binu' indiscriminadamente ao ancestral e ao animal proibido. Mas algumas dúvidas persistiram. Foi apenas o ancestral humano que desempenhou o papel principal no culto. O animal parecia sempre ser um acessório; as ligações entre o homem e o animal eram nada claras. A equipe de europeus havia chegado ao ponto

de evitar a palavra 'totem' e experimentar invenção de novos termos. Como seria o 'binuísmo'? até a questão das relações entre o homem e o animal ser resolvida, nenhuma decisão sobre o assunto era possível.

Ogotemmelí deveria oferecer uma solução — solução provisória sem dúvida, mas tão original que reabrisse toda a questão do totemismo.

Ele começou a discussão, no entanto, com certos aforismos que não eram de natureza a lançar luz sobre o problema.

'Os animais', ele disse, 'são superiores aos homens, porque pertencem ao mato e não têm que trabalhar. Muitos animais se alimentam do que o homem produz por meio de um trabalho penoso.'

Ele chegou a dizer que os animais eram mais perfeitos do que os homens, visto que não falavam. Era uma excelência em si estar sem o poder da fala.

Ele quis dizer com isso que a fala, o instrumento do progresso, a fundação da ordem mundial, foi em última análise um desastre? Ele quis dizer que a fala era, em certo sentido, o fruto da desordem, na medida em que era necessária para a restauração do movimento normal das coisas? Ele quis dizer que, se o mundo havia se desenvolvido sem obstáculos a partir de sua origem, não haveria necessidade da fala, não haveria necessidade para processos técnicos, pois as duas coisas estavam inextricavelmente ligadas? Ele quis dizer que os animais eram imunes aos infortúnios?

Para todas essas perguntas, Ogotemmelí nunca deu nenhuma resposta. A partir de suas primeiras declarações, parecia que o papel desempenhado por animais estava conectado com o sistema original de nascimentos gêmeos, e que era uma forma de reparação, de reorganização, de compensação.

'Cara', disse o europeu para si mesmo, em um esforço para resolver suas ideias, 'perde o sistema de nascimentos gêmeos. Numo intervém e dá a cada criança duas almas de sexos diferentes. Objeção: a criatura é tanto macho quanto fêmea, ao passo que deveria ser ou um ou outro. Solução: circuncisão e excisão. As partes em que reside a segunda alma, prepúcio e clitóris, são eliminados. Objeção: uma alma permanece desencarnada. Solução: o prepúcio torna-se o lagarto chamado "Sol", e o clitóris se torna o escorpião. Objeção: estes portadores de animais são grosseiros, muito próximos das criaturas primitivas

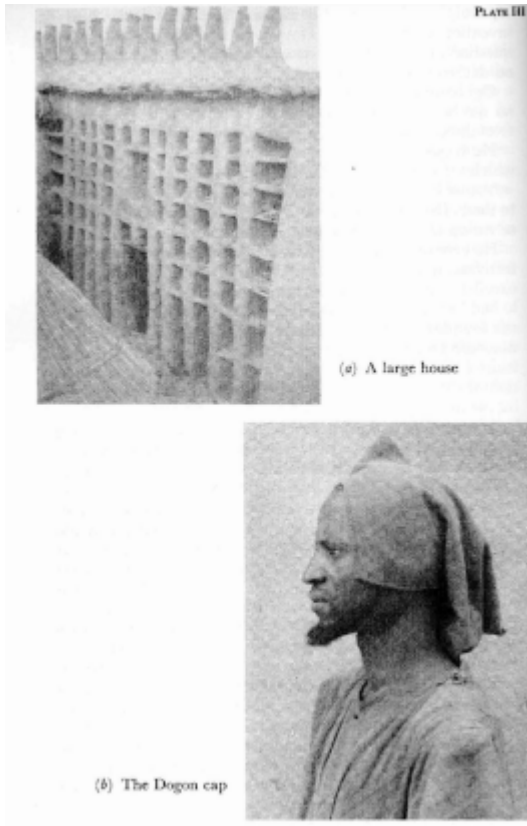


Figura 1 – Uma casa grande. Figura 2 – Turbante Dogon.

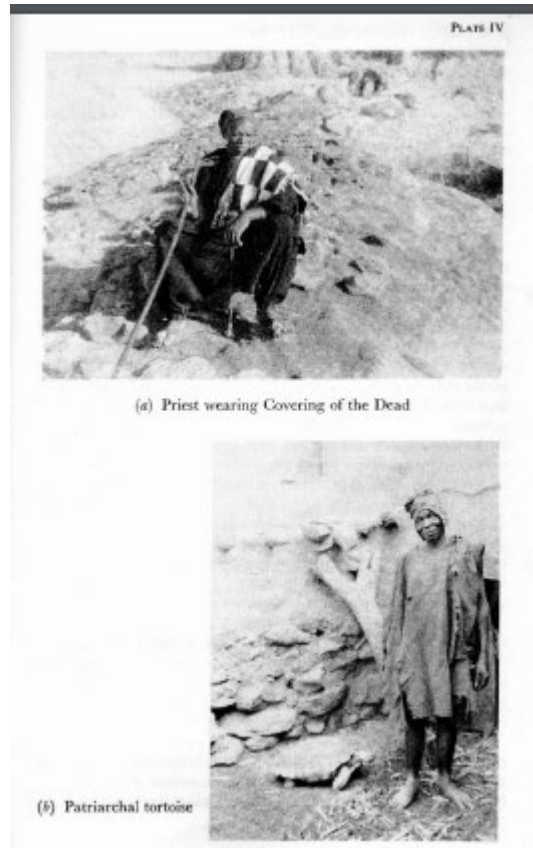


Figura 1 – Sacerdote vestido na Cobertura dos Mortos. Figura 2 – Tartaruga patriarcal.

da aurora do mundo. A segunda alma que continua a estar em contato com a pessoa em questão, não é adequadamente oferecida. Qual é a solução?'

Ogotemmelí ponderou. Elas estavam na raiz de uma das instituições humanas mais antigas.

'Quando os oito ancestrais,' ele disse finalmente, 'nasceram para o primeiro par, oito animais diferentes nasceram no Céu.'

'Nascidos de quem?'

'Aos pares, de animais criados no princípio pelo Deus Amma. Até então, eles não tinham nenhuma ligação com a Terra. Quando os oito homens apareceram, cada um deles compartilhou uma alma com um animal; mas o homem permaneceu na Terra, enquanto seu companheiro animal permaneceu no Céu. Não foi até depois de sua metamorfose no formigueiro e sua transformação em Nummo que os ancestrais subiram ao Céu e se juntaram lá a seus animais companheiros, embora sem se tornarem uns com os outros.'

Quanto aos homens que vieram depois deles, eles foram transformados da mesma maneira, mas não subiram ao Céu, para que fossem separados indefinidamente dos associados que haviam nascido ao mesmo tempo que eles próprios nas espécies de animais ligadas com suas respectivas famílias.

Quando a Morte veio ao mundo, o novo sistema-mundo havia já descido na forma do celeiro celeste, em que todos os animais imaginaram. Consequentemente, os ancestrais metamorfoseados foram, em certo sentido, representados por seus companheiros animais, que a partir daquele momento viviam nas áreas incultas ao redor das aldeias e não mais no Céu.

'O animal,' disse Ogotemmelí finalmente, 'é, por assim dizer, gêmeo do homem.'

E um ancestral poderia usar o animal que era, por assim dizer, seu irmão gêmeo, para se dar a conhecer aos vivos que ele quis ajudar. É verdade que o animal era distinto dele, nascido em outro lugar e aparentemente diferente em forma, mas era de a mesma essência e foi chamado de volta ao Céu no mesmo lote.

O antepassado, ao revelar-se, prestou valiosa ajuda aos homens, sendo um de seus elementos mais eficazes a revelação do gêmeo desconhecido, a quem cada homem estava ligado sem ciente disso, e que deveria ser venerado tornando-se

uma das proibições observadas pela família. Assim, de revelação após revelação, todo o povo Dogon se estabeleceu em um novo sistema, em que cada homem possuía dois apoiantes para sua segunda alma: uma, desde o seu nascimento, consistia no animal e o outro, após a circuncisão, era o lagarto 'Sol'.

Ogotemmelí tinha muito a dizer sobre a função do animal considerado como gêmeo do homem, e da distribuição de poderes espirituais, e dos deveres de um homem para com seu animal parente, o objeto de proibição, penhor de vida fora de si mesmo. Mas de repente, no curso do discurso do velho, as espantosas complicações do sistema tornaram-se aparentes.

'Eu disse,' ele observou, resumindo, como era seu costume, a conta que ele havia dado, 'que as primeiras crianças e os animais no Céu não tiveram sucessores.' (Isso foi um erro da parte de Ogotemmelí. O que ele disse, e o que ele quis dizer, foi que não havia relações entre eles.) 'As relações começaram com circuncisão e excisão. Em cada nascimento humano, portanto, um nasce um animal proibido. Mas o próprio animal tem um irmão gêmeo, um animal proibido; e este animal da mesma forma, e assim por diante. Toda a família humana está, portanto, à frente de toda uma classe de animais.'

Ogotemmelí enfatizou este ponto importante. Toda família de ser humano fazia parte de uma longa série de criaturas, e todo agregado de famílias humanas estava conectado com o todo reino animal. E por trás disso havia uma vaga sugestão de série vegetal.

'Quando o homem nasce', disse o velho, 'já que ele é a cabeça (isto é, o chefe) de todos os animais proibidos, todos os animais proibidos dos animais proibidos nascem ao mesmo tempo.' Em cada uma das oito famílias, portanto, o homem era o originador de seres cuja vida teve repercussões que se estenderam até o último termo de uma série que afeta a oitava parte da criação.

Toda essa ordem de coisas repousava na suposição de que a obrigação imposta pelas proibições, na medida em que o homem em causa, alargadas a toda a espécie. Na verdade se aplicou apenas a um ou dois animais e um vegetal: caso contrário, os homens teriam se encontrado envolvidos em uma rede de contingências impossíveis.

'Quando eu nasci', disse Ogotemmelí, na ilustração de seu argumento, 'um antílope equino também nasceu. O antílope, animal proibido, é a pantera. Uma pantera também nasceu. Mas

o animal proibido da pantera é o antílope. O círculo era assim fechado e completo.' 'Mas', ele acrescentou, 'embora um homem não esteja preocupado com todas as criaturas da série, no entanto, é verdade que cada parto põe em movimento o nascimento de todos os animais e vegetais associados à família da criança.'

Isso significava que quando uma criança nascia em qualquer uma das oito famílias, toda a criação entrou em ação.

O europeu despediu-se. Os primeiros sons do zurro dos burros voltando dos pastos podia ser ouvido na direção de Luli. Atrás de cada homem que encontrava nas ruas estreitas, parecia ver as sombras de uma oitava parte de todos os seres vivos do mundo.

DÉCIMO NONO DIA

O Culto do Binu

Pode-se supor que a instituição de Lébé foi o centro do culto Binu, esse 'pseudo-totemismo', como os europeus tiveram por muito tempo o hábito de a isto chamar. Investigações realizadas durante esta mais recente expedição tendeu apenas a confirmar o que até então fora publicado depois pela equipe de pesquisa. A adoração de Binu venera as almas de oito antepassados e de alguns homens notáveis, que seguiram no despertar dos oito em tempos posteriores, e garante seu favor em nome dos vivos. Depois de muito tempo, depois da revelação da Terceira Palavra e organização atual do mundo, a Morte fez sua aparição em cena. Até então os homens eram imortais, ou pelo menos, depois de uma longa vida, passaram por uma transformação como a dos Oito Grandes — isto é, eles desceram no formigueiro e não foram mais vistos, os únicos vestígios deixados sendo as tigelas deitadas pela abertura. Mas, em vez de se tornarem Tummo e subirem ao Céu, eles permaneceram na Terra.

Quando a Morte apareceu, apenas alguns homens muito velhos foram capazes para se transformar dessa maneira. Os outros submeteram-se a a destruição de seus corpos, e novos ritos foram introduzidos para regular as forças espirituais liberadas por suas mortes. A partir dessa época, os homens estavam sujeitos a até então perigos desconhecidos, e seus ancestrais, que não haviam experimentado morte, veio em seu auxílio e voltou para seu povo - de onde seu nome de Binu. Para se revelar, um Binu aparecia para um de seus descendentes em forma humana ou animal, e dar-lhe um dos pedras da aliança (dogue) encontradas na tumba de Lébé. essas pedras foram levados pelos velhos em suas migrações, ou

havia sido deixados na terra e, por rotas misteriosas, tinham encontrado seu caminho para o atual país dos Dogon. Armado com esta pedra e com vários objetos que tinham pertencido a seu ancestral, o homem escolhido para a revelação construiria um santuário e fundaria um culto, do qual seja o sacerdote. Antes de sua morte, ele esconderia a pedra nas gargantas ou pântanos, e seu sucessor, inspirado no Nummo e no espírito do Binu, iria em busca dele, vagando entre as rochas e procurando nas águas até que ele encontrou, e provou assim a autenticidade do chamado do céu. Ainda hoje, nas aldeias, pode-se encontrar tais homens, com seus olhos brilhantes, que deixam seu trabalho para se levantar no meio da noite para continuar esta busca incansável, que muitas vezes dura anos e anos. O europeu tinha visto em o bairro Dodyou Oreil era um dos jovens mais inteligentes e instruídos de Sanga, que era candidato à sucessão ao cargo de sacerdote de Dinu Ogoine. Este jovem estava tentando reviver um culto, cujo sacerdote anterior havia morto há mais de um século, e desde então os objetos rituais necessários nunca foram encontrados. Cada família pertencente a um dos oito grandes ancestrais grupos tem um Binu pertencente a esse grupo. Este ancestral pode ser comum a um número de famílias dispersas, que juntas formam um grande agregado. Também pode acontecer que o ritual objetos de um santuário são compartilhados entre várias famílias. Sacrifícios regulares são oferecidos ao Binu na época da sementeira e na colheita, a fim de que as pessoas possam tirar proveito do poderes do ancestral, poderes instintivos de vida já que ele nunca experimentou a morte. Desde o início de suas investigações, que quase quinze anos atrás, a equipe de pesquisa foi levada a estudar esta instituição. As aparências eram convincentes; no reviravoltas dos mitos, animais apareceram, expelindo pedras da aliança dadas a eles pelo ancestral e tornando-se para esse motivo proibido ou 'tabu' como dizem os europeus em seu jargão antropológico. Alguns deles pareciam imaginar simplesmente como auxiliares, como portadores de mensagens ou como salvadores. Outros, pelo contrário, foram identificados com o próprio ancestral. O mito do Binu Tire, ancestral da família de OgotemmeJi,

que se originou no bairro Sodamma de Alto Ogol, foi um bom exemplo disso. O antepassado, quando ficou velho, tinha o hábito de cuidar dos filhos na casa do filho mais velho, enquanto os adultos estavam fora no trabalho. Um dia ele se transformou em um serpente, que assustou as crianças. Como, porém, ele retomou sua aparência normal quando os homens voltaram do trabalho, tudo se reduzia a fantasias infantis. Mas aconteceu de novo, e um dia o filho mais velho, voltando inesperadamente dos campos, surpreendeu o velho em sua metamorfose. Este último, envergonhado por ter sido descoberto assim, uma vez transformado em um antílope do tipo chamado equino, em para fugir mais rápido. Perseguido por seu filho, ele partiu para a caverna de Kommo Dama, a sudoeste dos Ogols, e desapareceu nela. O filho, não ousando segui-lo, permaneceu na entrada da caverna, ouvindo o som dos cascos galopantes do animal ficando cada vez mais fraco enquanto desaparecia nas entranhas da terra. Ele estava prestes a ir embora, sem ouvir mais nada, quando ele percebeu um murmúrio, que gradualmente ficou mais alto. De um murmúrio tornou-se um estrondo, e depois uma tempestade, até que finalmente uma onda enorme irrompeu das profundezas da caverna, morreu longe a seus pés, e imediatamente se retirou. Olhando para o chão quando ele havia desaparecido, o homem encontrou uma pedra que o dilúvio ali depositara. Era a pedra da aliança deixada pelo velho antes de seu desaparecimento em outro mundo. O homem a pegou e depois a confiou a um membro da família, que foi encontrado possuído pelo espírito do ancestral e pelos Nummo, e tornou-se o primeiro sacerdote da Binu Tire de Sodamma. Era natural supor que o totemismo Dogon, embora poderia ter características próprias, ainda assim de acordo com os critérios prescritos pelos antropólogos. Além disso, os próprios nativos deram peso a essa suposição por um mau uso das Palavras: deram o nome 'Binu' indiscriminadamente ao ancestral e ao animal proibido. Mas algumas dúvidas persistiram. Foi apenas o ancestral humano que desempenhou o papel principal no culto. O animal parecia sempre ser um acessório; as ligações entre o homem e o animal eram nada claro. A equipe de europeus havia chegado ao ponto

de evitar a Palavra 'totem' e experimentar invenção de novos termos. Como seria o 'binuísmo'? até o a questão das relações entre o homem e o animal foi resolvida, nenhuma decisão sobre o assunto era possível. Ogotemmelí deveria oferecer uma solução - uma solução provisória sem dúvida, mas tão original que reabre toda a questão da totemismo. Ele começou a discussão, no entanto, com certos aforismos que não eram de natureza a lançar luz sobre o problema. 'Os animais', disse ele, 'são superiores aos homens, porque eles pertencem para o mato e não tem que trabalhar. Muitos animais se alimentam do que o homem cultiva com trabalho penoso.' Ele chegou a dizer que os animais eram mais perfeitos do que os homens, visto que eles não falavam. Era um excelência neles ser \-v:sem o poder da fala. Ele quis dizer com isso que a fala, o instrumento do progresso, a fundação da ordem mundial, foi em última análise uma desastre? Ele quis dizer que a fala era, em certo sentido, a . fruto da desordem, na medida em que era necessário para a restauração do movimento normal das coisas? Ele quis dizer que, se o mundo havia se desenvolvido sem obstáculos a partir de sua origem base, não haveria necessidade de fala, não haveria necessidade. para processos técnicos, pois as duas coisas estavam inextricavelmente ligadas junto? Ele quis dizer que os animais eram imunes aos humanos? infortúnios? A todas essas perguntas, Ogotemmelí nunca deu nenhuma resposta. A partir de suas primeiras declarações, parecia que o papel desempenhado por animais estava conectado com o sistema original de gêmeos nascimentos, e que era uma forma de reparação, de reorganização, de compensação. 'Cara', disse o europeu para si mesmo, em □ esforço para resolver suas idéias, 'perde o sistema de nascimentos gêmeos. O Num.mo intervém e dá a cada criança duas almas de sexos diferentes. Objeção: a criatura é tanto macho quanto fêmea, ao passo que deveria ser ou um ou outro. Solução: circuncisão e excisão. As partes em que reside a segunda alma, prepúcio e clitóris, são eliminados. Objeção: uma alma permanece desencarnada. Solução: o prepúcio torna-se o lagarto chamado "Sol", e o clitóris se torna o escorpião. Objeção: estes portadores de animais são grosseiros, muito próximos das criaturas primitivas

da aurora do mundo. A segunda alma, que continua (S estar em contato com a pessoa em questão, não é adequado oferecida por. \\!qual é a solução ?' Ogotemmelí ponderou. Eles estavam na raiz de um dos instituições humanas mais antigas. 'Quando os oito ancestrais', ele disse finalmente, 'nasceram para primeiro par, oito animais diferentes nasceram no céu.' 'Nascido de quem?' 'Para pares de animais criados no início pelo Amma. Até então, eles não tinham nenhuma ligação com terra. Quando os oito homens apareceram, cada um deles sharoí alma com um animal; mas o homem permaneceu na terra", seu companheiro animal permaneceu no Céu. não foi tiji sua metamorfose no formigueiro e sua transformação · em Nummo que os ancestrais subiram ao céu e juntaram-se a seus companheiros animais lá, embora sem se tornar · um com eles.' Quanto aos homens que vieram atrás deles, eles foram transfo da mesma forma, mas não subiram ao céu, para que eles" separado por tempo indeterminado dos associados .que haviam sido ao mesmo tempo que eles próprios nas espécies de animais · com suas respectivas famílias. Quando a Morte veio ao mundo, o novo sistema-mundo já desceu na forma do celeiro celeste, que todos os animais imaginaram. Conseqüentemente, o encontro ancestrais fosqueados foram, em certo sentido, representados por animais associados, que a partir desse momento vivem<l no áreas cultivadas ao redor das aldeias e não mais no céu. 'O animal,' disse Ogotemmelí finalmente, 'é, por assim dizer, m gêmeo.' E um ancestral poderia usar o animal que era, então para Sp<" seu irmão gêmeo, para se dar a conhecer aos viventes que quis ajudar. Verdade, o animal era distinto dele, em outros lugares e aparentemente diferentes na forma, mas era a mesma essência e foi chamado de volta ao céu no sa lote. O antepassado, ao revelar-se, prestou valiosa ajuda homens, sendo um de seus elementos mais eficazes a revelação do gêmeo desconhecido, a quem cada homem estava ligado com estar ciente disso, e quem deveria ser venerado por tornar

uma das proibições observadas pela família. Assim, de revelação após revelação, todo o povo Dogon se estabeleceu em um novo sistema, em que cada homem possuía dois apoiantes para sua segunda alma: uma, desde o seu nascimento, consistia no animal e o outro, após a circuncisão, era o lagarto 'sol'. Ogotemmelí tinha muito a dizer sobre a função do arumal considerado como gêmeo do homem, e da distribuição de espiritual poderes, e dos deveres de um homem para com seu parente animal, o objeto de proibição, penhor de vida fora de si mesmo. Mas de repente, no curso do discurso do velho, o espantoso complicações do sistema tornaram-se aparentes. 'Eu disse,' ele observou, resumindo, como era seu costume, o conta que ele havia dado, 'que as primeiras crianças e os animais no céu não teve sucessores.' (Isso foi um erro da parte de Ogotemmelí. O que ele disse, e o que ele quis dizer, foi que não havia relações entre eles.) 'As relações começaram com circuncisão e excisão. Em cada nascimento humano, portanto, um nasce um animal proibido. Mas o próprio animal tem um irmão gêmeo, um animal proibido; e este animal da mesma forma, e assim por diante. Toda a família humana está, portanto, à frente de toda uma classe de animais.' Ogotemmelí enfatizou este ponto importante. Todo ser humano família fazia parte de uma longa série de criaturas, e toda agregado de famílias humanas estava conectado com o todo Reino animal. E por trás disso havia uma vaga sugestão de série vegetal. 'Quando o homem nasce', disse o velho, 'já que ele é a cabeça (isto é, o chefe) de todos os animais proibidos, todos os animais proibidos dos animais proibidos nascem ao mesmo tempo.' Em cada uma das oito famílias, portanto, o homem era o originador de seres cuja vida teve repercussões que se estenderam até o último termo de uma série que afeta a oitava parte da criação. Toda essa ordem de coisas repousava na suposição de que o obrigação imposta pelas proibições, na medida em que o homem em causa, alargada a toda a espécie. Na verdade se aplicou apenas a um ou dois animais e um vegetal: caso contrário, os homens teriam se encontrado envolvidos em uma rede de contingências impossíveis. 'Quando eu nasci', disse Ogotemmelí, na ilustração de seu argumento, 'um antílope equino também nasceu. o do antílope animal proibido é a pantera. Uma pantera também nasceu. Mas

o animal proibido da pantera é o antílope. O círculo era assim fechado e completo.' 'Mas', ele acrescentou, 'embora um homem não esteja preocupado com todos as criaturas da série, no entanto, é verdade que cada o parto põe em movimento o nascimento de todos os animais e vegetais associados à família da criança.' Isso significava que quando uma criança nascia em qualquer um dos oito famílias, toda a criação entrou em ação. O europeu despediu-se. Os primeiros sons do zurro dos burros voltando dos pastos podia ser ouvido no direção de Luli. Atrás de cada homem que encontrava nas ruas estreitas, parecia ver as sombras de uma oitava parte de todos os seres viventes de o mundo.

VIGÉSIMO DIA

Sacrifício

A caminho das ruas de Baixo Ogol, de Dodyou Oreil a Tabda, passando por Guinna e Amtaba, estava pensando naquele mistério insondável, o sacrifício de sangue.

Nos templos de Binu, nos altares de Lébé, nos montes de terra colocados desavergonhadamente em mil sítios no meio de pátios ou encostados nas paredes, animais morriam na hora prescrita mas estações ao longo do ano. Todos eles derramaram seu sangue por causa daquelas relações com o Céu que o homem persistiu em manter. As aves derramaram com as cabeças penduradas para baixo e suas asas estendidas, seus pés mantidos no forte punho do homem que cortou suas gargantas. Ovelhas trêmulas foram passadas de mão em mão dos telhados para serem seguradas acima dos pedimentos, cravejados de ganchos de ferro e avelas, com os braços estendidos. Seu sangue esguichou a borbulhar da ferida, e fluiu sobre as fachadas em trilhas vermelho-escuras que se tornaram marrom como o ferro brilhante torna-se escuro.

Quando a vítima era muito pesada para ser removida do terreno em que jazia em seus estertores de morte, seu sangue era coletado em cabaças ao jorrar da garganta como de uma fonte, e o sacrificador como um jardineiro aspergiu em todos os objetos consagrados de ferro e madeira como se estivesse regando plantas. Pode-se dizer que todos animais domesticados em Sanga pereceram nos altares, exceto um pouco de gado mantido por um ano ou dois para o mercado. O Nazareno, a caminho do labirinto de ruas, onde as mulheres na mais suave das vozes estavam trocando saudações matinais, pensei em toda a tinta que havia o tema deste sangue e todas as hipóteses apresentadas para explicar a implacável determinação do homem ao sacrifício.

Ele sentiu fortemente que as únicas pessoas que poderiam entender-lhe,

os únicos homens que podiam se explicar, eram precisamente aqueles que não sabiam escrever. Alguns anos antes, ele havia compreendido a teoria da matança ritual: um Dogon de quinze anos colocou um membro da equipe na trilha, e de repente tudo ficou claro. Em todas as suas diferentes formas, seja de consagração, expiação, adivinhação, purificação, manutenção do invisível ou garantia de salvação para o próprio auto, o sacrifício para os Dogon tinha um efeito imutável — a redistribuição da força vital.

Mas não era simplesmente uma questão de tirar a força vital de uma vítima para colocá-la em outro lugar, ou para aumentar a força vital de algum outro ser, visível ou invisível. O objetivo era antes criar um movimento de forças dentro de um circuito composto pelo sacrificador, a vítima, o altar e o poder invocado. No caso do serviço ordinário de um poder como o Nummo, Filho de Deus, ou do próprio Deus Amma, o mecanismo podia ser visto claramente.

No momento crítico, ou seja, quando o sangue flui, o homem profere uma oração, pela qual ele invoca o poder, por exemplo, o Nummo, e explica o que ele está fazendo. A oração é dita em voz alta. É, portanto, em si uma expulsão de força, que segue as linhas da respiração que saem da boca do palestrante. Esta força serve, em primeiro lugar, para despertar o Nummo e, em segundo lugar, dirigir a força que flui da garganta ferida da vítima e se derrama sobre ao altar.

No altar, a virtude do sangue novo e fresco combina com o que foi deixado lá por uma longa série de assassinatos rituais. O altar é um depósito de forças, no qual o homem desenha no tempo apropriado, e que ele mantém constantemente alimentado. Isso é também o ponto de contato entre o homem e o Invisível.

Enquanto o altar for alimentado e seu poder for renovado por novas oferendas, o Nummo, quando ele ouve a Palavra vem para beber, para extrair forças e manter sua vida. A Palavra Dogon para sacrifício, de fato, vem de uma raiz que significa 'renovar vida'. Mas ao investir o altar com sua presença, o Nummo traz consigo um influxo de novas forças. O resultado é uma emulsão, uma mistura em ebulição, da qual procedem duas correntes. Uma delas é capturado pelo Nummo, e é sua parte no benefício do sacrifício. A outra, que é o mais importante

do ponto de vista humano, remonta ao fluxo do sangue da vítima, entra em sua garganta ferida, segue os canais do sangue, e se aloja no fígado, que é um local privilegiado, o cadinho oculto da personalidade. A vítima é então cortada, preparada e comida. Mas o fígado, agora cheio de virtude, vai para o sacrificador¹ cujo próprio fígado é preenchido com um influxo revigorante. Ao consumir o fígado a vítima assimila uma parte da força de Nummo, assim fechando o circuito aberto pela Palavra, que é ela mesma seu próprio fígado.

O Nazareno lembrava-se de todos esses detalhes, que havia já aprendido com os relatos que lhe foram dados pelos atores desta instituição milenar. Ele notou que o que vinha do fígado voltava ao fígado. O homem expectorou apenas para ingurgitar novamente, e no ciclo desse sustento espiritual, que usava a semelhança do sistema de nutrição física, a vítima e o altar do Deus tinham ambos o seu lugar.

Mas será que o ciclo foi realmente concluído desta maneira?

Ogotemmelí nunca havia falado muito sobre o procedimento do sacrifício. Ele acreditou que o europeu havia resolvido o problema, em parte porque sabia que este último estava bem informado sobre o assunto, e em parte porque a coisa toda lhe parecia autoevidente. Ele tinha mais revelações a oferecer a respeito da instituição, mas ele esperou até que o europeu estivesse familiarizado com as várias práticas e ações rituais. Ele estava certo, além disso, que suas explicações teriam sido ininteligível sem um conhecimento das concepções nos Degon da Palavra e seus efeitos.

O europeu, que estava prestes a entrar em Tabda e tomar a curva que levava à casa do cego, parou de repente e sinalizou para Koguem olhar. No ângulo escuro da rua uma galinha preta com uma cauda como um trapézio de cabeça para baixo estava em busca frenética de algum objeto invisível. Ela saltou em cada direção, quase dando uma cambalhota no ar, então parou abruptamente apenas para avançar cautelosamente, raspando o bico no chão. Quando o estranho parou, no entanto, a galinha arremessou contra um ponto brilhante, que apareceu por alguns momentos na parede; era o reflexo da tela amarela anexada para a lente da câmera que o europeu sempre carregava consigo.

No pátio, Ogotemmel, em seus trapos marrons, estava avançando com passos cuidadosos. Seus pés conheciam todas as armadilhas nas pedras e a poeira. Em sua mão direita ele segurava seu longo cajado, que chegava até o ombro. Sua mão esquerda segurava perto de seu lado a bolsa preta de couro, muito conhecida em todo o bairro, que continha remédios secretos.

Depois de uma longa saudação, ele sentou-se em seu lugar habitual no vão da casa térrea. Sua voz naquele dia era quase inaudível, pois ele ainda estava falando de Lébé e de seu sacerdote, o Hogon. Ele queria ensinar ao europeu o significado do sacrifício anual, cuja primeira fase, o lugar no altar ao ar livre no meio da grande praça de Alto Ogol conhecido como 'Terrço de Lébé'.

Este altar era um monte de terra cinza, e todos os habitantes da aldeia contornou-o com cuidado, pois continha um pedaço da terra tirada antigamente do altar de KaniBonzon, o primeiro lugar onde os Dogon pararam em suas migrações; este altar em si foi feito com terra da sepultura trazido do campo primordial. Este monte, portanto, representava em certo sentido o túmulo de Lébé.

No dia marcado, após as cerimônias de abertura da época de sementeira, um bode era degolado no altar.

'Um ferreiro está lá,' disse Ogotemmel, 'com sua bigorna. Ele está diante do homem que vai comer o fígado.'

'Quem vai comer o fígado?'

'O mais velho dos 'Impuros'.

Os 'Impuros' estão liberados da maioria das proibições, e em particular aquelas relacionadas com a morte. Cada família inclui um número de tais pessoas, que são designadas por adivinhação. Só eles são capazes de lidar impunemente com as forças emanando dos mortos.

"Por que um 'impuro'?"

'Porque o sacrifício ocorre na terra a partir de uma sepultura. Também porque um "Impuro" não é, como Lébé era, nem morto nem vivo.

' Um 'impuro' é, portanto, a pessoa mais adequada para receber temporariamente a força que passará da vítima para si quando engole o fígado. '

Assim que a garganta é cortada', continuou Ogotemmel, 'o ferreiro bate no chão com sua bigorna e não para de fazê-lo até que tudo seja consumido. Sua batida ajuda as forças a passarem.'

A força vital de Lébé, contida na terra da sepultura misturada com a terra do altar, passa ao ritmo do bater no fígado da cabra, e daí para o fígado do 'Impuro' que o come depois de cozido.

'Os golpes na bigorna iniciam o movimento.'

Ogotemmelí quis dizer com isso que os golpes da bigorna desempenharam a função da oração de advertência e deram ao movimento sua direção. Também lembraram os golpes desferidos pelo ferreiro que caiu do Céu na época do subterrâneo engolir e ressuscitar.

'Quando o 'impuro' come o fígado do animal', continuou Ogotemmelí, 'é como se ele estivesse comendo o crânio de Lébé, o crânio de seu velho pai, pois é a força do crânio de Lébé que passa para o animal sacrificial.'

Esta observação lembrou a colocação das pedras lançadas na tumba pelo Sétimo Nummo depois de ter comido Lébé. Considerando que as pedras que indicavam as juntas eram destinadas ao culto Binu, a pedra que marcava o lugar da cabeça era o sinal do culto do próprio Lébé, como o representante honrado do oitavo ancestral, e identificado com ele.

'O 'impuro' come o fígado cozido', disse o velho, 'porque o fogo o livra de tudo que é de mau agouro. A parte ruim da bílis contida na vesícula desaparece nas chamas, e o bom princípio permanece.'

Então, baixando ainda mais a voz e tendo satisfeito a si mesmo que nem a esposa de Hogon nem a dele puderam ouvir-lhe, Ogotemmelí acrescentou:

'O "Impuro", comendo o fígado, da própria vida.

Foi um ponto de viragem da investigação. Ogotemmelí cuspiu e pegou mais tabaco. Por alguns minutos ele falou apenas de alguns assunto obscuro relativos a um campo oco ao norte do Sammtigou, à direita da rocha conhecida como 'Ta Cave'. Ogotemmelí foi veemente sobre o caso, que para ele era tão claro como o dia, e ele insistiu que o povo da rocha Go eram impostores. Ele nem mesmo quis nomeá-los; ele os chamou 'o povo Go'. "Você estava dizendo", lembrou-lhe o europeu, "o "Impuro"..."

'O "Impuro", comendo o fígado, torna-se o próprio Lébé, quem morreu, quem foi comido e quem ressuscitou para a restauração

do mundo. Ele é o mesmo que Lébé; ele tem em seu fígado a força vital de Lébé. Ele é esvaziado de sua própria vida para que possa ser preenchido com a do antepassado; e, como é no fígado que o Verbo nasce, tudo que é dito pelos "Impuros" no sacrifício, e por um tempo considerável depois, é como se dito por Lébé. Quando ele fala, o "Impuro" transmite o bem da Palavra para todos.'

O bastante para esta parte do sacrifício. Eles agora tinham ouvido tudo sobre o ciclo do movimento das forças, a partir do sacrificador, passando pelo Poder invisível, o altar e a vítima de volta ao sacrificador. Isso pode parecer conta suficiente da operação; mas a filosofia Dogon não parou. As qualidades colocadas em movimento continuaram seu curso. Pelas palavras do homem que se identificava com o autor morto da terceira revelação, as forças vitais se espalharam para todos os humanidade ao alcance de sua voz.

Nesta ação, o mais antigo 'Impuro' não estava sozinho. Ele estava apoiado por outros homens da mesma espécie que ele, que consumiram o resto da vítima. Eles também receberam o poder de Palavras, mas não na mesma medida. No entanto, suas vozes foram eficazes e também operaram para o bem da comunidade.

Enquanto isso, Ogotemmelé continuou sua dissertação, que foi preocupada não tanto com o sacrifício em geral, mas com o sacrifício oferecido a Lébé na época da sementeira. A imolação do bode no altar ao ar livre foi seguida no dia seguinte por um segundo sacrifício. Isso aconteceu na casa dos Hogon em um altar que, aparentemente, não é especialmente dedicado a Lébé, mas também, e talvez principalmente, ao sétimo Nummo, que tinha engolido Lébé.

Este altar provavelmente não foi construído com terra do sepultura para o Hogon que estava muito distintamente 'vivo', ele mesmo consumiu o fígado da vítima depois de pronunciar a seguinte oração, na qual as aspirações e expectativas de todo o país Dogon foram resumidos:

Oh Deus ! Receba a saudação da manhã!

Ancestrais! Recebam a saudação da manhã!

Estamos aqui no dia escolhido,

Estamos saindo para lançar a semente,

Nós estamos saindo para cultivar.

Oh Deus ! Faz germinar o painço,
 Faz brotar as oito sementes,
 E a nona cabaça!
 Dê uma esposa a quem não tem nenhuma!
 E àquele que tem mulher sem filhos
 Dê uma criança!
 Proteja os homens contra os espinhos;
 Contra picadas de cobra,
 Contra os maus ventos!
 Derrama a chuva,
 Como despejamos água de uma panela!
 Milhete! Venha !

Ogotemmelí não disse se o Hogon se identificou com o sétimo Nummo. Mas o ponto era irrelevante, pela união do sétimo Nummo, que havia comido Lébé e o ressuscitou dentre os mortos, com Lébé, que havia sido comido e ressuscitou dos mortos, foi efetuado no decorrer do dia. Os 'Impuros' que, no dia anterior, haviam se comunicado na carne de Lébé, e o mais velho dos quais havia sofrido uma verdadeira transubstanciação, apareceu na casa de Hogan no momento do sacrifício para exigir que a união do sétimo Nummo e Lébé, representando a família do oitavo antepassado, devesse ser mantida intacta, que a Palavra e o mestre da fala devessem continuar a ser intimamente ligados em conjunto.

O rito do sacrifício assegurava assim que a ordem estabelecida no momento da ressurreição no campo primordial, deveria continuar e que as sementes lançadas na terra dessem frutos.

Mas Ogotemmelí não queria que se pensasse que o sacrifício a Lébé na sementeira fosse o único que permitiu a divulgação de boas palavras.

‘O efeito de todo sacrifício’, disse ele, ‘é o mesmo do sacrifício a Lébé. Primeiro se alimenta e se fortalece e então por meio da Palavra, dá força e vida a todos homens.’

Mesmo nos sacrifícios oferecidos pelo próprio bem, que cada um oferece nos seus altares pessoais, representando a sua cabeça ou o seu corpo, a refeição do sacrificador beneficia a todos.

É o mesmo com todo tipo de sacrifício ou libação que homens oferecem em altares de fundação em aldeias, em altares dos vários

bairros de aldeias, em santuários familiares, em vasos de barro comemorando gêmeos ou ancestrais, na Grande Máscara ou nos altares do fogo.

Todos os sacrifícios, portanto, têm os mesmos efeitos que o sacrifício do ritual corporativo celebrado na sementeira comunal. Depois de se comunicar, o homem fala, e sua Palavra, impregnada da virtude dos ancestrais, vai para os outros. '

O altar dá algo a um homem, e uma parte do que ele recebeu, ele passa para os outros', disse Ogotemmelí. 'Uma pequena parte do sacrifício é para si mesmo, mas o resto é para os outros. As forças liberadas entram no homem, passam por ele e saem novamente, e assim é para todos...' Como cada homem dá a todos sua sobra, assim também recebe de todos. Uma troca perpétua continua entre os homens, um movimento incessante de correntes invisíveis. E assim deve ser para que a ordem universal perdure. 'A Palavra', disse Ogotemmelí, 'é para todos neste mundo; isto deve ir e vir e ser trocado, pois é bom dar e receber as forças da vida.'

VIGÉSIMO PRIMEIRO DIA

A Palavra Fertilizante

A conversa do dia anterior deixara claro o poder da palavra humana. A voz do homem pode despertar Deus e estender a ação divina.

Isso, sem dúvida, era de se esperar, já que o próprio Deus, agindo através de seu filho, o Nummo, reorganizou três vezes o mundo por meio de três Palavras sucessivas, cada uma mais explícita e mais difundida em seu âmbito do que aquilo antes disso. Houve também a regeneração dos oito homens e seu renascimento como Espíritos da Água através da voz de Nummo que, falando consigo mesmo, fecundou-se.

De onde veio esta Palavra, que se difundiu ao longo das curvas espirais da respiração que sai do rosto, e que caminhos percorreu dentro do ser humano? Não era da natureza de Ogotemmelí dar respostas diretas a tais perguntas.

'Nummo', disse ele, 'que é água e calor, entra no corpo na água que se bebe, e comunica seu calor para a bÍlis e o fÍgado. A força vital, que é o portador da Palavra, que é a Palavra, sai da boca na forma de sopro, ou vapor de água, que é água e é a Palavra.'

Ele repetiu o que havia dito no dia anterior, que a Palavra veio da parte mais profunda e secreta do ser, ou seja, o fÍgado. Mas preferiu seguir a linha original de seu pensamento, e não para responder a perguntas.

Ele lembrou-lhes que a Primeira Palavra havia sido pronunciada na frente da genitÁlia de uma mulher; a primeira túnica tinha sido trançada, isto é, 'falado', pelo Nummo na frente de sua mãe.

A Palavra finalmente veio do formigueiro, ou seja, da boca do sétimo Nummo, ou seja, da genitÁlia de uma mulher. A Segunda Palavra, contida no ofÍcio da tecelagem, surgiu

de uma boca, que era também o órgão sexual primordial onde ocorreram os primeiros partos.

'Procedente da parte sexual de uma mulher', disse Ogotemmelí, 'o a Palavra entra em outra parte sexual, ou seja, a orelha.'

Na simbologia do corpo já discutida pelos antigos homens, a orelha era bissexual: a orelha externa era masculina e a abertura auditiva feminina. Mas, de fato, a Palavra, de acordo com sua natureza, pode entrar por duas aberturas em uma mulher — a orelha ou o órgão sexual.

Os palavrões entram pelo ouvido e passam pela garganta, o fígado, e finalmente o útero. O cheiro desagradável das partes sexuais das fêmeas vêm dos palavrões ouvidos pela orelha. É o cheiro, aparentemente, completando um ciclo de Palavras.

Por outro lado, as boas Palavras, embora captadas pelo ouvido, vão diretamente para as partes sexuais onde circundam o útero como a espiral de cobre circunda o sol. Esta Palavra de água fornece e mantém a umidade necessária para a procriação, e o Nummo, por este meio, introduz um germe de água no útero. Ele transforma a água da Palavra em um germe, e dá-lhe a aparência de um ser humano, mas a essência de um Nummo. Ou melhor, o Nummo, presente na umidade do órgão sexual, como em toda a água, por meio de palavras eficazes que se misturam com a semente da mulher, molda uma pequena criatura aquosa em sua própria imagem.

Assim, logo no início da vida humana, encontra-se um germe divino que jaz esperando no ventre de cada mulher fértil. É moldado por Nummo: mas a matéria viva de que o compõe é produzida pela ação humana. Todas palavras boas, sejam ditas pelas bocas de homens ou mulheres, entram nos corpos de todas as mulheres, e as preparam para o futuro acasalamento e parto.

Isso ocorre porque o germe assim formado da água não pode crescer ou se desenvolver; está em um estado de expectativa. Pode no entanto ser destruído por más influências. É imóvel, e o fluxo de boas palavras, mesmo que sejam incessantes, não fariam mais do que preservá-la nesta condição. Aguarda o alvorecer de seu ser.

Ogotemmelí não explicou por que esse germe celeste poderia não se desenvolver de acordo com sua essência. Se perguntado, ele responderia, sem dúvida responderia, que o 'porquê nos destinos do universo não faziam parte de sua filosofia e que, se as mulheres

trouxessem ao mundo gênios perfeitos e celestiais, os destinos não seriam o que são.

O germe deve, portanto, receber um novo começo. Deve também receber outra substância, pois em sua natureza celestial não fora preparado para a vida na terra. É neste ponto que o homem intervém.

Mas parece que esta intervenção, embora necessária, tem a marca de certos eventos primordiais. A luta amorosa do casal humano, em que a mulher resiste enquanto seu parceiro desempenha o papel agressivo, reproduz a luta primal entre o chacal, o filho mais velho de Deus, e sua mãe, a terra. O macho de hoje é o chacal cavando no formigueiro em busca da formiga, um avatar da terra. A mulher é a mãe incestuosa, que finalmente se confessa vencida pela força superior de seu filho e se acasala com ele.

O acasalamento do casal humano na escuridão do interior da sala com seus quatro postes é consumada na plataforma de terra, colocada de modo que o homem fique voltado para o oeste, deitado sobre o lado direito, enquanto a mulher está voltada para o leste. A cama; simbolizando o campo primordial com as sementes prontas para germinar, está cheia de expectativa de vida.

No momento da união o Nummo guia a semente masculina, que envolve o útero com um movimento espiral, como a Palavra fez. Esta semente, vinda como vem de um órgão feito de terra, é em si um símbolo da terra. Também é terra, porque vem das articulações do homem, que foram indicadas no túmulo original pelas pedras da aliança lançadas lá.

'As pedras', disse o velho, 'foram colocadas nos pontos onde as juntas mentem, porque as juntas são a coisa principal no corpo de um homem.'

Numo moldou esta terra com a água do germe, que é em si o produto das palavras ensinadas pelo Céu.

'A água da mulher', disse Ogotemmel, 'que o Nummo formou à sua própria imagem, é misturada por ele com a semente do homem, que é a terra.'

Como de costume, ele ampliou um ponto difícil retocando sua primeira declaração.

“Assim como Deus formou o homem da terra e da água, assim também o Nummo moldou a semente do homem com a água da mulher.'

'Nummo', ele acrescentou finalmente, 'com as palavras e as

sementes da mulher formou um ser de água à sua imagem. A semente do homem entra neste germe como um homem.

Ele quis dizer que a natureza humana em sua totalidade, 'como homem', entrou no ser de essência celeste que aguardava a vida no útero.

A semente do homem, originada nas juntas, as transmitiu, provendo o ser, cujos membros eram flexíveis como os de Nummo, com cotovelos e joelhos de homem. Assim, a semente masculina, extraída das oito articulações, dirige-se aos lugares correspondentes aos que ocupa nos membros do homem, dando assim a primeira indicação da estrutura humana. É também, por sua qualidade terrena, lembrete e evidência da dívida que cada um de nós tem com a terra, porque foi da terra que o primeiro par foi feito; e esta dívida tem que ser paga pelo derramamento de sangue, na circuncisão e excisão e na menstruação.

Mas Ogotemmelí adiou a discussão desta dívida para mais tarde e reverteu para os efeitos da Palavra na geração.

'Palavras ditas durante o dia entram nos corpos das mulheres. Qualquer homem falar com qualquer mulher é ajudar na procriação. Ao falar com uma mulher a fertiliza, ou pelo menos ao introduz nela um germe celestial, torna-se possível que ela seja engravidada da maneira normal.'

Ele comparou uma mulher grávida a uma espiga de milho começando a inchar dentro de sua espiral frondosa. Diz-se que tal ouvido "encontrou sua voz", talvez por analogia com uma mulher fecundada, que também achou uma voz, isto é, a voz de um homem.

Mas ele insistiu que a palavra, para ser boa, deveria ser falada durante o dia. 'Palavras ao dia são as únicas palavras boas. Uma palavra dita à noite é de mau agouro.' E isso foi por que era proibido falar alto, gritar ou assobiar nas aldeias à noite.

"As Palavras voam", disse ele. 'Ninguém sabe para onde vão; elas estão perdidas e isso significa uma perda de força, para todas as mulheres que estão dormindo à noite; nenhuma orelha, nenhuma parte sexual vai pegá-las.'

Onde poderiam desaparecer essas palavras sem eco e sem ninguém para ouvi-las? Era certo proferir, a quatro paredes, nas frestas das portas, nas ruas vazias, palavras dirigidas para ninguém?

Mas havia algo ainda pior do que a falta de ouvintes. De

fato em qualquer aldeia sempre há algumas mulheres que não estão dormindo. Palavras faladas à noite podem entrar em seus ouvidos. Elas dizem: 'Quem era aquele? Elas nunca sabem. O que se diz à noite é a palavra de alguém desconhecido, caindo em ventres aleatórios. Se alguma mulher engravidasse dessa maneira, o embrião seria fruto do acaso, como o de promiscuidade e uniões irregulares.

Mas as palavras ditas à noite não fertilizam as mulheres, e apenas como golpes no chão à noite desfazem o trabalho feito pelo ferreiro em sua bigorna durante o dia, assim a palavra da noite, entrando em uma orelha de mulher e passando por sua garganta e fígado, qual bobina envolve o útero de forma nada auspiciosa, desenrolando espirais eficazes formadas pela palavra do dia.

Palavrões, portanto, tornam as mulheres temporariamente impróprias para procriação destruindo, ou melhor, perturbando, o 'germe da água' que está esperando para receber a contribuição do macho.

Mas seus efeitos foram mais abrangentes. Ogotemmelí já disse que o palavrão não ocupava apenas o útero; desmaiava dali em emanções que também tocavam uma parte decisiva no ato da procriação.

"Palavras más cheiram mal", disse ele. 'Elas afetam a potência de um homem. Eles passam do nariz para a garganta e fígado, e do fígado para o órgão sexual.'

Elas fizeram um homem sentir aversão. Ogotemmelí então se virou à questão da higiene feminina, que poderia (disse) em uma medida considerável, combater os efeitos de palavrões. Ele referia-se ao celeiro celeste, no meio do qual havia uma jarra redonda, simbolizando o útero e o sol, que continha as pedras da aliança destinadas a marcar as juntas nas quais a semente humana se originou.

Nesta jarra redonda havia um pote menor servindo de tampa, cheio de óleo de *Lannea acida* destinado a uso higiênico e simbolizando o feto. Este vaso tinha sobre si um pote ainda menor contendo raízes aromáticas.

A partir desses objetos, Ogotemmelí desenvolveu regras de higiene, que incluíam detalhes das várias medidas tomadas pelas mulheres para atrair os homens. O cheiro (ele disse) agia como uma boa palavra no combate ao mau cheiro resultante de uma palavra má. A partir desse tema, ele voltou aos usos do vestuário e ornamentos, que ele já havia discutido longamente.

Em conclusão, ele se deteve no papel contínuo desempenhado por Palavras nas armadilhas e lutas associadas à procriação. A mesma Palavra que predisps o útero para o acasalamento, também exerceu uma atração sobre os homens nas dobras da tanga, o urdidura e trama que envolviam em seus fios as Palavras de os oito ancestrais.

VIGÉSIMO SEGUNDO DIA

O sangue das mulheres

O europeu fez uma pergunta à queima-roupa, que parecia não ter nada a ver com o assunto da conversa.

'Por que', ele perguntou, 'as oito famílias observam diferentes proibições? Por que todos esses animais?'

Ogotemmeli, que nunca se desconcertou, deu uma resposta o que fez seu interlocutor sorrir de satisfação.

Os animais proibidos', disse ele, 'são diferentes, porque úteros podem ser de quatro formas diferentes e o órgão do sexo masculino de três; as crianças produzidas por diferentes combinações dessas formas são, portanto, diferentes. Os animais, que são, em certo sentido, os gêmeos dos diferentes tipos de homens, devem portanto, ser diferentes uns dos outros.'

No início, ele os lembrou, o casa criado primeiro teve oito filhos, dos quais os quatro mais velhos eram homens e os outros quatro do sexo feminino. Este último classificado de quinto a oitavo na família; os úteros foram atribuídos a elas tendo qualidades associadas com os números 5 a 8.

A forma nº 5 é chamada *pobu* em alusão ao fruto da árvore daquele nome.

Ogotemmeli e Koguem riram maliciosamente com a palavra que é um dos piores insultos que alguém pode lançar a uma mulher. A forma *pobu* aparenta um ovo, arredondada abaixo e apontado um pouco para acima. Na disposição do celeiro celeste corresponde ao compartimento 5, ou seja, à semente do feijão, e tem a mesma forma oblonga. É de mau agouro e seus descendentes são malformados, porque não é profundo o suficiente e não permitem o desenvolvimento normal.

Seu número é o do aborto e das crianças doentes.

A forma 6 é chamada de 'pé de antílope'. É triangulada, de modo que tem a forma do número masculino 3, e deveria em teoria dar à luz gêmeos do sexo masculino (2 X 3, duas vezes o número do

macho). É propício, assim como as duas formas seguintes. Isto corresponde à azeda nativa.

A forma 7, chamada '*split*', é mais longa e mais fina que a forma 5. É dividida ao longo de seu comprimento como semente de arroz, à qual corresponde. Isto dá à luz gêmeos de sexos diferentes (4 + 3).

A forma 8, chamada de '*peito*', é um trapézio de cabeça para baixo como um peito do homem. Tem quatro lados (o número feminino) e produz gêmeos femininos (2 x 4). Corresponde à *Digitaria*. Ninguém sabe como as diferentes formas do órgão masculino foram atribuídas aos primeiros quatro ancestrais, mas as três formas são conhecidos como '*grosso*', 'cabeça de lagarto' e 'longo'. O primeiro deles, que é propício, é especialmente adequado para as formas femininas 5 e 8. O segundo, que é em forma de lança, '*pica*' é desfavorável para todas as formas. O terceiro naipe forma 6 e 7, mas é impróprio para os outros.

Estas quatro formas femininas e três masculinas são naturalmente encontradas em todas as oito famílias. Mas no alvorecer da humanidade elas foram a origem das classificações.

Essa ideia Dogon lança alguma luz sobre o que os linguistas chamam classes nominais? O sistema é baseado em uma classificação de criaturas vivas, objetos, ações e modos de ser, em categorias. Nas línguas africanas que foram preservadas, classe distinta de substantivos, com características especiais, pertence a cada uma dessas categorias. A língua Dogon, à primeira vista, não parece exibir essa distinção; mas por outro lado, fornece exemplos impressionantes de categorias de seres, objetos ou abstrações, aparentemente díspares, mas com nomes derivados da mesma raiz e, além disso, intimamente ligada nos mitos e em rituais, bem como nas mentes daqueles que participam neles. Assim, as conversas com Ogotemmelí serviram para iluminar a estreita conexão, não apenas verbal, mas também expressa nos próprios objetos e ações, que ligavam pano-vestuário-discurso-ornamento-sete-sol-vaca-mãe-lagarto (avatar do prepúcio)-quatro-celeiro-roubo.

Também seria possível, embora talvez bastante imprudente, sugerir uma conexão linguística ligando *Digitaria exilis*-menstruação e voz-espiral-cobre-chuva, que são fundamentais para o sistema religioso Dogon.

Mas essas ideias simplesmente passaram como um flash pela mente do europeu, ao ouvir as confidências de Ogotemmelí em voz baixa ou sussurro de acordo com o volume de ruído da rua.

'Depois que Deus fez a mulher', ele estava dizendo, 'Ele deu a ela um sangue ruim, que tem que fluir todo mês.' Essa aflição cansativa pode ser explicada como uma perpétua punição pelo incesto primordial do acasalamento do chacal com sua mãe a Terra. O chacal tinha colocado as mãos na túnica da mãe, que Nummo havia trançado. Até então as fibras desta vestimenta eram de cor clara: depois ficaram roxas.

"A cor vermelha das fibras", disse o velho, "é a do sangue menstrual que foi assim introduzido na terra. Mas, como é desrespeitoso falar da terra menstruada, foi dito que tinha tomado banho e que as fibras tinham ficado úmidas e agora estavam sendo colocadas para secar ao sol.' As consequências desta exposição de sangue serão referidas mais tarde. O fluxo de sangue menstrual é o resultado do acasalamento do filho e mãe, coisa proibida. Em outra conexão, Ogotemmelí comparou este sangue com aquele derramado na circuncisão que é considerado como o pagamento de uma dívida para com a terra. A mulher, tendo sido feita de terra, deve à terra esta dívida. Deus impôs a ela uma dívida de sangue, e ela tem que pagá-la na 'água do seio de Deus'. Tal foi o nome que deu ao sangue menstrual em respeito às mulheres.

A terra remete o pagamento desta obrigação somente durante gravidez e amamentação, pois a própria criança vale como pagamento.

Durante esses períodos ruins, a mulher deve ser separada da comunidade. O contato com ela contaminaria os homens, e sua presença em lugares onde as pessoas vivem enfraqueceria os altares. Ela, portanto, vive na periferia da aldeia em uma casa de rodada, símbolo do útero, e só sai à noite para se lavar. Ela tem que ir por um caminho prescrito para as águas que a ela é permitido usar, pois se for por qualquer outro lugar, a área será poluída, as piscinas seriam perturbadas e as cabeceiras de córregos iriam ferver.

'A mulher é a principal proibição de Nummo. ele deseja

sangue puro, e não um fluxo impuro. Ele some com a aproximação de uma mulher.'

E é por isso que os passos de uma mulher menstruada drenam toda a vida para longe dos lugares onde ela é proibida de pisar. Ela mesma é, em certa medida, a sede das perturbações comparáveis aos que causaria alguém que quebrasse as regras. O fluxo de que ela sofre é o excesso de sangue ejetado de dentro de si por uma superabundância de bile; e a bile é produzida pelas más palavras que nela entraram.

"Elas não apenas desenrolam a espiral fecundante das boas palavras", disse Ogotemmel, 'mas elas também se acumulam na vesícula biliar e exercem pressão sobre o sangue.'

É como se o Nummo, presente no fígado e incapaz de sair sem causar a morte, expulsasse do corpo o indesejado sangue, em si um símbolo da palavra maligna.

"A gravidez, por outro lado", continuou o velho, "é o sinal de que boas palavras entraram e não foram desenroladas do ventre. É um sinal de que está tudo bem.

VIGÉSIMO TERCEIRO DIA

O sangue das mulheres e a debilidade da *Digitaria*

As instituições Doom estão cheias de enigmas não resolvidos, guardados em todos os lados por mistérios, correspondências e simbolismos sem fim.

Muito trabalho foi feito antes que o contato com Ogotemmelí fosse feito. Seções consideráveis desta civilização foram descobertas e estudadas em detalhe. A operação de máscaras eram conhecidas; o culto dos mortos, certos procedimentos de sacrifício, foram analisados os cultos Binu e Lébé. Pesquisas realizadas por equipes de especialistas indicaram certas vias de abordagem no vasto campo de fatos que pareciam convergir para um ponto central, onde está a pista para motivos secretos dos homens, os elos de ligação na rede, os porquês e como na delicada complexidade do pensamento Dogon. Mas este ponto central parecia às vezes como uma rocha inacessível, às vezes como uma névoa insubstancial.

Ogotemmelí havia realizado o milagre de revelar este famoso ponto central ao qual tudo estava ligado; mais do que isso, ele havia indicado as linhas transversais que ligavam as instituições umas às outras, rito por rito e lei por lei. Em sua narrativa, a civilização Dogon apareceu na semelhança de um enorme organismo, cada parte do qual tinha sua própria função e seu próprio lugar, bem como contribuiu para o desenvolvimento geral do todo. Nesse organismo, todas as instituições estavam integradas; nenhuma estava fora dele; e cada uma por sua vez, por mais divergente que seja possa parecer e por mais incompreendido que seja, foi encontrado para se encaixar em um sistema cuja estrutura se revelou dia a dia com clareza e precisão cada vez maiores.

Durante anos o Nazareno enfrentou o problema da *Digitaria exilis*, conhecida na língua franca ocidental como

fonio, planta gramínea, cujo cultivo diferia de qualquer outra. Quinze anos antes ele tinha ouvido falar da primeira vez as trombetas soando ao pôr-do-sol para a noite chegando.

Primeiro veio o mugido de um chifre de vaca no campo de Ba Diguilou de frente para as paredes de Dodyou. Seus sons abafados trouxeram a jovens das ruas, cada um armado com um bastão curto. Então, na última luz do sol poente, a tropa desapareceu na direção de Gona, apenas para retornar no final da noite, anunciado de longe pelo som de chifres de antílope com suas duas notas penetrantes, que pareciam subir das profundezas do passado.

A *Digitaria* com seu minúsculo grão redondo é colhida em grande pressa no momento em que está maduro. Seu talo, que atinge até uma panturrilha do homem, dobra-se com o menor sopro de vento assim que está seco e o grão cai. É necessário, portanto, empilhar e debulha-lo rapidamente, se possível no mesmo dia. Na prática isso é feito nas primeiras horas da noite e, como tem que ser feito com tanta pressa; os jovens recolhem por trimestres, e durante várias semanas debulham a colheita de cada chefe de família sucessivamente. As moças juntam-se a este trabalho: varrem o grão para cair nas rochas, e carregam a colheita em peles de cabra em suas cabeças. Alguns dos mais fortes se revezam com os mais jovens e empunham o mangual.

Em certos aspectos, este trabalho parecia ter características peculiares próprias. Durante a colheita, que era feita pelos homens adultos, auxiliados pelas mulheres que carregavam as hastes cortadas, canções de imodéstia incomum eram trocadas entre os sexos. De tempos em tempos, os ceifeiros faziam uma concentração correr para a borda do campo, ou para encontrar outros trabalhadores vindos para se juntar a eles, e isso dava um toque especial ao trabalho. Mas o mais extraordinário foi a maneira como o grão era usado; foi proibido a um grande número de homens e apenas um 'impuro' poderia comê-lo impunemente, homens 'vivos' comuns poderiam ser isentos apenas em determinadas circunstâncias. Sacerdotes, por outro lado, poderia ser severamente contaminado por apenas tocá-lo, a única razão pela qual o Hogon podia nunca ser tocado era porque uma pessoa pode ter pó *fonio* escondido sob suas unhas e assim poder contaminá-lo. Não foi fácil induzir respeitáveis mulheres a bater,

e teve que ser peneirado fora das paredes em lugares especiais para a tarefa. O grão era duro e muito pequeno dando muito pouco alimento em troca de muito trabalho. Foi dito que as mulheres iriam pedir o divórcio se obrigadas ao trabalho de preparo. Por último, foi uma das rigorosas proibições do Espírito da Água.

Assim, o europeu experimentou a mais viva curiosidade quando Ogotemmeli observou calmamente que *Digitaria* e menstruação eram a mesma coisa.

No dia anterior, quando ele estava falando sobre a dívida de sangue devida pelas mulheres, ele não disse nada que sugerisse tal mudança na conversa.

'*Fonio e menses*', ele disse: 'o mesmo!'

As duas Palavras em Dogon são da mesma raiz.

Mas desta vez, disse o europeu para si mesmo, a conexão entre as duas coisas será difícil de distinguir. Para ele linguistas profundamente desconfiados que simplesmente estudam palavras sem considerar o que representam.

Ogotemmeli estava sentado, como sempre, em sua soleira, olhando para no chão, com as mãos cruzadas atrás da cabeça. Ele nunca exibia animação no decorrer das conversas, exceto para amaldiçoar o barulho dos galos ou chegar a um acordo com os homens que gritavam suas mercadorias para ele. Aparentemente, ele não sentiu emoção de qualquer tipo ao falar sobre essas coisas que estava além dos limites do tempo e do pensamento. Em suas mãos um pote redondo tornou-se um sol com oito espirais de cobre, e um velha cesta um universo. Todas essas coisas eram tão familiares para ele.

Quando ele falou da *Digitaria* sua voz era muito baixa, como só se encaixava em referência a um grão proibido conectado com os assuntos íntimos da vida das mulheres. A conexão, ele explicou, percorreu um longo caminho de volta, tanto no tempo quanto no espaço. Isto datado do tempo passado pelos oito ancestrais no céu depois sua transformação em Espíritos da Água. No céu os oito novos Nummo tiveram que viver separados um do outro. Mas o primeiro ancestral, que mais tarde se tornou o ferreiro, costumava visitar o terceiro, o ancestral dos povos aristocráticos. Eles assim transgrediram o proibição e, tornando-se impuro em consequência, teve que separar-se dos outros. Para que possam viver, no entanto, Deus deu-lhes o e

Foi então que o primeiro ancestral declarou solenemente perante todos os outros que ele nunca comeria esta plantinha; em vez disso ele deu a seu amigo, o terceiro ancestral. Um dia, porém, tendo comido todos os outros sete, ele foi forçado a implorar pela comida que ele desprezava. Apesar das expostulações do terceiro ancestral, que o lembrou de seu juramento solene, ele persistiu em comer o grão sobre o qual ele havia falado mal.

Ele pediu ao amigo que não dissesse nada sobre tudo isso, e novamente eles juraram manter a fé e apoiar uns aos outros sobre o *fonio*, e eles oraram a Deus para matar aquele que quebrou seu juramento. Mas os outros suspeitaram do que havia acontecido e, considerando que um Nummo, mesmo impuro, não deve quebrar sua palavra, ficaram envergonhados dele por ter comido o grão, e mantiveram sua proibição.

'Mas por que foi colocado no celeiro que desceu para a terra?'

'Estava lá por causa da palavra maligna. Foi a Palavra maligna.'

O elemento nocivo tinha que ter um lugar no novo sistema mundial. Ogotemmelí quis dizer que, desde que a palavra maligna foi pronunciado mais de uma vez, não poderia deixar de existir ou ser deixada fora da ordem mundial; e nada poderia representá-lo melhor do que a *Digitaria*, sobre a qual o primeiro ancestral havia dado a promessa pela qual ele se obrigou, e jurou seu falso juramento.

Era o símbolo da palavra maligna que encantava uma mulher e a impedia de conceber; que desenrola as bobinas da palavra boa em torno de seu ventre e se enrola lá em seu lugar. Isto era o símbolo do sangue menstrual, sinal da temporária esterilidade que essas bobinas ruins induzem.

É por isso que a *Digitaria* foi colocada no oitavo compartimento do celeiro, que tem o grau de Palavra e corresponde à vesícula biliar no corpo.

Mas deve ser entendido que a semente também preservou seu poder benéfico, a boa palavra que Deus colocou nela quando Ele a criou. Da mesma forma, a vesícula biliar é boa porque desempenha um papel no funcionamento normal do corpo, mas os seus conteúdos são nocivos quando em excesso.

Outro ponto a ser observado foi que a categoria do compartimento em que a *Digitaria* foi colocada era a do ventre do tipo 'peito', que gera gêmeos perfeitos. Os melhores e

os piores estavam, portanto, no mesmo lugar e na mesma categoria. Estava correto que eles fossem encontrados juntos, e que eles poderiam ser dissociados pela mesma ação — o movimento noturno de debulha, que atrai o bem e afasta o mal.

O clímax para o qual essa sutileza de pensamento estava tendendo e o desenvolvimento lógico a que se seguiria, ainda estavam para ser vistos.

O grão estando lá no universo, tinha que ser usado. Além disso, tinha que ser usado na própria função designada para isso na questão da procriação. Assim, o cultivo e especialmente a debulha da *Digitaria* foi organizada.

Ao som das trombetas que os convocavam, todos os rapazes e moças do bairro ficam excitados. Ninguém pode ausentar-se sob pena de pesada multa a pagar ao chefe da faixa etária dos mais velhos. A hora do pôr-do-sol é escolhida, em parte porque todos os aldeões terão retornado do trabalho externo e nenhum dos responsáveis pela debulha poderá evitá-la. Os meninos começam primeiro e vão para o local da atividade, onde começam a debulhar a colheita empilhada com suas varas. De pé em um círculo, seus braços sobem e descem em um ritmo de três batidas, um terço do grupo debulha a cada batida, só que o som é como as batidas dos cascos de um cavalo a galope. Enquanto eles trabalham entoam versos, alguns dos quais lembram as canções obscenas entoadas durante o dia por homens e mulheres colhendo juntos. De tempos em tempos alguns dos meninos saem para deixar uma das meninas que chegaram a entrar em cena no círculo.

As canções e o bater das hastes têm o mesmo objetivo.

'Debulhar o grão', disse Ogotemmeli, 'é bater selvagemmente a força, isto é, as palavras que ele contém; as boas palavras, que eles têm desde a sua criação, saem e se misturam com o canto. As canções formam assim uma rede sonora, na qual a força benéfica, as boas palavras extraídas pelos golpes, é capturada. As canções são fortalecidas por ele, e assim tornam-se mais aptas a enrolar suas espirais de fertilização em torno do útero, particularmente porque o significado das palavras é claro e referências a sexo são frequentes.'

Esta rede de som recebe a força benéfica que emana do grão, e as meninas e meninos carregam para a aldeia, emocionando ao som das trombetas que, de longe, anunciam sua vinda aos homens e mulheres que

ficaram em casa. A boa força do grão sai e segue as palavras e canções dos debulhadores. Os golpes pesados dos manguais, as canções e os toques de trombeta trabalham juntos para o mesmo fim, a produção de crianças. Embora sejam sons da noite, eles têm o mesmo bom efeito no útero como palavras faladas durante o dia.

Mas o europeu havia encontrado o que lhe parecia uma lacuna no desenrolar ordenado desses procedimentos visíveis e invisíveis. A qualificação 'embora sejam sons da noite' não lhe escapou, e ele aproveitou a primeira oportunidade para perguntar maliciosamente, "' Não é proibido em tempos comuns, exceto para certos jogos ou rituais, bater no chão, gritar, cantar ou fazer ruídos de qualquer tipo à noite? 'Normalmente', disse Ogotemmelí, 'bater no chão é proibido; quem o fizer é multado, e a multa é usada para comprar uma vítima que é sacrificada no altar de fundação da aldeia. Pois este altar santifica o chão em que está, e o sangue do sacrifício restitui ao solo a força perdida por causa dos golpes. Mas os golpes que os jovens dão não são golpes comuns.'

Ele ficou em silêncio por um momento. Ele pensou ter ouvido passos passando na rua. Quando ele falou de novo, foi com uma voz muito baixa. 'Debulha *fonio*', disse ele, 'é como um homem cortando a garganta de uma vítima em um altar.'

O europeu ouviu prendendo a respiração.

"É um ato de sacrifício."

Mas como o sangue entrou nele? Por qual torção de simbolismo foi possível chegar a esta comparação?

'A oitava semente', disse Ogotemmelí, 'é o símbolo da bÍlis e de sangue menstrual.' Ele repetiu a explicação que havia dado no início da conversa. A semente no oitavo compartimento (vesícula biliar) do Celeiro Celestial continha boas e más palavras. Tudo o que havia de bom nele foi extraído e misturado com as músicas; o que era mau ficou nele e caiu no chão com o grão sob os golpes dos manguais, como sangue pingando de uma vítima. Assim como em um sacrifício havia uma separação dos princípios espirituais da vítima, então as músicas pegaram a boa qualidade, enquanto os grãos dispersos retinham o princípio do mal,

o sangue menstrual representando a dívida devida à terra.

'A debilidade do grão', disse ele, 'é como uma mulher dando seu sangue à terra para beber'. O sacrifício simbólico da *Digitaria* espancada até a morte tinha dois aspectos: em primeiro lugar estava pagando a multa devida pelos golpes dos manguais à noite; em segundo lugar, estava pagando à terra a dívida de sangue original das mulheres.

Este efeito secundário foi, além disso, complementar à ação fertilizante das boas palavras extraídas do grão. Já que as canções, preces dessas boas palavras, iam colocando as mulheres em condições de conceber, ou seja, de cessar a menstruação, era preciso completar a simbólica ação pagando a dívida de sangue para a terra de antemão.

Assim as mulheres, durante a debilidade do grão, eram banhadas em uma atmosfera apropriada para a geração, e todos os rapazes e moças, a esperança da comunidade, tiveram que participem desta obra e daquelas canções, das quais eles mesmos extraíram forças para fazer amor no futuro. A multa que eles teriam que pagar para fugir foi destinada a punir, não tanto a perda de seu trabalho, mas sua falha em lucrar com a revivificação comunal das forças da geração.

VIGÉSIMO QUARTO DIA

A Alma Dupla e a Circuncisão

A colheita havia acabado há muito tempo. Os homens tinham derrotado um a um os talos da altura da cabeça, colheram as espigas ou cachos de grãos e permitiram que os talos, livres de seu fardo, saltar em linha reta novamente. Não havia nada nos campos agora mas canas altas e amareladas. Em enormes treliças carregadas em roupas masculinas cabeças e em pilhas empilhadas nas costas de jumentos diminutos, as colheitas tinham encontrado seu caminho pelas ruas da vila esbarrando nas paredes de barro à medida que avançavam, para serem depositadas em montões no pátios e incham os montes de esterco.

Houve um curto período, agora no final, em que bengalas compridas e secas eram arrancadas por crianças nuas, que então corriam pelas aldeias brandindo grandes lanças, com folhas tremulando ao vento como flâmulas. Eles formaram grupos de cinco ou seis e cercaram os cães, levando-os a becos sem saída onde eles passaram a espancá-los, com o resultado de que por uma boa semana depois qualquer cachorro fugiria, raspando as paredes enquanto caminhavam, à primeira vista da criança menor.

Esses jogos já haviam cessado por falta de lanças. Pisados por homens e ovelhas, os pedaços quebrados se juntaram aos montes de esterco do pátio. As crianças, enquanto isso, haviam adotado um novo jogo de vigiar a queda prematura dos frutos do embondeiro. 'Os incircuncisos', disse Koguem, 'não pensam em nada além de desordem e incômodo.' A coisa era bastante simples para ele, mas para Ogotemmelí o estado da infância era mais complexo. Percebia-se, como alguém escutou-o, a incansável solicitude dos adultos pelos jovens, e os sentimentos de homens e mulheres na presença do que certos sociólogos têm o prazer de chamar de "a bárbara invasão", que, por meio de crianças recém-nascidas, submerge a sociedade todos os anos.

As crianças estão, de certo modo, fora do grupo. Elas têm a sua própria vida, seus próprios caminhos, suas próprias posses, sua coleção de besouros e de gafanhotos com as asas quebradas de precaução pelo caminho. Elas sabem o valor de uma palha, uma pedrinha, um talo de nenúfar, uma cana. Elas estão naturalmente nuas. Elas são indiferentes ao perigo, mas aterrorizadas por ninharias. Elas também exibem uma misteriosa inclinação para a morte.

'Nada nelas é rígido', disse Ogotemmel, e explicou detalhadamente que isso, como tudo o mais, datava de volta à Criação original. 'Para que tudo esteja bem', disse ele, 'os nascimentos de gêmeos devem ser a regra'.

A fonte de toda desordem era a solidão do chacal, primogênito de Deus. Inquestionavelmente o chacal era mau, porque sua solidão o levou até sua mãe. Por causa disso, para evitar a solidão, o Nummo a cada parto reza para Deus pelo nascimento de gêmeos. Mas as orações do Nummo não são sempre respondidas, e é por isso que ele deu duas almas para cada criança ao nascer.

Sempre pareceu surpreendente para o europeu que a palavra para 'alma' — para usar o termo europeu tradicional — era uma repetição de uma única palavra, *kinndou-kinndou*, que deveria realmente ser traduzida como 'alma-alma'.

Nummo então criou duas almas gêmeas para um único ser. Ele está presente em seu nascimento na câmara interna da casa grande entre os quatro postes de apoio. A mulher senta-se em um assento baixo ou em uma argamassa virada; duas mulheres mais velhas a ajudam. A criança é entregue no chão, que deve tocar com seus quatro membros.

Nummo já desenhou no chão os contornos de duas almas mostradas em forma humana. O primeiro esboço é feminino e o segundo masculino. Como a criança recém-nascida toca os contornos, as duas almas se apoderam dela. O corpo da criança é um, mas a parte espiritual dela são duas. Quanto à origem dessas almas, e a fonte ilimitada em que Nummo deve sacar para esses presentes sem fim, Ogotemmel não tinha nenhuma explicação a oferecer. A criança então chega ao mundo dotada de dois princípios de sexos diferentes, e em teoria pertence tanto um quanto ao outro; seu sexo pessoal é indiferenciado. Na prática que a sociedade reconhece nele por antecipação o sexo

que ele terá na aparência. Simbolicamente, porém, sua a androginia espiritual ainda está presente.

A mãe, após o parto, permanece isolada por quatro semanas (cinco dias). Ela então sai na aldeia com a criança recém-nascida nas costas, e por três semanas ela carrega na mão uma flecha, se for menino, ou uma faca, se for uma menina, aparentemente para proteção contra perigos visíveis ou invisíveis. Note que estes dois períodos de quatro e três semanas são os números feminino e masculinos, respectivamente.

Durante as primeiras quatro semanas, a mulher que deu à luz para uma menina tece algodão. Esta é uma representação do trabalho principal que a futura mulher que ela deu à luz estará fazendo.

A mulher que deu à luz a um menino também gira, mas não muito. A ideia é simplesmente mostrar o companheirismo do macho tecelã e a fiandeira.

O fuso feminino trabalhando dentro de casa e a seta masculina exibida nas ruas pela mãe de um filho, ambos pretendem demonstrar a origem celestial da humanidade.

'Quando uma menina nasce', disse Ogotemmelí, 'a mãe leva seu fuso na mão como um lembrete de que o celeiro que desceu do céu estava preso a um fuso plantado no céu. O fio que ela enrola é o que se desenrolou no descida.

'Quanto à mãe de um menino, a flecha que ela carrega na mão é a flecha que o ferreiro segurava para se defender em sua viagem pelo espaço. Mas as duas coisas têm o mesmo significado, pois as flechas do ferreiro eram pontiagudas, e as que ele atirou no celeiro tornaram-se o eixo do qual o próprio celeiro era a enorme espiral de fuso.

'Assim, as ações e objetos que cercam um nascimento lembram a reorganização do mundo; eles significam a integração da criança recém-nascida no sistema revelado pelo ferreiro e pelo sétimo Nummo. Eles são uma manifestação da natureza do ser humano, que é feita para o trabalho.

Mas e os nascimentos de gêmeos? disse o europeu.

Essa pergunta de longo alcance exigia uma resposta longa, que Ogotemmelí reservou para outra ocasião. Mais tarde ele lidaria com o culto fundamental dos gêmeos.

O europeu percebeu, entretanto, que quando os gêmeos haviam nascido, cada um recebia duas almas, e os mesmos costumes foram

observados como no caso de nascimentos únicos; mas havia uma diferença importante: embora o período de reclusão tenha sido o mesmo, o período de saída da mãe 'armada' era estendido para quatro semanas, perfazendo oito semanas ao todo antes de ela retomar à vida normal.

Equipada com suas duas almas, a criança segue seu destino, mas durante seus primeiros anos sua personalidade mostra sinais de instabilidade. Na medida em que a criança retém o prepúcio ou o clitóris, características do sexo oposto ao seu próprio sexo aparente — sua masculinidade e feminilidade são igualmente potentes. Não é certo, portanto, comparar um menino incircunciso a uma mulher: ele é, como uma menina não extirpada, tanto homem quanto mulher. Se essa incerteza quanto ao seu sexo continuasse, ele nunca teria qualquer inclinação para a procriação.

O clitóris da menina é na verdade um gêmeo simbólico, um macho improvisado com o qual ela não pode se reproduzir, e que, pelo contrário, irá impedi-la de acasalar com um homem. Assim como Deus viu o órgão da Terra se levantar contra Ele, assim também um homem que tentasse acasalar com uma mulher não excisada seria frustrado pela oposição de um órgão que afirmava ser seu igual.

Tampouco pode o indivíduo agir normalmente e anular a dupla influência dos dois princípios: é essencial que um dos dois deve ocupar decisivamente o primeiro lugar. A criança não pode se comportar como um ser responsável, nem pode ser tratado como tal até ser circuncidado. Ele não pode, por exemplo, receber seu título completo ou estabelecer um culto, ou tomar os remédios que os curandeiros dão contra doenças ou usar amuletos. Todas essas coisas realmente pressupõem o tráfego de forças violento demais para um ser cuja alma ainda não estabilizou. Mas a dualidade do indivíduo não é a única causa de sua instabilidade; Deus tendo-o feito do pó, o homem contraiu uma dívida com a terra, que ele deve pagar com sangue. Ele tem que se oferecer como sacrifício à terra da qual ele foi feito: o derramamento de sangue na circuncisão, disse o cego, é como a oferta de uma vítima no altar, e é a terra que bebe o sangue.

Até que esta conta seja acertada, a alma não é estável, o indivíduo não a possui verdadeiramente. Desde o nascimento a criança é, como se ligados à terra por um elo chamado 'O fio de Deus', que cresce a partir do prepúcio ou clitóris e entra no solo.

Esse vínculo é estabelecido no momento em que o recém-nascido toca o chão; é um elo de sangue. Ele se move com criança e entra no solo a seus pés; na circuncisão é cortado.

'Quem então é a terra?'

Ogotemmelí não deu uma resposta direta.

'Sangue é derramado', disse ele, 'para devolver à terra o que foi tomado emprestado. Mas não é apenas a terra que recebe o que lhe é devido.

Nummo vem beber o sangue e chama Lébé, que o segue e também vem beber. Mas o sacrifício não é oferecido a eles; é feito para a terra e para tudo o que é da terra, incluindo, portanto, o primeiro par feito por Deus.'

Mas o Nummo? E Lébé?

'O lugar onde o velho estava (ou seja, o túmulo de Lébé), o solo a partir do qual Deus formou o homem, Lébé erguendo-se dos mortos na terra — todas essas três coisas são uma.' O princípio que Ogotemmelí estava proclamando era a unidade do universo. O túmulo da ressurreição era a terra. O homem é terra. O velho ressuscitou dos mortos era da terra, e foi na terra que ele foi lançado vivo. Por último, aquele que o ressuscitou dentre os mortos, ele mesmo morto e enterrado sob o ferreiro, voltou à vida na terra.

'Mas por que ferir o homem em seu órgão sexual?'

'Porque no prepúcio ou no clitóris reside a alma que deve partir; também, porque é por meio do órgão sexual que o feto se origina.'

No útero, explicou ele, o núcleo da vida é um órgão sexual, ao qual uma cabeça se liga, o corpo se desenvolvendo depois. O órgão sexual é o altar-mor da fundação do homem. Assim, Deus faz para cada ser o que fez na primeira criação; ele ergue o 'altar' do homem assim como o fundador de uma aldeia ergue um altar de fundação para a aldeia.

Mas não é só o corpo que é da terra. Alguns dizem que Deus formou almas como corpos, e é no chão que o contorno da alma é desenhado no nascimento. Parece também que a ideia de dívida a ser paga está associada à noção de uma situação desfavorável força assumida pelo indivíduo junto com sua condição cardíaca. Este elemento deve ser eliminado no final da infância e enviado de volta ao lugar de onde veio. Existem, portanto, várias razões para as práticas de circuncisão e excisão: a necessidade de livrar o

filho de uma força maligna; a necessidade dele pagar uma dívida de sangue, e pagá-la de uma vez por todas em termos de sexo; para estes pode ser acrescentado o sentimento de que, por uma questão de companheirismo, um homem, como uma mulher, devem sofrer em seu sexo.

Os preparativos para a operação começam desde o momento do nascimento da criança e, como se trata de estabilizar a alma, os altares familiares são usados para mantê-los o mais próximo possível da criança.

Na oitava semana após o nascimento, a flecha que a mãe de menino carregado é colocada no altar da nuclear família. O pai corta a garganta de uma vítima com as palavras: 'Oh Deus! Receba este sangue e traga dele a fortuna do meu filho!'

A partir deste momento as almas dos antepassados, que vieram ao altar para beber, ajudam a criança a assimilar-se espiritualmente na família, e dar-lhe uma porção de sua força infundindo-a no fígado da vítima, que é dado à criança para provar.

No dia anterior à circuncisão, a oração é novamente oferecida diante do altar para a estabilização da alma; e no momento em que o prepúcio é cortado, a alma masculina se transfere ao altar, e ali permanece durante todo o período de isolamento. Quando a criança se aproxima novamente do altar após a ferida ser curada, outra vítima é sacrificada por ele, e ele come o fígado; neste momento sua alma lhe retorna.

O primeiro efeito, portanto, da circuncisão é uma explosão de força espiritual; de um lado, o prepúcio cortado, sede da alma feminina, é transformada invisivelmente no lagarto chamado 'Sol'. A criança é assim libertada do elemento da feminilidade. Por outro lado, sua alma masculina, como a de uma vítima, deixa seu corpo e faz morada no altar da família. Por todo o período de reclusão, que o menino circuncidado tem que sofrer, ele está sem qualquer elemento de espiritualidade, que ele deve receber novamente, enquanto isto espera com os mortos.

O menino circuncidado é ele mesmo como alguém que está morto.

'Quando o menino circuncidado recupera sua alma do altar da família, ele está completamente livre da alma feminina, que partiu com o lagarto?'

'Não!' disse Ogotemmel. 'Ele ainda tem sua sombra, que é como uma alma feminina diminuída e que ele compartilha com o lagarto. A sombra é estúpida, enquanto a alma é inteligente.'

Mais uma vez a filosofia especulativa Dogon revelou si mesmo como uma série de ações e reações compensatórias lado a lado.

'O lagarto "Sol", continuou Ogotemmelí, 'é o símbolo do prepúcio feminino envolvendo o pênis masculino. Eu sua cauda curta assemelha-se ao pênis. É de cor vermelha, por isso se esconde da luz, para não ser comparado com ela.' Este lagarto, de fato, vive na terra e raramente é visto.

'O lagarto', disse ele, 'é fêmea; mas a parte de trás do corpo é como um pênis. É um prepúcio, mas também é como um pênis com o prepúcio puxado para trás. Rodeado por esta fêmea chamada "Sol" e redondo e vermelho como aquele luminar, que é feminino, o pênis acaba adquirindo feminilidade.'

'Qual é o significado do sistro feito de pedaços de cabaça, que a pessoa circuncidada usa durante o período de reclusão?'

O sistro é feito de uma vara ou bastão, no qual estão fatias circulares de cabaça, símbolo da feminilidade, com bordas irregulares. As crianças as sacodem para espantar os maus espíritos e mulheres.

'A vara do sistro', disse Ogotemmelí, 'é o órgão sexual sem o prepúcio. As rodadas de cabaça, em número igual ao número de meninos circuncidados, representam os prepúcios do grupo. O menino sacode o sistro com uma das mãos; na outra mão segura uma bengala decorada com um hélice de oito voltas cortadas na casca. O bastão é o Espírito da Água, que guia seus passos: a hélice é uma lembrança da espiral enrolada e desenrolada ao redor do sol.'

Assim, a criança tem em suas mãos a feminilidade, a água e a luz.

VIGÉSSIMO QUINTO DIA

Altars pessoais

O acampamento estava infestado de animais. À noite saqueadores desconhecidos agitaram pratos esquecidos, derrubaram portões e fugiram ao aparecimento de sombras maiores que as suas. Pode bem ser que esses distúrbios não foram devido a quaisquer animais; mas nada poderia ser feito sobre isso. Além disso, eram problemas internos, cujo remédio era conhecido, mas nunca aplicado.

'Se você ganhou um galo de presente', resmungou o europeu, 'coma-o no mesmo dia! Ou o cubra com um tapete com um peso em cima! Caso contrário, ele vai te acordar às quatro horas da manhã.'

Todas as noites, durante uma semana, um galo com um aspecto particularmente corvo penetrante havia triunfantemente desafiado todos os obstáculos e, por muito tempo antes do amanhecer, batia as asas fora dos muros e cercas, com o qual era cercado todas as noites.

"É pior", disse o europeu, "do que o carneiro de Doneyrou."

O carneiro, um presente de Doneyrou, o chefe do cantão, era um caráter tempestuoso. Quando solto no pátio, ele ia direto para a parede do invólucro, independentemente do resto do mundo; então ele recuou alguns passos em linha reta e, com um salto, lançou-se em uma investida implacável. Aproveitando uma projeção na parede de taipa, a ultrapassou, não como um salto de cavalo, mas como uma pantera. Ele tinha então desaparecido, seguido por dois homens gritando e acenando suas armas e uma multidão de crianças que não pediam nada melhor.

Não poderia haver dúvida de seguir esse turbilhão. Não foi senão até a noite, a hora em que toda a natureza descansou em paz, que o velo e os chifres apareceram novamente na ponta de uma corda.

'Primeiro ele comeu o painço em Ba Biguilou, que é cultivado para o futuro sucessor do Hogon. Então ele tentou Ogo Digou, que

pertence ao próprio Hogon. Ele comeu o milho. Então ele foi em Dodyou Oreil, e foi direto para a casa de Ongnonlou, que preocupado matou um cordeiro. Ele aterrorizou Dodyou Oreil o dia todo. Aqui está ele!"

Pode-se supor que o animal seria cortado em pedaços ali e ali, mas nada disso aconteceu. A inércia humana continuou a deixá-lo sair novamente todas as manhãs com o mesmo clamor de gritos e berros. Também houve pequenos incidentes causados por sapos. Lá foi um que se escondeu em um sapato e outro em uma saboneteira, que se mostraram em resposta a um dedo acenando.

Havia certos recantos onde era necessário caminhar cuidadosamente e sem fazer barulho para que um par de ratos do campo, pequenos como um polegar, pudessem fazer seu ninho no bolso de um casaco. Enquanto eles estavam fora, os pedaços de grama e linha podiam ser removidos para uma meia pendurada no mesmo local. Mas logo depois eles estavariam de volta no bolso do casaco.

'Ratos do campo', disse Ogotemmelí ao ser informado desses incidentes, 'são como roupas. Também fazem ninhos em alforjes e potes pendurados.'

Ele sabia tudo sobre seus hábitos, como ele contou sobre todos os pássaros e animais selvagens ou domesticados. Ele trouxe para iluminar um mundo desconhecido, que ele estava muito pronto para falar aproximadamente, tendo sido um caçador por muitos anos.

O Nazareno gostaria de segui-lo neste mundo do mato, onde cada animal e planta tem sua parte a desempenhar, seus medos e suas paixões. Mas o tempo pressionou; era necessário seguir as linhas principais da filosofia Ogotemmeliana, e deixar para investigações posteriores o desenvolvimento das instituições.

Nos nichos gastos pelo tempo na fachada da casa foram colocados, entre alguns objetos miseráveis, torrões de terra amontoados em pedras planas. Em alguns deles, uma pequena taça em forma oca havia sido feita; outros tinham ganchos de ferro ou pequenos pedaços de madeira bifurcada ou entalhada cravada neles. Eles eram os móveis dos altares pessoais da família de Ogotemmelí. Seu número mostrava que ele tivera muitos filhos e que, ao contrário do costume usual, ele não havia destruído suas coisas quando eles haviam morrido. Ogotemmelí frequentemente mencionava esses altares pessoais, e o europeu os conhecia bem; cada indivíduo

tem dois; o altar da caveira e o altar do corpo. A primeira é feita pelo pai alguns dias antes do menino partir para o recinto da circuncisão. O torrão moldado é colocado contra a cabeça do menino e é consagrado por uma libação de mingau de milho enquanto é dita a seguinte oração:

A criança vai para o mato,
Altar, receba sua água e madeira!
Não deixe o bom poder partir com o sangue!
Deixe o poder do mal partir!

O altar é então aspergido com o sangue de um galo ou galinha, cuja garganta é cortada para a ocasião. O fígado e o coração são tirados das aves e grelhados; uma parte é colocada de lado e jogada no torrão de terra, enquanto o resto é comido pelo menino.

No caso de menina, o altar da cabeça é erguido pelo pai em sua própria casa, quando a menina sai dela para ir morar com seu marido.

O altar do corpo é feito de um torrão de terra com o qual estão aparas mistas de unhas, cílios, cabelos e algumas gotas de sangue retiradas do iniciado. O pai geralmente consagra diante do outro altar, quando o corpo do menino precisa fortalecimento como resultado de suas experiências, ou quando a garota na puberdade é matrimoniável.

À primeira vista, estes dois altares constituem uma espécie de reserva de personalidade, na qual o indivíduo pode recorrer, e que pode ser aumentada por sacrifícios e libações. Para o Dogon comum, o sacrifício em seu altar da cabeça é equivalente a sacrificar sobre sua própria cabeça, a sede do pensamento e da vontade e a parte mais importante de seu corpo.

'Quando a cabeça está bem', diz o ditado, 'o resto está bem.'

Assim, os Dogon frequentemente sacrificam nesses altares em intervalos regulares correspondentes em parte ao ciclo religioso da comunidade, mas também quando a ocasião o exige. Doença, contaminação causada por transgredir uma proibição, perda de força, por exemplo, pela procriação, são todos neutralizados pelo fluxo vivificante liberado nos altares pela aspersão de sangue que, aliás, beneficia o sacrificante que, em certo sentido, se comunica consigo mesmo em comendo a vítima que sacrifica.

Mas este arranjo, que é aceito pelo ordinário Dogon, era incompreensível para o europeu. Como alguém poderia

oferecer um sacrifício para si mesmo? Se alguém destacasse uma parte de si mesmo e fizesse dele um altar, o sacrifício não atrairia força alguma. Havia, é claro, a força da vítima; mas uma refeição de frango assado teria o mesmo efeito e certamente aumentaria a força do sacrificador.

Assim, ele decidiu fazer a Ogotemmelí a pergunta que geralmente surgia neste tipo de inquérito:

'Quem vem beber o sangue de um sacrifício oferecido em altares da cabeça ou do corpo?'

Esta pergunta, que parecia bastante inofensiva, tinha sido a questão mais difícil de enquadrar em toda a sua carreira etnológica. Pois é necessário considerar cuidadosamente a forma de uma pergunta se é para produzir a informação desejada. Foi de fato uma pergunta tão simples que ninguém jamais havia pensado em fazê-la. A primeira vez que ele fez essa pergunta, simplesmente colocou seu informante para fugir; ele era um homem tímido, com medo de evocar o invisível. Mais tarde, teve mais sucesso, e o investigador foi capaz de jogá-lo como um tição na confusão de reticências, falsidades e ocultações apresentadas a ele por seus informantes. Esta pergunta produziu apenas duas respostas: luta ou a verdade.

Para Ogotemmelí, voluntário instrutor de um europeu, a pergunta era perfeitamente natural.

'Quando a garganta de uma vítima é cortada em um altar pessoal', disse ele, 'há dois que vêm para beber o sangue — o primeiro homem criado por Deus e Lébé.'

Ele prosseguiu dizendo que, em certo sentido, o primeiro homem e os mortos e Lébé ressuscitado eram uma e a mesma pessoa. Mas o europeu pretendia sondar o significado dessa sutileza mais tarde. 'Por que', ele perguntou, 'um é a cabeça e o outro o corpo?'

'Quando uma vítima é sacrificada em um altar da cabeça', foi a resposta, 'é a força do crânio do primeiro homem e do crânio de Lébé, crânio que passa de volta pelo sangue e entra no fígado. Se o sacrifício é oferecido em um altar do corpo, é a força do corpo do primeiro homem e do corpo de Lébé que enche o fígado comido pelo sacrificador.'

Então os dois altares foram erguidos em nome do primeiro homem e de Lébé, e não apenas em nome do beneficiário. 'O quê', disse o europeu, 'é a fórmula proferida no consagração?'

'Ao fazer o altar da cabeça,' disse Ogotemmelí, 'e em tocando a testa da criança com ela, o pai pede ao velho a ajuda.'

"Que velho?"

'O primeiro homem criado, e também Lébé.'

Ogotemmelí repetiu sua afirmação como à identidade dos dois, e citou as palavras da fórmula de consagração: 'Ho! Crânio do velho, venha ajudar!'

Para o altar do corpo o rito era semelhante, mas o apelo não era mais dirigido ao crânio:

'Ah! Corpo de velho, venha e ajude!'

A pergunta do europeu foi completamente respondida. Mas ele estava apenas um passo mais perto da iluminação. Porque a separação do crânio e do corpo? Por que esses altares pessoais, quando os grandes altares públicos regularmente recebiam nas datas prescritas as libações e sacrifícios de sangue da comunidade?

'Quando esses altares são modelados,' disse Ogotemmelí, 'a história de Lébé é lembrada.'

Ele quis dizer a ressurreição de Lébé e sua expulsão para o sétimo Nummo na forma do contorno das pedras.

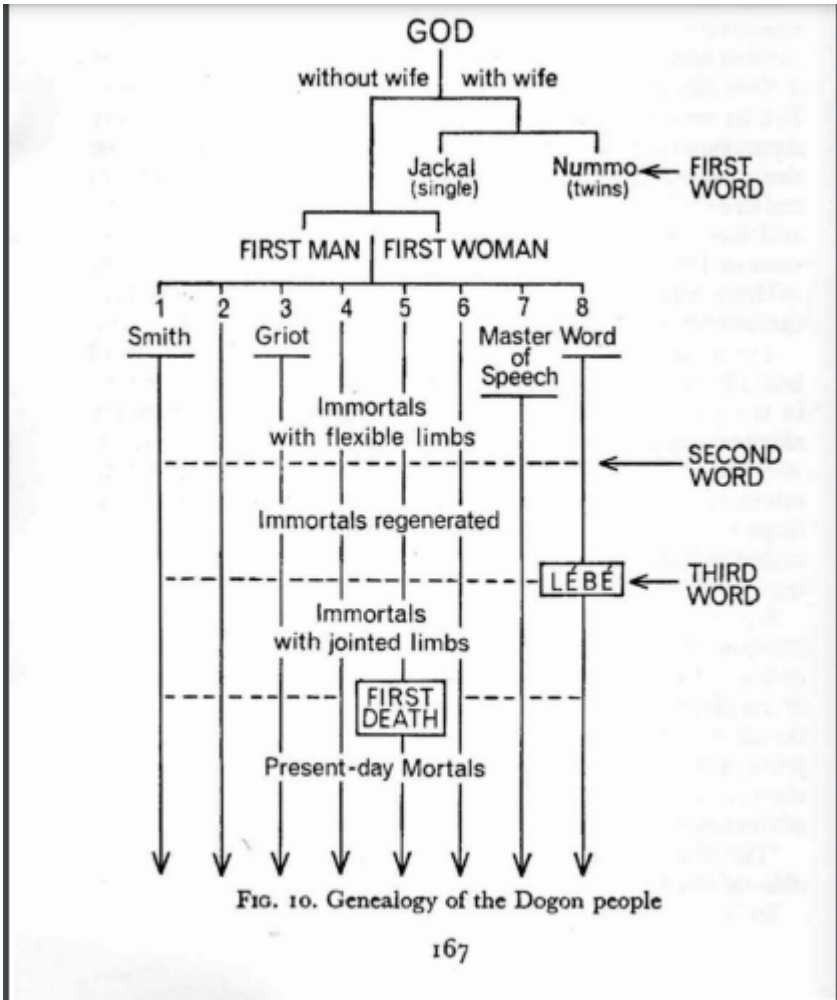
O altar da cabeça é feito separadamente do altar da corpo, porque no túmulo do velho uma pedra foi encontrada no lugar da caveira, e as oito pedras e as outras menores no lugar do esqueleto.

A pedra no lugar da cabeça estava separada das outras e classificadas como N^o. 9, que é o número da chefia; e assim o altar da cabeça é feito separadamente. Cobre é adicionado a ele também para recordar a excreção de Nummo depois de engolir o velho.

Mas havia outra complicação. Pedra n^o 9, que Nummo havia engendrado no lugar da caveira, tinha um toque especial, seu próprio destino. Tornou-se o emblema da função do Hogon, sacerdote do culto de Lébé. Simbolicamente, portanto, o altar da cabeça poderia representar Lébé. Mas as pedras de articulações, que haviam delineado o corpo de Lébé ressuscitado, também tinham seu próprio destino. Tornaram-se emblemas das funções dos sacerdotes do Binu.

'O altar da cabeça é Lébé,' disse Ogotemmelí, 'e o altar do corpo representa Binu.' Assim, neste culto de autoajuda, cada homem tinha ao seu alcance

e para seu uso privado um sistema religioso de Lébé e Binu, representando em miniatura o sistema-mundo lançado na tumba do campo primordial. Ele tinha, em suma, uma representação da própria tumba na forma de dois torrões de terra amontoados sobre pedras planas. Sem perturbar o sistema social, nem perturbar a serenidade dos grandes altares erguidos nos santuários, poderia agir para proteger seus próprios interesses modestos, manipular forças benéficas em particular e promover o trabalho do



cosmo, tudo com os pés no monturo de seu próprio pátio. ·

Mas havia ainda mais do que isso. À luz de certas ilusões feitas em conversas anteriores, o Nazareno poderia entender por que a pessoa em questão introduziu pregos e cabelos na composição de seus altares e por que ele tocou um deles com a testa. Se o altar da cabeça representava o crânio do primeiro homem, de Lébé, e do homem de hoje, e se o altar do corpo representasse os corpos de todos três, isso devia significar que uma natureza idêntica pertencia ao primeiro homem criado, o primeiro homem morto retornado à vida, e o homem dos dias atuais. Foi por isso que um altar dedicado aos dois primeiros continham as unhas, cílios e cabelos do terceiro. Quando o sacrificador consumia a vítima imolada em uma parte de si mesmo, ele estava se comunicando, na realidade religiosa, com a primeira obra humana de Deus. Ele estava se comunicando também com o ancestral restaurado à vida como um poder celestial, cujo corpo havia fornecido o desenho da nova ordem das coisas. Em outras palavras, ele estava assimilando a força vital de ambos, e assim, na sua vida privada e em seu próprio nome, assegurando o curso do destino deste mundo.

Assim, foi possível perceber como, na autoridade e economia Dogon detalhada, o todo está presente em todas as partes; como os grandes cultos nacionais podem ser fragmentados em partículas finas como pó as devoções individuais, cada uma das quais, pelo jogo de símbolos, abrangia toda a imensidão do mundo ordenado de homens.

VIGÉSIMO SEXTO DIA

Aparição da Morte

A MORTE ainda não havia aparecido nas conversas com Ogotemmelí. Todos os eventos míticos relacionados com a revelação das três Palavras reorganizadoras aconteceram enquanto os homens eram ainda imortais. A morte de Lébé, a morte do sétimo Nummo não passou de artefatos da Divina Providência. Eles usavam apenas a aparência da morte, e a dupla ressurreição restaurará o curso normal das coisas.

Por muitos anos, uma equipe de europeus já conhecia os mitos que contam a entrada da Morte no mundo e a operação de instituições que tiveram que enfrentar esse trágico desenvolvimento. Mas ainda havia muito que era obscuro nas informações que já haviam reunido.

O europeu sabia que todos os eventos estavam ligados entre si no desenrolar da história universal, e que o fim físico o homem existe em germe desde o princípio; estava implícito nas fibras com as quais o espírito fez uma túnica para sua mãe, a Terra.

Um mito notável dizia respeito às aventuras das fibras em todo o mundo. Avermelhado pelo sangue menstrual que fluiu após a união incestuosa da Terra com seu filho do chacal, eles foram colocados para secar no formigueiro. A cor vermelha era tão brilhante que um transeunte ao vê-los exclamou: 'É o sol? É fogo? Que coisa surpreendente!'

Uma voz do formigueiro respondeu:

'Não é o sol, não é fogo, é algo novo.'

O tempo passou, e as fibras foram roubadas e colocadas à disposição de uso humano. Uma mulher pegou-as, as colocou fazendo surgir o terror ao seu redor, e reinou como rainha, graças a este marcante adorno que ninguém jamais tinha visto. Ao fim os homens as tiraram, vestiram-se com a vestimenta real e proibiram seu uso por mulheres, com algumas

exceções. Todos os jovens dançaram vestindo roupas vermelhas, e as mulheres tiveram que se contentar em admirá-los.

Mas a posse desses bens roubados, adquiridos à força, carregaram consigo sua própria penalidade; aqueles que roubaram a mulher tinham escondido sua façanha do homem mais velho, assim quebrando a tradição de respeito e submissão devida ao seu chefe natural. O velho, tendo chegado ao fim de sua vida, a vida humana, tinha, como os antigos, se transformado em um Espírito Nummo. Mas, de acordo com a regra, ele não tinha subido para céu e continuado sua vida terrena na forma de uma grande serpente. Um dia, quando os jovens se vestiram em suas fibras, que eles mantinham escondidas em cavernas, e estavam em caminho para a aldeia, a serpente os encontrou e bloqueou o caminho. Irritada por ter sido desrespeitada, os repreendeu violentamente, falando na língua Dogon para que eles pudessem entender; e esta foi a causa de sua morte. Pois como ele não possuía mais a forma humana, cuja linguagem era a Terceira Palavra revelada, ele deveria ter usado a linguagem próprio dos espíritos, de cujo mundo ele veio, ou seja, a Primeira Palavra. Ao falar aos homens em linguagem que lhes era familiar, ele estava transgredindo uma proibição e assim se afastando do mundo sobre-humano, no qual ele era agora um elemento impuro e, portanto, não poderia mais viver lá. Era igualmente impossível para ele retornar ao mundo dos homens. Assim, ele morreu ali mesmo.

Sua morte foi, portanto, o resultado de infringir uma proibição em si causada pela quebra de uma regra. Isso foi algo universalmente reconhecido; todas as religiões atribuem a perda da imortalidade a um pecado envolvendo uma quebra do ordenado. Mas, para os Dogon, como exatamente o desastre aconteceu? O que aconteceu com as forças incorporadas na serpente-ancestral? O que tomou o seu lugar?

'As fibras usadas pelos jovens estavam secas', disse Ogotemmel.

As explicações do velho muitas vezes começavam com uma enigmática observação, que foi o ponto de partida para um desenvolvimento lógico de princípios conhecidos.

'Eles eram o símbolo das fibras avermelhadas pelo sangue que se seguiu ao incesto da Terra, que havia sido colocado no formigueiro para secar ao sol. Mas eles também eram o símbolo das

fibras umedecidas no início por Nummo, ao refrescar o ventre das mulheres. Foi errado, portanto, expor ao calor e à luz, pois devem estar sempre úmidos para proteger a genitália e estimular a procriação.

Ele enfatizou a necessidade da umidade.

'Fibras úmidas são refrescantes; elas não devem secar. Secas, as fibras tornam a mulher seca, ou seja, estéril.'

O europeu se perguntou aonde levava o argumento do velho e como ele chegaria ao problema da Morte.

'Hoje em dia', continuou o velho, 'sempre que um homem coloca uma túnica de fibra para dançar em um lugar público, ele a umedece com um pouco água antes de amarrá-la a sua volta, dizendo enquanto o faz: "As longas palavras de homens!. Isso pretendia mostrar que um antigo ditado dos antepassados estava sendo seguido e um muito antigo costume observado.

'Colocar água na túnica de dança é bom para as mulheres: é como umedecendo sua genitália para ajudá-las a ter filhos.

No que dizia respeito aos homens, a prática tinha ainda mais significado; eles não estavam apenas demonstrando uma condição de procriação.

'Quando os homens usam as túnicas de fibra, é como se estivessem vestindo como mulheres, pois este vestido representa as partes sexuais femininas; além disso, quando vestidos assim eles representam, não mulheres em geral, mas mulheres grávidas; é como se estivessem úmidos com a umidade do órgão sexual feminino.'

Ogotemmelili parecia atribuir alguma importância a convencer o europeu da necessidade de umidade.

“Quando expostas ao sol, as fibras ficavam quentes e secas. Elas foram pensadas para estar ao sol ou ao fogo. Elas não continham mais água, pois o sol as havia bebido toda. Mas elas ainda tinham um certa quantidade de força, com sede e pronto para atrair e absorver umidade.'

Representavam, por assim dizer, ausência de vida e desejo de vida. Mas elas eram impuras por causa de sua cor que era devido ao sangue menstrual e, sem dúvida, não deixariam de absorver impureza, a força liberada pela violação das proibições.

'Quando o velho homem-serpente abusou dos jovens, as fibras beberam em suas palavras; elas beberam a respiração que veio para si e por sua causa, pois eles foram a razão da reprimenda.'

A pouca força que restava nas fibras era uma pequena quantidade de água, isto é, de Nummo.

'Como sobrou um pouco de água, Nummo bebeu a força do velho. Ele bebeu o sangue do velho. Esta força, este sangue, veio com as palavras do velho que passaram de sua boca às fibras.'

Assim morreu a serpente, seca pelas fibras e bebidas por Nummo.

Assim como a umidade da terra é absorvida pelo sol, a do velho foi absorvida pelas túnicas de dança. Era como se o a umidade das Palavras havia sido inspirada pelo sol do fibras.

A serpente jazia morta no meio do caminho. Os jovens estavam assustados e fugiram para a aldeia, de onde voltaram com os mais velhos. Decidiu-se levar a carcaça para uma caverna, e para envolvê-la nas fibras que haviam sido a causa de sua morte. Mas esta era apenas uma solução aparente, embora válida para as aparências; não regulava o invisível. A alma do velho deixou o corpo morto, levando consigo o que restava de sua força. À medida que a putrefação prosseguia, os princípios espirituais libertado procuraram uma morada. Eles a encontraram na pessoa de uma mulher grávida que, por algum motivo obscuro, estava usando uma túnica vermelha como aquelas em que o corpo da serpente foi envolto. A mulher deu à luz uma criança, que era vermelha como as fibras e malhado como o réptil, e não se tornou normal até que ela tivesse sido dedicado ao ancestral que havia desapareceu como resultado da desobediência humana.

A dedicação ocorreu ao longo de um longo período de reclusão a que o filho adolescente foi submetido. Para a cerimônia um grande tronco de madeira foi cortado na forma de um réptil e pintaram as cores da serpente morta, e para isso os princípios espirituais, pelos quais a criança não podia mais fornecer um lar, foram atraídos por um sacrifício adequado. A própria criança estava ligada ao culto que a comunidade instituiu em homenagem ao ancestral.

Esses eventos e ações produziram grandes consequências. O europeu ponderou muito sobre eles, enquanto Ogotemmelí estava absorto no negócio sério de fumar. Com a morte do ancestral, prelúdio da morte dos homens, surgiu a obrigação imposta aos vivos de prover habitação

para as almas e forças liberadas de todos os que vieram para morrer. Eles também tiveram que encontrar entre si uma criança para ser responsável pelo culto que se estabeleceu em todos os casos. O mundo do morto deveria agora ser organizado em toda a sua complexidade. Foi para deitar um fardo pesado para os vivos; deu o primeiro impulso à arte, através da escultura de imagens em madeira, representando as pessoas mortas, e depois de máscaras de animais, pois animais também pereceram, mortos pelas mãos dos homens; dando origem à ansiedades pessoais por razão da rede cada vez mais intrincada de regras e proibições em que todos estavam envolvidos. Pode ser dito que a série de erros e ofensas que resultaram na morte introduzira uma nova ordem de coisas, na qual o indivíduo, e não mais simplesmente o grupo, tinha um papel a desempenhar. Embora as responsabilidades gerais comuns à natureza humana permanecessem, aqueles delitos, em que podem ser reconhecidas as primeiras noções de pecado, impuseram à humanidade o isolamento do indivíduo, causando divisões intermináveis na sociedade, e reduzido a medida da capacidade de cada homem o ônus da expiação ou de manter a nova ordem.

Não fazia parte das intenções do europeu voltar a discutir em detalhes os numerosos rituais, atitudes e representações decorrentes da perda da imortalidade do homem. As instituições relacionadas aos mortos eram bem conhecidos; mas em todos os casos a questão de origem surgiu, e apenas um homem como Ogotemmelí poderia jogar luz sobre isso.

Uma dessas instituições exigia atenção por conta de sua ocorrência generalizada e cerimonial imponente. Isso ocorreu em um festival celebrado a cada sessenta anos por toda a população, e que, de ano para ano, durante um longo período, afetou todas as partes do país Dogon. Este ritual itinerante, que se chamava *Sigui*, começou na região de Yugo.

Toda a área de falésias e planalto, de nordeste a sudoeste, participou. Foi a ocasião de longos dias de danças e apresentações rituais. A coleta dos alimentos consumidos exigiu meses de esforço. Cada família no território cuja vez era para demonstrar, viveu por um longo período de antemão em um estado de ansiedade febril.

Duas características essenciais do festival são a formação de uma longa serpente de madeira de um único tronco de árvore — um daqueles trazido de volta pelo europeu para os museus da França

media dez metros — e o consumo de cerveja de painço, o bebedores sentados em um tipo especial de assento chamado 'assentos-máscara', que não são usados em nenhuma outra ocasião.

O significado da forma da tora em era claro. Servia para fornecer um novo local de descanso para os princípios espirituais do primeiro homem morto, que ainda estava presente no mundo dos homens. A madeira da primeira 'Grande Máscara' cortada pelos antigos era de curso desgastado, e o homem designado para cuidar dela estava morto. Esses dois acontecimentos ameaçaram a paz da humanidade. O espírito do ancestral precisava de outro lar, e o seu culto exigia um novo iniciado. Uma criança foi, portanto, escolhida dentre os descendentes daquele que havia nascido com a marca do ancestral morto. A nova criança foi iniciada, junto com vários companheiros, na caverna onde a Grande Máscara foi colocada. Foi consagrada, por sacrifício de sangue, à nova tora, que, com o acompanhamento de ritos e orações adequados, haviam substituído o antigo. O mesmo procedimento era seguido a cada sessenta anos; e em aldeias antigas podem ser vistos, enfileirados no fundo de cavernas, os postes altos dos últimos sessenta anos, os mais recentes alguns ainda com traços de cor, enquanto os mais velhos foram caindo em decadência e se desfazendo em pó com um toque.

Mas, se o entalhe periódico da máscara e a consagração de novos iniciados pudessem ser explicados, não era assim com a bebedeira de cerveja, da qual participavam todos os homens do distrito, classificados de acordo com a idade e sentados em assentos de uma forma incomum. A bebida real sem dúvida tinha um significado místico; foi uma comunhão geral, compartilhada pela nova Grande Máscara, pingando com libações, e toda a população masculina, do ancião enrugado ao bebê nascido naquele mesmo dia. O todo comunitário foi consagrado à máscara e assim assumida responsabilidade tanto pela expiação da ofensa contra o ancestral e pelo culto do novo lar para seu espírito.

Por outro lado, nunca houve qualquer explicação sobre o significado do 'assento-máscara', uma espécie de muleta curta na forma de um Y, com os dois ramos bem separados, muitas vezes quase na horizontal, afinado e entalhado nas bordas. A comunhão não era válida a menos que o comungante estivesse sentado nesta sede, previamente consagrada por uma libação especial.

'O assento-máscara', disse Ogotemmel, 'representa o Espírito da Água.'

Mais uma vez foi preciso voltar ao remoto passado mítico.

Antes de sua transformação em Nummo, o ancestral que foi o primeiro a sofrer a morte, teve longa disputa com um homem de sua própria classe de idade sobre precedência. Cada um desejou ter precedência sobre o outro, e cada um afirmava ser o mais forte.

Ambos pertenciam à quinta família, hoje estabelecida em Yugo. Quando chegou a hora de sua transformação, eles ainda não se reconciliaram e, depois de transformados em serpentes, eles renovaram a briga, cada um gritando na língua dos Espíritos 'Sou eu o mais forte!' Ao fim, depois de uma luta, a primeira serpente matou a outra e a comeu.

Foi nessa época que o incidente com os jovens ocorreu, e a serpente morreu em um estado de impureza. O inimigo ele havia engolido, e que estava apenas aparentemente morto, agora saiu do corpo do vencedor. Como, no entanto, ele estava em contato com a carcaça e ressuscitou de um menino morto, ele também morreu de contágio. Mas sua morte não pode ser comparada com a do outro. Seu conquistador morreu impuro; ele mesmo morreu sem ser contaminado, mas apenas por contágio, como seria posteriormente o caso com a maioria dos homens. Seu esqueleto foi recolhido, tosco e transformado em altar. Uma cópia dele pode ser vista, disse Ogotemmel, além do campo Santigou, perto da nova aldeia de Go.

O europeu conhecia esse alto marco vermelho, no qual anos antes de ter visto um animal de braços abertos, sacrificado, aberto e despojado por aves de rapina. Por meses ele tentou encontrar alguma forma de romper o muro de silêncio erguido pela família Sangabinou, os guardiões do mistério. Pedacos desconectados de informações irrelevantes foram a única recompensa de sua persistência. Os anciãos Sangabinou, eriçados e mostrando seus dentes, ou virando as costas e fechando os olhos, cerraram suas fileiras em defesa de seu célebre altar com seu revestimento de sangue coagulado.

Os Sangabinou nesta parte do país eram um grupo minoritário da tribo Aru. Eles alegaram ser os membros mais antigos, o que era de fato a verdade. Por séculos eles haviam possuído

a aldeia de Go, que entretanto abandonaram por algumas décadas para construir uma nova vila no local. Ele mostrou com orgulho um monte de pedras, não muito longe de seu conselho, abrigo que diziam ser o altar mais antigo do país e havia sido erguido pelos Tellem, os antigos habitantes que haviam sido pacificamente derrotados pelos Dogon.

'Este altar', disse Ogotemmel, 'veio para eles de Yugo, onde existe o altar original construído nos tempos antigos.'

Era como um túmulo. Altamente importante, pois foi para todo o povo Dogon. Foi, no entanto, confiada a uma única família. Mas havia outro objeto simbolizando o ancestral, um cuja efígie pertenceu aos participantes do festival Sigui. Esta era uma estaca de ferro, no topo da qual uma pequena língua, como uma fatia de melão com pontas rombas, estava a apontar presa no centro.

'A estaca', disse Ogotemmel, 'é a parte inferior do corpo de Nummo em sua forma reptiliana. A travessa de ferro plano representa seus braços ligeiramente levantados. A cabeça está faltando.

'Mas o ancestral não morreu na forma de uma serpente?' 'Sim ! Ambos os ancestrais inimigos morreram na forma de serpentes. Mas essa era sua forma visível. Sua forma real era o forma invisível de Espíritos Nummo.'

'Se ambos tivessem a mesma forma invisível, por que moldar um tronco de madeira para o primeiro e um assento de máscara para o segundo?

'O primeiro morreu corrompido por ter infringido o tabu linguístico. Então ele foi representado na forma terrena de uma serpente. O outro só morreu por contágio. Além disso, foi ele quem levou precedência sobre o outro, porque era o mais velho. Consequentemente, ele está mais próximo que o primeiro da forma celestial de Nummo; e assim na estaca de ferro ele recebeu a forma de um Nummo sem cabeça.'

"Mas e a cabeça dele?"

'Não foi falsificada porque a estaca é um assento, e não se deve sentar na cabeça de um homem velho. Todos os assentos de madeira são feitos segundo o padrão do de ferro.'

'Por que esta forma de assento?'

'Quando um homem bebe a cerveja Sigui sentado no banco, ele é o próprio velho. É como se o ancestral estivesse lá. O assento é o corpo, e o homem que está sentado sobre ele é a cabeça de Nummo morto. Cada um é uma ressurreição do homem velho.

Ogotemmelí parecia cansado; ele havia pegado um resfriado na noite anterior, tendo dormido na rocha sem cobertura. De vez em quando sua voz era indistinta. Mas ele continuou:

'A esposa do antepassado do assento era a mesma mulher que descobriu as fibras vermelhas. Essa é outra razão pela qual este ancestral era mais importante que o outro. No final da vida terrena esta mulher também se transformou em um Espírito Nummo como todos os velhos notáveis. Seu símbolo é a cabaça que todo homem leva consigo durante o Festival de Sigui, e da qual ele bebe sua cerveja.'

Assim, na celebração deste ritual recorrente, os bebedores, que dançavam o movimento serpentino dos espíritos, eram honrados no novo grande tronco ancestral que havia sido vitorioso na briga. Eles brandiam em suas mãos o assento de madeira e a cabaça — a cabaça-mulher, na qual eles deveriam beber o licor que dá vida, e o ancestral do assento, cuja cabeça eles representavam. Em sua representação dos dois ancestrais mortos estavam imitando sua ressurreição.

Voltando pelo caminho entre os dois Ogols, o Nazareno passou diante do baobá em cujos ramos a Grande Máscara foi montada durante o Festival Sigui. Ele andou pelos espaços abertos onde a dança, a comunhão e a bebida haviam reunido toda a população masculina. Ele estava perdido em pensamentos enquanto ia.

Há muito ele reconhecera a importância desse grande ritual peripatético, celebrado por cada região sucessivamente. Mas ele tinha só agora descoberto o simbolismo do assento-máscara que de repente iluminou todo um sistema religioso, equilibrado entre a vida e a morte e construído sobre a interação constante entre um e outro.

Do lado da vida houvera uma aliança, uma íntima união entre dois seres, um celestial e um humano, no qual se alimentava um do outro. Ambos haviam surgido de uma aparente morte e, um por meio do outro, distintos em essência, mas fundiram-se uns com os outros, mostrando uma nova ordem mundial. Hoje ambos inspiraram um culto à vida e apareceram em forma material nos santuários; aquele, comido na forma de um homem e regurgitado como uma figura contornada em pedras, que poderia ser visto como a sinuosa serpente modelada na lama seca ao sol das fachadas,

vivendo e bebendo o sangue e o mingau dos sacrifícios. Ele era Lébé, o brilhante, deslizando pelas ruas à noite, concentrado em sua tarefa de apoio espiritual. A outra, como uma bigorna, seus dois braços formando uma cruz e sua cabeça apontada para o céu, coroava os frontões; ele também viveu e capturou em seu abraço curvo as chuvas fertilizantes. Ele estava mais perto do céu do que aquele que havia sido comido como um corpo humano.

Do lado da morte houve o combate entre dois espíritos da mesma família, em que um havia comido o outro. Um, vitorioso na luta, morreu em estado de impureza e havia sido representado em sua forma de serpente por um grande polo, remodelado a cada sessenta anos. A outra, sendo de mais forma celestial, emergiu vivo da boca de seu conquistador, apenas para morrer de uma vez. Ele foi representado na mesma forma como o cajado de ferro nos frontões dos santuários de vida, com um corpo e dois braços, mas sem cabeça. Esta cabeça foi representada a cada sessenta anos pelo próprio homem bebendo a cerveja do culto dos mortos. No mundo dos mortos está uma resposta para o mundo dos ainda vivendo.

VIGÉSIMO SÉTIMO DIA

O Culto dos Mortos

Licores Fermentados

O morto vivo

TODOS os homens bêbados em dias de mercado cambaleavam pelas ruas e grunhiam frases sem sentido pelas paredes. A maioria deles eram homens idosos, e ninguém fez objeção ao seu comportamento ou às suas observações. Pelo contrário, eles pareciam ser considerados com um certo respeito não isento de apreensão.

Quando perguntado, o Dogon respondeu que era impróprio para jovens a beber muita cerveja de painço, mas que havia nenhuma objeção aos adultos, e especialmente aos velhos, voltando para casa bêbado, do mercado ou de festas familiares. Em todo caso, ninguém jamais abusou de um homem que estava sob a influência da bebida, mesmo quando usava palavras rudes, que era frequentemente o caso.

Observando sinais de diversão nos rostos dos espectadores, o europeu foi levado a perguntar o que os bêbados estavam dizendo.

'O que as pessoas dizem quando bebem muita cerveja?' foi a resposta, 'por que, eles dizem: 'Os mortos estão morrendo de sede'.'

Isso parecia uma piada. Por outro lado, não foi fácil para ver por que a observação deveria ter sido considerada como um grande insulto se tivesse sido feito por alguém sóbrio.

Mas, na verdade, o assunto dizia respeito a nada menos que ao culto dos ancestrais e a atitude dos bebedores de bebidas alcoólicas. Além disso, havia muito a ser dito sobre a bebida em si. Nos rituais era reservado para coisas relacionadas com os mortos, 'coisas', como eram chamadas, 'do mato'. Ancestrais no outro lado, sendo considerados como seres vivos, receberam sangue

e mingau de milho. Altares nunca foram deliberadamente aspergidos com cerveja.

'Se os altares recebessem cerveja', disse Ogotemmelí, 'os ancestrais ficariam bêbados, pois são pessoas vivas, pois só serão dados a altares dedicados a "impuros", que são mortos-vivos.'

Este regulamento implicava explicações de grande alcance e Ogotemmelí forneceu todas elas. O europeu, acostumado como ele era para a lógica do velho, a ordenação rígida de seu argumento e suas distinções escrupulosas, não pôde deixar de se surpreender no sistema de pensamento unido exibido diante dele a cada dia.

Mas ele queria saber o significado subjacente das palavras ofensivas dos bêbados: 'Os mortos estão morrendo de sede'.

Ele sabia que a alma de um homem muitas vezes o deixa muito antes de sua morte, e retorna apenas no momento crítico para permanecer na casa do morto durante o período de luto, que é concluído por um rito fúnebre que faz com que a alma parta, libertando a família e a comunidade das proibições imposta a eles. Grandes quantidades de comida e bebida são fornecidas, e as máscaras são feitas. De um modo geral, a escala do ritual depende da idade e posição do falecido. Espera-se que os parentes ofereçam provisões aos enlutados em forma proporcional ao número de cerimônias de luto do mesmo tipo que o morto havia celebrado.

A parte mais importante da cerimônia é um mascarado dançar no telhado plano da casa do morto. no pequeno retângulo de terra, que simboliza os lugares celestiais, a toda uma série de máscaras, representando o mundo dos animais e homens, funções sociais, ofícios e povos vizinhos, desenha a alma do morto no padrão de sua ação e conduz para além do domínio da terra. Alguns dias depois, outros ritos rompem os últimos laços do defunto que, de morto, passa agora para o categoria de ancestrais assim que a criança que ele designou como herdeira de sua força vital montou o altar, do qual ele passará a beber.

Todas essas cerimônias meticulosamente regulamentadas são projetadas para pôs fim à situação instável do morto que, como

defunctus no sentido literal da palavra, deixou de funcionar, acabou com a vida, e agora está vagando incerto no desconhecido. É vantajoso para a comunidade realizar esses rituais dentro dos prazos prescritos, a fim de garantir paz e ordem religiosa, mas nem sempre o fazem; na verdade as famílias têm de incorrer em pesadas despesas para organizar o fim do lamentar.

'As famílias sempre esperam', disse Ogotemmeli, 'até que haja vários mortos, antes de celebrarem o fim do luto e preparar os potes de altar.'

Desta forma, a despesa é compartilhada, mas como resultado pode haver um número crescente de mortos insatisfeitos, cuja condição é instável, e que permanecem no mundo dos vivos incertos e desconfiados.

'Quando deixados assim em suspense', disse Ogotemmeli, 'os mortos perdem a paciência e causam desordem nas aldeias.'

Por 'desordem' ele quis dizer um estado de insegurança moral nas famílias em causa, que impediam o curso normal da vida.

'O Degon', ele continuou, 'está muito preocupado com essa questão da construção de altares.'

Ele está dividido entre seu desejo de satisfazer os mortos e a necessidade de livrar-se o melhor que puder das dificuldades causadas pelas despesas do funeral.

Mas o incômodo causado por esse dilema não foi suficiente para explicar o mal-estar individual ou geral. Entre os Dogon, os sentimentos pessoais em matéria de religião são quase sempre o resultado de fatores externos. O primeiro ponto a estabelecer foi a razão desse descontentamento latente por parte dos mortos instáveis.

'Os mortos', disse Ogotemmeli, 'estão impuros pelo fato de sua morte.' Houve, por assim dizer, uma explosão das forças espirituais na morte. A alma foi separada da força vital, de quem era a vontade e a consciência; a própria força vital foi dividida. Na verdade, era uma entidade composta, composta por porções das forças de seus genitores, um ancestral 'padrinho', e vários ancestrais do grupo e do clã. Durante seu tempo de vida foi sustentado por sacrifícios oferecidos nos altares dedicados a esses diferentes personagens. Ao formar um coerente como um todo, permitindo assim a ação da parte do corpo que

abrigava-a, a força vital, em virtude de sua origem múltipla, continuava vinculada a todos aqueles de quem provinha.

Um efeito da morte era dispersar a força vital e retornar sua parte componente para os altares de onde eles vieram. Em certo sentido, foi esse deslocamento de força, esse despojamento da alma, que constituía a impureza da morte. Mas deve ser admitido que a palavra 'impureza' era inadequada, imprecisa e enganoso a esse respeito; não houve, porém, outro.

Assim, a alma, estando nesta condição de ansiedade e confusão, procurou recuperar o seu equilíbrio e recolher as suas dispersas forças, de modo a recuperar aquela 'pureza' que caracteriza a vida como oposto à morte, para recuperar a vida, de fato.

'Sendo impuros', disse Ogotemmelí, 'os mortos criam desordem em todos os lugares.'

Mas esta desordem é simplesmente um aviso dirigido aos vivos, pois essas almas perturbadas não estão buscando vingança, mas apelando aos homens para regularizar a situação dos que partiram. Ser impuro e temporariamente possuído pela morte, o falecido dá o alarme por meio de algo que, em todos os rituais, é reservado para a cerveja milhete-morta.

Durante o período de luto, antes que seu culto tenha sido estabelecido, a alma errante sem lar procura saciar sua sede na cerveja fermentada que os parentes preparam para fins seculares ou religiosos. Onde quer que fume e fume levantam-se dos grandes tonéis cheios de água e painço, ali as almas se reúnem.

Eles pousam na borda do tanque de fermentação e impregnam o licor fermentando com a pouca força que ainda possuem. Esta força, misturada com o milheto e a água, dá ao licor sua propriedade inebriante, e é assimilado com a cerveja pelo bebedor; é forte o suficiente para perturbá-lo, embora não a ponto de torná-lo impuro. Existe, por assim dizer, uma luta entre ela e a própria força do bebedor.

O fermento da desordem introduzido na cerveja pelos mortos, excita o bebedor, mas sua própria força resiste e finalmente rejeita o que é impuro. Ele expulsa o elemento perturbador por meio de palavras, desordenadas mas eficazes.

'O bebedor', disse Ogotemmelí, 'devolve a impureza para aqueles que o colocam na cerveja, mas também, e principalmente, àqueles

que são culpados de manter os falecidos esperando muito tempo sem altares.'

As palavras atravessam paredes e portas até chegar aos responsáveis pelo atraso. Os homens cambaleando nas ruas podem gaguejar sem sentido, cantar ou gritar insultos; mas suas palavras são ouvidas por todos, e alguns irão certamente ter um ritual de fim de luto para realizar ou uma conta funerária à pagar. Mesmo que as palavras dos bêbados sejam proferidas indistintamente, são claramente compreendidas por todas aqueles pessoas descuidadas cujos celeiros não estão cheios o suficiente para iniciar os ritos e por todos aqueles pobres cujos esforços são em vão.

Os mortos estão morrendo de sede!

Quando a consciência da família estiver pesadamente sobrecarregada neste assunto de atraso, cada doença e cada incidente infeliz é interpretado como um segundo aviso, e urgente, daqueles que ficam esperando. Pessoas que adoecem, pessoas cujo gado morre, vão consultar adivinhos; e os adivinhos lhes dizem para acabar com o luto, e arrumar os jarros de onde sairão os mortos para beber.

O próprio fato de estabelecer seu culto significa que os mortos receberão ajuda regular de seu próprio povo, e no momento da primeira oferta, eles reunirão suas forças e atrairão para si todas as partes dispersas pela morte. De mortos impuros, eles se tornarão ancestrais vivos.

Então a embriaguez tem sua utilidade?

'As Palavras que os bêbados falam levam as pessoas a estabelecer altares, e isso dá satisfação aos mortos.'

'Então é bom beber muita cerveja?'

'Para o velho, a embriaguez é um dever; parece desordem, mas ajuda a restaurar a ordem.'

Os mortos-vivos

Mas essa instituição de licor fermentado e intoxicação religiosa não foi considerada suficiente para garantir que os deveres devidos aos mortos foram lembrados pelos vivos. Outra instituição, a dos 'impuros', os mortos-vivos, previa a observância constante da regra. Depois que o corpo do primeiro homem morto foi levado para a caverna, uma cópia foi feita com a forma de uma grande serpente

em madeira — a 'Grande Máscara' — e a criança designada pelo que partiu havia sido consagrada como seu guardião, juntamente com um número de seus companheiros.

Uma vez que um culto foi assim estabelecido e uma nova morada lhe foi providenciada, o morto, embora em estado de impureza quando ele transgrediu a proibição, havia agora de tornar-se um ancestral vivo. Embora tenha presidido o culto dos mortos, seu destino havia sido normal. Mas essa condição impura teve um efeito decisivo sobre os jovens iniciados, que haviam adquirido a mesma qualidade. O fato de, com o passar do tempo, a condição da Grande Máscara mudar, não alterou de forma alguma a posição das crianças; elas haviam de permanecer para o resto de suas vidas como 'impuros', ou, em certo sentido, pessoas mortas.

'Esses iniciados,' disse Ogotemmel, 'são por natureza os mesmos como o ancestral da Grande Máscara, mas enquanto ele se tornou vivo assim que um altar lhe foi erguido, eles permaneceram "impuros" porque foram consagrados na presença do homem morto enquanto ainda era "impuro".' \

Quando eles morrem, se tornam os 'padrinhos' de outras crianças, e assim hoje cada família tem um grande número de membros 'impuros', que estão isentos da maior parte das proibições impostas a outros homens, chamados de 'vivos'. Eles jogam uma parte essencial em todos os cultos, mas eles têm um função, que lhes incumbe em virtude de sua natureza em si. Eles também são substitutos para o primeiro homem morto como ele foi quando ainda não havia recebido um altar. Essas pessoas 'impuras' e o homem morto 'impuro' que se tornou a Grande Máscara são todos um. Eles também são substitutos dos mortos que não têm altares. Tanto que qualquer bem feito a eles beneficia os que partiram, e, em particular, sua participação em sacrifícios alimenta todas aquelas pessoas mortas que estão vagando em busca de comida. Quando os 'impuros' comem a carne e bebem a cerveja dos sacrifícios, é como se os mortos que não têm altares estivessem comendo e bebendo. Os 'impuros' são, portanto, como mortos que são permanentemente alimentados para que possam deixar as aldeias em paz.

"Mas isso é uma ilusão", disse Ogotemmel. Ele quis dizer que não bastava alimentar e matar a sede do 'impuro'. Era essencial, em última análise, fornecer altares para aqueles que já não existiam e que sofriam de

sua condição instável. Devem receber cultos e promovidos à categoria de ancestrais.

'O que acontece com os "impuros" quando eles morrem?,

'Eles são como todo mundo. Quando a família estabelece um altar, eles se tornam ancestrais.,

Assim, esses homens, cuidando de suas várias ocupações, como reclamar do preço da carne no mercado, trabalhar nos campos, como qualquer outra pessoa, estavam realmente mortos e, quando bebiam, estavam bebendo pelos mortos.

Eles só se tornaram vivos quando viraram ancestrais e quando seus corpos estavam em decomposição na sepultura.

VIGÉSIMO OITAVO DIA

A Dança

Mais de uma vez durante as conversas, Ogotemmelí havia falado sobre dança. Em vários rituais, dançando, com ou sem máscaras, era frequentemente a ação litúrgica central. No culto funerário em particular, tanto no enterro quanto no encerramento do período de luto, foi significado de supremo gesto.

A origem da dança ritual remonta aos primeiros dias do mundo, quando o incesto da Terra transformou-se em formiga, e dera ao chacal a posse da túnica de fibra e fez o inimigo de Deus.

'Vestido com a túnica', disse Ogotemmelí, 'o chacal continuou para o telhado da casa de seu pai, acreditando que ele estava morto.'

O pai do chacal era Deus, e, estando Deus temporariamente dormindo, seu filho, que também era seu rival, pensou que ele estava morto. Prefigurando uma das ações essenciais dos ritos funerários que os homens iriam instituir mais tarde, o animal subia para o terraço do pai para chorar por ele.

Vestido como estava com as fibras tiradas de sua mãe, o chacal dançava e enquanto dançava, falava, pois as fibras estavam cheias de umidade e palavras. Eles tinham neles a Primeira Palavra revelada por Nummo à Terra, e foi esta água e esta Palavra que fez o animal falar.

O filho de Deus falou em sua dança. Seus passos deixaram rastros na poeira do terraço que indicava o significado de sua Palavra.

'Em sua dança', disse Ogotemmelí, 'ele deixou três faixas no sentido do comprimento e três na transversal, representando o Teto de Deus, o interior de sua casa, e o recesso onde o altar dos mortos é colocado. Ele plantou pedacinhos de madeira, colocou pedras e traçou sinais.

'O filho de Deus ao celebrar a memória de seu pai, quem ele acreditava estar morto, agiu, falou e traçou o

mundo e seu futuro. Ele pronunciou a Primeira Palavra e revelou o futuro do mundo. Em sua raiva, ele revelou os segredos de Deus.

'Pois ele honrou seu pai e o desprezou. ele tinha levado as fibras de sua mãe, que estavam cheias da Palavra que continha os desígnios dos poderes celestiais.'

O terraço onde o chagal dançava foi o primeiro local da mesa de adivinhação. Mais tarde, os homens a copiaram na areia ao redor das aldeias.

A referência era aos retângulos de areia lisa, nas quais os adivinhos escrevem suas perguntas, e os chacais atraídos por isca vêm à noite e escrevem as respostas.

Assim, a primeira dança atestada foi uma dança de adivinhação, contando no pó os segredos da Palavra contidos nas fibras usadas pelo dançarino. Era também uma dança da morte, pois era para honrar e zombar de seu pai, a quem ele acreditava estar morto, que o chagal o havia inventado.

Eras se passaram. Homens haviam aparecido em cena, e a revelação da Terceira Palavra moveu o céu e a terra. Ogotemmel já havia contado como, ao ritmo da bigorna e fole da forja, o sétimo Nummo havia subido dos mortos, como ele ficou ereto na cauda de sua serpente e como, estendendo-se e cruzando os braços, passou pelo submundo como um nadador.

Esta dança da ressurreição levou o mestre da fala ao túmulo do antepassado que representava o Verbo. O fim foi uma deglutição seguida de vômito ritmado, que ejetava no túmulo o esboço da nova ordem mundial.

Todas essas maravilhas aconteceram no campo primordial, onde o celeiro celestial havia descido, e no qual a ferraria havia sido estabelecida ao norte dela. Esta cena, estes sons, este movimento e ação deveriam ser reproduzidos na vida de homens, e ser enriquecido por novos significados e novos movimentos.

O ferreiro, inventor do primeiro ritmo de ressurreição, encontrou outros ritmos correspondentes a novas figuras de dança. Bigorna e fole foram combinados neste trabalho, mas foram logo representados simbolicamente no acordo básico de instrumentos: quando eles foram revelados pelo sétimo Nummo, tambores substituíram os foles e sinos de mão, de ferro, substituíram a bigorna a baquetas o martelo. A princípio, apenas os ferreiros tocavam os tambores; mas gradualmente outros tomaram seu lugar.

'Bater o tambor', disse Ogotemmel, 'é o mesmo que soprar o fole, que é um símbolo do sol.'

O tambor solar, como o próprio sol, emite calor e um alto vapor fumegante sobre os dançarinos. Os dançarinos são aquecidos em suas axilas, que respiram como o nariz. O calor entra na bile e se espalha a partir daí por todo o corpo. É para estimular sua ação que os espectadores gritam: 'Mais quente! Mais quente! Mais quente!' O calor também é a fala dos ancestrais revelada pelo tambor. O suor que escorre das axilas e o corpo é o transbordamento das palavras dos ancestrais.

Assim inflamados, os dançarinos mascarados com seus cintos de fibras vermelhas tornam-se fragmentos do sol. Certos movimentos imitam os do sol. A dança *sommo* é a cópia mais próxima, e a dança *gona* é dessa a mais próxima. Quando a máscara alta chamou o '*Storeyed House*', que simboliza a casa da família, a cobertura dos mortos e a urdidura do tear, gira em torno de uma linha horizontal, é o próprio sol redondo que é visto.

O usuário desta máscara também executa outra mímica em que ele se ajoelha, voltado para o leste, abaixa seu mastro em frente dele, em seguida, levanta-o e abaixa-o atrás de si em direção ao oeste, como se a cabeça estivesse quebrada. O abaixamento e elevação do polo representam o curso diário do sol de leste a oeste: o homem é a espiral de cobre que causa seu movimento. Mas esta foi uma elaboração das figuras originais, que foram mais simples.

'Foi o sétimo Nummo,' disse Ogotemmel, 'que ensinou homens para dançar.'

Ele começou repetindo seu primeiro movimento rítmico no submundo. Ele dançou com a metade superior de seu corpo, de pé sobre a cauda de sua serpente. A princípio os homens dançavam um ponto, girando sobre si mesmos ou imitando movimentos de natação, mas esses movimentos eram exaustivos. Aos poucos eles começaram a mexer as pernas, imitando o andar lento do camaleão, que tem todas as cores do Nummo, ou seja, as cores do arco-íris. Então os movimentos tornaram-se mais rápidos. A figura *gona* lembra o vômito de Nummo no túmulo; dançar é um alívio, como vomitar. Mais tarde, os homens adotaram pulando, levantando uma perna e depois a outra, a perna esticada para fora, enquanto o corpo era levantado no ar, representava a cauda da serpente em que Nummo estava ereto.

Para chegar à pista, os dançarinos correm em fila indiana formando uma linha serpentina com segmentos quebrados.

'A linha em ziguezague', explicou Ogotemmelí, 'representa a linha de Nummo, ou seja, a linha de um rio que flui cheio.'

As primeiras danças aconteciam, disse ele, no campo primitivo em frente às ferrarias, que lhes fornecia a música. O campo primal foi a primeira praça principal. Hoje em dia a pista de dança é a praça principal da vila, situada a norte da ferraria a sua beira. Assim, a equipe de dançarinos, a orquestra e o cenário reproduzem a cena e os atores da dança original. Para lembrar-se do som de toque misturado do ferro e o som abafado da respiração dos foles, pequenos sinos são anexados aos tambores e quando a baqueta, um símbolo do martelo, bate e as peles, o rufar e a reverberação dos tambores, lembram o barulho e clamor da forja mítica. O bater dos tambores é o fole e a bigorna acelerando e golpeando os 'fragmentos de sol' que dançam.

E o time de dançarinos, a sociedade das máscaras, é uma foto do mundo inteiro, para todos os homens, todas as atividades, todos os ofícios, todas as idades, todos os estrangeiros, todos os animais, podem ser representados com máscaras ou tecido em capuzes. Os dançarinos mascarados são o mundo; e, quando eles dançam em um lugar público, eles estão dançando o progresso do mundo e da ordem mundial.

Assim, todo o complexo de bailarinos, orquestra e o local onde dançam constitui uma imagem da batida do ferreiro o ritmo do movimento do universo.

"Mas o espetáculo na praça principal", disse Ogotemmelí, 'é transitório.'

Ele estava ansioso, no entanto, para encontrar pontos a seu favor.

"Isso mostra", disse ele, "a ordem mundial em cores e em movimento."

Se o europeu tivesse visto isso, perguntou ele, nas cerimônias de o fim do luto?

'Sim!' respondeu o europeu. 'Eu vi as cerimônias para Monse, o caçador que morreu em 20 de outubro há quinze anos, e tenho visto muitas dessas cerimônias desde então.' Lembrou-se de cenas inesquecíveis nas praças e nos terraços das cabanas funerárias. Recordou a procissão de 150 dançarinos mascarados dos dois Ogols que se materializaram

da miragem trêmula das planícies de arenito e foram engolidos pela poeira dos trilhos pelos campos, a maioria deles cingidos com fibras escarlates que se separaram para revelar fibras pretas brilhantes ou cor de palha por baixo. Os homens tinham falsos seios negros em seus peitos ou cordões de búzios visivelmente brancos. Seus rostos estavam escondidos sob capuzes tranças, alguns dos quais com uma pluma curta de cor fulva ou tufo vermelho à moda romana no topo. Eles representavam os jovens, ferreiros, Fulani, Samo, trabalhadores do couro, tocadores de tambor, mouros, ladrões rituais, caçadores. Outros usavam máscaras de madeira entalhadas pintadas nas três cores básicas, vermelho, branco e preto, representando o antílope equino, a tribo dos veados, aves forrageiras, chocalheiros de mato com altas cruzes de Lorraine, e, por último, os longos postes conhecidos como '*Storeyed House*'.

Todos seguravam ramos verdes em suas mãos como símbolos de seu próprio frescor. Durante meses, esses homens trabalharam em matagais e nas rachaduras das rochas. Eles começaram armados apenas com suas facas e machados. Eles cortaram, esmagaram, maceraram e fibras foram tecidas, casca e caules. Eles tinham pigmentos triturados e os aplicaram com escovas de cabelo de jumento. Eles tinham brincado sobre a cor vermelha de suas túnicas, com as quais suas mãos foram manchadas, comparando-as com o sangue menstrual das mulheres. Deles as roupas dos camponeses, com as quais começaram, foram rasgadas por espinhos e desgastadas pelo uso; e agora eles estavam voltando, um espetáculo brilhante no mato pardo, com elmo e viseira vestidos na cabeça. e rostos do mundo dos mortos, e cingido com a túnica escarlate, símbolo do sol.

Na praça principal de Baixo Ogol eles convergiram em pequenos grupos, todos adornados de forma semelhante, com abanadores de moscas ou cestos coloridos em suas mãos, dançando suas figuras de dança especiais ou juntando-se à dança geral ao ritmo dos tambores e os sinos de ferro, em nuvens de poeira, animados por canções na língua comum e orações na língua sagrada, tais como:

Derramar lágrimas por meu pai morto!

A água está caindo, caindo dos meus olhos!

No terraço da casa do morto, para onde eles montados por entalhes cortados em troncos de árvores para servir de escada, eles carimbam o chão no espaço estreito, suas figuras vermelho e preto

se entrelaçando, enquanto na rua as viúvas com seios e braços erguidos, cantavam com olhos lacrimejantes:

A coluna de formigas subiu no telhado!

A coluna de formigas destruiu a casa!

Subiu no telhado!

São as formigas que destruíram a casa do pai!

O canto lembrava, em alusão velada, a dança do chacal filho de Deus, vestido com as fibras que havia tirado de sua mãe, a Terra, transformada em formiga, quando traçou na terraço mítico a primeira mesa de adivinhação.

A cena na praça principal, segundo Ogotemmeli, retratava a ordem do universo em cores e em movimento. No terraço os dançarinos mascarados, como o chacal, tinham traçado o futuro do mundo.

Mas esses movimentos e cores eram efêmeros; alguns necessitavam uma representação mais duradoura para retratar o universo em operação.

'Na frente dos santuários Binu,' disse Ogotemmeli, 'você encontra pinturas brancas do sol e da lua, as estrelas, homens e animais e objetos materiais. Essas imagens duram. Elas servem para manter o mundo existindo continuamente. Para estes as imagens também retratam a estrutura da vida do homem. Branco e imóveis, correspondem ao movimento e à cor que animam a praça principal e o terraço da casa do homem morto.'

VIGÉSIMO NONO DIA

O Culto do Fogo

O culto aos mortos não era a única ocasião em que o Dogon celebrava eventos míticos simbolicamente. Havia um culto misterioso, no qual as máscaras desempenhavam um papel, que o Europeu nunca tinha sido capaz de explicar.

Aqui e ali nos campos do planalto ou no seixo, pode ser visto, plantado em locais adequados ao nível do solo ou em rochas dominando áreas de cultivo, toras de madeira enegrecidas aproximadamente talhadas à semelhança de cabeças de animais com mandíbulas bem abertas. Algumas parecem galos monstruosos enterrados até o pescoço, bicos abertos acima do milharal; outros são como cães longos e distorcidos, mostrando os dentes de forma ameaçadora.

De acordo com a crença popular, qualquer um que roube de um campo ou uma árvore protegida por um desses troncos pretos, mais cedo ou mais tarde vai ser atingido por um raio. Estes objetos tiveram origem mais particularmente em um santuário numa gruta de Dyamini, servida por um sacerdote de quem nada se sabia.

Ogotemmelí havia mencionado esses troncos quando descrevia a descida do celeiro celeste através do espaço; como punição pelo roubo pelo ferreiro de um fragmento do sol, o Grande Par Nummo havia lançado raios no celeiro.

'Durante a descida', disse Ogotemmelí, 'o Nummo arremessou dois raios do céu, o feminino Nummo primeiro e depois o macho, e isso acelerou a queda do celeiro que o choque repentino de seu impacto com a terra quebrou os braços e pernas do ferreiro.'

Os ferrolhos caíram um após o outro ao lado do fole em que estava o fragmento do sol. O ferreiro apagou o fogo com água de sua garrafa de couro, e encontrou duas toras em forma de mandíbulas abertas. O tronco masculino foi chamado *Anakye*, e o tronco feminino *Badu*.

Mas havia outra razão para os raios. Enquanto a descida à terra foi organizada pelos oito Nummo ancestrais, os dois Grandes Nummo filhos de Deus queriam estar presentes nos cultos que iam ser instituídos.

'*Anak.*)'e e *Badu* são símbolos dos dois Espíritos. O ferreiro confiou o culto à família do quarto antepassado. Outras famílias se juntaram depois.'

'Mas por que as toras em forma de mandíbulas?'

'A boca de *Badu* lembra a do bandido, do 'bastão de ladrão' em que o ferreiro pegou o fragmento do sol.'

Ogotemmelí fez uma pausa em sua história.

'Você deveria perguntar a Aninyou,' ele disse, 'avô do sacerdote de *Anakye*. Ele sabe tudo sobre essas coisas.

O europeu já havia questionado Aninyou, um reticente velho de Alto Ogot, e foi depois desse inquérito que ele decidiu fazer Ogotemmelí falar sobre isso. Ele não deu resposta à sugestão, e o velho continuou como se falasse para si mesmo:

'O ferreiro foi roubar com seu bastão de ladrão. Foi dentro da boca desta vara que o fogo começou. Isso era presente do ferreiro para o mundo. É por isso — acrescentou — que a instituição do roubo ritual foi iniciada.'

Ladrões de rituais podiam ser encontrados por toda a pedreira e no platô. Em Sanga, todo chefe de família era um ritual ladrão, e um ritual bastão de ladrão era para ser visto pendurado em um canto enfumaçado do casarão. Era um pedaço de madeira curvado em forma de bastão, terminando em uma boca bem aberta; na parte curva havia um par de orelhas pontudas. Ao longo do comprimento da vara como uma juba corria um linha de *chevrons*. Sugeriu uma graciosa cabeça de cavalo estilizada. Este objeto era uma reprodução do bastão com o qual o ferreiro efetuou seu roubo; e um chefe de família velho demais para visitar as aldeias por ocasião de expedições rituais, delegadas seus poderes para um homem mais jovem. Este último, com seus colegas, foi instruído a realizar incursões em pequenos animais, que foram então comidos em comum de acordo com as condições prescritas. O que impressiona nessa instituição é que ela funcionava apenas com a morte de um membro deste tipo de conselho. A festa de delegados imediatamente entrou em ação e eles partiram para as aldeias vizinhas em busca de lugares desprotegidos ou mal guardados por feras. Quando uma cabra era capturada, era levada à

cabana funerária, e sua garganta era cortada lá no telhado, no qual um buraco foi feito abrindo para a sala em que o morto repousa. Um talo de painço colocado no peito do cadáver levava até a abertura e dirigia o sangue que escorria da garganta cortada da vítima. Por este canal, parte da força vital do chefe da família do falecido voltava novamente para o cajado ladrão, que havia sido colocado contra o buraco. A bengala era então levada para a grande casa da família perto dos altares dos antepassados, e se tornava propriedade do sucessor do homem morto.

Isso parecia ter a natureza de um ritual de restauração; na verdade, como disse Ogotemmelí: Quando alguém se torna chefe de família, recebe, entre outras coisas, uma porção da força vital derivada do bastão de ladrão perto dos altares. Este ladrão lembra aquele com o qual o fogo celestial foi roubado; mas o que é de maior valor é, em última análise, o próprio ferreiro, a quem o ladrão representa.'

Em todos os altares familiares, o ferreiro, sétimo Nummo e o mais velho de os oito filhos do primeiro casal humano, está presente. ele dá o seu força ao novo chefe de família que, ao morrer, a devolve por intermédio do bandido. O chefe de família, durante seu mandato, é, portanto, entre outras coisas, um representante do ferreiro Nummo, o ladrão do fogo.

Em cada aldeia, o bando de ladrões rituais deve estritamente consiste em cinco, o número de dedos da mão; mas na prática esse número é sempre superado, havendo como tantos ladrões quanto famílias.

A razão dessa instituição, segundo Ogotemmelí, foi para comemorar a ação do ferreiro em roubar fogo no arriscar a vida para dá-la aos homens. Em vez de fogo nós agora roubar ovelhas e aves. 'Quem rouba o ladrão', disse ele, 'é como uma hiena, que come o carne toda crua e vermelha. Esta carne lembra as brasas roubadas do sol.' Bandidos com mandíbulas vermelhas às vezes são pintados nas fachadas de santuários para representar a queima e a comida de carne sangrando. A linha de *chevrons* ao longo da alça do bastão é o caminho pelo qual o ferreiro fugiu do céu.

Desta instituição desenvolveu-se um método de suprimir roubo com base nos dois trovões vingadores, pelos quais o primeiro ladrão foi atacado. Os raios se materializaram na forma de duas toras de madeira em forma de bastão de ladrão; eles

eram de fato da mesma forma que o objeto culpado. Eles foram colocados aos cuidados de dois sacerdotes, que fizeram uma série de réplicas, que distribuíaam aos familiares, para guardar ladrões dos campos e árvores. Pois não havia mais necessidade de roubar as brasas dos lares, como o ferreiro celeste feito.

As toras eram como fogos extintos, mas ainda eram capazes de lançar trovões sobre os culpados. A mesma função foi realizada por máscaras vermelhas feitas de casca de *Lannea acida*, que também representava os fogos mortos dos raios que o ferreiro aparou.

Em seu capuz oblongo no qual sua cabeça se encaixava como um talo de milho cabe em sua caixa de folhas, o homem mascarado passando nos pomares espalha o terror entre as mulheres e crianças.

Havia dois santuários em Sanga para esses fogos extintos, um para o incêndio *Badu* a oeste de Dyamini, e um para o fogo masculino *Anakye* na borda leste do quarteirão Guendoumman do Alto Ogol.

O santuário *Badu* foi construído na entrada de uma grande caverna, muito do que foi ocupado por edifícios Binu. Era circundado por um pequeno recinto de pedras secas, no qual havia uma pilha de troncos enegrecidos. O prédio em si era um cubo de lama seca muito pequeno para conter um homem, e em suas paredes foram exibidas linhas de divisas vermelhas e *chevrons* brancos.

O templo de *Anakyê*, por outro lado, ficava ao ar livre com a rocha brilhante inclinada para o mergulho entre os dois Ogols. Consistia em um cilindro de três côvados de diâmetro e tantos de altura coberto por um telhado plano. A porta, hermeticamente fechada, nunca foi aberta na presença do europeu, nem foi a do santuário de *Badu*.

Ele tinha, no entanto, aprendido de uma fonte confiável que o altar dentro de cada um desses prédios havia dois pequenos copos afundados em a argamassa de barro, e foi sobre estes que o sacerdote derramou oferendas ao par trovejante do Nummo celestial.

Foi para lá também que foram trazidas todas as toras de proteção a cada ano após a colheita para receber nova força de um rito, a parte essencial da qual era uma representação do roubo de fogo.

Em Dyamini, como nos Ogols, duas máscaras representavam o homem e fogos femininos; um homem fez o papel do ferreiro e

brandiu uma tocha, perseguida pelos dois fogos. Em Dyamini a ação ocorreu entre as rochas entre a caverna e uma pequena cavidade de terra coberta de capim seco, que o homem incendiou enquanto fugia, para lembrar como o fogo do celeiro celestial, depois da sua descida, espalhou-se pela terra.

Nos Ogols, uma corrida foi organizada entre o santuário *Anakyê* e um ponto na fronteira do Baixo Ogol. O percurso assim percorreu o campo entre as duas aldeias no vazio onde estavam os baobás.

O homem com a tocha saiu do santuário e correu descendo a encosta através dos campos de restolho, sacudindo sua marca e espalhando uma chuva de faíscas e brasas, pois o ferreiro no céu deixou cair um pouco de seu fogo enquanto ele corria; pegou-o com seu ladrão, e continuou a correr, o perdendo e pegando-o novamente.

Ao chegar à fronteira de Baixo Ogol, o corredor virou e correu de volta para o santuário, de onde ele imediatamente partiu novamente. Esta performance foi repetida três vezes, e todos os momentos em que as duas máscaras perseguiram o fugitivo empunhando uma faca. Eles simbolizavam os dois raios lançados por Nummo contra o ferreiro culpado, e eles nunca alcançaram o portador da tocha até que, no final da terceira corrida, ele recuperou o santuário. Ele já havia feito o circuito completo três vezes brandindo sua tocha o tempo todo.

'Estes três percursos', disse Ogotemmel, 'lembram o voo do ferreiro e sua busca por um caminho para o celeiro celestial, onde ele poderia esconder as brasas.' Pois neste ritual de circular o santuário *Anakyê* representava o celeiro celestial.

A perseguição terminou quando um ferreiro examinou a rocha e bateu sobre ela com o ferro de sua bigorna. E o fogo vivo, perseguido pelos dois fogos mortos, deram vida novamente aos lares deste mundo bem como às toras enegrecidas que protegem as plantações e o fruto das árvores.

TRIGÉSIMO DIA

Gêmeos e Comércio

'Não tenho nada', disse Apourali com um largo sorriso. 'Eu não tenho estive fora da aldeia; não tive tempo. E você?'

Tenho trinta francos, disse Ambara. 'Da família de minha mãe em Mendeli — trinta francos!'

'Eu fui para Dyamini', disse Koguem, 'para a família de minha mãe, ela é uma Dandoulou. Assim que cheguei, disse: "A vaca teve dois bezerros... consegui 400 búzios e 110 francos.'

Nos últimos três meses, um número considerável de Dogon estava em um estado de excitação por causa dos bezerros gêmeos de Mendeli. O evento havia ocorrido em setembro, e as notícias se espalharam rapidamente de aldeia em aldeia por todo o planalto e o seixo. O prodígio era motivo de profunda preocupação para todos, velhos e jovens, todos que pudessem falar ou simplesmente dizer: 'A vaca teve dois bezerros!'

Pois este nascimento havia iniciado um movimento extraordinário da população. Todos os que podiam andar e falar foram visitar a família de sua mãe para dar a notícia e receber um presente em dinheiro. Antigamente só se pedia um presente às mulheres, e elas davam em búzios. Hoje todos os membros de uma família se unem para o propósito, e geralmente dão dinheiro. Velhos, que não conseguiam se deslocar, contentavam-se em visitar suas mulheres casadas e parentes na aldeia ou emboscando-as a caminho do mercado.

Mas, por pertencer a uma linhagem uterina, é igualmente parente uterino de outra pessoa, para que, em última análise, o dinheiro recebido após longa labuta ao longo das estradas, é devolvido a outros que vêm trazer a mesma notícia.

'Dá-se o que se recebeu', diz-se, 'e, como se teve despesas no caminho, o resultado líquido é uma perda. Quanto a aqueles que não se mexem, perdem porque têm que dar sem receber. Mas tudo isso faz o dinheiro circular.' Assim, por causa dos bezerros gêmeos, multidões se aglomeraram nas

estradas, obtendo e gastando, não tanto em homenagem aos bezerros, para celebrar o nascimento de gêmeos, cujo culto estende-se por toda a África.

A maioria das conversas com Ogotemmelí tinha de fato se voltado amplamente para os gêmeos e para a necessidade da dualidade e da duplicação de vidas individuais. Os oito ancestrais originais foram realmente oito pares.

'Os quatro homens e quatro mulheres', disse o velho, 'em suas inferiores, isto é, suas partes sexuais, eram oito pares. Os quatro, os machos eram homem e mulher, mas com o homem dominante; e nas quatro fêmeas, a mulher era dominante. Eles acasalaram com si mesmos. Cada parte feminina de cada par engravidou e produziu filhos.

Mas após esta geração, os seres humanos geralmente nasceram solteiros. A religião Dogon e a filosofia Dogon expressam uma sensação assombrosa da perda original da gemelidade. Os próprios poderes eram duais e, em suas manifestações terrenas, intervieram constantemente em pares. Lébé e o sétimo Nummo eram um casal vivo; os ancestrais da Grande Máscara e do assento-máscara eram um casal morto. Pode até ser suposto — embora nenhum Dogon jamais tenha proferido tal blasfêmia — que o primeiro infortúnio no curso universal das coisas era a unicidade de Deus.

Na verdade, o nascimento de gêmeos é um evento notável. Isso lembra o passado fabuloso, quando todos os seres passaram a existir em pares, símbolos do equilíbrio entre o humano e o divino. Isto repete o parto da primeira mulher e a transformação de seu clitóris em escorpião. O escorpião com seus oito pés é um símbolo de dois recém-nascidos com sua soma de oito braços e pernas. Ele também é seu protetor: ninguém ousa tocá-lo por medo de sua picada.

Um nascimento de gêmeos inicia uma série de práticas e ritos de um caráter excepcional. Não é até oito semanas após o evento, oito é o número de gêmeos — que a mãe emerge de sua reclusão. Na festa das primícias que se segue, as crianças tem o cabelo cortado por gêmeos adultos, e os parentes colocam jarras especiais no altar da família; pois desde os seus primeiros dias, essas crianças serão objeto de um culto que faz parte do culto aos antepassados da família.

Este culto parecia mostrar que alguma qualidade especial estava atribuída à ascendência de gêmeos. Era uma crença popular que sua mãe havia sido 'tocada' durante a gravidez por um Espírito — nunca seria chamado de Nummo, pois isso era um nome perigoso demais para uma boca humana o pronunciar. Os filhos de uma tal mãe seriam, portanto, essencialmente diferentes das outras crianças.

Mas tudo isso era de conhecimento comum, e o europeu não tinha nenhum desejo de discutir todas as diferentes formas de ritual celebradas em tais casos. Inquéritos anteriores haviam estabelecido todos os detalhes que poderiam ser desejados, e ele estava ansioso para descobrir o que Ogotemmelí tinha a dizer sobre algo que lhe parecia ser altamente significativo, ou seja, o barro especial reservado para gêmeos. Esses objetos têm uma forma peculiar: cada um consiste em duas xícaras redondas rasas, de cinco a seis centímetros de diâmetro, unidas na borda como uma concha de ostra aberta. Havia algo desse tipo no celeiro celestial, no topo da pirâmide de jarros sobrepostos colocados no ponto de interseção das divisórias interiores inferiores. Isto cobriu o pequeno recipiente que continha perfumes de toalete e que formava a tampa do pote de óleo, símbolo do feto, que em si foi colocado em cima do grande jarro simbolizando o útero. Nesta posição foi colocado em um contexto de geração: era uma invocação à criação a dois, da qual era também um símbolo.

'As duas taças unidas lado a lado', disse Ogotemmelí, 'são, como gêmeos, da mesma forma e tamanho.'

No dia em que os filhos têm a cabeça raspada, o pai procura quatro cálices duplos, que coloca no altar da família, e duas pequenas peças de couro em forma de trapézio, em cada uma das quais oito búzios são costurados. Esses objetos são consagrados por um sacrifício de sangue de oito aves, e são então tornados pingentes que as crianças usam em volta do pescoço como sinal de sua qualidade. Os copos de barro recebem oferendas regulares dos parentes e, mais tarde, dos próprios gêmeos.

'A taça dupla', disse Ogotemmelí, 'é o símbolo dos gêmeos da mesma forma, mesmo tamanho, mesmas palavras; e, assim como os copos são iguais entre si, então os gêmeos são intercambiáveis, e portanto', acrescentou, 'o comércio começou com gêmeos'. Ele se deteve na noção de igualdade, da qual (disse ele)

surgiu a ideia de troca. Os gêmeos têm o direito, à palavra idêntica; eles têm o mesmo valor, eles são as mesmas coisas. Da mesma forma, o homem que vende e o homem que compra são a mesma coisa: são gêmeos. E da ação de troca entre as pessoas ele passou a uma consideração das coisas trocadas.

'Comércio', disse ele, 'vendendo e comprando diferentes tipos de coisas, está trocando gêmeos.'

Ele quis dizer que as coisas trocadas devem ser do mesmo valor e exatamente equivalentes entre si, quer a troca assumisse a forma de escambo ou transação em dinheiro.

“Os gêmeos que inventaram o comércio”, continuou ele, “pertenciam à sexta família; eles foram os primeiros a nascer após a descida do celeiro que contém a ordem mundial. Foram seus pais que encontraram na sepultura de Lébé os búzios que seriam usados no comércio.'

As conchas foram colocadas onde os dedos do homem morto estava.

"O sétimo Nummo", disse o velho, "colocou os búzios no lugar das mãos porque os homens contam com os dedos. Ele colocou oito para cada mão, porque quando os homens começaram negociação eles contaram em oitos.'

Ogotemmelí tinha suas próprias ideias sobre cálculo. Os Dogon de fato usaram o sistema decimal, porque desde o início eles contaram nos dedos, mas a base de seu cálculo foi o número oito e esse número se repetiu no que chamavam em francês *la centaine*, que para eles significava oitenta. Oitenta era o limite de cálculo, após o qual uma nova série começava. Hoje em dia pode haver dez dessas séries, de modo que o europeu 1.000 correspondia ao Dogon 800.

Mas Ogotemmelí acreditava que no início os homens contavam por oito — o número de búzios em cada mão que eles tinham e usaram seus dez dedos para chegar a oitenta, mas que o número oito apareceu novamente para produzir 640 (8 x 10 x 8). "Seiscentos e quarenta", disse ele, "é o fim do cálculo."

Segundo ele, 640 pedras da aliança foram lançadas pelo sétimo Nummo para fazer o contorno no túmulo de Lébé. Assim, os búzios que o pai dos primeiros gêmeos encontraram no solo ao colher milho após a segunda sementeira, foram um prenúncio do comércio. Mas nos primeiros

dias, búzios não eram o meio de troca; pelo contrário, os homens começaram por trocar tiras de pano por animais ou objetos. Tecido era o dinheiro deles. A unidade era uma faixa de extensão duas vezes oitenta fios de largura. Uma ovelha valia oito côvados de três larguras de mão cada; uma pequena medida de painço valia um côvado. Mais tarde, o valor das coisas foi fixado em búzios pelo sétimo Nummo, o mestre da fala: Uma ave valia três vezes oitenta búzios, uma cabra ou uma ovelha três vezes 800 búzios, um jumento quarenta vezes 800, um cavalo oitenta vezes 800, um boi cem e vinte vezes 800.

A princípio, porém, houve escassez de búzios; as trinta e duas conchas encontradas no lugar das mãos e pés de Lébé foram dadas aos gêmeos nascidos logo após a descoberta. Destes, oito tinham sido usados por cada gêmeo como decoração para os couros pingentes que mostraram sua qualidade. Assim ficou oito para cada um deles.

De acordo com um relato diferente, esses búzios tinham primeiro sido trocados com outros homens por aves na proporção de quatro búzios para um pássaro. Então as aves se multiplicaram e os búzios, que eram seres vivos, também se multiplicaram nas mãos de seus proprietários.

Para a primeira troca, os gêmeos assumiram sua posição em um formigueiro. Um vendeu e o outro comprou. Eles pegaram a formiga como testemunha da transação. Diz-se também que a primeira troca deu-se entre búzios e tiras de pano.

Foi, portanto, na presença da genitália da terra e da formiga, avatar da terra, que ocorreu a primeira transação comercial. Mas os objetos negociados estavam vivos: os búzios eram conchas vivas e o pano estava cheio de palavras.

'O sétimo Nummo', disse Ogotemmelí, 'havia estipulado que os objetos a serem trocados deveriam ser colocados de frente um para o outro e as palavras que efetuassem a troca faladas ante si mesmos. Era como se os objetos falassem pela boca de seus proprietários e ouvissem uns aos outros sobre o assunto de seus próprios intercâmbios.

A voz do velho era alta. Ele se sentou direito, não afundado em si mesmo, como costumava ficar quando a conversa girava em torno de assuntos religiosos.

'Isso foi para ter certeza', disse ele, 'que os objetos concordaram nisto.'

Evidentemente um ponto importante!

O principal fator, explicou ele, em uma troca ou venda é a palavra falada, as palavras trocadas entre as duas partes, a discussão do preço. Era como se o pano e os búzios estivessem falando. As mercadorias chegam a um acordo entre si pela boca dos homens.

Pois há uma harmonia entre a força vital do objeto e a de seu dono. A força vital dos búzios chega até eles de Lébé, de quem são uma emanção, e a força vital de Lébé é concedida aos homens; assim também o tecelão que vende um tira de pano introduz sua própria força vital quando ele envolve a palavra dos ancestrais. É o caso de qualquer objeto feito pelo homem: um pouco de sua força vital passa para o trabalho de suas mãos e o simples fato da posse introduz nas forças de objetos materiais que, em certo sentido, representam o proprietário.

Se alguém tomou emprestado algo que não pode devolver, sua força, que é a força de seu dono, cria dificuldades para o mutuário.

No caso de compra ou troca, a força do proprietário, tendo recebido uma compensação, nada pode fazer contra o possuidor. Parece até que as duas forças envolvidas trocam de lugar, cada uma tomando o lugar da outra, o que evita todo perigo vem do novo proprietário. Ogotemmeli encerrou a conversa com um frase enigmática: 'Ter búzios', disse ele, 'é ter palavras.'

TRIGÉSIMO PRIMEIRO DIA

Gêmeos e Comércio (continuação)

No mercado vazio onde o Nazareno havia entrado para verificar parte de seu material, havia uma pedra alta fixada em uma fenda e assentada com lascas de arenito. Antes continuando suas investigações sobre o comércio, ele vinha obtendo informações sobre este altar, conhecido como Mercado Lébé, cujo guardião era um Allêguê de Barna. Conversas com este personagem não procederam completamente bem, e um dos seus memorandos traziam a nota 'Allêguê é um mentiroso descarado como todo o povo de Barna'.

Allêguê usava as calças usuais presas abaixo do joelho, um casaco volumoso com mangas abertas nas laterais e touca com dois pontos pendurados sobre suas bochechas. Na luz da noite o material marrom era indistinguível da parede de barro da casa onde a conversa estava acontecendo. Nada podia ser visto de seu rosto, senão uma fileira de dentes, ou de seu corpo exceto as palmas claras de suas mãos quando as abria para enfatizar suas afirmações.

Allêguê a princípio sustentou que a pedra do altar havia ressuscitado de si no site 'sem ninguém saber quem o tinha mandado para lá'. Ele pensou que esta informação satisfaria a curiosidade do europeu. Acrescentou, porém, que o mesmo milagre ocorreu em Bongo no Baixo Sanga, mas não foi um sucesso.

'Bongo também tinha um mercado com um altar', disse ele, 'mas o negócio lá estava ruim, e no final as duas pedras foram reunidas no mercado perto de Barna.'

Allêguê teria gostado de se estender longamente sobre o obscuro procedimentos, privilégios e organização presentes na união dessas duas pedras de origem misteriosa. Ficou entendido, é claro, que a menor das duas pertencia a Bongo, que os direitos de Barna eram muito mais amplos, e que os

anciãos de Baixo Sanga não eram tão tolos a ponto de supor que eles tinham a menor chance de prevalecer no assunto.

Essas orações, que às vezes conduziam a assuntos importantes, eram interrompidas por uma única pergunta por parte do europeu: 'Quando a garganta de uma vítima é cortada no Mercado Lébé, quem vem beber o sangue?'

Isso era o suficiente para mergulhar Allêguê em profunda reflexão, e aí o assunto acabava.

Mas o europeu havia aprendido o suficiente para fornecer uma pista para as observações de Ogotemmelí, que continuou desde a última frase do dia anterior: 'Ter búzios é ter palavras'.

No início, os búzios eram trocados por tiras de tecido, ou seja, pela Palavra dos antepassados, e especialmente a do sétimo ancestral, o mestre da Fala. Esses búzios vieram de Lébé, ele próprio filho do oitavo ancestral, cujo número era o do Verbo.

Os búzios então apareceram sob o signo da Palavra; eles mesmos eram Palavras na medida em que figuras indicadas, e eram, portanto, uma forma de linguagem. Eles eram meios de expressão, e talvez no primeiro alvorecer das relações humanas serviram, em pé de igualdade com as Palavras faladas, para trocar ideias. Lá pode talvez ter alcançado o Dogon, através daqueles que os introduziram, um eco do uso de búzios em terras distantes.

Falando deste período obscuro, Ogotemmelí disse: 'Originalmente búzios eram usados para trocar Palavras, bem como para a troca de mercadorias. Um homem que não tinha búzios era incapaz falar ou não falar tanto quanto os outros.'

Não foi possível entrar mais profundamente nesta antiga sabedoria, que se tornou esfarrapada e sem sentido com as palavras em que foi transmitido, mas ainda era real e vívida atrás dos olhos cegos de Ogotemmelí.

Búzios, sendo a Palavra, tiveram que circular como fala entre homens, e Ogotemmelí repetiu a este respeito o que ele já tinha dito sobre o sacrifício:

'A Palavra é para todos. Portanto é necessário trocar para dar e receber.'

Ele retomou a imagem da tira de algodão tomando forma no tear, a urdidura representando as terras desérticas e

a trama sendo a Palavra, a luz, e a umidade que entrou nelas.

'Numo disse que, quando alguém oferece búzios para adquirir bens, o vendedor morre se são recusados. Isso foi para obriga-lo a trocar. Assim como a tira de coisas fica cada vez mais longa no processo de tecelagem, e o cultivo se espalha sob a ferramenta do cultivador, então os búzios devem circular.'

A força desta lei é inerente aos próprios búzios, e age igualmente sobre os bens e sobre o homem. A brancura dos búzios chama a atenção de um homem e o tenta a forçar entra neles e estimula seu desejo de negociar.

A finalidade dos pingentes com as oito búzios costurado neles, que os gêmeos usavam no peito, era sem dúvida para dar expressão visível ao constante apelo de comércio; e, inversamente, essa associação de gêmeos com o comércio e o dinheiro os torna comerciantes eminentemente bem-sucedidos.

Eles têm, de fato, a reputação de serem mais bem-sucedidos do que quaisquer outros em qualquer negócio que empreendam, e as pessoas muitas vezes relutam em negociar com eles devido à crença de que eles têm todas as vantagens do seu lado ao começar.

Se você for a Mopti vender suas cebolas na companhia de um irmão gêmeo, pode ter certeza de que os compradores preferirão suas cebolas, mesmo que não sejam tão boas quanto as suas. O dinheiro dele cresceu mais rápido do que o seu, e se o seu negócio vai mal é porque seus búzios foram para ele.

Ninguém duvidou que a propriedade dos gêmeos se multiplicou muito mais rápido que o de outras pessoas, e o motivo era simples.

'Eles oferecem em seu altar com seus oito cálices um sacrifício que pessoas comuns não podem oferecer. Eles dizem aos oito ancestrais: "Aqui está sua vítima! Obrigado por ontem! Faça o mesmo com o resto amanhã!'"

Assim que os gêmeos têm três ou quatro anos, seus pais compram para eles gado com os búzios que foram dados à sua mãe, por suas tias maternas, e com isto óleo de gado de *Lannea acid* é obtido. Com este óleo extraído da árvore de Nummo eles são ungidos por toda parte para exibir a umidade permanente necessária para garantir o aumento — tanto que o gado associado ao óleo se multiplica. 'Ninguém tem nenhum cuidado especial com essas feras; eles engordam

si mesmos e reproduzem sua espécie, enquanto outros animais são expostos ao perigo.

Essa tendência ao sucesso influencia os vizinhos. Antes de ir ao mercado a mãe dos gêmeos se apresenta no altar da casa deles e petições aos oito ancestrais por proteção e boa fortuna as deposita. 'Gêmeos ancestrais', ela diz, 'venham e me guiem! Sigam a minha frente!'

Conscientes desta prática, muito poucas mulheres vão correr o risco de seguir tal mãe pelas estradas que levam ao mercado. A maioria das mulheres a evitam e tomam atalhos, convencidas de que ela aproveitará todas as boas oportunidades.

Este privilégio associado aos nascimentos de gêmeos também é expresso pelo suplemento gratuito que todo vendedor deve dar para um comprador que é um gêmeo. Este suplemento é de pouco valor hoje em dia; mas originalmente era muito mais: o vendedor tinha que dar o dobro da quantidade de mercadorias pelo mesmo preço.

Da mesma forma, quando um gêmeo recebe um presente, ele deve ser dado em duas partes iguais, senão ele não aceita.

Como resultado desses costumes e práticas, um gêmeo, tanto quando assuntos comerciais estão em causa, é considerado como exercendo um poder perigoso de atrair riqueza. Apesar disso, ninguém se recusaria a fazer negócios com ele e, pelo contrário, todos estão dispostos a lhe dar presentes.

'As pessoas dão a gêmeos', disse Ogotemmel, 'a fim de adquirir algo de sua sorte, e porque eles pensam que vão receber mais do que deram.'

Assim, na cerimônia de instalação de seus altares, os gêmeos recebem presentes de búzios de todos os seus parentes no lado da mãe e do lado do pai, que assim asseguram para si algum contato com a boa sorte. No pátio da casa do pai que abriga a grande manta familiar, com seus quadrados pretos e brancos, em que os mortos são embrulhados, está estendida em esteiras. A mãe e a filha que a está ajudando a ocupar seus lugares, cada uma segurando um dos gêmeos. Ao som conhecido como o '*Chieftainship*', chefia, tocado por um baterista, todos os parentes passam e depositar suas ofertas em dois montões, o da direita sendo para a mãe e a da esquerda para o marido.

Todo mundo dá algo para os dois lados, mas uma porção maior se dá à relação de sangue.

Os dois montes devem ter o mesmo tamanho, pois simbolizam

um comprador à direita e um vendedor à esquerda. A palha para o mortos, sobre os quais são colocadas, é também o símbolo do comércio, pois os gêmeos que iniciaram as primeiras trocas sentaram-se nela, e é feito de quadrados pretos e brancos em números iguais. Um comerciante que usa tal cobertor será próspero em seus romances.

Mas, embora esteja ligado ao comércio, o cobertor não é dinheiro. É a forma mais geral de riqueza, e não se destina a circular. A pior desgraça que uma família poderia sofrer seria a venda desta posse preciosa; e um homem que não possua tal artigo iria pedir secretamente emprestado um para seu falecido, para não deixar que se pensasse que o grupo familiar carecia de um.

Ao contrário dos búzios, cuja lei é a mobilidade, a cobertura é estável e imóvel. É, por assim dizer, o fim e o objeto da economia da família, o estágio final na aquisição de riqueza; e nos funerais, uma família estenderá orgulhosamente suas cobertas sobre a fachada da casa, evidenciando assim a sua posse inalienável.

A mãe está, portanto, sentada no capital da família quando ela exhibe seus dois filhos e preside a cerimônia de simbólica transação comercial em que dois montes de saldo de dinheiro se equiparem um ao outro exatamente.

Ela está sentada no símbolo da terra cultivada, com suas múltiplas casas quando, após seu próprio ato excepcional de fecundidade, ela preside à proliferação dos búzios. E a cerimônia solene procede da mesma forma, mesmo se um dos gêmeos não está lá. Nunca se diz que um gêmeo está morto, mas que partiu e voou.

Nesse caso, a mãe só está presente com o gêmeo sobrevivente. Se ambos morrerem, o festival é celebrado para a criança nascida logo depois deles, que é considerada ligada aos gêmeos que vieram antes dela. Ela é como se fosse a remanescente dos gêmeos,' disse Ogotemmelí. 'A criança é chamada de *uashes* de um homem'

Pois é importante registrar a evidência da geminação restaurada, e para espalhar por todo o grupo o benefício, mesmo que apenas efêmera, do estado primordial.

Depois de ter sido o centro da multiplicação de búzios, as crianças, completamente permeadas pela atmosfera do comércio e abundância, são levadas ao mercado por volta do meio-dia,

a hora em que o mercado está cheio e o barulho nas alturas.

“O barulho confuso das vozes das pessoas é a voz do Espíritos da Água em forma humana que vêm fazer suas compras.”

Esta é a hora em que belas moças, que ninguém conhece, passam pelos grupos ocupados de compradores e vendedores e desaparecem sem vestígios. Esta é a hora em que o Nummo lança suas peles e, sem que ninguém perceba o que está acontecendo, aparecem nas cestas dos comerciantes na forma de tomates caseiros.

Neste momento auspicioso, os gêmeos são exibidos à multidão e aos invisíveis. Em frente ao altar do mercado o grupo familiar faz uma parada para a consagração dos filhos a Lébé e os oito ancestrais.

'Ao Mercado Lébé nós confiamos esses gêmeos. Que ele os proteja e guie em seu caminho!'

Os parentes então os carregam três vezes no mercado, envolvendo grupos de pessoas de todo o país dentro da área benéfica onde a circulação de dinheiro e bens está ocorrendo mais vigorosamente. O ponto central desta área é o altar de pedra erguido para aquele Lébé, cujo esboço de esqueleto lançado pelo Nummo é formado dos oito ancestrais, os oito ancestrais emparelhados, os patronos de gêmeos. São eles que bebem o sangue dos sacrifícios, e com eles vêm os gêmeos mortos de todos os tempos, incluindo os primeiros gêmeos, os inventores do comércio. Com eles vem também o supremo Nummo Par, que nunca tomou forma carnal.

É sob o signo permanente da gemelaridade que os homens estabeleceram seus centros de troca e comércio.

TRIGÉSIMO SEGUNDO DIA

Os Signos do Zodíaco

Ao longo desses dias ocupados por conversas com Ogotemmel e por uma centena de outros trabalhos, e também durante as noites em que ele considerava e organizava seu material, o europeu estava pensando, vagamente no começo, mas depois mais e mais claramente, de certos detalhes cosmológicos que, considerados como um todo, causaram-lhe alguma surpresa.

O papel atribuído aos gêmeos não o surpreendeu. Ele tinha já encontrado vários exemplos do culto dos gêmeos em países africanos. O carneiro com a cabaça-sol, sua cabeça alternando com um touro equipado de forma semelhante, tinha primeiro excitado sua curiosidade. Carneiros com esferas em suas cabeças esculpidas nas rochas do norte da África já haviam gastado muito fluxo de tinta. Alguns disseram que vieram do Egito, outros disseram que era o contrário. Muitos identificaram o círculo entre os chifres com o sol. Todas essas especulações, que nunca chegaram além do estágio de hipóteses, foram agora repentinamente iluminadas por nova luz vinda de regiões cuja contribuição para o problema não poderia ter sido prevista.

Até agora o Nazareno vinha enfrentando questões de longa data de pé. A história do escorpião, resultado da excisão, deixou-o perplexo: era bastante fora do comum. Gêmeos! Bater! Touro! Escorpião! Ele pensou no Zodíaco. Mas ele manteve essa ideia para si mesmo. Ele esperava que o sistema pudesse emergir naturalmente de si, das conversas na soleira onde o Master sentou.

Todos os dias ele se perguntava que revelações viriam do velho curvado na canhoneira delineada contra o fundo escuro. Cada dia trazia alimento fresco para o pensamento, satisfações mais profundas do que jamais conhecera em toda a sua carreira como investigador. Em todo o padrão complexo, a ideia do Zodíaco era apenas um item entre mil, mas havia

algo excitante sobre isso. Tinham os africanos suas próprias explicações coerentes do símbolo do Zodíaco, enquanto os povos do Mediterrâneo tinham apenas as noções mais infantis sobre isso? Não se poderia supor seriamente que os povos da antiguidade realmente viram no céu um escorpião, gêmeos e peixes, e que a posição das estrelas exigia doze sinais mágicos, nos quais uma virgem era colocada ao lado de uma balança e um caranguejo a um leão.

Gêmeos! Bater! Touro! Escorpião! Um dia ocorreu ao europeu se perguntar se os doze signos não deveriam ser encontrados no celeiro celestial que o ferreiro trouxe para baixo ao longo do arco-íris. O celeiro estava ligado ao sistema estelar. Ele próprio era composto de céu, lua e sol, e cada uma de suas escadas estava associada a um ponto cardinal e um grupo de estrelas.

Os gêmeos apareceram lá, porque o ancestral do ferreiro era dual, e porque, além disso, ele representava o masculino, e o celeiro o elemento feminino, com braços e pernas erguidos sustentando o céu.

O carneiro e o touro ocupavam os degraus do lado sul; o escorpião estava embaixo do chão, o que representava o sol. Quanto ao animal chamado *nay*, que significa 'Sol', não foi um caranguejo, mas um tipo especial de lagarto. Ele tinha um lugar ao lado do escorpião.

O leão tinha um bom lugar na escada oeste no nono passo, que é o número da chefia. Ogotemmelí sempre insistiu que o leão era gemelíparo, ou seja, não havia perdido a vantagem primordial: nem o escorpião.

A virgem estava lá apenas na forma da cabaça feminina na cabeça do carneiro ou do touro. Também foi notável que o unicórnio, muitas vezes incluído neste signo, tinha um curioso contraparte no carneiro, cujo segundo órgão sexual cresceu entre seus chifres e fertilizou a virgem-cabaça.

Por muito tempo a balança pareceu ao europeu estar faltando. De acordo com todos os relatórios locais, este artigo foi uma adição recente à economia Dogon; não havia nenhum vestígio dele no celeiro. Mas o estudo dos gêmeos forneceu um raio de luz: o copo duplo com valores iguais, representando dois valores intercambiáveis, era um símbolo da balança. seu lugar era no centro do celeiro na pilha de potes.



FIG. 11. Signs of the Zodiac

O arqueiro estava claramente evidente; o ferreiro, que roubou o sol, atirou suas flechas não apenas em legítima defesa, mas também para garantir sua descida. Ele atirou uma flecha na abóbada do céu e outra no telhado do celeiro. Capricórnio ou o bode podem ser representados pelo bode da escada sul; mas isso não foi muito satisfatório, especialmente porque a cabra do Zodíaco costuma ter uma cauda de peixe.

Aquarius, o carregador de água, estava no fio desenrolado do vasto fuso formado pelo celeiro. Ele se desenrolou em espiral, que foi comparada por Ogotemmelí a uma linha em zigue-zague.

Quanto aos peixes, eles estavam lá, pendurados no umbigo de seus gêmeos, homens e mulheres, na escada norte.

Pareceu, pois, ao europeu que, sem apresentar um sistema considerado do Zodíaco, a cosmologia e metafísica de Dogon forneceu pelo menos um lugar possível para a maioria dos seus signos. Este lugar certamente seria visto no sistema de mundos trazido do céu sob a égide do ferreiro, mas era mais visível nas instituições Dogon.

Neste último dia com seu instrutor, quando ele daria uma recapitulação geral, o europeu esperava obter uma orientação sobre esta questão.

Ele chegou à conclusão de que o simbolismo do Zodíaco era uma expressão de dois princípios fundamentais: o princípio da água, a essência de todos os seres, e o princípio de geminação.

Esses dois princípios estavam ligados entre si desde os primeiros tempos; o Par Nummo, Espíritos da Água e os primeiros filhos bem-sucedidos da obra de Deus, foram formados da água. A semente de Deus, feita de água, depois de uma primeira falha resultando em um ser único e conseqüentemente incompleto, havia produzido este par celestial destinado a ser os dirigentes do mundo.

'Exceto o Par Nummo,' disse Ogotemmel, 'ninguém pode reorganizar o mundo.'

O papel desempenhado pelos gêmeos tinha sido altamente significativo característica das conversas, e possibilitou a análise de várias instituições. Mas, voltando ao Zodíaco, o europeu tentou explicar o quadrado ou figura retangular pela qual o signo de Gêmeos (os gêmeos) é comumente representado. Esta figura quadrilátera, pensou ele, provavelmente expressava a personalidade quádrupla do Par, cada um de cujos elementos tem desde o nascimento duas almas. O número 4 é, além disso, o número da feminilidade, isto é, da fertilidade.

Ogotemmel costumava dizer que o par ideal era composto de duas fêmeas e conseqüentemente tinha o sinal 8, o mesmo que a Palavra criadora.

Mas, se os gêmeos eram água, a água era dual?

Era digno de nota que o emblema de Aquário (o aguadeiro do Zodíaco) era geralmente duplo, enquanto os Dogon frequentemente representam a água por uma única linha em ziguezague.

No fachadas de santuários, em tecelões, blocos, em vasos de madeira, em máscaras, em bastões de ladrões, nas portas de celeiros, estavam quase sempre sozinhas. Também é solteiro na dança chamada

'caminho *chevron*', como também na trama dos tecidos, onde simboliza a linha de movimento da água e a Palavra.

Mas seu significado mais profundo foi mostrado em certos santuários e nas máscaras: separou e ao mesmo tempo uniu duas áreas geralmente representadas em cores diferentes; nele duas fileiras de dentes montados juntos. Mas foi sobretudo na ação primordial do tecelão que seu segredo foi revelado. Foi a união de direita e esquerda perpetuamente equilibradas, avançando perpetuamente na dobra.

O simbolismo poderia ser levado adiante; a linha em zigue-zague da trama, simbolizando o movimento da umidade em áreas de regiões não cultivadas, conduzidas até a faixa de quadrados pretos e brancos iguais; oito tiras foram para formar a cobertura para os mortos; e isso estava em tal cobertura que os gêmeos haviam inaugurado o comércio, em que as mercadorias são trocadas em quantidades iguais, conforme os quadrados pretos e brancos são iguais em número e tamanho.

Gemelidade e água estão, portanto, ligados tanto em sua natureza e em seus símbolos, *Gemini e Aquarius*.

Iluminado por estas últimas recapitulações, voltou sua atenção para as várias imagens e instituições que forneceram uma chave para o sistema mediterrâneo do Zodíaco; e mesmo que, curiosamente, o sistema como tal era desconhecido para o Dogon, ele encontrou, na maioria dos sinais, expressões dos dois grandes princípios sobre os quais Dogon, pensou, foi largamente baseado.

O carneiro, avatar do grande Nummo masculino, tem como cocar uma cabaça-sol, avatar do grande Nummo feminino. A pluma em sua cabeça é a lua (masculina) e, em virtude de sua lã de cobre, ele também é uma emanção do sol. Ele é portanto, de fato, um par, e pode-se até dizer que simbolicamente ele exhibe sua dualidade pelo menos duas vezes: ele tem dois órgãos machos sexuais, e ele é feminino duas vezes em relação a esfera sol que forma seu toucado e o velo que o envolve.

Ele também é supremamente o emissor de água e semente, na medida em que ele não apenas fertiliza o princípio feminino entre seus chifres, mas também urina chuva no mundo. Sua lã é de cobre, e portanto água; e sob sua cauda, que termina em uma cabeça serpente, projeta uma espiga de painço; assim ele é a umidade do vegetação.

Embora ele não seja mais mostrado na íntegra nas fachadas de santuários, ele está presente pelo menos nos frontões da forma da dobra dupla de seus chifres, na qual as nuvens de chuva são pegos.

O touro, seu duplo, pode ser explicado da mesma maneira. Como para a cabra, ela é um avatar do Espírito da Água em suas atividades iluminadas. O rabo de peixe de Capricórnio talvez deva ser explicado pelo fato de que o animal é sempre mostrado na água.

A contraparte do caranguejo é o lagarto do tipo chamado 'Sol, avatar do prepúcio, sede da alma feminina, que é o gêmeo do homem cujo nascimento, aparentemente, foi único, enquanto o próprio lagarto é dual. Sua cauda curta é como sua cabeça e simboliza o pênis masculino, enquanto todo o seu corpo é um avatar do prepúcio feminino. Pode-se apontar a esse respeito que o signo do Zodíaco de Câncer (o caranguejo) é um par de figuras mostrado da cabeça à cauda, o que seria adequado para um lagarto do tipo descrito. O lagarto é, além disso, o associado do escorpião, o gêmeo masculino da mulher. O escorpião, que se acredita por ser dual, é o protetor dos gêmeos, e suas oito garras simbolizam seus oito braços e pernas. Ele está conectado com a água em duas maneiras: seu ferrão absorveu as águas do parto da primeira mulher, e ele é, como o lagarto, um avatar de um órgão sexual úmido.

Acredita-se que o leão, assim como o escorpião, seja gemelíparo. Seu lugar é no nono degrau da escada oeste do sistema-mundo, porque ele simboliza a chefia, o número dos quais é o 9. A chefia é confiada a Lébé, o dispensador das chuvas e diretor da vegetação.

A virgem é incorporada ao carneiro na forma do cabaça-sol. O emblema da Virgem zodiacal (virgem) é um tipo de letra 'm' com um traço na última perna da letra, que pode ser comparado com o emblema do escorpião, cuja última etapa geralmente termina em um ponto. O primeiro desses emblemas representaria a virgem extirpada, e a segunda o resultado da excisão, o animal armado com seu ferrão representando o órgão extirpado. A taça dupla, que sugere os dois pratos da balança, é o símbolo dos gêmeos intercambiáveis; seu objetivo é pegar o sangue e a água das libações e sacrifícios.

Sagitário (o arqueiro) é chamado de volta pelo ferreiro armado com seu arco e de pé no celeiro celestial, que é também sua gêmea com seus quatro membros levantados como uma espécie de estrutura que sustenta o céu. Ele está conectado com a água, porque ele é um Nummo, e porque ele apagou os incêndios lançou contra ele com água de sua garrafa de couro.

O signo correspondente do Zodíaco, a flecha com uma bola no meio do eixo, é sem dúvida o fuso perfurando o fuso-giro. As flechas disparadas pelo ferreiro para o céu e no celeiro havia fusos; para aquele tiro no cofre do céu foi preso o fio da descida, que se desenrolou do fuso plantado no telhado do espigueiro. O próprio celeiro era um enorme fuso em espiral, que tinha serviu de alvo para a flecha.

Os *Pisces* (peixes) do Zodíaco, gêmeos conectados por uma serpentina ou um duto saindo de suas bocas, também simbolizam água. Eles aparecem na escada norte do celestial espigueiro, anexo ao Bozo. Peixes e homens são gêmeos, e o Bozo é ele mesmo de água, sendo o primeiro pescador do Níger e o senhor do rio. O Bozo mantém o que é chamado de uma 'relação de brincadeira' com os Dogon que tradicionalmente se referem a eles como 'peixes que andam na terra'.

Parece, portanto, que o Zodíaco dos povos mediterrâneos poderia ser explicado do ponto de vista da cosmologia e metafísica de Dogon. Mas o europeu não tinha ilusões sobre como tal argumento provavelmente seria recebido por especialistas reconhecidos no meio acadêmico. Verdade, havia exceções encorajadoras, mentes brilhantes que, embora preocupadas principalmente com estudos clássicos, considerariam civilizações com simpatia e surpresa; amadores esclarecidos, atraídos pelo africano por causa de sua arte, e pensadores ousados interessados em especulações de caráter inusitado, aproveitaria ansiosamente sobre esses problemas. Mas eles se perderam na multidão.

Não foi estabelecido de uma vez por todas que o africano tinha nada a dar, nenhuma contribuição a fazer, que ele não possa nem mesmo refletir antigas formas de pensamento do mundo? Ele sempre foi relegado ao nível de um escravo? 'Considere as esculturas das grandes civilizações da antiguidade! Onde é que os negros figuram nisso? Por que, em seu devido lugar, entre as raças menores! Que influência você atribui a eles?'

Ao que a resposta é:

'Não se trata do momento da influência exercida, mas de influência recebida e preservada.'

Mas a discussão é inútil. Um tem sorte de não encontrar nada pior que o desprezo soberano abraçando igualmente o investigador e o objeto de seu estudo. Inconsciente. o ódio é fenômeno comum.

Pensando nessa falta de compreensão deliberada, nessa recusa em reconhecer, o europeu, na presença do cortês cego, de quem deveria partir no dia seguinte, experimentou um sentimento de vergonha. Ele gostaria de mostrar seu respeito por este homem que, privado da visão, pronunciou palavras que, como ele mesmo disse, eram leves. Ele gostaria de se desculpar por todo o desprezo e toda a ignorância da Europa e América.

Mas a serenidade de Ogotemmelí em seu pátio, entre as sombras alongadas dos celeiros, estava muito longe do mundo da Europa e do remorso dos homens. Ele já estava de luto pela partida de seu amigo, por sua viagem no ar no que ele chamou de '*alpilani*'. Ele teria gostado de conhecer seus perigos, para que em pensamento ele pudesse partilhá-los com o Nazareno que passou as horas com ele na palha de sua casa. Ele o exortou a ter cuidado, pois ele teria feito a um de seus próprios funcionários saindo para trabalhar nos campos.

'Quando saímos para os campos', disse ele, 'nos deparamos com espinhos e serpentes e ventos prejudiciais.'

Uma galinha cacarejou ao lado dele; ele empurrou-a para longe com um movimento de sua mão. Então ele se endireitou ao máximo na altura em seus trapos, e deu a saudação da noite.

TRIGÉSIMO TERCEIRO DIA

Adeus a Ogotemmeli

O sol nasceu no último dia de trabalho; a esta hora do dia seguinte, o acampamento estaria deserto. O europeu não fez sua habitual visita matinal a Ogotemmeli; ele estava ocupado com os preparativos finais para a partida e seus últimos contatos com a população local.

Os resultados alcançados pela equipe de pesquisa excederam todas as suas esperanças. A documentação linguística, pacientemente acumulada ao longo de conversas, passeios a cavalo e longos interrogatórios, revelou uma linguagem rica, com inúmeras sutilezas de expressão e uma estrutura claramente definida. As atividades mais minuciosas dos Espíritos da Água foram descritas em termos claros e pitorescos. Formas distintas de fala podiam ser reconhecidas em diferentes distritos, e em cada distrito as aldeias podiam ser classificadas de acordo com a flexibilidade do fraseado e a sutileza do vocabulário. Dentro das aldeias, cada bairro zombava do sotaque e das peculiaridades dialetais de seu vizinho, e uma família, ou mesmo um homem de uma família, era considerado o árbitro da fala correta.

A jovem europeia encarregada da pesquisa linguística, ignorando informantes considerados confiáveis, descobriu que Ogotemmeli era reconhecido como tendo a fala mais pura do povo do Alto Sanga, em comparação com os homens do Baixo Sanga que eram considerados camponeses grosseiros.

A investigação sobre a organização territorial e familiar, os ritos agrícolas e o culto dos antepassados lançaram uma nova luz sobre uma série de problemas. Aliás, o estudo dos Bambara trouxe à luz cosmologias e metafísicas inesperadas. Também ali a Água e a Palavra foram o fundamento da vida espiritual e religiosa. Lá também mitos coerentes forneciam uma chave para as instituições e

costumes; e havia muitos indícios de que, sob as várias formas rituais e padrões de comportamento característicos os povos africanos dessas regiões, escondem-se as principais características de uma religião e uma concepção da organização do mundo e da natureza do homem. Em todos os aspectos a expedição marcou um ponto de virada nos estudos africanos. Os resultados alcançados foram a recompensa de quinze anos de pesquisa, obstinadamente perseguida, cada estágio desenvolvendo-se harmoniosamente desde o último, até a pedra angular de todo o sistema agora apareceu após um atraso de seis anos causado pela guerra.

O europeu voltou a rever este balanço, já que, no final da tarde, ele seguiu pelo caminho habitual até a casa de Ogotemmelí.

No dia anterior, dera-lhe um galo, comprado por um bom preço, para um sacrifício final, ao qual todos os estrangeiros foram convidados. Com o coração triste apresentou-se para o último tempo diante da portinha, que batia como um gongo. Cruzando da soleira, encontrou-se no pátio, que parecia estar em estado de alarme. Ogotemmelí estava sentado na pedra oca, onde as aves vinham beber. Ele estava avaliando alguém fora do palco, mas não violentamente. Sua esposa estava de pé em uma argamassa e olhando por cima do muro entre os dois espigeiros no pátio do Hogon. Seu irmão também estava olhando no lado norte, observando os animais a caminho da praça principal.

'O galo voou!' disse uma voz.

Este desenvolvimento sério dominou as despedidas. O europeu não estava arrependido; deu um certo alívio leve à ocasião dolorosa. Quando alguém parte de Dogon, como se poderá dizer quando o verá novamente? A vida dos homens neste país está pendurada em um fio tão fino.

Ogotemmelí estava em sua pedra, com as mãos nos joelhos e o rosto olhando para baixo. Em voz baixa, ele disse a seu irmão para tomar outra galinha. Os europeus estavam em fila ao longo da parede além da qual ficava a rua. Nenhuma pessoa sem tato estava olhando através da canhoneira ou qualquer outra abertura na parede de barro. Isto era sabido que havia um sacrifício na casa de Ogotemmelí, e os transeuntes desviavam o olhar em respeito à religião do vizinho. Na carpintaria de uma velha porta deitada no chão

foram colocadas faixas de couro escuro e dois objetos pretos oblongos. Eles eram, sem dúvida, parte do altar do caçador que Ogotemmelí havia herdado de seu pai, e que derivou, por adições sucessivas de terra, desde o altar primordial, que tinha sido o túmulo do ancestral que inventou a caça.

Ogotemmelí havia contado ao estranho tudo sobre este altar, mas foi difícil pedir mais informações sobre esses objetos, que agora via pela primeira vez. Já o velho estava entregando ao irmão a faca com que cortaria a garganta da emaciada ave cinza que estava tomando o lugar do belo galo. Isso não preocuparia o invisível. Sangue é sempre sangue, e uma vida é uma vida, sejam o sangue e a vida de uma ave esquelética ou um homem ou um touro gordo. Foi vexatório apenas para os humanos em questão, porque a fuga da vítima fez impossível honrar o estranho como ele merecia.

Ogotemmelí ofereceu oração. Ele chamou os céus para testemunhar; ele preparou canais retumbantes para o fluxo da graça. Ele pagou sua dívida com os Poderes da Água, dos quais ele talvez tenha falado muito livremente com o estranho das terras do norte. Ele pediu um desfecho feliz para a longa jornada de volta para casa que o estranho estava prestes a empreender. Ele virou o rosto para o norte, para onde os europeus supostamente viviam. Era uma hora propícia, a hora em que as sombras se movem para cima nos pátios a delinear as menores reentrâncias dos telhados, e quando o sol, sua força diminuída, bebe o sangue nos altares menos rapidamente do que as almas sedentas.

Agora o sacrificador, tendo aspergido os objetos com sangue, jogou a vítima no chão. Agonizou no silêncio envolvente. Era o fim. Todos estavam pensando na morte da ave cinzenta sacrificada em lugar de uma vítima melhor, mas válidas como são todas as mortes.

O irmão de Ogotemmelí abriu silenciosamente a porta da grande casa. Sobre o limiar familiar, onde o velho costumava sentar todas as manhãs, ele estendeu a mão para a escuridão, para a gaiola de onde o galo do sacrifício havia escapado. Ele permaneceu lá por um momento ou dois como se para perpetuar aos olhos dos europeus, naquela hora solene, as primeiras causas, as razões supremas, para a qualidade inferior do sacrifício. Ele apontou para a cesta carcomida, cujo protótipo

serviu na antiguidade mítica como modelo para o sistema mundial.

Setembro 1947

Este livro, concluído em junho de 1947, apresenta os elementos essenciais da doutrina Dogon. O autor pretendia que também fosse um testemunho de seu primeiro contato com Ogotemeli; e foi seguido por uma série de outros trabalhos, material que teria sido fornecido por outras conversas. Mas não poderia ser. No início deste mês o autor recebeu de Sanga uma carta datada de 1º de agosto, da qual as seguintes são as passagens essenciais:

'Isto irá surpreender, e muito entristecer, você...' . É que ele quem você achou ser o mais dedicado, o mais franco e o mais sincero dos homens, bem como um dos mais instruídos nos costumes Dogon, seu velho Ogotemeli, caiu no sono eterno.

'Ele morreu na terça-feira, 29 de julho de 1947, por volta das 14h. Era dia de mercado em Sanga. Antes de sua morte, nosso painço estava começando a sofrer de uma leve seca; mas naquele mesmo dia, antes de seu funeral, havia uma chuva moderada, que salvou as plantações. Você pode imaginar por que. Foi porque ele tinha uma 'pedra de chuva', que você deve saber bem.

'Não espere mais vê-lo novamente! Que seu nome seja imortalizado em suas obras! Esta morte é uma perda séria para os estudos humanos. Não que o velho cego tenha sido o único a conhecer a doutrina de seu povo! Outros notáveis Dogon possuem seus princípios básicos, e outros iniciados continuam a estudá-los; mas ele era um desses que melhor compreendeu o interesse e o valor de pesquisar.

Ele talvez tenha deixado atrás de si palavras vivas, que capacitam outros a renovar o fio das revelações. Sua ascendência era tal que pode ser que outros desejem seguir seu exemplo.

Mas, seja como for, nunca haverá ninguém com o andar nobre, a voz grave, os traços tristes e luminosos de Ogotemeli, o grande caçador do Baixo Ogol.